A FENIX RENASCIDA,

OU

OBRAS POETICAS

Dos melhores Engenhos Portuguezes.

DEDICADAS

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

D. FRANCISCO DE PORTUGAL,

MARQUEZ DE VALENÇA,

CONDE DE VIMIOSO, &c.

I. TOMO.

Segunda vez impresso, e accrescentado

POR

MATHIAS PEREIRA DA SYLVA

LISBOA.

Na Offic. dos Herd. de ANTONIO PEDROZO GALRAM.

M. DCC. XLVI.

Com as licenças necessarias, e Privilegio Real.

L. 3276

A FENIX
RENASCIDA,
OU
OBRAS POETICAS
dos melhores Engenhos Portuguezes.
DEDICADAS
Ao Excellentissimo Senhor
D. FRANCISCO
DE PORTUGAL,
MARQUEZ DE VALENÇA
CONDE DE VIMIOSO, &c.
I. TOMO.
Segunda vez impresso, e accrescentado
POR
MATHIAS PEREIRA
DA SYLVA.

LISBOA,
Na Officina de ANTONIO PEDROZO GALRÃO.
M. DCC. XLVI.

EXCELLENTISSIMO SENHOR.

S obras dos melhores engenhos Portuguezes dedico hoje com venturoso acerto ao melhor Portugal, para que á ſombra de taõ illuſtre Mecenas, e de

hum Portuguez taõ zeloso, recuperem as estimações, que tantos Portuguezes ingratos lhe roubaraõ por espaço de taõ dilatados annos, deixando sepultados no esquecimento os que mereciaõ os mayores applausos da fama. Naõ he novo entre nós hum taõ estranhavel desprimor, com que abatemos a gloria dos nossos para dalla talvez, a quem com menos titulo a merece, servindo-lhe unicamente o ser estranho de degráo para se naturalizar com os nossos favores. Mas se naõ he novo este pouco affecto aos nossos, por mostrar muito aos alheyos, naõ deixa de ter esta quasi universal maxima, huma taõ grande exceiçaõ como a V. Excellencia, em quem lançou altissimas raizes o credito da Patria, que por tantos meyos procura adiantar. Pudera servirme para prova evidentissima desta verdade das heroicas acções, com V. Excellencia zelou sempre os creditos da Naçaõ, com pasmo das Estrangeiras, onde he reconhecido por singularmente generoso, e de animo verdadeiramente magnifico (prendas que como raras, naõ pódem deixar de ser maravilhosas, e fazer admirado a quem as logra.) Naõ as especifico, porque seria escusado o referillas quando vivem

vem taõ firmes nas nossas memorias, que dellas haõ de passar sem diminuiçaõ aos vindouros, a quem V. Excellencia servirá de Prototypo para semelhantes acções (se estas pódem obrar-se por quem naõ for V. Excellencia.) Esta generosidade de V. Excellencia me obrigou a solicitar o seu amparo para estas obras, que publico com zelo do bem da Patria, que lhe resulta das obras de taõ insignes filhos. Como taõ unico em tudo defenderá V. Excellencia a esta Fenix, unica da discriçaõ, contra quem invejoso intentar escurecerlhe a sua gloria; (ainda que ninguem considero taõ atrevido, que se lhe opponha, tendo a V. Excellencia da sua parte.) Mas naõ busca ella a V. Excellencia só com a ambiçaõ do patrocinio, se naõ levada da simpathia, e semelhança, que se gloria ter com V. Excellencia, cujas grandes partes, e relevantes prendas o fazem outra Fenix da Lusitania para mayor gloria dos Portuguezes.

Por venturosa avaliou a Roma o Historiador Politico, por terse descuberto no tempo dos Consules Paulo Fabio, e Lucio Vitellio nas partes do Egypto aquelle alado segredo da natureza, taõ remoto da vista

dos

dos homens, que ate então se lhes communicára sómente por tradição não querendo arriscar o credito de unica, com o desdouro de vulgar. E que venturoso deve chamarse Portugal, quando depois de tantos seculos, quantos conta a illustrissima, e esclarecida Casa de V. Excellencia chegou a lograr em V. Excellencia o melhor Fenix! Já agora pódem descançar tantas, quantas curiosas, e doutas Pennas voárão por tão diversas partes do Mundo, empenhadas no descobrimento daquella, e recatada prenda da natureza. Alguns a fizerão natural da India, por entender, que tão singular droga só merecia ter por berço a terra, que o he do Fenix dos Astros. Outros a puzerão na Equinocial, outros na Arabia; nem faltou quem a fizesse originaria da Pancaya, e Fenicia. Na minha opinião só acertárão com a verdade aquelles, que lhe derão por patria hum nobre lugar do Occidente inacessivel aos homens, como refere o eruditissimo João Estevão nas suas Miscellaneas. Mas que nobre lugar do Occidente póde ser este, senão o nobilissimo Portugal, cujas singulares prendas o remontão tanto, que corta as esperanças de ser imitado, quando se apropria a prerogativa de unico? Este sim, Excellentissimo Senhor, este he o verdadeiro lugar do Occidente, patria de tão singular prodigio.

Esta semelhança pois, moveu a minha Fenix a buscar com desalada pressa, seguro do patrocinio, e boa aceitação a V. Excellencia esperando gaste com ella como tão entendido algumas horas, que lhe ficarem livres de mayores cuidados. Multiplique V. Excellencia, qual outra Fenix os seus dias, igualando na duração, á que representa nas propriedades, para honra dos Portuguezes, para ornamento de sua nobilissima Casa, e para amparo de todos os que nos confessamos creados de V. Excellencia. A pessoa nobilissima de V. Excellencia guarde Deos por dilatados annos.

Excellentissimo Senhor,

De V. Excellencia

O menor, e mais humilde servo

Mathias Pereira da Sylva.

LEI-

LEITOR.

DAs ſombras do eſquecimento, em que ha tantos annos eſtavaõ ſepultadas, ſahem a luz as obras, que entre todas as deſte genero a deviaõ lograr com mayor razaõ. Naõ he novo nos Portuguezes fazer pouca eſtimaçaõ de ſuas obras, com que puderaõ adquirir novo credito, e mais creſcida gloria; accommodando-ſe mais com obrallas, do que com publicallas depois de feitas, para moſtrar naõ buſcaõ nellas outra couſa mais, que o que tem de grandes, recuſando animoſamente qualquer outro motivo menos nobre. Naõ póde em parte condemnarſe eſte geral dictame da noſſa Patria, ſe attendermos ao particular de cada hum, porque eſſe deſentereſſe he outra acçaõ mais glorioſa, e tanto mais eſtimavel, quanto mais tem de ſingular. Porém naõ ſey como poderá juſtificarſe eſte deſcuido, ſe attendermos ao bem cõmum, que manda procurar, (quanto cabe entre os limites da modeſtia) o augmento, honra, e credito dos noſſos naturaes, manifeſtando ao Mundo, ou para exemplo, ou para imitaçaõ as ſuas obras. Eſta razaõ, que devera mover a todos, me obrigou a mim a deſenterrar do eſquecimento as obras daquelles diſcretiſſimos Portuguezes, taõ dignas deſte cuidado, como ellas meſmas eſtaõ dizendo. Porque entendi, que defraudava a naçaõ Portugueza de grande gloria, ſe com ambicioſa ſoffreguidaõ retiveſſe os muitos, e ſingulares manuſcritos, que deſte genero tenho viſto, e guardo em meu poder. Naõ me moveo a naõ os publicar a ſingularidade, e regalia de ſer unico neſta poſſe, porque eſta me naõ dá couſa, que me naõ dê a cõmunicaçaõ das meſmas obras. Neſta materia a avareza dá pouco lucro, e por limitado deve deſprezarſe. Tambem me perſuadiraõ a eſta empreza os exemplos de tantos, quantos com eſcrupuloſa miudeza ſe empenharaõ em deſcobrir, e divulgar obras de alguns Varões ſingulares, para que por meyo da eſtampa immortalizaſſem

lizaſſem as memorias de taõ grandes entendimentos. A ſemelhante zelo ſe devem os Eſcritos de Gongora, de Quevedo, de Salazar, de Polo, de Garcilaſſo, e de Lope, e de outros muitos. E ſendo certo, que os que offereço ſaõ dignos de igual eſtimaçaõ, naõ deſmerecem igual zelo. Se parece demaſiado encarecimento, dou por prova qualquer delles, que me deſempenhará a minha palavra. Por iſſo me naõ canſo elogiallos, porque cada hum delles he o melhor elogio de ſi meſmo.

Naõ pouco trabalho me cuſtou o pollos em limpo, para o que me foy neceſſario ver, e conferir muitos traſlados, porque a grande variedade que delles ſe tem feito, foy a cauſa de naõ andarem todos do meſmo modo, padecendo alguns diminuiçaõ, outros miſturando intoleraveis alterações. Por eſta razaõ naõ deve eſtranharſe o irem trocadas, ou accreſcentadas algumas palavras; porque neſte ponto ſeguí o que me pareceo mais ajuſtado com conſelho de amigos, que melhor o entendiaõ. Naõ dou logo juntas todas as obras de cada hum Author; aſſim porque me pareceo mais conveniente, que em todos os Tomos tiveſſem todos parte, e deſte modo multiplicados chegaſſe á noticia de todos a de cada hum delles, como tambem para que ſe depois de impreſſas juntas todas as obras de cada hum, appareceſſe outra, de que eu naõ tiveſſe noticia, naõ ficaſſe privada do ſeu lugar entre as outras; porque difficultoſamente o teria particular depois de todas as outras já impreſſas, e ſeparadas. Naõ tenho tençaõ de dar lugar neſtes Tomos ás obras, que por profanas, e impudicas o naõ merecem. Porque o meu intento he de aproveitar a quem as ler com a erudiçaõ, e exquiſita ſuavidade; e naõ de deſtruir os bons coſtumes. Nem ſe me deve eſtranhar a reſoluçaõ, que mais ſeria digna de hum Religioſo, que de quem o naõ he; porque a modeſtia tambem póde andar de capa, e eſpada. Nem ſey que haja obrigaçaõ de pôr de parte o pejo, a quem naõ vive dentro em Clauſtros. Quanto mais, que ainda que quizera fazerlhe aqui lugar, de que

obras

ſaõ

saõ indignas, lho naõ deixariaõ lograr os a quem pertence a correcçaõ de semelhantes profanidades. Sahe por hora a experimentar fortuna este primeiro Tomo, e se a tiver boa como espero, sahiráõ logo os outros (que saõ bastantes, e estaõ todos correntes) agradecer o bom agazalho do primeiro. Aos leitores naõ peço, se abstenhaõ da censura, porque a naõ pódem ter obras taõ grandes. Só peço o agradecimento do meu trabalho, de que resultará naõ pouca gloria aos Portuguezes, manifestando-se o grande, e superior de seus engenhos.

Vale.

INDE-

INDICE

DAS OBRAS, QUE NESTE TOMO se contèm.

Introducçaõ Poetica,	Pag. 1.
Saudades de Lydia, e Armido,	p. 32.
Outras,	p. 77.
Epitafio na sepultura de Lydia,	p. 91.
Sentimentos de D. Pedro, e de Dona Ignes de Castro, Primeira Parte,	p. 92.
Segunda Parte da mesma obra,	p. 116.
Glossa da Oitava de Camões,	p. 140.
Glossa do Soneto de Francisco Rodrigues Lobo,	p. 143.
Outra Glossa ao mesmo Soneto,	p. 149.
Outra Glossa ao mesmo Soneto,	p. 154.
A humas saudades, Soneto,	p. 159.
A Lucrecia Romana, Soneto,	p. 160.
A huma ausencia, Soneto,	p. 161.
A huns olhos tórtos, Soneto, —	p. 162.
A' morte de Diogo Lopes, Soneto,	p. 163.
Ao P. Antonio Vieira, Soneto,	p. 164.
A S. Pedro, Soneto,	p. 165.
Glossa ao Soneto de Camões,	p. 166.
Outra Glossa ao mesmo Soneto,	p. 172.
Ao mesmo Assumpto do Soneto, Soneto,	175.

A' mor-

A morte do Senhor Infante D. Duarte, Canção, p. 176.
A hum desmayo, Soneto, — p. 182.
Glossa ao Mote de Camões, p. 183.
A humas saudades, Romance, p 185.
Saudades de Aonie, p. 188.
Fabula de Polyfemo, e Galatea, p. 215.
Jornadas de Jeronymo Bahia, p. 236
Jornadas do mesmo para Coimbra, p. 238.
Jornadas do mesmo para o Alemtejo, p. 276.
A hum Pintasilgo, Decima, — p. 317
Ao mesmo assumpto, Romance, p. 318.
Outro Romance ao mesmo assumpto, p. 327
Epitasio, — p. 333
A F. que perdeo hũ Cupido, Romance, 334
A humas Beatas, Romance, — p. 337
Carta a hum Amigo, p. 351
Ao Menino Deos, Romance, — p. 362
Ao mesmo, Romance, p. 365
Ao Senhor Rey D. Affonso, Decimas, p. 370
A huma boca ferida, Decimas, — p. 373
A hum desmayo, Decimas, — p. 375
A hũ Pintasilgo cantando, Romance, p. 376
Varios Sonetos a differentes assumptos p. 383.
Varios Romances, p. 409

LICEN

LICENÇAS.

DO SANTO OFFICIO.

VIstas as informaçoens podem-se imprimir as Poesias de que esta Petiçaõ faz mençaõ, e depois de impressas tornaráõ para se conferirem, dar licença para que corraõ, sem a qual naõ correrá. Lisboa, 28. de Janeiro de 1746.

Fr. R. Alencastre. Sylva. Soares. Abreu. Almeida. Trigoso.

DO ORDINARIO.

PO'dem-se imprimir as Addições Poeticas de que trata a Petiçaõ, vistas as informações, e depois de impressas torne para se dar licença para correr. Lisboa, 10 de Fevereiro de 1746.

D. J. A. L.

DO PAÇO.

QUe se possa imprimir vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará a esta Mesa para se conferir, e taixar, e dar licença, para correr, sem a qual naõ correrá. Lisboa, 26 de Fevereiro de 1746.

INTRO-

INTRODUCÇAÕ POETICA.

I.

ERA do anno a Eſtaçaõ primeira,
Em q̃ de Colchos o animal luzido
Acaba no Zodiaco a carreira
Depois da porta ao anno ter abrido;
E fugindo dos peixes, derradeira
Eſtaçaõ do Inverno deſabrido,
Luzes promette ao Ceo, flores á terra
Nas auzencias do frio, que deſterra.

II.

E o dourado véllo ſacodindo
Das geadas do Inverno rigoroſo,
Eſtá ſobre campo de ouro deſcobrindo
Hum bordado de prata muy viſtoſo,
Indo com a dourada ponta abrindo
Caminho neſſe campo huminoſo,
Pizando ayroſo lucidas eſtrellas
Mais rico de eſplendor, que todas ella.

III.

E já por ſua ordem vem andando,
Da Eſtrella de Cythèra acompanhado,
Aquelle, em que Tonante disfarçando
A Mageſtade, o mar paſſou anado,
Quando a filha de Agenor Rey furtando,
Antes do caſamento celebrado,
Quiz moſtrar na armaçaõ ſó apparente
O que depois ſeria realmente.

IV.

Mas Febo, q̃ apreſſado o vem ſeguindo,
Com garrochões de luz ſortes fazia,
Tirando ſettas, e rojões brandindo,
No terreiro do Ceo ao Boy corria:
Sobre Pyrois montado vem ferindo,
Menos com rayos, mais co a bizarria,
E tomando das pontas certo agouro,
Sortes lhe vem fazendo, como a touro.

V.

O generoſo bruto eſtimulado
Das eſtrellas, que Febo luminoſo
Nas ilhargas lhe emprega, acelerado
Buſca o contrario com rancor fogoſo;
Logo por rédeas de ouro ſofreado
Ouro puro maſtiga, e precioſo,
Pregando em campo de ouro a fina prata
De que calçada traz a bruta pata.

Via-ſe

VI.

Via-ſe mais gentil, mais engraçado,
Mais rico de eſplendores Febo ardente;
De gala mais viſtoſa vem trajado
Bordada de ouro puro, e refulgente:
Os rayos, que noutra hora vibra irado,
Saõ luz agora pura, e innocente,
Publicando por linguas de fulgores,
Que vem dar luz á terra, gala ás flores.

VII.

Mais bello ſe levanta, mais luzido
Da tumba de cryſtal, em que eſpirára,
E nella á ſepultura conduzido
Entre horrores da ſombra caminhára;
Onde a fermoſa Thetis eſcondido
No mauſoléo das ondas o enterrára,
Sepultando diſcreta, amante, e grata
Hũ corpo todo de ouro em muita prata.

VIII.

O Ceo, que acompanhára á ſepultura
O cadaver com tochas rutilantes,
Que acendera na noite mais eſcura,
Como ſinaes da dor, o luto, que antes
Arraſtrarlhe fizera a ſorte dura,
Muda em galas de luz mais roçagantes,
Multiplicando agora em alegria
O que entaõ padecera de agonia.

IX.

E as exequias triſtes, que entoára
Por boca de nocturnas pardas aves,
Que na ſombra cruel de luz avara
Gemeraõ triſtes, e voáraõ graves,
Agora quando as ſombras deſampara,
Troca em muſicas brandas, e ſuaves
Por boca de cantores paſſarinhos,
Que a córos eſtaõ cãtando nos raminhos.

X.

E os lugubres ſinaes, q̃ entaõ lhe davaõ
Neſſa torre do Ceo funebres ſinos,
Quando á morte funeſtos ſe dobravaõ,
No metal menos, q̃ na dor mais finos,
Em repiques alegres commutavaõ,
Eſſes Ceos atroando cryſtallinos,
Reſpondendo do ar as aveſinhas,
E no prado tocando as campaînhas.

XI.

Na terra a Deoſa Flora debuxava,
Sentada em verde eſtrado, ſubtilmente
Fermoſa Primavera, que igualava,
Se naõ vencia, eſſe Orbe tranſparente:
E nas flores da terra arremedava
As eſtrellas do Ceo reſplandecente
Com tal arte, primor, tal galhardia,
Que a terra novo Ceo ſe parecia.

XII.

Para o rico bordado ſe ſervia
Da ſeda, q̃ lhe offrecem lindas flores,
Das quaes com dèſtra mão ſubtil fazia
De cores mil finiſſimos lavores:
E com ellas ao campo reveſtia,
Cortando-lhe veſtidos de mil cores,
Engaſtando por pedras precioſas
As lagrimas da Aurora mais luſtroſas.

XIII.

Veſte de verde eſcuro amenos prados,
Miſturando mil caſtas de boninas,
E nos montes, e oiteiros levantados
Fórma de melhor ouro novas minas;
Pintando de cor d'ouro os namorados
Gyraſſoes, que ás eſféras cryſtallinas
Deſpedem ſaudoſos mil ſuſpiros,
A ſua dor moſtrando nos ſeus gyros.

XIV.

As penhas, que outro tempo preſumidas
Na igualdade c'os aſtros competiaõ,
Agora das hervinhas reveſtidas
Na fermoſura aos aſtros excediaõ;
Do preſidio das flores guarnecidas
Aos Ceos na gentileza deſafiaõ,
Pertendendo ficarem neſta guerra,
Como os aſtros no Ceo, aſtros na terra.

XV.

Ambares no jardim reſpira a roſa,
Em throno de eſmeraldas ſublimada,
Servindo-lhe de guarda numeroſa
Os eſpinhos, q̃ em róda a tem cercada:
Fraldelim traz de purpura viſtoſa,
Com rica guarniçaõ de ouro bordada,
Recuperando agora o que no Eſtio
Perdeu de fermoſura, gala, e brio.

XVI.

O cravo, que aſpirava a ſer reinante
Na cheiroſa Republica das flores,
Traja gala de purpura flammante,
Sahindo-lhe ao roſto vivas cores,
De ver que taõ fermoſo, e roçagante
Haja de conhecer outros mayores,
Sentindo com tal ancia eſta agonia,
Que a Aurora lhe receita huma ſangria.

XVII

O jaſmim, que das flores na pureza
Pertende ſe lhe julgue a primazia,
Temendo ſer vencido neſta empreza,
De receyo, e temor branco ſe enfia:
Por ver q̃ poſta em campo, e em defeza,
Lhe compete a açucena em bizarria,
Temendo com razaõ, que a ſua prata
A vitoria lhe alcance muy barata.

O li-

XVIII.

O lirio doutra parte o vencimento
Se promette muy certo da vitoria,
Por ſe ver taõ fermoſo em luzimento,
Que vence o Rey maior em põpa, e glo-
Fazendo do luzir merecimento, (ria:
Naõ vendo que o ~~luzir~~ ſó he vãgloria;
Porém eſta razaõ, que allega o lirio,
Julgaõ todas as flores por delirio.

XXIX.

Vendo a roſa que o lirio rebellado
Conſpira contra a ſua mageſtade,
E que pertende a coroa ter do prado,
Aſpirando á ſuprema dignidade;
Entra em grande temor, maior cuidado,
E para caſtigarlhe a necedade
Manda marchar em alas as boninas,
Com librés de mil cores peregrinas.

XX

Marchando na vanguarda valeroſos,
De roçagante purpura trajados,
Por Capitães os cravos oloroſos,
Com botas de eſmeralda vaõ calçados;
Taõ bellos, taõ gentís, e taõ fermoſos,
Que elles ſó ſaõ a flor dos mais ſoldados,
E nas botas, que calçaõ ao guerreiro,
Levaõ eſpóras azuis de cavalleiro.

Se-

XXI.

Seguem-ſe logo poſtas em fileira
Outras flores com cargos differentes,
Levaõ as açucenas a bandeira
Com eſmaltes de ouro refulgentes:
Cada qual quer na guerra ſer primeira,
Moſtrando-ſe á porfia diligentes:
Até a meſma roſa alli ſe via
Armada da forçoſa picaria.

XXII.

Logo em ſeu ſeguimeto vaõ marchando,
Qual gente militar de Infantaria,
E na ſonora caixa vay tocando
Com compaſſada mão déſtra a cachia,
A cujo ſom ſe ouve ir diſparand o
Balas de olores a moſquetaria,
E atirando fogoſas as cravinas,
Cauſando no contrario mil ruinas.

XXIII

Neſta pois Eſtaçaõ deliciota,
Em que o Mundo de novo recupera
Quanto a Eſtaçaõ do Inverno rigoroſa
Lhe roubou triſte, lhe furtou ſevera:
Neſte tempo, em q̃ a terra mais fermoſa
Traja galas de linda Primavera,
Quiz Apollo ſe abriſſe a Academia,
Por reformar de novo a Poeſia.

Co-

XXIV.

Como ouvia dizer ſe murmurava
Sem reſpeito nenhum, ou corteſia,
E que o vulgo ignorante motejava
Com ſolta lingua a nobre Poeſia,
Sendo o que niſto mais ſe adiantava
O que della talvez nada entendia,
Quiz que ſe conſultaſſe no Parnaſo
O que era bom fazerſe neſte caſo.

XXV.

A Cyllenio pedio que intervieſſe
Em negocio taõ grave, taõ precizo,
E que ás Muſas irmans aviſo déſſe
Para vir ao Parnaſo de improvizo,
E que elle aſſiſtir tambem quizeſſe,
Porque c'o parecer do ſeu juizo,
Como taõ grave, douto, e acertado,
Veria eſte negocio em bom eſtado.

XXVI.

Poem-ſe gentil Cyllenio acelerado
As azas taõ ligeiras, como ayroſas,
E navega ſobre ellas eſtribado
Por golfos de cryſtal maré de roſas:
Os ventos, quando o vem taõ apreſſado,
As proprias azas tem por vagaroſas,
Dando ao filho de Maya a primazia,
Aſſim nos voos, como em biſarria.

Vi-

XXVII.

Vinha o filho de Maya taõ fermoſo,
Como em florído Abril ameno prado,
Alegre, e juntamente mageſtoſo,
O grave deſmentindo com o agrado,
Entre grave, e ſevero amoroſo;
E de Helicona ao boſque já chegado
Co a lyra acorde de ouro, que tocava,
As Muſas ao Parnaſſo convocava.

XXVIII.

Era taõ doce o ſom, que ſendo ouvido
No Ceo, no ar, na terra, nos rochedos,
Lhe deraõ juntamente attento ouvido
Aſtros, e aves, homens, e penedos;
Sendo tanto de todos applaudido,
Que ouviraõ mudos, e eſcutàraõ quedos:
Só Eco, que das grutas o ouvia,
Por boca das cavernas reſpondia.

XXIX.

Naõ tocava melhor, quando attrahia
O citharedo Anfiaõ rochedos duros,
E ao ſom da doce lyra deſprendia
Os riſcos, e penhaſcos mais ſeguros,
Quando á famoſa Thebas conſtruîa
Co brando do ſeu ſom ſeus fortes muros,
Levando a traz da cithara ſuave
O toſco monte, o rochedo grave.

Aſſim

XXX.

Assim todas as Musas, que assistiaõ
Na floresta cheirosa entre as boninas,
E com Flora gentil se divertiaõ
Junto ás aguas da fonte crystallinas;
Sendo os crystaes undosos, que corriaõ,
Espelho a suas faces peregrinas,
Attrahidas da musica, que ouviraõ,
Ao cume do Parnasso se subiraõ.

XXXI.

Intimoulhes Cyllenio o seu mandado,
Que da parte de Apollo lhes trazia,
E logo alli ficou determinado
Por commum parecer ao certo o dia,
Como lhes pareceo mais acertado,
Para poder abrirse a Academia,
E com isto Cyllenio se despede,
E cõ as azas do vento as proprias mede.

XXXII.

Em quanto o dia fixo naõ chegava,
E as Musas se preparaõ com cuidado,
De apregoar a fama naõ cessava
O congresso, que está determinado:
Todo o Poeta já se aparelhava,
Esperando este dia alvoroçado:
Só Momo, que isto soube, escarnecia,
Fazendo do tal caso zombaria.

Era

XXXIII.

Era Momo inimigo declarado
De Apollo, cujas obras naõ goſtava,
E por ver que he de todos celebrado,
Publicamente delle murmurava,
E vendo agora o tempo acommodado,
Ter com elle razões determinava,
Apparelhando já para a peleja
As armas, que lhe dava a torpe inveja.

XXXIV.

Já vinha a bella Aurora deſtoucando
A madeixa gentil de ſeus cabellos,
Do meſmo Sol aos rayos deſprezando
Por menos elegantes, menos bellos:
E ſobre os verdes campos orvalhando
Começava de prata a guarnecellos,
Reſtituindo ao campo, ás flores, e aves
A graça, o cheiro, as muſicas ſuaves.

XXXV.

O ledo paſſarinho, que dormia
Entre os viçoſos ramos do loureiro,
E c'o ſono da noite refazia
O trabalho, que teve o dia inteiro,
Tanto que vio a luz, que apparecia,
A ſáuda cortez, e liſongeiro,
Cantando ao ſom da fonte, q̃ correndo,
Nas pedrinhas, q̃ encõtra, vay tangendo.

As

XXXVI.

As flores, que de noite adormecidas
Deſcançavaõ entre camas oloroſas,
Das lagrimas da Aurora humidecidas
Se levantaõ mais lindas, mais fermoſas:
E dos cheiroſos leitos já erguidas
Cortezia á manhã fazem ayroſas,
Porque a viraçaõ branda, que corría,
Com muito ar cortezes as fazia.

XXXVII.

Zefyro brandamente reſpirando
As orvalhadas flores ſacodia,
E com a mimoſa planta tropeçando
Ora ſe levantava, ora cahia;
Outra vez creſpas ondas remedando
O prado em mar de roſas convertia,
Onde em golfos navegaõ de vapores
Feitas náos do jardim todas as flores.

XXXVIII.

Atraz da roxa Aurora caminhava,
Pelas portas entrando do Oriente,
O flammante Planeta, que rodava
Em coche de cryſtal reſplandecente;
E de abrazado fogo arremeçava
Ligeiras ſettas com rigor valente,
Brando, e cruel trazẽdo em ſeus ardores
Bom dia ao campo, e má tarde ás flores.

Eſte

XXXIX.

Este era pois o dia celebrado
Pelo neto gentil do velho Atlante,
Para o qual com as Musas ajustado
O congresso deixara relevante:
Vem todos para o monte celebrado
De Mercurio guiados, que adiante
Caminhava, querendo ser primeiro
Por mostrarse cortez, e lisongeiro.

XL.

Chegaõ do monte ao cume, onde sustem
Quatro finas colunas bem lavradas (taõ
Huma nobre fachada, em q̃ se ostentaõ
A natureza, e arte esgotadas:
Mais graça, e fermosura lhe accrescẽtaõ
Verdes heras em troncos dilatadas,
Que na porta vistosas se enlaçavaõ,
Dando mais graça ás pedras, q̃ abraçavaõ

XLI.

Já entra a numerosa companhia
No sacro monte a Apollo acompanhan
Cujo aspecto benigno parecia (do
Mais luzẽte, q̃ o Sol, quando espalhand
Densa nuvem, que o rosto lhe cobria
Apparece das ondas triunfando:
Passados os primeiros cumprimentos,
Manda tomar a todos seus assentos.

Cal-

XLII.

Calliope fermosa, a quem he dado
O verso heroico, grave, e magestoso,
Occupava hum assento marchetado
Com niveo dente do animal forçoso,
A quem Bellona vio no campo armado
Feito andante castello bellicoso;
Trajava primavera de lavores,
Semeada de frutos, e de flores.

XLIII.

Clio, noutra cadeira se sentava,
Onde por déstra mão se vem lavradas
As historias antigas, que mostrava
Presentes, sendo que eraõ já passadas:
Na preciosa gala, que trajava,
Outras tambem se viaõ debuxadas,
Representando assim mortas figuras,
Como se foraõ vivas escrituras.

XLIV.

Logo n'huma cadeira de safira
Erato junto a Clio se diviza,
Erato, aquella Musa, cuja lyra
Os corações alegra, e suaviza;
Aquella, a cujos rogos frechas tira
O cego Deos, que mata, e tyranniza,
Roupas azuis de fina seda veste,
Que a fazem parecer cousa celeste.

No

XLV.

No quarto aſſento leda ſuccedia
Thalia, a cujo cargo he commettido
Compor a branda, e doce poeſia,
Que arrebate, e ſuſpenda o grato ouvi-
Hum véo, q̃ a branca neve deſafia (do:
Na candidez, lhe ſerve de veſtido,
Mas como o véo em tudo era taõ raro,
He nuvem pouca para Sol taõ claro.

XLVI.

A quinta era Melpomene choroſa,
Das lugubres tragedias inventora,
Mas naõ lhe tira o triſte o ſer fermoſa,
Que antes he mais fermoſa quãdo chora:
Bem como he mais bizarra, mais viſtoſa
Quando lagrimas verte a bella Aurora;
Qual a roſa, que eſtá mais engraçada,
Quãdo amanhece em lagrimas banhada.

XLVII.

Terpſicore gentil, ayroſa, e bella
Num bordado cochim lugar tomava,
Feito de prata, e ouro, cuja tella
Ao natural as flores retratava:
Eſta, de quem lições tomar anella
O Thrace Orfeu, na cithara tocava (ta,
Jũtando ás cordas de ouro a mão de pra-
Com que huns enlea, outros arrebata.

XLVIII.

Em ſetimo lugar ſe vê ſentada
A que na gentileza era a primeira;
Euterpe linda, bella, e engraçada:
Veſtia de huma ſeda muy ligeira,
Com canutilho de ouro repaſſada,
Da cor, que tem a freſca larangeira;
Quãdo opprimida eſtá cõ pomos de ou-
Manifeſtando á viſta o ſeu theſouro. (ro

XLIX.

Cadeira de cryſtal reſplandecente
Emulo no eſplendor da luz mais pura,
Mais luzido q̃ o Sol mais refulgente,
Occupa hum novo Sol na fermoſura;
Polymnia, aquella Muſa, q̃ eloquente
A gentileza com a ſciencia apura,
Taõ fermoſa, que neſcia parecia,
Taõ ſabia, que ſer fea merecia.

L.

Na ultima cadeira mageſtoſa,
A quem varias eſtrellas eſmaltavaõ
Com invençaõ taõ rara, e primoroſa,
Que hum novo Ceo na terra retratavaõ,
Urania ſe ſentava taõ fermoſa,
Que as outras Muſas todas duvidavaõ
Se excedia o poder da natureza
Hum prodigio taõ raro da belleza.

LI.

Todas tinhaõ capellas de boninas
Colhidas na fermoſa madrugada,
Quãdo as portas do Oriente cryſtallinas
Abrio a eſpoſa de Tithon nevada;
Salpicadas de cores peregrinas,
Qual roxa, qual azul, qual encarnada;
Mas em que ſaõ fermoſas as capellas,
Ellas ſaõ mais fermoſas, e mais bellas.

LII.

Vem-ſe em nichos eſtatuas levantadas
Dos Poetas, que mais as merecéraõ
Pelos verſos, e obras celebradas,
Que com grande trabalho compuzeraõ:
Homero alli ſe vê, por quem armadas
Sete nobres Cidades contenderaõ,
Mas em vão; q̃ a talento taõ profundo
He patria pouca o dilatado Mundo.

LIII.

Huma eſtatua de jaſpe bem lavrado
A Ennio Tarentino figurava,
Ennio, q̃ entre os eſtrondos de ſoldado
O deſcanço das Muſas conſervava;
Eſtava de verdes heras coroado
Miſturadas com louro, em que moſtrava
Poderem-ſe juntar n'hum ſó ſujeito
Diſcreta penna, valeroſo peito.

Num

LIV.

Num porfido eſculpido o Mantuano
Admirações, e paſmos infundia,
Moſtrando hũ naõ ſey que, mais q̃ de hu-
Com q̃ reſpeito ainda concilia: (mano,
Defronte delle eſtá Venuſiano
Outro famoſo heróe na Poeſia;
Em fim alli ſe vem outros pintados
Dos antigos, que ſaõ mais affamados.

LV.

Via-ſe muito ao vivo retratado,
A eſpada numa mão, na outra a penna,
Camoens, o mor Poeta, o mor ſoldado,
Que vio Bellona, conheceo Camena;
Aquelle engenho nunca aſſás louvado,
Que quanto mais nos louva, nos condena,
Sendo calumnia noſſa os ſeus louvores,
Que pagámos com tantos desfavores.

LVI.

Junto a eſte tambem ſe deſcobria
Miranda, o que do celebre Mondego
Nas ſaudoſas prayas aſſiſtia,
Arguindo de louco, amente, e cego
Ao que dentro nas Cortes ſe atrevia
Paſſar a vida ſem nenhum ſocego:
Claro a ſeus pés o rio ſe deſcobre
De arêas rico, de corrente pobre.

LVII.

Huma eſtatua de murta coroada
Aquelle grande engenho repreſenta,
Que á corrente do Lena limitada
De Aganipe as corrente accreſcenta:
A branda Primavera alli pintada
Ramalhetes de flores lhe apreſenta
Por mão das bellas Tagides fermoſas,
Que hõrou cõ verſos, illuſtrou cõ proſas.

LVIII.

Via-ſe aquelle Cyſne Luſitano,
Que em numeroſo metro levantado
Tanto illuſtrou ſeu nome ſoberano,
Que num, e outro polo he celebrado,
Cujos verſos fizeraõ mais ufano,
Do que o Troyano fero debellado,
O valeroſo Ulyſſes, que ſe preza
Mais deſta penna, q̃ daquella empreza.

LIX.

Hum verde ramo de viçoſa planta
A cabeça de Sá tem coroado,
Aquelle, cuja Muſa ao Ceo levanta
O valeroſo esforço ſublimado
Dos Portuguezes com viveza tanta,
Com eſtylo taõ alto, e levantado,
Que em cada verſo ſeu, em cada canto
Fulmina hum rayo de terror, e eſpanto.

Ou-

LX.

Outros muitos alli ſe diviſavaõ
Em porfidos, e marmores lavrados,
Entre os quaes mais illuſtres ſe moſtra-
Os Cyſnes Portuguezes celebrados: (vaõ
Alli tambem mulheres naõ faltavaõ,
De engenhos taõ ſublimes, e elevados,
Que nas famoſas obras, que deixáraõ,
Columnas a ſeus nomes levantáraõ.

LXI.

No meyo deſta ſala ſublimado
Hum throno eſtá de fina pedraria
Com miudos lavores debuxado,
Mais fulgente que o Sol ao meyo dia,
Quando em chãmas de luz morre abra-
Nelle ſentado Apollo preſidia, (zado:
Tendo junto de ſi para o conſelho
O ſabio neto do forçoſo velho.

LXII.

Geral ſilencio a todos foy mandado
Pelo Deos, q̃ he do Monte Preſidente,
O qual deſde o ſeu throno levantado
Com tom de voz ſonora, e vehemente,
Com geſto hũ pouco grave, e carregado,
Que moſtra aos olhos o q̃ n'alma ſente,
Ao congreſſo, que junto o attendia,
Eſtas formaes palavras proferia.

Diſ-

LXIII.

Diſcretos moradores deſte Monte,
A quem ſó dos mortaes he concedido
Beber as aguas deſſa clara fonte,
Em q̃ engenho, e ſaber eſtá eſcondido,
Tempo creyo ſer já que a todos conte
O que ha muito tempo tenho ouvido,
Naõ ſem mágoa, por ver taõ deſprezada
A noſſa arte taõ nobre, e celebrada.

LXIV.

Naõ era antigamente concedida
Entrada neſte Monte a qualquer gente,
Nem era no Parnaſo admittida
A que douta naõ foſſe, ou eloquente:
Hoje porém ſe vê introduzida
Ignorante, e diſcreta juntamente:
Dizem-me ſe concede aqui entrada
Sem que ſeja pedida, nem rogada.

LXV.

Naõ era aſſim antigamente, quando:
Mas aqui o naõ deixa ir por diante
Da noite o negro filho, que eſcutando
Attento eſtava, eſperto, e vigilante
Dentro de opaca nuvem eſpreitando,
E com voz, e com geſto petulante
Eſtas palavras diz eſcarnecendo,
Nas de Apollo invejoſo desfazendo.

LXVI.

Antes sempre assim foy no tempo anti-
Como agora succede no presente, (go,
O que provarte logo aqui me obrigo
Com manifesta prova claramente:
Nem cuides que he por ser teu inimigo,
Mas porq̃ o genio meu me naõ consente
Deixar que nos louvores te dilates
Desta casa, q̃ o foy sempre de orates.

LXVII.

Mas se crerme naõ queres, porq̃ entendes
Que venho aqui com animo danado,
E da verdade minha te defendes
Com capa de naõ serte affeiçoado,
Quero tentar agora se te rendes,
Fazendo a pontaria de outro lado,
Leamos nas Historias os louvores,
Que se daõ desta casa aos moradores,

LXVIII.

Estas sim, que estaõ livres de suspeita,
Que fallaõ sem lisonja claramente;
Onde naõ apparece contrafeita
A mentira com cara de innocente,
Onde o q̃ he feyo, e máo se naõ enfeita
Com capa de virtude, que o desmente:
Leamos, e veràs que o que te digo,
Naõ procede de ser teu inimigo.

Alu-

LXIX.

Alumno deſte Monte foy Querilo,
Aquelle grande engenho, que eſcreveo
A Hiſtoria de Alexandre em tal eſtylo,
Que as glorias de Alexandre eſcureceo
De ſorte, que querendo hũ dia ouvilo,
A ſi proprio taõ outro pareceo, (dena
Que entendeo, q̃ a inveja aſſim lhe or-
Para taõ grande eſpada taõ má penna.

LXX.

Mas em fim naõ me eſpanta, q̃ eſcreveſſe
Com eſtylo taõ baixo, e mal limado,
Porque quem como eu aos taes conheſſe,
Eſſe conceito delles tem formado:
Paſma me porèm muito pertendeſſe
Ser do grande Alexandre premiado:
Já entaõ ſe tirava de ſer bruto,
Como agora ſuccede, grande fruto.

LXXI.

Fez com elle Alexandre eſte concerto,
De que qualquer dos verſos, q̃ moſtraſſe
Que eſtava eſcrito cõ primor, e acerto,
Com talento de ouro ſe pagaſſe:
Mas, q̃ ſe algũ ſe achava naõ eſtar certo,
O erro hum bofetaõ bom lhe cuſtaſſe:
Oh quanto bofetaõ hoje ſe déra,
Se hum contrato como eſte ſe fizera!

A' viſ-

LXXII.

A' viſta da promeſſa cubiçoſo
Querilo naõ deſcança até que veja
Embolçado o metal mais precioſo,
Que por premio alcançar em vão deſeja:
Mas ſahio-lhe o contrato taõ lucroſo,
Que apaga além de grande foy ſobeja:
Porque em ſendo tres paginas paſſadas,
Elle já eſtava morto ás bofetadas.

LXXIII.

Naõ tenhas eſta hiſtoria por ſonhada,
Entendendo que he mero fingimento
Naſcido da vontade depravada,
Com que teu nome desluſtrar intento:
Amey ſempre a verdade, nem me agrada
Uſar de cauteloſo penſamento,
Que o ſer acautelado he grão baixeza,
Que naõ diz bem com minha natureza.

LXXIV.

Nem fallo de Helimon, ou de Carcino
Outros Heróes. Mas eis que Clio bella
Com geſto taõ bizarro, e peregrino,
Qual na noite ſerena alegre eſtrella,
Reprehendendo de Momo o deſatino,
A pratica lhe corta, e atropella, (nos;
Dizendo: Em vão pertendes desluſtrar-
Que o dizer mal de nós he mais louvar-

nos,

Naõ

LXXV.

Naõ foraõ nas idades taõ famoſos
Todos eſſes Heróes, que celebramos,
Se naõ tiveſſem tantos invejoſos,
Quantos pelas hiſtorias encontramos:
Cuidas q̃ a inveja os fez menos honroſos?
Enganas te, porque ſe os veneramos,
He ſó porque invejoſos nos moſtráraõ
Serem grandes, pois delles murmuraraõ.

LXXVI.

Se te prezas de ſer taõ entendido,
Verás que eſte diſcurſo he bem fundado,
Porq̃ ninguem he de outro acometído,
Sem ter prendas, que o façaõ invejado,
Se naõ moſtra quem foſſe conhecido
Por letras, ou por armas affamado,
De que ſe naõ refira, que tiveſſe
Quem desdourar ſeu nome pertendeſſe.

LXXVII.

Que torre viſte tu, que ameaçaſſe
Eſcalar eſſes orbes de diamante,
A quem ligeiro o paſſo naõ cortaſſe
Igneo parto da nuvem ſcintillante?
Viſte algum dia flor, que naõ murchaſſe
O rigor do Planeta radiante,
Ou fonte, cuja lynfa clara, e pura
Naõ ſentiſſe do gelo a prizaõ dura?

Pois

LXXVIII.

Pois assim como a torre alta despreza
Do rayo a furia firme, em pé ficando,
E rí a flor emblema da belleza
Dos rigores do Sol linda triunfando,
E cobra a fonte a antiga ligeireza,
Por linguas de crystal victores dando,
Assim ficaõ mais nobres, mais luzidos.
Os engenhos, que foraõ mais mordidos.

LXXIX.

Já agora vês, que o nosso abatimento
Glorias saõ para nós, e saõ louvores,
Razaõ, porque nos fica o sentimento
De que mais naõ fizesses, ou mayores:
Despreza embora, naõ nos dás torméto,
Accrescentas favores a favores,
Que se a tua calumnia nos infama,
Essa mesma por grande nos acclama.

LXXX.

Mas quero de outro modo convencerte,
Naõ só com a razaõ, mas cõ a historia,
Pois que della tambem queres valerte
Para roubar ao Monte a antiga gloria:
Ouve tudo o que della hey de trazerte,
Que naõ pòdes negar, porq̃ he notoria,
E ficarás de todo conhecido
Por mal intencionado, e fementido.

Já

LXXX.

Já começava a bella contendora
A revolver annaes da antiguidade,
Que escapárão da fouce cortadora
Do tempo fero, da voraz idade:
Mas Momo, que a verdade não ignora,
A que deixe este intento a persuade,
Por suspeitar que ficará corrido
De que vindo a vencer, torne vencido.

LXXXII.

Muitos em cada seculo famosos
Clio por sua ordem vay contando,
Alguns delles em guerras valerosos,
Que as pennas cõ as espadas aparando,
Sendo de Marte filhos bellicosos,
O são tãbem de Apollo doce, e brando,
Porque no mesmo peito bem se encerra
Furor das Musas c'o furor da guerra.

LXXXIII.

Disse: e qual o vencido combatente
Na batalha cruel, e sanguinosa
A perdida vitoria tanto sente,
Que a vida de pezar lhe he enojosa;
Assim raivoso Momo impaciente
Da vitoria de Clio glorioſa
Tanto sente a vitoria alli perdida,
Que antes perder quizera a propria vida.

LXXXIV.

Revolve na cansada fantasia
Mil imaginações sobre o que faça,
Tornar a contender he bizarria,
Mas perder outra vez he mor desgraça,
Irse sem responder he cobardia,
Se responde, outra perda o ameaça,
Confessarse vencido he ser medroso,
Contender novamente perigoso.

LXXXV.

Quer irse, e quer ficarse juntamente,
Quizera responder, e mais callarse,
Mas descobrindo em tudo incoveniente,
Naõ póde, inda que quer, determinarse:
Attonito, pasmado, indifferente
Já vay a responder, torna a pasmarse,
Vay-se, mas volta logo, e se podera
Indo ficára, mudo respondera.

LXXXVI.

Em fim a responder se aparelhava,
Quando batendo irado o solio puro
Apollo contra elle fulminava,
Naõ já brando, mas forte, bravo, e duro:
He possivel, ó Momo, lhe gritava,
Que sendo tu por nascimento escuro
Parto da noite, ouzado te atrevas
Oppor á minha luz as tuas trevas?

LXXXVII.

Se o ficares vencido te he penoſo,
Torna-te a ti a culpa, que o quizeſte,
Quando cõ má tençaõ, peito orgulhoſo,
Ultrajar minha gloria te atreveſte:
Sente agora o caſtigo rigoroſo,
Que por taõ grave culpa mereceſte,
E ſabe que quem mais do juſto falla,
A's vezes com pudor vencido calla.

LXXXVIII.

Aſſim dizia. E logo ſocegado
Com ſemblante riſonho, e carinhoſo
Do throno de çafyras ſemeado
Falla a todo o congreſſo numeroſo:
Diz-lhe que ha muito tem determinado
Envergonhar a Momo preſumptuoſo
De modo, que naõ poſſa mais em diante
Maquinarlhes calumnia ſemelhante.

LXXXIX.

Mandando publicar por todo o Mundo
As obras dos famoſos Luſitanos,
De engenho grande, de ſaber profundo,
Cujos doutos eſcritos ſoberanos
O tempo gaſtador, e furibundo
Pertendera acabar entre os humanos,
E a naõ tello atégora reprimido,
Os tivera de todo conſumido.

Por

XC.

Por tanto lhes mandava que juntaſſem
Eſtas obras, que andavaõ eſpalhadas,
E juntas brevemente as publicaſſem
Para ſerem de todos celebradas;
Porque naõ era juſto que ficaſſem
Entre o eſquecimento ſepultadas,
Podendo-lhes ſervir de defenſivo
Contra Momo invejoſo, e vingativo.

XCI.

Acabou. Logo todos ſe auſentáraõ,
Applaudindo de Apollo a providencia:
As obras eſpalhadas ajuntaraõ
Depois de grão trabalho, e diligencia,
E pelo Mundo todo as divulgáraõ,
Naõ obſtante de Momo a reſiſtencia,
Que raivoſo de inveja pertendia
Eſta gloria tirar á Poeſia.

SAU-

SAUDADES DE LYDIA, E ARMIDO.

CANTO HEROICO.

POR HUM ANONIMO.

I.

ERa o tempo, em que pallido retrata
Seus ardores o Sol na Thetis fria,
E a noite dentre as ſombras ſe deſata,
Porque em berços de neve naſce o dia:
Quando entre eſpumas de fingida prata
O vento com gentil deſcortezia,
Eſtampas profanando das eſtrellas,
Inchava as ondas, e batia as vellas.

II.

Gemia a tuba, o bronze retumbava
Em os ecos do vento repetido,
E no tambor guerreiro ſe dobrava
O horrendo ſom da déſtra mão ferido:
O ſoldado animoſo ſe embarcava,
Deſpedia-ſe o amante enternecido,
Formando já nas liquidas eſpumas
Plantas de galas, e jardim de plumas.

Só

III.

Só Armido naõ ouſava inda partirſe,
Porque ao partir de ſi naõ ſabe parte,
Armido, em quem naſceraõ para unirſe
Graças da natureza, alentos da arte;
Em quem juntou amor a competirſe
Galhardias de Adonis, leys de Marte,
Valor, e diſcriçaõ ſem artificio,
Aceyo ſem dezar, talhe ſem vicio:

IV.

Armido, aquelle Armido, a quem ſaudoſo
Ao longe Marte com razaõ deſterra,
E a ley violenta do valor brioſo
Uſurpa cõtra amor da patria terra; (rioſo
Que como he guerra amor, braço impe-
Deſde hũa guerra o aliſta em outra guer-
Onde ſe em partes a alma lhe reparte, (ra
Huma aſſiſte á q̃ deixa, outra á q̃ parte.

V.

Amava; mas ſó eraõ ſeus amores
Altas prendas de Lydia, que por bellas
Nellas a ſer eſtrellas, e a ſer flores
Aprendiaõ as flores, e as eſtrellas:
Andava tanto além em ſeus ardores,
Que a pezar deſtas, e a pezar daquellas
Mais vezes, q̃ em ſeus numeros, e acẽtos
Se trocavaõ as almas nos alentos.

Deſ-

VI.

Deſpedirſe de Lydia, a quem deixava,
Era forçoſo agora, pois partia;
Auſentarſe ſem vela naõ ouſava,
Vela, e logo auſentarſe naõ podia:
No valor huma morte receava,
Na affeiçaõ outra morte preſentia;
Mas amor, q̃ lhe armava o peito forte,
Huma morte vencia em outra morte.

VII.

Parte em fim a buſcar o bem, que adora,
E como em ſeu cuidado Lydia aſſiſte,
Chora Lydia o q̃ Armido tambem chora,
Que até no unir a pena amor conſiſte:
Mas ay, que golpes ſentirás agora,
O' Lydia ſem ventura, ó Lydia triſte:
Quando juntando amor dous homicidas,
Em duas mortes troque duas vidas!

VIII.

Pena Lydia, e na pena, que a maltrata,
Da fruſtrada eſperança de ſeu rogo
Com ſuſpiros, e lagrimas deſata
Oceanos de neve, Etnas de fogo:
Saõ ſeus olhos dous golfos, que dilata
Fogo na pranto, e na partida fogo;
Diſcretos ſendo nelles té os pezares,
Pois ao porſe dous Sóes naſcem dous mares.

Aſſim

IX.

Assim padece Lydia, quando Armido
Entra á sua vista mais que nunca ayroso;
Que em retratar o bem, q̃ he já perdido,
Sempre o desejo pecca de invejoso:
Lições vem dando a Abril em o florido,
Mates ao Sol vem dando em o lustroso;
Nelle culpaõ em fim seu pouco aviso
Por flor Adonis, por crystal Narciso.

X.

Chega aos braços de Lydia, dõde envolta
Entre hũ soluço brando, hum ay ardente
A voz com muda queixa ao peito volta,
Donde interpreta quanto o peito sente:
Os olhos fallaõ quando delles solta
Pedaços d'alma em liquida corrente;
Porq̃ lhe empreſtaõ desde os seus retiros
Razoens as ancias, vozes os suspiros.

XI.

Que pouco dura hum bem, q̃ mal segura
Huma esperança seu verdor retira!
Ay caduco prazer, falsa ventura,
Sombra vã, leve flor, doce mentira!
Jasmim, q̃ em quanto nasce, apenas dura,
Rosa, que apenas abre, quando espira!
Pois cõ o Sol madrugando, cõ o Sol arde,
Mimo da Aurora, lastima da tarde.

XII.

Quem te diſſera, Armido laſtimado;
Quanto a Lydia gozavas com ſocego,
E entre os favores do propicio fado
Eras da ſorte vã florido emprego;
Quem te diſſera entaõ, q̃ inda eſte eſtado
Te guardava de amor o engano cego:
Oh Armido, como achaſte ẽ ſeus favores
Flores no amanhecer, no acabar flores!

XIII.

Aſſim callava Armido em mudo eſpanto,
E deſatado em neve, em fogo ardia,
Mas ay, q̃ altos requebros em ſeu pranto
Amor formava, e Lydia percebia!
Duralhe breve eſpaço o doce encanto,
Porque vendo que falta ha muito o dia,
Deixãdo a Lydia aſſim ẽ diluvios d'agoa
Expoem a lingua quanto dicta a magoa.

XIV.

A Deos luz de meus olhos, Lydia minha,
Fica-te embora já, Lydia adorada,
Pois o tempo chegou, em q̃ amor tinha
Huma morte a duas vidas reſervada;
Já das eſtrellas decretada vinha,
Quando te amey, ó Lydia, eſta jornada,
Vingouſe amor, vingaraõſe as eſtrellas,
Ciumes delle fuy, tu inveja dellas,

Naõ

XV.

Naõ chores Lydia, naõ, do fado inico
As duras leys, que com amor relevo,
Que, ſe porque tu ficas, cà me fico,
Tambem porque me levo, lá te levo;
A tuas lagrimas a alma ſacrifico,
Pois que partir ſem ella hoje me atrevo:
Mas naõ, que contra amor niſto diſcorro,
Mil almas levo, pois mil vezes morro.

XVI.

Agora alcançarás ſe firme ha ſido
O teu Armido, ó Lydia, pois agora,
Perdendo-ſe a ſi meſmo, ainda perdido
Naõ ſabe, naõ, perder o que te adora:
De meu naõ levo mais, q̃ o meu ſentido,
Porque em ſaber matarme me namora:
Que he bem que ſeja, já q̃ amor ordena,
Pois foy o autor da culpa algoz da pena.

XVII.

Em mil partes, ó Lydia, o deſengano
Sinto da minha dor, que naõ deſcança,
Pois ſe em teu coraçaõ me alcãça hũ dano
Outro em meu coraçaõ tãbem me alcãça:
Neſte ſofro o tormento de hum engano,
Neſte padeço a dor de huma eſperança,
Mas bem he q̃ em mil partes me cõdene,
Porq̃ haja onde mais ame, onde mais pene.

A tor-

XVIII.

Atormenta-me a morte, e naõ me mata,
Porque nada em mim vive, só padece,
E ainda que agora só matar me trata,
Como me vê sem mim, me desconhece:
Ou he, Lydia, que tanto me maltrata
Minha dor, que sua dor me naõ parece,
Ou que a dor do partir me tem de sorte,
Que a morte passo sem sentir a morte.

XIX.

Lembre-te, Lydia minha, esta fineza,
Por quererte sómente padecida,
Que á vista de perder tua belleza,
Por naõ perder o amor naõ perco a vida:
E a Deos, Senhora, q̃ já da noite espeza
O curso apressa as horas da partida:
Ay Lydia, se inda a amor vives sujeita,
Da-me teus bracos, e minha alma aceita.

XX.

Disse Armido: mas Lydia, a quẽ naõ deve
Hum amoroso alivio o ardente rogo,
Cobra em seus olhos derretida neve,
Bebe em sua boca suspirando fogo:
Já falla, já naõ ousa, já se atreve,
Começa dando hum ay, mas pára logo;
Até que vendo quem detem a morte,
Quando Armido detem, diz desta sorte.

Espe-

XXI.

Eſpera hum pouco, cruel, e a teu retrato,
Leva meu coraçaõ, que por ti parte,
Mas ſe a meu coraçaõ has ſido ingrato,
Que coraçaõ de novo poſſo darte?
Ficas no que me deixas de barato
Fiado em que por teu da dor ſe aparte,
Mas vê, que a qualquer dor já naõ reſiſte,
Porque em ſaber ſer meu ſabe ſer triſte.

XXII.

Eſpera hũ pouco, eſpera, amado auſente,
E ſe queres matarme na conquiſta,
Do q̃ a minha alma em tua auſencia ſen-
Melhor vitoria alcançarà tua viſta: (te,
Naõ tenhas medo, naõ, q̃ ao rayo ardẽte
De teus olhos crueis meu ſer reſiſta,
Se já naõ tem tornado a ſorte crua
Minha dureza na dureza tua.

XXIII.

Eſpera, ſaberey quem te arrebata
De entre meus braços, ainda q̃ violento,
Darás, pois me naõ deixas por ingrata,
Eſſe alivio ſe quer ao meu tormento:
Padeça as queixas quem aggravo trata,
Rompa ſe de huma vez o ſofrimento,
Conheça o Mũdo, ingrato, pois me deixas
Que em teus aggravos naſcem muitas queixas.

Se

XXIV.

Se o ſangue illuſtre, q̃ em teu peito mora
Moſtrar na guerra ſeu valor pertende,
Como intentas matar a quem te adora,
Só por ires matar a quem te offende?
Infame corta a eſpada vencedora
De quem a vida corta, e a vida rende:
Oh detem-te, naõ faças tanto alarde,
Por parecer valente, e ſer cobarde.

XXV.

Na defenſa de huma alma deſvalîda
Moſtra valor galhardo hum peito forte,
Olha, ingrato, ſe eſtimas minha vida,
Que cuſta teu valor já minha morte:
Bem pódes eſquecer tua partida,
Como a meu mal o remontado norte,
E pois teu peito minha voz naõ ſente,
Mais ingrato ſerás, naõ mais valente.

XXVI.

Naõ hé valor entrar acompanhado
A contender brioſo co inimigo,
Olha cruel, adonde vás armado,
Que acompanhado vás, pois vou cõtigo;
Mas naõ, que de duas vidas animado
Te ha miſter o rigor deſſe perigo,
Porque a pezar aſſim da arma homicida
Allegure tua vida em minha vida.

Se

XXVII.

Se entre riſcos fataes, altas emprezas
O valor mais á fama te aviſinha,
Como de teu valor tanto te prezas,
Se tanto foges da fraqueza minha?
Creditos buſcas, creditos deſprezas,
Que tinha minha queixa, ou q̃ naõ tinha?
Que teu receyo pelo ferro a deixa,
Póde menos que o ferro a minha queixa?

XXVIII.

Deixa, tyranno, o fim deſta conquiſta,
E ſe queres matar com mais violencia,
Naõ mates o inimigo com tua viſta,
Mata-o ſe quer, ingrato, cõ tua auſencia:
Naõ poſſa tanto o dano, a que te aliſta
De teu peito cruel a reſiſtencia;
Que ella mais póde cõ diſcurſo errante
Ser inimigo teu, que teu amante.

XXIX.

Naõ preſumas, cruel, de ſer valente,
Se pódes preſumir de ſer ingrato,
Que ſe teu trato mata duramente,
Eſcuſado he mais ferro, que teu trato:
Sobeja ainda a balla, e a lança ardente,
Donde póde matar ſó teu retrato;
Porém naõ baſtas, naõ para eſſe effeito,
Pois em teu peito ha de faltar meu peito.

Se

XXX.

Se da guerra o furor ſó por deixarme
Buſcar quizeſte ingratamente duro,
Eſpera, naõ te vás, que com matarme
De hum, e outro trabalho me aſſeguro:
Poderás offendendo-me obrigarme, (ro
E eu, q̃ a alta guerra de minha alma atu-
Farey que a morte, q̃ teu goſto encerra,
Falte ao perigo, mas naõ falte á guerra.

XXXI.

Troféos inſignes tens em minha morte,
Pois meu peito a teu ſer eſtá ſujeito,
E ſe em meu peito eſtá teu peito forte,
Naõ venças menos peito, q̃ a teu peito:
Mas oh, q̃ em vão ſe queixa minha ſorte,
Se por ver teu valor meu dano aceito,
Quando teu peito he tal, q̃ a meu gemido
Nem por ſer vencedor ferá vencido.

XXXII.

Que triunfos procuras, que vitorias,
Que naõ poſſa meu peito aſſegurarte?
Na guerra vás buſcar eſtranhas glorias,
E as glorias deixas, que eu podera darte?
Solicitas no ſangue altas memorias,
Deixando a Venus por ſeguir a Marte?
E a meu goſto teu riſco ſempre oppoſto,
Amas mais a teu riſco, que a meu goſto?

Por-

XXXIII.

Porque em meu peito te reſervas vivo,
Naõ temas o rebate de outra guerra;
Oh, vê q̃ a guerra de meu peito altivo
Ao tempo, q̃ meu mal teu mal encerra:
Mas ay! que cuido, ingrato fugitivo,
Que ſe a dor, q̃ a meu peito ſe deſterra,
A morte dura naõ baſtára a darme,
Nelle te matará ſó por matarme.

XXXIV.

Quem póde oh! quẽ negarte eſta vitoria,
Que em meu dano cruel tanto dilatas!
Se por dar mais aſſombros á memoria
Com olhos feres, e com ferro matas?
Mas naõ, q̃ ha em teus olhos tanta gloria,
Que inda nos golpes, que co ferro tratas,
Temo, q̃ has de baldar tanta conquiſta,
Quando os q̃ mate o ferro, anime a viſta.

XXXV.

Se em meu peito duas vidas naõ cuſtára
De teu agudo ferro a morte crua,
Eu meſma ſeu rigor ſolicitára,
Por dar novos troféos á fama ſua:
No ferro achára a vida, quando achára
Da morte a pena ſó por morte tua,
Mas em vão deſejando o golpe érro,
Que donde mata a dor, ſobeja o ferro.

Se

XXXVI.

Se te auſenta a crueldade de teu peito,
E vás ſatisfazella no inimigo,
Torna atraz, e terá melhor effeito,
Sendo por naõ partir cruel comtigo:
Ou ſe verte deſejas ſatisfeito,
Naõ o ſejas co eſtranho, ſê-o comigo (ma
Que vai muito ẽtre os dois, ſe he q̃ te infa-
Nelle quẽ te aborrece, ẽ mim quẽ te ama.

XXXVII.

Mas ay, que do inimigo invejo a ſorte,
Quando do ferro prove o golpe duro,
Pois piedoſo cruel teu braço forte
Lhe acaba a pena, q̃ eu co a vida aturo:
Pódes ſer mais cruel, q̃ ẽ darme a morte?
Pois dame a morte a mim q̃ eu te aſſeguro
Que repartido o golpe em tua ametade,
Seja menos a dor, mais a crueldade.

XXXVIII.

Bem ſey que em ti he acçaõ de valentia
Ir buſcar a campanha, que appeteces,
Naõ por ſer mais cruel tua tyrannia,
Mas por ſer mais cruel, ſendo-o mais ve-
A vida, que me deixas, te deſvia (zes;
Da morte, que em matarme reconheces;
Oh quãto, oh quãto em mim teu dano or-
Que dure a vida, porq̃ dure a pena! (dena,

Bem

XXXIX.

Bem sey, q̃ entre os extremos das brave-
Cõ q̃ mataõ teus golpes taõ violẽtos(zas,
Mil vidas me tiráraõ tuas ferezas,
Se mil vidas tiveraõ meus alentos,
E assim a minha vida aqui desprezas,(tos
Cõmettendo-a ao tropel de meus tormẽ-
He só porque me matem mais cõstantes,
Pois mil vidas tenho em mil instantes.

XL.

Se he odio o q̃ te ausenta de meus braços,
Porque na posse delles já te canças,
Ay, naõ te vás, Armido, q̃ em seus laços
Eu te prometto novas esperanças:
Naõ te custe meu dano tantos passos,
Que a ti mesmo te alcãças nas vinganças:
Tem-me odio muito ẽbora, mas, tyrãno,
Sinta eu menos teu risco, q̃ meu dano.

XLI.

Se minha vida te aborrece tanto,
Que ás armas estrangeiras te desterra,
Sentindo mais o risco do meu pranto,
Do que o perigo sentes de huma guerra:
Olha de meu amor o novo espanto,
Que suspeitando o mal, que lá se encerra,
E morrendo já ás mãos de minha sorte,
Mais temo em ti a suspeita, q̃ em mim a
morte.

A tan-

XLII.

A tanto de tua vista o amor dilato,
Que bastando a deterte outros amores,
Eu mesma tua terceira fora ingrato,
Só por dever teu gosto a meus favores:
Lograrse-haõ no alivio de teu trato
Novos ardís a pezar de teus rigores;
Que era em fim dor menos vehemente
Morrer eu offendida, que tu ausente.

XLIII.

Se isto naõ obstar, para que altivo
A' vista de meus olhos te detenhas,
Eu me irey ao deserto mais esquivo
Gemer ás féras, e queixarme ás penhas:
E quando a minhas dores compassivo
Naõ possa achar o rustico das brenhas,
Vertehey se quer, posto naõ me acudas,
Nas feras livres, e nas penhas rudas.

XLIV.

Se interesse te leva a estranhos climas,
E a caso por riquezas te aventuras,
Torna atraz, que no bem, q̃ desestimas,
Mais riquezas terás, do que procuras:
Essa ambiçaõ dourada, donde anímas
Tanta luz de esperanças mal seguras, (to
Ay, naõ te usurpe, naõ, q̃ he pouco exper-
Numa incerta ventura hum prazer certo.

XLV.

Dartehey (se acaso entaõ me naõ mẽtias,
Quando mais lisongeiro te mostravas)
O ouro, que em meus cabellos dividias,
O aljofar, q̃ em meus dentes numeravas:
E se só por riquezas conhecias
As breves perfeições, q̃ em mim notavas,
Torna atraz, q̃ eu farey q̃ assim as possuas
Que deixem de ser minhas, por ser tuas.

XLVI.

Mas, se tornar atraz a darme vida
Naõ he possivel já, querido ausente,
Porque de todo amor nos naõ divida,
Ao menos, que te siga, me consente:
Mal pódes recusar minha partida,
Posto que me aborreças duramente,
Se quer por obrigarte, indo comtigo,
Que por fugirme fujas ao perigo.

XLVII.

Naõ temas, que me falte a valentia,
Que me vençaõ temores, ou desmayos,
Que tambem sabe amor com bizarria
Despedir settas, e esgrimir os rayos.
Faraõ meus olhos com gentil porfia,
Para poder matar nos teus ensayos;
Levando sempre do contrario a palma;
Se sua alma naõ for como tua alma.

XLVIII

Verme-has pela campanha andar ſegura,
Sem que perigo algum me dê cuidado,
Como quem a pezar de ſua brandura
Leva ſeu peito de teu peito armado:
Entaõ entre o furor da guerra dura,
Meu peito de duas vidas animado,
Moſtrará na batalha mais viſinha
Que vence a tua, mas q̃ peleja a minha.

XLIX.

Servirte-ha de defeza entaõ meu peito,
Sem q̃ a teu peito aggrave eſta defeza,
Pois pelo muito que ſofre a teu reſpeito,
Bronze he na força, pedra na dureza.
Baldará todo o golpe em mim o effeito,
Poſto que naſça de mayor fereza, (tes
Porque inda q̃ em meu peito de mil ſor-
Caibaõ feridas, já naõ cabem mortes.

L.

Moſtrarey, q̃ meu peito te acompanha,
Quando com ſua dureza entaõ reſiſta
De qualquer golpe fero a furia eſtranha,
Salvo ſe for o golpe da tua viſta:
Serey gentil aſſombro da campanha,
E entrando cõ duas vidas na conquiſta,
Só terey por deſdem da ſorte crua
Naõ dar a minha, por viver a tua.

LI.

Se acaſo do inimigo o ferro agudo
Offenderte quizer vilmente forte,
Valerte-has de meu peito para eſcudo,
Que izenta a tua vida ás leys da morte:
E ſe com ſer de prova, ainda com tudo
Poder mais que elle a força de tua ſorte,
Naõ temas, pom-no á bala mais viſinha,
Que onde o golpe for teu, ſerá a dor mi-

LII. (nha;

Mas, como na dureza nada iguala
A teu peito, proſegue o Marcio jogo,
Veràs que o fogo do odio naõ abala
A quem nunca abalou de amor o fogo:
Que eſpada, ou lança, q̃ mõtante, ou bala
Vencerá peito, a que naõ vence o rogo?
Mas ay! ſim vencerá, ſe amor deſterra,
Que he filho o Deos do amor do Deos da

LIII. (guerra.

Se entre o rigor da guerra mal ſeguro
Acaſo de teu peito, ingrato Armido,
O duro pedrenal, o marmore duro
No carmim do teu ſangue vir tingido;
Eu romperey do peito, que aventuro,
A nevada prizaõ, e ao teu unido,
A pezar do meu dano, e da tua ſorte,
Teremos huma vida, ou huma morte.

LIV.

Tu ferido, e eu choroſa, hũ doce encanto
Seremos do furor menos ſujeito,
Eu ſuprindo teu ſangue cõ meu pranto,
Tu apagando meu pranto com teu peito:
E quando noſſa ſorte poſſa tanto, (to,
Que logre a morte em nós ſeu triſte effei-
Morreremos em hũ ay, q̃ amor confirme,
Tu co ferro, eu co a dor, tu ingrato, eu fir-

LV. (me:

Mas aqui, muda a pena, a voz ſaltea
Da triſte Lydia, a cujos olhos logo
Pedaços d'alma em cryſtallina vea
Remette o coraçaõ desfeito em fogo:
Quando Armido, que entaõ menos recea
Que os perigos da guerra os de ſeu rogo,
Depois que nectar bebe em ſeus alentos,
Aſſim profana, aſſim cõmove os ventos.

LVI.

Detem, ó Lydia, as lagrimas, naõ chores,
E ſe intentas aſſim tirarme a vida,
Reſerva para entaõ ſe quer as dores,
Naõ as gaſte em tua fé minha partida:
Deixa, meu bem, as ancias, e os temores
Para quem te imagina taõ ſentida,
Naõ cuſte a quem te vir cõ tal crueldade
Huma morte o rigor, outra a piedade.

Eu

LVII.

Eu parto, mas se parto, he porque o brio
Do valor de meu sãgue assim me ordena,
E porque com partir, ó Lydia, te desvio
Hum descredito a troco de huma pena:
Parto a fazer lisonja ao alvedrio
No rigor, cõ que a ausencia me condena,
Para poder cuidar que te mereço,
Quando iguale o q̃ te amo ao q̃ padeço.

LVIII.

Naõ me leva desejo algum de guerra,
Porque, como na guerra, em q̃ me vejo,
De desejarte a ti meu bem se encerra,
Naõ cabe já outra guerra em meu desejo:
Bastava, Lydia, a dor, que me desterra,
Para me acreditar a paz, que invejo:
E era depois de verte acçaõ perdida,
Indo a tirar a vida, ir taõ sem vida.

LIX.

Naõ me obriga a crueldade a q̃ me ausẽ-
Que isto sobre ser culpa, era castigo, (te,
Quando por ser cruel co a estranha gẽte,
Fora em deixarte mais cruel comigo:
Ainda que bem podera a sede ardente
De matar abalarme a este perigo,
Por ser o tirar vidas na conquista
Copiar teus olhos, imitar tua vista.

LX.

Naõ he odio, nem menos ſe ha canſado
De gozar teus favores meu ſentido,
Porque eſtá nelle o goſto taõ trocado,
Que com o deſejo ſó os tem ſabido: (do;
Cõ novo amor determe aqui has prova-
Se he de outra Lydia, aceito eſſe partido;
Cõ tanto q̃ em favor de ações taõ nobres,
Só porq̃ eu dobre amor, tu as Lydias do- (bres.

LXI.

Naõ buſco nos deſpojos da vitoria
Intereſſado as glorias da ventura,
Que quem te leva, ó Lydia, na memoria,
Que procura, ſe leva o que procura?
Mas ſe he que ſou deſpojo da tua gloria,
Eſtá contente, Lydia, eſtá ſegura,
Que mil deſpojos te darey rendidos,
Por darte em mil deſpojos mil Armidos.

LXII.

Se outra couſa me obriga, a q̃ me auſẽte,
Mais que o querer ſervirte acreditado,
De qualquer lança aguda, ou bala ardẽte
Vejas meu peito, ó Lydia traſpaſſado;
Hum rayo, hum baſiliſco, huma ſerpente
Moſtre em mim ſeu furor executado,
E á viſta de outrem, q̃ em teu peito more,
Mais me aborreças, quando mais te ado-

re.

LXIII.

Lembre-te, ó Lydia! Mas aqui de Marte
Confuſo eſtrondo multiplica logo,
Rõpendo os Ceos de hũa, e outra parte
No vento as tubas, nos metaes o fogo:
Armido já ſe fica, já ſe parte,
Lydia já ſolta a voz, já calla o rogo, (ca,
Hũa chega os braços, outro a boca apli-
Até que Armido parte, e Lydia fica.

LXIV.

Deixa a parra cortez o alamo altivo,
O ruſtico penedo a hera inconſtante,
O touro namorado o ardor laſcivo,
A ſimples aveſinha o caſto amante,
A fonte alegre o aljofar ſucceſſivo,
O vento brando ſeu diſcurſo errante,
Seu centro o mar, a féra ſeu bramido
Tudo he pouco, iſto he mais, a Lydia Ar- (mido.

LXV.

Tal Lydia a ſeu pezar entaõ rendida,
Entre os braços de Armido naõ ſe atreve
A largar a alma, já de amor ſentida,
Por naõ largar de Armido a ſombra leve;
Foge a ſeu roſto cuidadoſa a vida,
Cobre ſuas flores condenſada a neve,
E ſó ſaõ nella clauſula da pena
Deſmayado o jaſmim, morta a açucena.

Eſtá

LXVI.

Eſtá ſem vida Lydia, e eſtá fermoſa,
Inda mata ſem vida, e ſem ſentido,
Porque entre quantas vidas tira ayroſa,
Para poder viver, buſca a de Armido:
Mas como a natureza cuidadoſa (do,
A Armido igual naõ deu, tendo-o perdi-
Em vão ſe canſa Lydia, em vão diſcorre,
Que em quãtas vidas tira, em tantas mor- (re.

LXVII.

Como quando em hũ prado arroyo breve
Derretidos cryſtaes disfarça em prata,
Porque o Dezembro os veſtio de neve,
Elle com traiçaõ candida os deſata:
Ou como quando occulta em cinza leve
Diſſimulada a chamma ſe dilata,
Aſſim Lydia, encuberta a dor, e a mágoa,
Se prende em fogo, ſe deſata em agoa.

LXVIII.

D'alta porçaõ de ſombra já ás eſtrellas
A Alampada nocturna o paſſo abria,
Quando em favor da noite outras mais
A deſmayada Lydia deſcobria, (bellas
Sem favor eſtas, e ſem luz aquellas
Chorando eſtaõ com liquida porfia
Ver que Lydia de ſeu pezar ordene,
Que viva o corpo, porque o corpo pene.

Mas

LXIX.

Mas oh quem dirá agora o que ſentiſte,
Quando lá na alta noite em ti tornaſte,
E em teus braços achando a ſõbra triſte,
Nelles menos, ó Lydia, Armido achaſte:
Quem dirá a pena, com q̃ o Ceo feriſte,
Quem o exceſſo cruel, cõ q̃ augmentaſte
Em tua voz, em teu peito, em teu alento
Fogo ao fogo, agoa á agoa, vẽto ao vẽto?

LXX.

Dize-o tu, pois q̃ o viſte, ó noite eſcura,
E viſte profanados da fereza (cura
Em ondas de ouro, em campos de bran-
Troféos de amor, deſpojos de belleza:
Dize-o, pois viſte em Lydia a fermoſura,
Com que ſe autorizava a natureza,
Deſpir nas queixas, e privar nas dores
Da pompa as luzes, de liſonja as flores.

LXXI.

Dize-o, pois tantas vezes repetido
Do doce amante ouviſte o brando alẽto,
Quantas o coraçaõ partio rendido
Apos dos ecos, que levava o vento:
Dize-o, ó noite cruel, e ſe o ſentido
Perdeſte entaõ de puro ſentimento,
Se dizello naõ ſabes, diga-o a fama;
Mas julge-o quem mais pena, ou quem
mais a

Já

LXXII.

Já em vozes de metal se despediaõ
Do porto amado os lenhos nadadores:
E em Lydia as dores tanto mais crescíaõ,
Quanto mais vida reservava ás dores:
Lagrimas, e suspiros só se onviaõ,
Porque do longo mar de seus rigores
Competiaõ cõ as ondas, e cos tiros
No olhos a agua, o fogo nos suspiros.

LXXIII.

Assim a Armido altamente condenando
Os despojos gentís do pensamento,
Porque a vida lhe leve o vento brando,
A vida Lydia entrega ao brando vento:
Até que arrebatada o mar buscando,
Sahe a dar doce alivio a seu tormento,
Pizando entre o temor da noite fea
Na triste praya a solitaria arêa.

LXXIV.

Dormia o tempo, a noite repousava,
Callava o Ceo, a terra emudecia,
Tudo hũ medroso assombro sepultava,
Tudo hum temor escuro confundia:
Só com Lydia, q̃ em dor a alma largava,
Só com Lydia, q̃ em pranto a alma rẽdia,
A agua turbando, e confũdindo o alento,
Chorava o mar, e suspirava o vento.

LXXV.

Volta Lydia seus olhos, mas a mágoa
Do ausente Armido descobrindo logo,
Naõ fica arêa, que naõ lave em agoa,
Naõ fica espuma, q̃ naõ queime em fogo,
Do peito incendios de soluços fragoa,
Donde fulmina amor seu desafogo,
Tornando em cinzas a pezar do espanto,
Nos suspiros ao vẽto, ao mar no pranto.

LXXVI.

Qual sobre o verde ramo desmayado
O leve passarinho embarga a vida,
Sentindo as vozes do consorte amado
Entre as unhas crueis da ave homicida,
E o q̃ era voz de Flora, Orfeu do prado,
Interprete de Abril, Rosa florida,
Porq̃ em divorcios vê já seus requebros,
Encolhe as azas, e suspende os quebros.

LXXVII.

Tal Lydia vendo já seu bem perdido,
Os olhos pondo sobre as ondas, sente
Naõ q̃ se ausente como ingrato Armido,
Mas q̃ ingrato a naõ ouça como ausente:
Geme, chora, suspira sem sentido,
Até que triste a boca abre prudente,
Abre firme, abre morta, abre homicida
A voz á dor, ao sentimento a vida.

Adon-

LXXVIII.

Adonde vás, cruel, ingrato, adonde?
Chorando as penas diz, e logo o alento,
Que nos ecos do vento lhe reſponde,
Em prátos, e ays lhe vay trocádo o vẽto:
Adonde vás, Armido, ou quẽ te eſconde
Aos extremos crueis do meu tormento?
Levame, ingrato, as lagrimas, e as queixas
Se em deixarme ſẽ ti ſẽ mim me deixas!

LXXIX.

Quem te nega a meus olhos, doce auſẽte,
Quẽ te oculta á minha alma, ingrato amã-
Naõ he a agua, pois corre taõ frequẽte (te
Naõ he o vento, pois ſopra taõ cõſtante:
Oh ſe a agua parando aqui a corrente,
Cõ o vento me eſcutára hũ breve inſtãte!
Mas ay! naó, q̃ aprendendo do teu trato,
Corre a agua livre, e foge o vẽto ingrato.

LXXX.

A agua corre, mas corre preſumida,
Sopra o vento, mas ſopra deſvelado,
Ella, porque em ſi leva a minha vida,
Elle, porque em ſi leva meu cuidado:
Mas nem a agua te eſcõde, e vay ſentida,
Nem o vento te occulta, e vay turbado,
Que já em teus olhos, e nos meus a mágoa
Te achára em vento, ou tẽ encõtrára em agoa.

Mas,

LXXXI.

Mas pois q̃ as aguas correm ſem firmeza
Pois que ſopraõ os ventos ſem cõſtancia,
Nellas me póde ouvir tua eſtranheza,
Nelles te póde achar minha ignorancia:
Mas ay! que as aguas dobro na triſteza,
Mas ay! q̃ os ventos multiplico na ancia!
E ſem te achar já mais em meu deſejo,
Mudanças acho, e inconſtancias vejo!

LXXXII.

Eſſa agua, que correndo ſempre aſſiſte,
Eſſe vento, que ſopra, e eſtá preſente,
Só porque choro, ſe eterniza triſte,
Porque ſuſpiro, ſe repete ardente:
Oh ſombra da firmeza, em que conſiſte
O amor, com q̃ te adoro, ingrato auſente!
Que por ſer ſombra ſó de meus pezares,
Cõſtancia os vẽtos tem, firmeza os mares

LXXXIII.

Nas aguas naõ te alcança o largo pranto,
Nem nos ventos te acha o triſte alento,
Só porque leva em ſaudoſo encanto
Minha alma a agua, minha vida o vento:
Mas ſe alma, e vida minha foſte, em quã-
Liſonjas me fingio teu penſamento, (to
Como foges agora (ay homicida!)
De tua alma meſma, de tua meſma vida?

Por-

LXXXIV.

Porque ſuſpiro, e choro hum deſengano
Me dás de teu rigor á viſta ſua?
Foges da alma, e da vida, cruel tyrãno,
Que tantas vezes já chamaſte tua? (dano
Mas como em dano meu, como em teu
Tanto da parte eſtás da ſorte crua?
Quando padeço auſente, e morro ſir me,
Vás fugindo de ti, ſó por fugirme!

LXXXV.

Se á vida, e alma foges, porque dura
A tua auſencia, naõ vês q̃ a dor preciza,
Porq̃ mais chore, em pranto ſe aſſegura,
Porque mais pene, em vento ſe eterniza?
Naõ foge á morte quem a morte atura,
A dor naõ deixa a quem na dor te aviza,
Que mais morre em viver, pois ſe conde-
A amar a vida por ſentir a pena. (na

LXXXVI.

Oh do mayor rigor amargo eſpanto!
Oh da mais triſte pena alto tormẽto! (to
Que nas aguas naõ te ache a magoa ẽ prã-
Que nos ays naõ te encõtre incurſo o vẽ-
Mas, como minha pena póde tanto, (to!
Que junto ẽ hũ tormẽto outro tormẽto,
Para q̃ mais fujas, faz q̃ a minha màgoa
Ajude em vẽto ao vento, em agua a agoa.

De

LXXXVII.

De meus ays foge o vẽto á ardente chãma
De meus prãtos foje a agua ao imẽſo fogo
Porq̃ arde o vẽto, porq̃ o amor ſe inflama
Nos prantos, e ſuſpiros de meu rogo:
Mas ſe naõ ama o vento, a agua naõ ama,
Bem foge de meu dano o deſafogo,
Pois pódem ſó nas lagrimas, e alentos
Queimarſe as aguas, e abrazarſe os vẽtos

LXXXVIII.

A quanto chega, ingrato, o q̃ te adoro,
Pois juntando hũ veneno a outro veneno,
Vence o mar, q̃ navegas, no que choro,
Vence o fogo, que finges, no que peno!
E com ter o que peno tal decoro,
Que hum mar abraza no menor aceno,
Inda nos prantos, e ays, q̃ aqui derramo,
Vence ao fogo, em q̃ peno o fogo, ẽ q̃ amo

LXXXIX.

Mas fuja o vento, e roube meu ſocego,
Auſente-ſe a agua, e leve meu cuidado,
Pois que por agua goza tanto emprego,
Pois que por vento logra tanto eſtado!
Mas oh! de minha ſorte engano cego,
Que inda desfeito em agua, e vẽto o fado
Me naõ deixa gozar o que ſem màgoa
Logra o vento por vẽto, a agua por agoa.

XC.

A agua fuja, e retrate em ſi a preſteza,
Sopre o vẽto, e eternize em ſi a mudança,
Fuja, e roube meu bem na ligeireza,
Sopre, e leve minha alma na eſquivança:
Verà o Mundo qual he tua firmeza,
Verà o Mundo qual foy minha eſperãça,
Pois rouba, e leva com turbado alento
A agua tua fé, minha eſperança o vento!

XCI.

Mas ay! ſuſpẽda o vento o curſo errante,
A agua detenha a liquida corrente,
Se te ſegue, e naõ te ha de ſer conſtante,
Se te buſca, e naõ te ha de ſer preſẽte, (te,
Que he pouco hũ mar, ẽ quẽ padece amã-
Hũ vẽto he pouco, em quẽ ſuſpira auſen-
Digaõ-no ſem ſer muitos os pezares, (te,
Se dobro os ventos, ſe repito os mares?

XCII.

Mas corra o vẽto, mas apreſſe-ſe a agoa,
Fará na agua, e no vento deſafogo,
Quanto naõ póde ſuſpirando a màgoa.
Quanto naõ póde padecẽdo o rogo: (goa
E pois na agua, e no vento incendios fra-
Partindo o coraçaõ envolto em fogo,
Atreva-ſe a eſſas náos, deixando nellas
Em cinzas os troncos, e em carvaõ as
vellas. Mas

XCIII.

Mas a minha triſteza póde tanto,
Que receyo a pezar do ſofrimento,
Que ajude os troncos a nadar no pranto,
Que ajude as vellas a fugir no vento,
Diga o tormento, mas admire o eſpanto,
Que ẽ mim póde o amor mais, q̃ o tormẽ-
Pois chega a deſejar inda ẽ teu trato (to
Por ſer mais firme, ſeres mais ingrato.

XCIV.

Foge, tyranno, que o fugir ouſado (nha,
De quem na alma te guarda, onde te ti-
Fruto he da pena, mas rigor do fado,
Mudança tua, mas firmeza minha:
Caſtigando-me a mim, vás caſtigado,
Que o ſer teu meſmo algòs aſſim cõvinha
Pois já mais pagarás em dor taõ crua
Com menos pena, que naõ fora a tua.

XCV.

A ambos o vento, e agua nos reparte,
Mas es tu taõ cruel, como eu ſou firme,
Pois quãdo a mim me deixo por buſcarte
Tu ingrato a ti te deixas por fugirme:
A alma me levas, que comtigo parte,
Mas naõ he muito, naõ, de mim partirme
Que como já a teu goſtome acommodo,
Comtigo fujo, porque fujas todo.

Quan-

XCVI.

Quando apagas teu fogo em vẽto, e agoa
Para que naõ ſe apague o que ſuſtento,
Choro, e ſuſpiro, porq̃ a viva fragoa (vẽto
De meu peito a agua uſurpe, e abraze o
Mas oh de minha ſorte injuſta màgoa!
Oh de teu fogo ingrato ſofrimento!
Que ſó porque dobrem meus pezares,
Póde cõtigo hũ mar mais q̃ dous mares.

XCVII.

Fuja, leve muito embora a agua a chãma
Se alguma occultou teu peito forte,
Que ſe o teu peito ſó meu peito inflãma,
A' agua, e vento agradeço minha ſorte:
Olha ingrato, inda auſẽte, quanto te ama
Meu coraçaõ, que com cuſtarlhe a morte
Tuas ingratidões, ſegue teu trato,
Por te ver mais amante, ou mais ingrato.

XCVIII.

Mas temo, q̃ nas ondas, e em meu peito
Com hũ extremo a outro extremo correſ-
Tẽperãdo os ardís em teu ſujeito (põdas
O ardor do peito em o cryſtal das ondas!
Vivirá meu cuidado ſatisfeito (condas,
Quando a hũ tempo appareças, e te eſ-
Sendo lá a teus cryſtaes, ou cá a meu rogo
Sol ſempre em ondas, Fenix ſempre em
fogo. Se

XCIX.

Se em ver o mar, e vento eſſa belleza
Soube tomar a ſeu favor bonança,
Se quer agradecida a tua braveza,
Mar, e vento em ti mude a eſquivança:
Mas ay! ſey que te eſqueces da nobreza,
Por te eſquecer de amor, q̃ ẽ mim te can-
Quando ſe quer tomára por partido, (ça,
Por verte nobre, verte agradecido.

C.

Mas ó troncos crueis, ó ingratas vellas
Paray na agua, e no vento o curſo forte,
Por ventura q̃ a quem com taes cautellas
Offende a vida, liſongea a morte:
Mas ay! q̃ haõ decretado já as eſtrellas
Que o meſmo, que aborrece minha ſorte,
Me dê amorte, por terme aborrecida,
Sem ſaber quando he morte, ou quãdo he

CI. (vida.

Paray, digo outra vez a minhas màgoas,
Eſcutay por hũ pouco a meus tormentos,
Logo meus olhos vos daraõ mais aguas,
Logo minha alma vos dará mais ventos,
E inda que vos pareçaõ vivas fragoas,
Oh! naõ deixeis de ouvir meus ſentimen-
Porq̃ troncos, e vellas ſem ſentido (tos,
Seguros vaõ, pois vay ſeguro Armido.

E' Mas

CII.

Mas he tanta a dureza, com que infama
Armido o peito ſeu, q̃ a ouvir meu rogo
Primeiro as vellas ſentiráõ a chamma,
Primeiros os troncos arderáõ no fogo:
Oh nunca ouvida pena de quem ama!
Que abale mais a hũ tronco o deſafogo
Dos ſuſpiros, e prantos, q̃ dilato, (grato!
Que a hũ coraçaõ cruel, q̃ a hũ peito in-

CIII

Paray com tudo a ouvirme eſpaço breve,
Que em fim tanto temor já vos affea,
E quem preſidios tem de occulta neve,
Alentos de fogo em vão em ſi recea:
Paray, q̃ quem de Armido a ver ſe atreve
Os olhos livres, onde amor ſe atea,
Sem confeſſar em cinzas, q̃ ſe inflamma,
Que teme o fogo, ou que recea a chãma.

CIV.

Paray, q̃ quando eu os via, e os gozava,
Taõ livre de outro fogo me ſentia,
Que todo o ardor por neve reputava,
Porque arder em ſeu fogo ſó ſabia:
Porém ſe reſiſtindo á ſorte brava
De ſuas chãmas rompeis a ardente via,
Naõ temais, naõ, que eu crea q̃ naõ poſſa
Prender meu fogo na dureza voſſa.

Po

CV.

Porém fugí, fugí, donde esse ingrato
Em agua, e fogo espire, como espiro,
Pois que o naõ rende o pranto, q̃ desato,
Pois que o naõ vence o fogo, q̃ suspiro:
Porém seguro irá do falso trato,
Que saudosa padeço em seu retiro;
Naõ morrerà, q̃ a morte em seus rigores
Gastou as penas, e esgotou as dores.

CVI.

Partí contentes, e partí ditosos,
Partí seguros de qualquer perigo, (rosos
Porq̃ em quãto houver prantos, e ays cho-
As tempestades viviràõ comigo:
Será alivio a meus olhos lastimosos
Ver que por vosso bem meu mal prosigo;
Pois vos escuso na ancia, que sustento,
As furias d'agua, as coleras do vento.

CVII.

Partí, q̃ na agua, e vento, em q̃ me exha-
Para lastro meu peito vos seguro, (lo,
Se he bronze no que sofro, e no q̃ calo,
Se he pedra no q̃ passo, e no que aturo:
Mas naõ; q̃ outro levais, q̃ a todo abalo
Mais he q̃ pedra firme, ou bronze duro,
Diga-o pois, q̃ o naõ move em seu retiro
A agua, que choro, o vento, que suspiro.

CVIII.

Seguros ides para tanto effeito,
Mas olhay naõ vos falte a vigilancia, (to,
Que inda q̃ pedra, e brõze acheis seu pei-
Na dureza o será, naõ na constancia:
Mas poderá supprir em seu sujeito
Por firme effeitos taes a vossa instancia,
Se houver nessa dureza de affligirme,
Que he muito o que cruel sabe ser firme:

CIX.

Seguirvos-ha minha alma com seu rogo,
Já em soluços desfeita, já em suspiros,
Unindo o vento, ministrando o fogo
A vossas vellas, como a vossos tiros:
Poderá ser, que em fim meu desafogo
Lisonjee esse ingrato em seus retiros,
Que pois me mataõ, lhe daraõ contento
O coraçaõ no fogo, a alma no vento.

CX.

Mas, se a alma triste, o coraçaõ turbado
Sentir nos tiros, e encontrar nas vellas,
Como poderá ser que desvelado
Naõ fuja destes, e naõ deixe aquellas?
Entaõ nas tristes ancias do meu fado
Vos verey a pezar de outras cautellas,
Salvo se conhecer, que em vós se preza
De igual vossa dureza a tal dureza.

CXI.

Mas oh tu mais cruel, q̃ ondas, e ventos,
Pois quando elles á vista de meus danos
Sujeitaõ a teu gosto seus alentos,
Tu foges a meu gosto em teus enganos:
Oh se poderaõ já meus sentimentos
Em meus braços achar os desenganos,
Ou dando a vida á vida, ou morte á mor-
Que ditosa que fora minha sorte! (te,

CXII.

Olha, ingrato, se padecer desejo,
Que por terme aos pezares repetida,
Perco a vida na parte, em que os invejo,
E na parte, em que os sinto, perco a vida:
Mas ay, q̃ em minha dor nova dor vejo,
Quando vejo na dor de tua partida (ma,
Que, sendo na alma a dor menor, q̃ a cha-
Se occupa no que pena, naõ no que ama!

CXIII.

Mas quem poderá crer o desengano
De que fiquey sem ti, se estou comigo?
Naõ te partiste, naõ, que por teu dano
Era força partir tambem comtigo:
Mas naõ; porq̃ me basta o duro engano,
De que em meu peito estás, doce inimigo
Para que inda assistindo á menor parte,
Me naõ saiba deixar, por naõ deixarte!

Olha,

CXIV.

Olha, auſente cruel, como já corro
A terte auſente, ſem ſentirte eſquivo,
Que ſe na falta de tua viſta morro,
Tambem no engano de tua ſombra vivo:
Além de tanta offenſa, que diſcorro,
Em tua viſta inda ſabe compaſſivo (ſa
Ser mais o mal, e bem, q̃ em mim deſpen-
Da ſombra o engano, q̃ da viſta a offenſa.

CXV.

Mas naõ, que duplicando meu deſgoſto,
Eu meſma em minhas penas ſolicito
O ultimo extremo de morrer com goſto,
Ou de morrer com goſto reſuſcito:
Ou já a tanta morte vive expoſto
Meu coraçaõ, que a morte, que repito,
Como a vida naõ acha, obra de ſorte,
Que ſe naõ mata a vida, mata a morte.

CXVI.

De tanta pena deſengana a ſorte,
Vẽdo no alto rigor deſta partida (morte,
Que ſe naõ chega a auſencia a darme a
He ſó porque tua ſombra me dá vida:
Já mais aquella acabará por forte,
O que eſta ha de durar por repetida:
Mas o prodigio, q̃ meu peito aſſombra,
He matar co a viſta, animar co a ſombra.

Vivo

CXVII.

Vivo penando, e vivo de matarme,
Porque a vida naõ perco em tua partida,
Mas ſe a vida naõ póde o amor tirarme,
Como poderá a dor tirarme a vida?
Olha, quãto hey chegado a atormẽtarme
Que vivendo, e morrendo deſvalida,
Ainda naõ ſabe meu tormento eſquivo
O modo, porque morro, ou porque vivo.

CXVIII.

Mas ay de mim, q̃ auſente de quem amo,
Como acharey alivio a meu tormento,
Se até as queixas, e ays, q̃ aqui derramo,
Tronca a voz, rõpe o ar, cõfunde o vẽto!
Oh receba-me a pezar do q̃ me inflãmo,
O centro vil delle humido elemento,
Mas naõ; q̃ dirá amor q̃ he injuſta màgoa
Que o q̃ naſceo em fogo, acabe em agua.

CXIX.

As ſõbras triſtes em meu pranto invoco,
As ondas leves com meu rogo inflãmo,
Com meus ſoluços as eſtrellas toco,
Com meus ſuſpiros os penhaſcos chamo,
Os Ceos, ingrato, com razões provoco,
As arêas com laſtimas infamo (alheas,
Mas ay! que as ancias me ouvem como
Sombras, ondas, penhaſcos, Ceos, arêas.

Oh

CXX.

Oh tu, que a minhas vozes te retiras,
Fazendo em mim de teu furor ensayos,
Armem-se contra ti no vento as iras,
No mar as ondas, na campanha os rayos:
O porto amado, porque tanto aspiras,
Te custe a vida cõ taõ crueis desmayos,
Que pareça que nelle a teu respeito
Teu mesmo peito está contra teu peito.

CXXI.

Despoje-te da minha liberdade,
Porque a gozes ingrato com desconto,
De estrangeiros piratas a crueldade
Na Lybia ardente, e no gelado Ponto:
Occupe-se a mayor ferocidade
Em desfazer teu coraçaõ num ponto;
Porque nem inda tenhas dessa sorte
Alivio de tua morte em minha morte.

CXXII.

Mas naõ: no brando Ceo, n'agua serena
Tenha socego o vento, o mar bonança,
Que se dura em tua vida minha pena,
Nella dura tambem minha esperança:
Goza o porto, cruel, que amor ordena
Iguale a crueldade á esquivança,
Que á vista do rigor de terte vivo,
Eu serey mais cruel, tu mais esquivo.

Mas

CXXIII.

Mas vós, Ceos, cujas luzes veſte o dia,
Vós, mar, cujos cryſtaes encreſpa o vẽto,
Sede, pois que de vós meu bem ſe fia,
Teſtimunhas aqui de meu tormento:
Ouvi deſtes ſuſpiros a porfia,
Notay deſtes deſdens o ſofrimento,
Mas como os notareis, tendo eſſe ingrato
Sua belleza no Ceo, no mar ſeu trato?

CXXIV.

Mas ſe guardais de Armido a fermoſura,
Mas ſe de Armido tendes a inconſtancia,
Naõ me admiro, que falte já a brandura
Em voſſo extremo para ouvir minha an-
Só me admira que vivaõ na figura (cia:
Deſſe cruel meus males com conſtancia,
Quando triſtes ſeus numeros, e idéas,
Conto eſtrellas no Ceo, no mar arêas.

CXXV.

Ceos, eſtrellas, penhaſcos, ondas, ventos,
Que retratais meu bẽ, q̃ ouvís meu dano,
Doey-vos do rigor de meus tormentos,
Se quer co a imagem ſó de hũ doce enga-
Para penar day vida a meus alentos, (no:
Imitareis ao vivo eſſe tyrano,
Que pois ſeu goſto minha morte ordena,
Em mim quem menos morre, he quem
mais pena, Mas

CXXVI.

Mas ay, que ſe a pezar deſta fineza
Buſcas, ingrato, em mim melhor vitoria,
Vez aqui, que me mata já a dureza
Das ancias triſtes, da paſſada gloria:
Porém mate-me embora tua fereza,
Que amor renovará minha memoria,
Vendo que no rigor, que me condena,
Buſco mais vida por ſofrer mais pena.

CXXVII.

Recebe já, cruel, a vida minha,
Meu coraçaõ recebe, amado ingrato,
Pois quanto á dura morte mais viſinha
Dilato a vida, teu pezar dilato:
Naõ ſinto o morrer, naõ, q̃ aſſim cõvinha,
Que foſſe o fruto de adorar teu trato,
Sinto que es meu, e que ſem verte (tel
Perdẽdo a vida, (ay triſte) hey de perder-

CXXVIII.

Eu morro, ingrato meu, e morro auſente,
(Diz Lydia) e já turbado o brando alẽto,
Entre ſuſpiros triſtes docemente
Rõpe o Ceo, move o ar, abranda o vento:
Morro, (torna a dizer) morro contente,
Porque me mata eſſe rigor violento,
De que vás (mas aqui já ſem ſentido,
Indo a dizer armado) diſſe Armido.

Cahe

CXXIX.

Cahe em fim de repente, a voz turbada,
A cor defunta, o geſto amortecido,
A neve de ſeu roſto deſmayada,
O nacar de ſua boca deſmentido:
A alma dos movimentos toda atada,
O brio das acções todo perdido,
Sómente de ſeu roſto a cor ſerena
Dá moſtras do que vive no que pena.

CXXX.

Qual em cinzas de purpura oloroſa,
De ſi meſma belliſſima ſangria,
Em fragrancias mortaes eſpira a roſa
Da doença de hũ Sol, do mal de hũ dia:
E em deſmayos de nacar laſtimoſa
Alentos de ambar rouba a pompa fria.
Deſpedindo no ardor de ſeu theſouro
Por boca de carmim ſuſpiros d'ouro.

CXXXI.

Tal Lydia deſmayada, tal ſem vida,
A's leys de ſeu tormento naõ reſiſte,
Nella vendo a triſteza taõ valida,
Deſeja a formoſura de ſer triſte:
A morte eſtá turbada, eſtá corrida
De ver quaõ bella, quaõ formoſa aſſiſte,
Quando em ſeu roſto a dous troféos ufa-
Matá por bella, e mata por tyrana. (na

Oh

CXXXII.

Oh flor de pompa illuſtre deſpojada!
Oh Ceo da ſombra eſcura deſmentido!
Oh roſa em ſeus ardores deſmayada!
Oh arroyo em ſeus cryſtaes eſcurecido!
Oh poſto Sol de amor! Oh laſtimada!
Oh triſte Lydia, que rigor ha ſido
O que pode eclipſar eſſas eſtrellas,
Bellas com luzes, e ſem luzes bellas!

CXXXIII.

Que pena ſe atreveo ao Ceo brilhante
Deſſe roſto gentil, onde a ventura,
Dando as mãos ao diſcreto, e ao galante,
Pazes fez entre a ſorte, e fermoſura?
Quem deſmayou o Sol, quem deſſe Atlã-
Rendeo a neve, reclinou a altura? (te
Oh tyranna penſaõ de hum penſamento,
Porq̃ ſe chama amor, o q̃ he tormento!

CXXXIV.

Amava Lydia, por iſſo ſe aventura,
Rompendo os privilegios da belleza,
Porque a dor, q̃ no aggravo eſtá ſegura,
Menos deve ao deſcuido, que á firmeza;
Sobeja em Lydia o amor, falta a ventura,
Nella a morte he rigor, mas he fineza,
Pois morre ſó por fé de achar rendida
Para mais largo amor mais larga vida.

Fer-

CXXXV.

Formoſura gentil, que tanto amaſte,
Que por amar ſem vida a vida déſte,
E tanto por teu bem te deſvelaſte,
Que perdido teu bem, tu te perdeſte:
Eſſe amor, de que tanto te pagaſte,
Eſſe amor, a quem firme obedeceſte,
No templo te eterniza da ſua fama,
Onde ſempre bem vive quem bem ama.

SAUDADES
DE
LYDIA, E ARMIDO.

PELO DOUTOR

ANTONIO BARBOZA BACELAR.

I.

JA' da horriſona tuba o repetido
Clamor formava a bellica harmonia,
E incitando ao militar ruido,
Já cada qual inquieto ſe partia:
Lydia ſó encoſtada ao bello Armido
Porfia em deſpedirſe, e em vão porfia,
Porq enlaçando as queixas c'os abraços
A dor lhe prende a voz, amor os braços.

Era

II.

Era o tempo, em q̃ o claro Firmamento
Emmaſcára da noite o negro manto:
Entre os braços da ſombra eſtava o vẽto
Prezo menos do ſono, que do eſpanto:
Naõ rompia o ſilencio humano acento
Mais q̃ da tuba o ſom, de Lydia o pranto,
E com murmureo flebil, e ſombrio
Ou ajudava, ou murmurava o rio.

III.

Em fim Lydia começa deſmayada:
Ah! já chega, doce Armido a hora;
Mas a voz já no meyo articulada
Trocou-ſe parte dentro, parte fóra:
Lá fez eco no peito reprezada,
Ouve-a Armido, que no peito mora,
E a trombeta outra vez enfurecida (vida.
Chama em Armido o esforço, ẽ Lydia a

IV.

Deſperta Lydia ao ſom, e aceſa em fogo
Pede todo o valor ao ſofrimento,
Torna a ſoltar a voz, mas para logo (to:
Ou co a preſſa, ou co a furia, ou co tormẽ-
E com pranto, com laſtima, com rogo
Pede attençaõ por premio ao ſentimẽto:
Ouve-a Armido cruel, que naõ receа,
Valor, que Ulyſſes he, voz de Serea.

Em

V.

Em fim partes-te, Armido, em fim se parte
De meus olhos a luz, do peito a vida,
Em fim trocas, cruel amor, por Marte,
Deixas-me em fim a vida repartida:
Naõ me leves, tyranno, huma só parte,
Leva estoutra, que sendo dividida,
Fica de balde, já que amor ordena,
Que em vez da vida me alimente a pena.

VI.

Se armado de duas vidas o inimigo
Te vir posto em campanha denodado,
Temerá certo contender comtigo,
E terá este alivio meu cuidado:
Temerey muito menos teu perigo,
Se te vir de duas vidas animado;
Mas com tanto, que á bala mais visinha
Trates de offerecer primeiro a minha.

VII.

Leva-a comtigo pois, que vas seguro,
Por mais que o Castelhano balas chova,
Que se sofrido tem teu desdem duro,
Bem tem qualificado, que he de prova:
Que escudo, ou peito, que trincheira, ou muro
Poderá rebater a furia nova,
Com q̃ amor hoje a offende, e se rebate,
Leva-a comtigo, e entra no combate.

Se

VIII.

Se te obriga o valor a que tyranno
Fugindo a hũa alma, q̃ em teus olhos mo-
No peito do ſoberbo Caſtelhano (ra,
Vás eſconder a eſpada vencedora:
Menos valor he dar a hum peito inſano
Morte, q̃ vida a huma alma, q̃ te adora:
Vás introduzir guerra a eſtranha terra,
E deixas quem te adora em viva guerra?

IX.

Oh quantas vezes me juraſte activo
Que antes atraz o Tejo tornaria,
Que podeſſe já mais Armido eſquivo
Sem os olhos de Lydia ver o dia:
Torna atraz, doce Tejo fugitivo,
Que já Armido de Lydia ſe deſvia:
Torna atraz, liſongea a minha queixa,
Torna atraz, q̃ já Armido a Lydia deixa.

X.

Mas ainda q̃ experimento a dura auſẽcia,
Me perſegue o diſcurſo ẽ tanto extremo,
Que mais choro o receyo, q̃ a experiẽcia,
Menos ſinto o que paſſo, que o q̃ temo:
Temo do Caſtelhano a reſiſtencia,
A cada nome do inimigo tremo,
Oh! que infeliz eſtado amor me ordena,
Onde he a ſaudade a menor pena.

De

XI.

De hum amoroſo medo convocado
Se remonta o diſcurſo fugitivo,
Quanto encerra poſſivel triſte o fado;
Tanto futuro moſtra o diſcurſivo:
Detem, ó Iberio vil, o ferro ouſado,
Naõ toques deſte peito o marmor vivo,
Que ha muitas vidas a eſſe peito unidas,
Naõ tires de hum ſó golpe tantas vidas.

XII.

Mas oh loucura vã! oh amante erro!
Naõ tens, naõ, que temer o Marcio jogo,
Porq̃ naõ póde entrar num peito o ferro,
Onde naõ póde entrar de amor o fogo:
Já deſde agora meu temor deſterro,
Que naõ reſiſte o ferro a hũ brando rogo,
E pois deixas meu rogo ſem effeito,
Reſiſtir pódes tudo com teu peito.

XIII.

Naõ convem ao florido de teus annos
Mais que de amor a doce ſuavidade,
Da antiga Patria reparar os danos
Cuidado he juſto da mayor idade: (nos,
Oh! deixa, Armido, deixa os vãos enga-
Que te moſtra o verdor da mocidade,
Naõ es inda capaz da guerra dura,
Salvo aonde for arma a fermoſura.

XIV.

E ſe tomas a guerra por motivo
De me deixar ſem parecer ingrato,
Deixa-me antes por outra fugitivo,
Que eu te remitto a culpa de barato:
Em quanto te eu tiver ſeguro, e vivo
Prometto naõ chorar teu falſo trato,
Eſcuſa-me a partida, e os temores,
E eu ſerey a terceira em teus amores.

XV.

Eu farey, com que logres teu cuidado
Sem te moſtrar nem longes de deſgoſto,
Que tenho já comigo decretado,
Que naõ me cauſe pena o q̃ he teu goſto:
Eu obrarey de ſorte, que obrigado
Vejas ſeu peito a teu querer diſpoſto;
Sempre fará meu rogo algum effeito,
Se ſeu peito naõ for como o teu peito.

XVI.

Se he odio, e taõ ſómente me aborreces
Pelo delicto de quererte muito,
Se te offendem meus ays, q̃ muitas vezes
Se colhe das finezas eſte fruto, (zes
Eu me irey para hum monte, onde ás ve-
Conte meus males a hũ penhaſco bruto;
Naõ ſeja o odio, naõ, teu homicida,
Naõ valho eu tanto, que te cuſte a vida.

XVII.

Se aſſegurada em teu valor a eſpada
Naõ teme do inimigo a biſarria,
Agora na Canicula abrazada
Queima o ar, arde o Sol, e ferve o dia:
Poderás na campanha, e na eſtacada
Moſtrar contra o Iberio valentia;
Mas mal teu roſto cõtra o Sol ſe atreve,
Que em fim he Sol, quando teu roſto he (neve.

XVIII.

Em quanto ferve o Sol, e em quanto late
Eſſe celeſte Caõ do Firmamento,
Em quanto o ar os rayos naõ rebate,
Suſpende da partida o penſamento:
Naõ ſe acaba a batalha num combate,
Inda terás quinhaõ no vencimento;
Já naõ peço, que eſcuſes a partida,
Peço hum eſpaço a troco de huma vida.

XIX.

Em fim, ſe he força, que te partas logo
Por ganhar na vitoria inteira a palma,
Que me leves comtigo ſó te rogo,
Pequena carga te fará huma alma:
Temperarás hum fogo em outro fogo,
Paſſarás hũa calma em outra calma,
Cauſarão minhas lagrimas comtigo
Brandura ao Sol, piedade ao inimigo.

XX.

Valor tenho tambem para ajudarte,
Que naõ implica o esforço cõ brandura,
Que depois q̃ tratou Venus com Marte,
Tambem de armas entende a fermosura:
Terás vitorias sempre em toda a parte,
Huma de amor, e muitas da ventura,
Vencendo ayroso em duplicada palma
Muitos corpos no cãpo, em casa hũa alma

XXI.

Se acaso do inimigo o ousado braço
Tingir em sangue de teu peito a neve,
Tu verás como em pranto me desfaço,
E com elle te lavo o sangue leve:
Farey de meus cabellos fino laço,
Que sirva de atadura á chaga breve,
E enxugaremos ambos entre tanto
Ao tempo q̃ eu teu sangue, tu meu pranto

XXII

Tu me verás briosa na campanha,
Porque comtigo a nada me acobardo,
Será tua tambem toda a façanha,
Que obrar valente meu amor galhardo:
Sempre o amor de esforço se acõpanha,
Arderey de valor, se de amor ardo;
Causará meu valor mortaes da-nayos,
Que he filho o Deos do amor do Deos dos rayos.

XXIII.

Ah! se te ameaçar a arma homicida,
Me interporey veloz, armada, ou núa.
E partida em dous peitos a ferida
Será em qualquer delles menos crua:
Teremos huma morte, ou huma vida,
Poderá qualquer chamarlhe sua,
E alcançaremos ambos desta sorte,
Que se nos unía amor, nos una a morte.

XXIV.

Mas que digo, que a morte menos dura
Será, se entre nós ambos for partida?
Delirio, pois naõ póde ter brandura,
Por mais que em nós se veja dividida,
Antes assim mais fea se affigura,
Mais dura, mais cruel, mais homicida;
Porque se junta huma só vida mata,
Partida a duas vidas desbarata.

XXV.

Se te obriga a nobreza a que arrojado
Naõ temas dos combates o perigo,
Se te partes sómente por honrado,
Força será que eu vá tambem comtigo:
Naõ vás todo, se eu fico, que animado
Fica outro Armido a teu pezar comigo,
E eu, que já a teu gosto me accomodo,
Temo que digaõ, que naõ foste todo.

Se

XXVI.

Se brioſo pertendes vencimento
Do feroz, atrevido, e forte Iberio,
Ou ſe intentas moſtrar teu grande alẽto,
Reſiſtindo ao inimigo irado, e fero,
Conſente-me te vá no ſeguimento,
Que ſó aſſim triunfante verte eſpero;
Baſtará, ſe he que me amas, minha viſta
Para darte a vitoria na conquiſta.

XXVII.

Pois meus rogos deſprezas inclemente,
Engendroute do Caucaſo a dureza?
De algum robuſto tronco es deſcendẽte,
De quem trazes no duro a natureza?
Parte-te pois, que eu morrerey auſente
Antes que acabes felizmente a empreza,
E para te ſer facil a conquiſta
Baſta que obre a eſpada o q̃ obra a viſta.

XXVIII.

Mas ah! detem-te, Armido, q̃ enganado
Vás entregar troféos ao adverſario,
Naõ ſejas, naõ, meu bem precipitado,
Porque naõ he valor ſer temerario:
Se queres o inimigo avaſſallado,
Naõ vás á guerra, deixa o teu contrario;
Porque ſe eſte lograr da tua viſta,
Naõ perderá a vida na conquiſta.

Mata-o

XXIX.

Mata-o antes, Armido, cò auſencia,
Que ſerá para elle o mor tormento,
Uſa comigo, Armido, de clemencia,
Naõ deſafies, naõ, meu ſentimento:
E ſerá, ſe naõ partes, tua aſſiſtencia
Da vida, e morte o unico inſtrumento;
Matarás aſſiſtindo-me, o inimigo,
E vida me darás, eſtando comigo.

XXX.

Aqui chegava Lydia, e deſtillando
Em diluvios de fogo incendios d'agoa,
Aos olhos communica em licor brando
O fogo, que exhalava a ardente fragoa:
Armido a attendeo mudo, e disfarçando
Com externa alegria a inteira màgoa,
As lagrimas lhe alimpa, o roſto toca,
Bebe aos olhos o pranto, os ays á boca.

XXXI.

Lydia, lhe diz, eu parto, mas de ſorte,
Que já naõ tenho que temer perigo,
Pois ſe eſta auſẽcia me naõ cauſa a mor-
Naõ temo que me cauſe o inimigo: (te,
Em teu nome guerreiro, altivo, e forte
Parto ſem mim, e parto ſó comtigo:
Deixa por hora o medo ſatisfeito,
Que vay ſeguro, pois te leva o peito.

Quem

XXXII.

Quem haverá, que poſſa maltratallo,
Se lhe aſſiſte em defeſa huma deida de?
Naõ me cuſta o Iberio algum aballo,
Temo-me, Lydia, ſó da ſaudade:
Faltarme de teus olhos o regallo
He a mayor, que temo, adverſidade;
Se matar me naõ queres entre tanto,
Detem as queixas, e ſuſpende o pranto.

XXXIII.

Naõ temo, Lydia, o Sol, inda q̃ queime,
Nem o ardor da Canicula incẽdido: (me,
Que quẽ vive em dous ſóes, hũ Sol naõ te-
E bem ves que em teus olhos hey vivido:
Se com ardores a cigarra geme,
Naõ recea eſſe ardor o forte Armido,
Que ſe em fogo de amor vivo abrazado,
Ando a mayores calmas coſtumado.

XXXIV.

Vou merecerte á guerra, porque agora
Infame he a paz a quem naſceo honrado,
E fora grande mancha em quem te adora
Deſcançar em teus braços infamado:
Delicto, ó Lydia, irreverente fora
Merecer com affrontas teu cuidado;
Meu amor deſta guerra ha de ſer fruito,
Que o q̃ val muito, ſempre cuſta muito.

Naõ

XXXV.

Naõ temas, Lydia, a morte na partida,
Nem dês lugar no peito a taes temores,
Eu te aſſeguro com certeza a vida,
Naõ faças caſo, naõ, de ſeus rigores:
Eſta, que agora faço, deſpedida
De tua vida te dá certos penhores;
Porque ſe eu eſtou ſeguro lá comtigo,
Tu ficarás ſegura aqui comigo.

XXXVI.

Naõ temo os golpes, naõ, q̃ ſe occupado
Das frechas de teus olhos homicidas
Trago o peito em feridas traſpaſſado,
Naõ tenho onde me caibaõ mais feridas:
Só peço, Lydia. Mas aqui ſalteado
Da trombeta em cadencias repetidas,
Deixa o diſcurſo, interrõpendo-o o brio,
E entra em guerra o valor co alvedrio.

XXXVII.

Luta em Armido o esforço co a brãdura,
Contende com o affecto a bizarria;
Mas eſta vez foy traça da ventura,
Que quando cede amor á valentia,
Já naõ tem privilegio a formoſura:
De balde Lydia em lagrimas porfia,
Porque o valor com aviſos prevenidos
Mandou prender os olhos, e os ouvidos.

Par-

XXXVIII.

Parte-se Armido, fica Lydia, oh quanto
Fogo Lydia exhalou da interna fragoa;
Acompanha-lhe os paſſos com o pranto,
Querlhe eſtorvar a fuga cõ hũ mar dagua
Deſapparece Armido, e Lydia tanto
Se deixou penetrar da aguda màgoa,
Que entregue ẽ fim á dor, e á dor rendida
Lhe embargou hũ deſmayo o fim da vida

XXXIX.

Oh Lydia triſte, oh Lydia deſgraçada!
Quem te diſſera, Lydia, n'alguma hora
Que havias de chorarte aſſim deixada
De quem, ſendo cruel, diz que te adora!
Chora, Lydia fermoſa, e ſepultada
Em diluvios de pranto triſte chora,
E ſe ſe ouve a voz n'algum gemido,
As ſuas vozes ſaõ: Armido, Armido.

XL.

Oh, que dirias, Lydia, quando abriſte
A vez primeira os olhos muda, e fria,
Quando te viſte ſem Armido, e viſte
Mudo o ar, cego o Sol, auſente o dia!
Encarecer as penas, que ſentiſte,
Só do ſilencio minha Muſa o fia, (dena
Quem em taõ grande pezar a Muſa or-
Que obre o diſcurſo, e naõ eſcreva a
penna.

EPI-

EPITAFIO NA SEPULTURA DE LYDIA,

POR HUM ANONYMO.

SONETO.

ESſa, que ves, errante peregrino,
Urna funeſta em marmore erigida,
He ſepulchro horroroſo de huma vida
Morta ás mãos ou daParca,ou do deſtino:
Foylhe mortal doença o amor mais fi-
O querer bem lhe foy fero homicida;(no
Se foſſe, como quiz, taõ bem querida,
O tempo contaría Neſtorino:
Lydia jaz aqui, Lydia deſgraçada,
Lydia aquelle de amor raro portento.
Mas ah naõ cuides, naõ, que ſepultada
Entre as cinzas eſtá do eſquecimento,
Eſtá viva Lydia, ainda que enterrada,
Que inda em ſeu peito amor infunde alento.

SENTI-

SENTIMENTOS DE D. PEDRO, E DE D. IGNEZ DE CASTRO.

POR

MANOEL DE AZEVEDO PEREIRA.

PRIMEIRA PARTE.

I.

ERa na meya idade, a que chegava
Em fragoas de zafir o Sol, q̃ ardia,
E nas azas do tempo, que voava,
Icaro de ſeus rayos era o dia:
Quando cõ flãmas de ouro ſe abrazava,
Que morrer incendido entaõ queria,
Sendo por reſnacer com novo alarde
Em cinzas de rubim, Fenix da tarde.

II.

Na liſongeira planta ſe enlaçava
Cortez o vento com gentil porfia,
E nos jardins a roſa, que encalmava,
Em berços de eſmeralda adormecia:
A ſimples aveſinha ſe banhava
No murmureo correr da fonte fria,
Renovando na viſta, e doce alento
Narciſos nos cryſtaes, Orféos no vento.

Mas

III.

Mas Ignez, que por penas só vivia,
Naufragando em soluços cada instante,
Ignez, aquella Ignez, que amor fazia
Por lhe dobrar as màgoas mais cõstante:
Aquella, em cujas graças competia
Ser fermosa, discreta, e ser amante;
Em cujas prendas naõ tiveraõ parte (te.
Artificios da industria, invenções da ar-

IV.

A que nos dotes da alma taõ possante
Discreta, grave, terna, e generosa,
Que da mesma belleza sendo Atlante,
Tinha por menor prenda o ser formosa;
Nos donaires do talhe taõ galante,
Nos alinhos da graça taõ vistosa,
Que topando na culpa de Narciso,
Fora sem culpa o seu discreto aviso.

V.

Mas qual o passarinho descuidado,
Lisonja mais gentil da tenra idade,
Foy das mãos do menino aprisionado,
Que lhe roubou no laço a liberdade:
E quando delle mais galanteado
Experimenta no mimo a crueldade,
E quando a cor das pennas lhe contenta,
Nas que lhe tira, muitas lhe accrescenta.

Tal

VI.

Tal Ignez na manhã dos tenros annos,
Nas primeiras auroras da esperança
Deu nos laços de amor doces enganos,
Do vendado rapaz linda vingança:
Mas os golpes da Parca deshumanos
A belleza por flor em flor alcança,
E experimentou na sempre amarga sorte
Por mãos do Deos de amor, armas da (morte.

VII.

Eraõ gentil emprego a seus cuidados
As finezas de Pedro, que a beldade
Soube nellas trazer aprizionados
Sceptro, Coroa, vida, e liberdade:
Entre ambos tinha amor já taõ ligados
Os soltos alvedrios da vontade,
Que foy nelles baldado, e foy perdido
Nascer Anteros, por crescer Cupido.

VIII.

Mas oh tyrãna dor, que amor inventa,
Forçosa foy de Pedro a dura ausencia,
Atropos da alma, que da pena isenta
Sabe nella sentir mortal violencia;
Como prezo partirse Pedro intenta,
Ignez na alma sentio nova inclemencia,
Que quer a sorte, pois amor ordena,
Onde naõ chega a morte, offenda a pena.

Quan-

IX.

Quantas vezes, Ignez, no penſamento
Eſte dezar notaſte a teus favores,
Quantas vezes, Ignez, nas mãos do vento
Os viſte, vês agora, e verás flores?
Tanto nas affeiçoens goſto avarento
Eſte pezar ſentiſte em teus amores,
Que naõ poſſo dizer, que neſte emprego
Eſtavas, linda Ignez, poſta em ſocego.

X.

Entre os braços de Pedro ardente fragoa
Se acoſta Ignez ſem vida, e ſem ſentido,
Que multiplica a dor, e dobra a màgoa
Lograr preſente o bem, q̃ he já perdido:
Dos olhos ſolta dous chuveiros de agua,
Oceanos de neve, onde Cupido
Quiz da belleza já molhando as vellas,
Chegaſſe a tempeſtade até ás eſtrellas.

XI.

Qual em berços de purpura oloroſa,
Delicias da manhã, da tarde empreza,
Dos melindres de flor enferma a roſa,
Deſmayado o valor, murcha a lindeza:
A que já foy de Abril pompa luſtroſa,
Livro de amor, emblema da belleza;
Perde a graça, por ver q̃ o Sol lhe talha
Do meſmo carmeſim gala, e mortalha.

Tal

XII.

Tal do fogo de amor na immenſa calma
A cor Ignez perdeo, que amor ordena
Os deſmayos, q̃ tinha impreſſos n'alma,
Trasladaſſe no roſto a viva pena:
Já deſpojo da dor, da magoa palma
Com reſpirar de flor, ar de açucena,
Exhala nova dor ao penſamento
Em ſaudoſos ays o doce alento.

XIII.

Ay caduco prazer, diz laſtimada,
Eſperança de hum bem, doce tormento!
Ay, que por verde murchas apreſſada
Primavera de amor, da dor portento!
Ay melindroſa flor agonizada,
Deſpojado jaſmim de qualquer vento!
Que quando naſce, traz na meſma alvura
Gala, mortalha, berço, e ſepultura!

XIV.

Ay, que chegas, ó dia, em que amor tira
Duas almas de hũ peito! oh noite fria!
Oh noite, digo, porque a quem ſuſpira
Foge a luz, morre o Sol, acaba o dia:
A boca, de que hum ay outro ay retira
Já canſado, mais baixo repetia:
Paray, Senhor; mas hum ſoluço ardente
Suffoca o par, repete o ay ſómente.

XV.

Paray, torna a dizer, meu goſto amado,
Gloria deſta alma em quãto gloria tinha;
Mas ay, alivio meu, ay meu cuidado,
Como podeis parar, ſe he gloria minha!
Mas ſe deſtina o Ceo, e manda o fado
Eſta alma caſtigar, que amor mantinha,
Deixaime a voſſa, porque a ſorte ordene
Mais almas tenha, porq̃ aſſim mais pene.

XVI.

Mas naõ, que he contra amor eſta porfia;
Mas naõ, q̃ deixo amor niſto aggravado:
Muitas almas naõ quero, que ſeria
Repartir o tormento a meu cuidado:
Mas ſe a pena permitte companhia
Neſta auſencia cruel, (oh triſte fado!)
Antes que a dor a roube da partida,
Levayme, vida minha, a minha vida.

XVII.

Só comvoſco, Senhor, irá ſegura
Sem que mortal achaque lhe aconteça,
Porque talvez do fado a ſorte dura
Fóra deſte meu peito a deſconheça:
Nem poderá temer minha ventura
Que ſombra de pezar vos entriſteça,
Pois farey no tormento mais eſquivo
Correr por conta della o ſenſitivo.

XVIII.

Se só para viver na ley de amante
Forçosa seja a vida repetida,
Ay, Senhor, que naõ póde ser bastante
Para viver ausente huma só vida:
E se amor he de vidas taõ possante
Huma nos dê por ambos repartida,
Posto q̃ a dor entre ambos se acõmoda,
Melhor vos partireis, levando-a toda.

XIX.

Cá me fica outra vida, que naõ paça,
Em que padeça morte repetida,
Que quer amor tyrãno, que renaça
Huma vida das cinzas de outra vida:
Pois como taõ cruel penas me traça,
Cõmo me traz em fogo convertida,
A acabar outra Fenix me condena,
Morrendo em cinza, renascẽdo em pena.

XX.

Ay quem cuidára, amor, q̃ os teus favores
Fossem fingidas sombras mentirosas!
Ay quem cuidára, amor, q̃ em teus amores
Fossem mais os espinhos, do q̃ as rosas!
Mas depois que triunfo a teus ardores
Foraõ de Marte as armas generosas,
Taõ guerreiro ficaste, ufano, e forte,
Que bem pódes matar a propria morte.

Mas,

XXI.

Mas, pois forçosamente me condena,
A que vos ausenteis, a tyrania, (na,
Deixay, Senhor, deixay, deixayme a pe-
Porque só della quero a companhia:
Na noite ou mais escura, ou mais serena
(Que para ausentes nunca nasce o dia)
Chorarey, permittindo minha estrella
Inda mais que a saudade a causa della.

XXII.

Nas remontadas penhas mais visinhas
(Sujeitar a meus ays penhasco possa)
Vos buscaraõ, Senhor, lagrimas minhas,
Minhas, se póde ser, sendo a alma vossa:
De meus annos a flor entre as espinhas
Passarey, sem perder esta fé nossa,
Mas antes perderáõ seu bruto alento
O Mar, o Fogo, o Ar, a Terra, o Vento.

XXIII

Mas ay, q̃ he tal a dor de meus retiros,
E taõ firme nas leys da tyrania,
Que vendo q̃ me assistem meus suspiros,
Quiçá delles me roube a companhia:
Mas ainda mais, e mais acerbos tiros
Contra mim fuzilar amor porfia,
Pois sem dar attenções á minha queixa,
Por mais só me deixar, sem mim me dei-

XXIV.

Qual quando na manhã naufraga o dia
Nos undoſos cryſtaes, que o Ceo deſata,
O jaſmim deſmayado ſe agonia
Dos achaques da gotta, que o maltrata,
E com dezar trocando a galhardia,
Icaro já nas agoas ſe retrata,
O que liſonja foy taõ prateada,
Se no prado jaſmim, nas ondas nada.

XXV.

Tal Ignez já de lagrimas banhada,
De ſeus olhos gentís mortaes deſares,
Pois quiz a natureza acautelada (mares:
Que o occaſo de dous Sóes foſſem dous
Exhalava de todo agonizada
O ſuſpiro final a ſeus pezares,
Que com verſe entre lagrimas undoſas
Soube na boca achar maré de roſas.

XXVI.

Já Pedro em fim rendido a ſeu cuidado
A dor quer disfaçar de ſeu retiro,
Mas como o coraçaõ tem já quebrado,
Hum pedaço lhe traz cada ſuſpiro:
E como em fim no peito agonizado
Sentio da mortal frecha o novo tiro,
Notando Ignez no pranto de ſeu rogo
Exhala em agoa, quanto bebe em fogo.

Naõ

XXVII.

Naõ chores, diz fermoſa, Ignez, agora
Ficar auſente ſem partir comigo,
Que ſe es vida da minha, que te adora,
Na alma te levo, por viver comtigo:
Naõ pertẽdo auſentarme hoje, Senhora,
Suppoſto, que partirme hoje proſigo;
Que ſe as almas trocar amor conſente,
Nem tu ſó ficas, nem me parto auſente.

XXVIII.

O corpo ſe auſenta, a alma naõ parte,
Que em fim naõ vivo de potencias ſuas,
Que como me alimento ſó de amarte,
Baſtaõ para viver memorias tuas:
E porque amor nos tiros, que reparte,
Fulmina contra mim frechas mais cruas,
Quãdo a vida me rouba, outra me ordena
Que fora em mim matarme a menor pe-

XXIX. (na.

Mas nota, Ignez formoſa, eſta fineza
A fazer impoſſiveis offrecida,
Pois que contraminando a natureza,
Teu meſmo amor me mata, e me dá vida:
Mas como amor notou neſſa belleza
Os impoſſiveis ſó de merecida,
Quiz tomar por razaõ, força infallivel,
Obrar por alcançalla outro impoſſivel.

Bem

XXX.

Bem vês agora, Ignez, como abrazado
Nos vivos holocauſtos de meu peito
Meu coraçaõ conſagro a teu cuidado
Em victimas de lagrimas desfeito:
Agora alcançarás como alentado
Todo me ſacrifico a teu reſpeito, (ma
Pois chego a conſagrarte em viva cal-
Sangue do coraçaõ, reliquias d'alma

XXXI.

Sueceda á Primavera o ſeco Eſtio,
A' ſerena manhã tarde calmoſa,
Seja manſo regato, quem foy rio,
Sejaõ ſecas reliquias, quem foy roſa,
Seja quem foy clavel, cadaver frio,
Seja quem foy jaſmim, cinza oloroſa,
Seja tudo á mudança em fim ſujeito;
Que amor firme ſerá dentro em meu pei-
(to.

XXXII.

Neſſas gentís madeixas da beldade,
Em cuja luz do Sol a luz ſe nega,
Onde feito pirata da vontade (ga:
Nas creſpas ondas ſempre amor nave-
Nellas deixo cativa a liberdade
Em refens minha fé por fé ſe entrega:
Nellas te deixo em fim cõ meus alentos
Alma, cuidados, vida, e penſamentos.

Á Deos,

XXXIII.

A Deos, delicia minha, a Deos, cuidado,
A Deos, Senhora, a Deos, q̃ amor conſẽte,
Que parta em fim nas màgoas ſepultado,
Se partir poſſo de mim meſmo auſente:
A Deos, que amor nos tinha decretado
Eſta auſencia cruel, forçoſa, urgente; (xo
Mas ay, formoſa Ignez, q̃ em vão me quei-
A Deos, q̃ em fim me parto, e em fim te (deixo.

XXXIV.

Já ſe remonta Pedro a ſeus retiros,
E já da morte em morte Ignez diſcorre,
Que como entrega a vida a ſeus ſuſpiros,
Quantas vezes ſuſpira, tantas morre:
O coraçaõ ſentindo acerbos tiros
Pelos olhos ſangrado em cryſtaes corre:
Mas oh, q̃ no ſangrarſe em vão ſe cança,
Porq̃ em cada ſangria huma alma lança.

XXXV.

Qual na ſeca vergontea desfolhada,
Que deſpojo reſtou da tempeſtade,
Se lamenta em requebros laſtimada
A caſta rola poſta em ſoledade:
Soluça, palma, geme agonizada,
Chora, ſuſpira, anela em crueldade,
E ſeu pezar lhe tem no peito unidos
Rigores, mágoas, lagrimas, gemidos.

Tal

XXXVI.

Tal laſtimada chora Ignez ſaudoſa,
No ſeu meſmo tormento ſepultada,
Nos deſvelos do dia cuidadoſa,
Nos deſcuidos da noite deſvelada:
Já ſe queixa em ſuſpiros laſtimoſa,
Fórma razões dos ays agonizada;
Que fez para queixarſe em ſeus retiros
Embaixadores d'alma ſeus ſuſpiros.

XXXVII

Oh quanto foy de ti teu Pedro amado,
Fermoſa Ignez, mas ainda mais ſentido,
Pois ſendo grande a gloria de logrado,
Hoje he mayor a màgoa de perdido:
Foy teu prazer á perda appenſionado,
Foy teu pezar na pena deſmedido;
Entaõ foraõ de roſas teus favores,
Agora ſaõ delirios teus amores.

XXXVIII.

Já nos braços da Aurora, que aſſomava,
Renaſcido chorava o novo dia,
Quando Ignez ſaudoſa entaõ negava
A ſeu triſte pezar a companhia:
A' ſolidaõ do campo ſe apartava,
Onde ſó lamentava, e ſó gemía,
Porque mais no rigor de ſeus retiros
Piedade faltaſſe a ſeus ſuſpiros.

Entre

XXXIX.

Entre flores inquire o doce amado,
Preſente em cada flor o conſidera,
E dando hũ breve encanto a ſeu cuidado,
Buſca nas flores, quanto em flor perdera:
Corre de flor em flor, de prado em pra-
Topa ſó màgoas, onde goſto eſpera, (do,
Que foraõ ſeu prazer, e ſeus favores
Perdas choradas, quando apenas flores.

XL.

Procura em cada planta, o que anelava,
Porq̃ no ſeu tormento engano eſcolha:
Mas oh, que ſeu pezar eſcrito achava
Lições para ſentir em cada folha.
Já nas liquidas perlas, que chorava
Penhaſcos, plantas, prado, e flores molha,
E na lembrança já do bem perdido
Lhe interrõpe hũ gemido outro gemido.

XLI.

Qual o menino fica enternecido,
Entre perplexidades paſmadinho,
Quando no verde prado entretenido
Lhe foge o goſto atraz de hũ paſſarinho:
Já ſoluça, já paſma eſmorecido,
Já buſca cada flor, cada raminho,
Já melindroſos ays, mimoſo alento
Apoz o paſſarinho leva o vento.

Tal

XLII.

Tal Ignez na penoſa tyrannia
Entre flores inquire o doce amado,
Mas foy liſonja ſó da fantaſia; (do:
Pois mais ſe nega hũ bem, quando buſca-
Já queixoſa das flores ſe deſvia,
Já nas queixas diverte ſeu cuidado,
E nos alentos d'alma, com que eſpira,
Já ſoluça, já paſma, já ſuſpira.

XLIII.

Na margem de huma fonte ſe acoſtava,
Que já clara correo com ſeus favores,
E ſe delles traveſſa murmurava,
Em lagrimas agora exhala amores:
A's plantas, aos penhaſcos ſe queixava,
Outra vez já ſeu mal contava ás flores,
Onde nos ecos, que reſpira o monte,
Suſpira o valle, porque chora a fonte.

XLIV.

Ay caducas bellezas, lhe dizia,
Ay flores, ſe queixava enternecida,
Que ſendo voſſa vida de hum ſó dia,
Muitas horas contais na voſſa vida!
Mas oh de minha dor mór agonia,
Oh morte em menor vida repetida,
Que como em ſoledades ſó diſcorro,
Naõ conto inſtantes, porq̃ ſempre morro.

Vós,

XLV.

Vós, roſas, q̃ no mimo de huma Aurora
Lograis do voſſo adorno a pompa bella,
Que tal vez por firmar voſſa melhora
Tiveſſeis ao naſcer taõ boa eſtrella:
Mas oh, que pezar, que choro agora,
Neſtes fogoſos ays, que o peito anella,
Eſcolheo minha eſtrella em triſte ſorte
Por pena a vida, por liſonja a morte.

XLVI.

Vós, plantas, que ſentís mudavel erro,
Cifrando em cada folha hũ penſamento,
Se Dezembro lamenta voſſo enterro,
Abril em flor vos dá dobrado alento:
Mas oh, q̃ em meu ſentir, e em meu deſ-
Eterniza hũ rigor meu ſentimẽto, (terro
Pois quer amor na ſorte, q̃ me ordena,
Se alimente huma pena do outra pena.

XLVII.

E tu, bruto penhaſco inhabitado,
Toſco ſepulchro da polida fonte,
Es agora das flores matizado
Idolo de cryſtal, gala do monte:
Mas oh tyrãna dor, que meu cuidado
Hoje lamenta o mal, que chorou honte,
Vendo que teu terror com bruto aviſo
Hontem foy Polifemo, hoje he Narciſo.

Mas

XLVIII.

Mas ó queixas, paray, tornay cuidados,
Paray; façamos tregoas, penſamento;
Que dos males talvez communicados
Póde naſcer dezar ao ſentimento:
Correy da alma pedaços diſtillados,
Dizey, lagrimas minhas, meu tormento:
Minhas! naõ digo bem, que juntamente
Perdi tudo no bem, que choro auſente.

XLIX.

Jermanaivos, correy mais caudaloſas,
Seja voſſo correr mais repetido;
Naõ cuideis, que vos choro cuidadoſas,
Porque deis deſafogo a meu ſentido:
Que como nas memorias rigoroſas
Voſſa cauſa lamento, o que hey perdido,
Se tal vez mitigais hum ſentimento,
De novo accreſcentais outro tormento.

L.

Oh corraõ com valor voſſas violencias,
Por duplicar incendios a meu rogo,
Que naõ fora querer ſentir auſencias,
Se vos chorára ſó por deſafogo:
Que poſto deis alivio ás inclemencias,
Naõ podeis dar alivios ao meu fogo;
Pois como ſou das penas avarenta,
Qualquer alivio voſſo me atormenta.

Correy

LI.

Correy livres, correy, que amor ordena
Sejais a meu rigor ancia penoſa,
Que naõ comprais alivio a huma pena,
Quando chegais a ſer paga forçoſa:
Que pois amor por força me condena
Tributarvos por divida cuſtoſa,
Mal podeis mitigar o mal, que tenho,
Quando ſois do q̃ devo deſempenho.

LII.

Naõ me póde obrigar outro motivo,
Senaõ chorarvos ſó por natureza,
Que quer que ſeja amor por exceſſivo
Tributo natural o que he fineza:
Que como a ſeu querer ſujeita vivo,
Rendida a ſeu rigor, cativa, e preza,
Naõ ſe póde iſentar minha affeiçaõ,
Que meu chorar naõ ſeja obrigaçaõ.

LIII.

Em vos ſentir agora mais penoſas,
Deſſas mudas razões faço argumento,
Que quando chegais a ſer queixoſas,
Naõ limitais a dor ao ſentimento:
E foreis ſó liſonjas enganoſas,
Mas naõ crueis verdugos ao tormento,
Quando na voz queixoſa, que formára,
Laſtimas a meus ays ſolicitára.

Mais

LIV.

Mais duro ſentimento, mais nocivo
No ſer da alma pedaços vos confeſſo,
Pois ſe levais a parte, com que vivo,
A parte me deixais, com que padeço:
Que como neſte mal por exceſſivo
Repartida minha alma reconheço,
Se levais huma parte naõ pequena,
A vida póde ſer, mas nunca a pena.

LV.

Oh! torna atraz, arroyo fugitivo,
Alma da penha, coraçaõ do monte,
Torna atraz, que o meu pranto ſucceſſivo
Te fará rio, quando apenas fonte:
Oh! torna atraz velós, detem-te eſquivo,
Detem-te, eſpera, q̃ meus males conte,
Que vás talvez com prata taõ luſtroſa
Calçar as plantas de huma ingrata roſa.

LVI.

Se te vás deſpenhar ambicioſo
Por aſpirar a creditos de rio,
Leva meu triſte pranto lacrimoſo,
Oceano ſerá teu ſenhorio.
Embarga teu correr taõ cuidadoſo,
Suſpende teu caudal, teu deſvario,
Que lá terás no mar, onde te eſcondas,
Quantas lagrimas levas, tantas oñdas.

Mas

LVII.

Mas oh! paray, razões, tornay gemidos,
A dor interpretay, que o peito ſente,
Que talvez em meus ays por repetidos
Os ecos ouça de quem choro auſente:
Ay doce auſente meu, naõ dos ſentidos,
Ay quem podéra, amor, tervos preſente;
Mas deixay-me fallar, talvez que poſſa
Ouvir na minha voz ecos da voſſa.

LVIII.

Aqui, meu doce amor, meu bem querido,
Se me duplica a dor ao penſamento;
Pois quando em vós me falta meu ſenti-
Naõ me ſabe faltar meu ſentimento: (do,
Em vós lamẽta amor meu bem perdido,
Em mim renova a dor novo tormento;
Mas creyo, doce amor, que ſentir poſſa
Menos a minha dor, que a falta voſſa.

LIX.

Menos dor, menos dano em fim tivera,
Menos cruel ſentira meu cuidado,
Quando neſte rigor, que padecera,
Me podéra eſquecer do q̃ hey logrado:
Mas ay, que neſta dor outra me eſpera,
Hum mal outro me traz appenſionado,
Pois chego a padecer em meu ſentido
O mal, que paſſo, o goſto, q̃ hey perdido.

Bem

LX.

Bem conheço, que poſſa na lembrança
Voſſas prendas lograr, meu doce eſpoſo,
Mas o bem, que ſe perde na eſperança,
Fica quando lembrado, mais penoſo:
Mas neſta triſte dor, dura eſquivança
Se me duplica amor mais rigoroſo;
Pois ſó quer meu ſentido vincularſe
Para mais padecer ao mais lembrarſe.

LXI.

Aſſim chorava Ignez, e aſſim ſentia.
Mas oh tragica dor rara eſtranheza!
Que já topa nas mãos da tyrania
Armas ſempre mortaes contra a belleza:
Nas mãos de dous tyranos já ſe via
Entre crueis eſpadas, (toſca empreza)
Mas que roſa no campo, Aurora, molhas,
A que naõ falte a vida, e ſobrem folhas?

LXII.

Paray, detende a furia procelloſa,
Paray, paray, detende o bruto alento:
Quem contra o freſco mimo de hũa roſa,
A quem ſobeja hũ Sol, e baſta hũ vento?
Mas ay, diſcreta Ignez, garça termoſa,
Remonta agora mais teu ſofrimento;
Que temo, linda Ignez, teus lindos brios
Accreſcentem coraes a tantos rios.

Qual

LXIII.

Qual na tecida ſylva da eſpeſſura
Labyrinto de eſpinhos intricado
Com balidos ſe queixa da ventura
O ſimples cordeirinho apriſionado:
Já ſoluça em melindres com ternura
Das maternas delicias apartado,
E o q̃ mimos achou em cada hervinha,
Topa mortal rigor em cada eſpinha.

LXIV.

Tal laſtimada Ignez troca em gemidos
Quantas vozes no peito articulava,
Em quanto os dous algozes fementidos
As mãos lhe prendem, cõ q̃ amor atava:
Já fugindo os alentos aos ſentidos,
O ſoluçar as vozes lhe embargava;
Mas oh, que amor lhe deu no penſamẽto
Razões ás ancias, voz ao ſentimento.

LXV.

Ay, tyranos crueis! oh ſorte dura!
(Entre ſuſpiros diz agonizada)
Que delicto commete a fermoſura,
Com que poſſa a belleza ſer culpada?
Oh! deixay-me eſta vida em pena eſcura,
Se me quereis a morte dilatada,
Que neſta triſte dor taõ repetida
Menos me mata a morte, do que a vida.

LXVI.

Oh! ſuſpendey ſentença taõ penoſa,
Mitigay por hum pouco a crueldade,
Que naõ podeis dar morte rigoroſa,
Que poſſa matar mais, que a ſaudade:
Mas já que minha dor menos piedoſa
Vos naõ póde cauſar nova piedade,
Naõ me roubeis meus filhos taõ queri-
Unicas prẽdas ſó de meus ſentidos. (dos

LXVII.

Ay, caras prendas minhas taõ queridas,
Reliquias do amor, d'alma pedaços,
Ay, como ſentireis em mim perdidas
As mimoſas delicias de meus braços:
Mas pois naõ póde ſer entre homicidas
Lograr, amores meus, voſſos abraços,
A Deos, ficaivos já goſtos amados,
A Deos alma, a Deos vida, a Deos cuida-

LXVIII. (do-

Mais quizera fallar enternecida:
Mas oh naõ digna acçaõ de hũ peito for-
Hũ tyranno cruel, torpe homicida, (te
Nos fios de hũ punhal lhe tece a morte:
Inclina o lacteo collo amortecida
Avaſſallada já da infauſta ſorte,
Exhala a vida o corpo de alabaſtro,
Fenece amor com D. Iguez de Caſtro.

Qual

LXIX

Qual a branca açucena, que cortada
Sentio do tempo, ou ferro a crueldade
Em seu mesmo candor amortalhada,
Defunta flor em flor, da flor idade:
A quem ficou sómente de engraçada
Os antigos rascunhos da beldade,
Tal fica a bella Ignez amortecida
Com gala; luz, com graça, mas sem vida.

LXX.

Vós agora, troféos da fermosura,
Apparencias vitaes de ramalhete,
Colhey as vellas, porque a pouca altura
Qualquer onda vos molha o galhardete:
Olhay, que a branca rosa, flor mais pura,
Acha berços, e campas no alegrete,
Attentay, leve flor, belleza vã,
Que he mais antiga a tarde, q̃ a manhã.

SENTIMENTOS DE D. PEDRO, E DE D. IGNEZ DE CASTRO.

SEGUNDA PARTE.

I.

JA' da fatal tragedia retiradas
As reſtantes ruinas da fereza,
Ficáraõ ſó no campo idolatradas
Humas breves reliquias da belleza:
Auſente Pedro, ſem que as mal logradas
Lamentaſſe memorias da fineza,
Taõ ditoſo nas màgoas ſó diſcorre,
Que morre ufano ſem ſaber que morre.

II.

Queixoſa em fim fenece a galhardia,
Solicîta queixumes a ternura,
Vendo já no deſdem da tyrânia
Menos cruel a Parca, que a ventura:
Que como qualquer dote ſe avalia
Por ſymptoma mortal da fermoſura,
Aquella meſma dita, que entre ſortes
Cumûla prendas, multiplica mortes.

III.

A ventura se queixa, que a beldade
Fosse causa da perda, porque unida
Naquellas prendas da melhor idade
Fez acabar rigor o que era vida:
Pois a Parca tyranna por vaidade
Solicita bellezas advertida,
Porque dellas talvez se se olvidára,
Morte fora huma prenda, e só matára.

IV.

Só suspiraõ, só choraõ lastimosas,
Que naõ pàra nas queixas a fineza,
Aquellas, que restaraõ só piedosas
Troyas do amor, ruinas da belleza:
Aquellas, digo, prendas lagrimosas,
Dous Infantes gentís, que a natureza
Deixou com vida, porq̃ em seu tributo
Fosse a morte da flor vida do fruto.

V

Qual nos braços da planta mais visinha
Em roupas de rubim, cama olorosa,
Sentindo hũa lanceta em cada espinha,
Sangrada no jardim fenece a rosa:
Consagrando-se flor quem foy Rainha,
Em Tyrios holocaustos sanguinosa,
De cujas cinzas restaõ por grinalda
Reliquias de ouro em cofres de esmeralda.

Que

VI.

Que pezares, que penas, que rigores
Amor formava, e cada qual sentia,
Qual nos gemidos soluçando amores,
Em carinhos as màgoas confundia,
Qual desmayado no tapiz das flores
Se recosta troféo da tyrania,
Notando aquelle peito, cujo enfeite
Lhe troca em pena, quanto foy deleite.

VII.

Quantas vezes fallando enternecidos
Em soluços lhe pàra o doce alento?
Quantas na voz do monte repetidos
Os lagrimosos ays lhe torna o vento?
Quantas a ser naufragios dos sentidos
Em crystaes se diriva o sentimento?
Pois quer a dor, querendo amor agora
Chorem dous sóes a falta de hũa Aurora.

VIII.

Alentado o rigor duplica os tiros,
Sobem globos de fogo, esféras de agoa,
Naõ resiste clavel, que nos retiros
Naõ morra espuma, e naõ feneça fragoa:
Multiplica se o vento nos suspiros,
Fogosos rayos lhe despede a màgoa,
Já naõ sabe nascer, nem brilhar rosa,
Que naõ pasme defunta maripósa.

Naõ

IX.

Naõ tributaõ liſonjas aos ſentidos
Neſtas mudas razões, que amor ordena,
Que ſujeitos amantes deſunidos,
Aquelle, que mais chora, eſſe mais pena:
E ſe lagrimas ſaõ nos mais queridos
Almas do coraçaõ, bem ſe condena
Qualquer a mais ſentir, pois he patente
Que quem mais almas tem, muito mais (ſente.)

X.

A ſolidaõ de Pedro imaginada
Lhe acende as almas, lhe diſtila os peitos,
Que naõ morrera Ignez, ſe retirada
Naõ ſentira diſtantes ſeus effeitos:
Porq̃ como he de amor muito apertada
A gentil uniaõ de dous ſujeitos,
Quando matar hum delles a dor trata,
Sem deſunir os dous hum ſó naõ mata.

XI

Aſſim paſſaõ da màgoa a ſer eſpanto
Os dous ayos do mimo, os dous Cupidos,
Narciſo cada qual do proprio pranto,
Faetontes em fim de ſeus gemidos:
Se foraõ gala da belleza em quanto
Eraõ gentís deſvelos dos ſentidos,
Laſtimas ficaõ já da tenra idade,
Culpas de amor, delictos da beldade.

Quaes

XII.

Quaes ſimples aveſinhas, que roubadas
A's liſonjas de Abril, mimos de Flora,
Dos maternaes alentos apartadas,
Suſpira cada qual, cada qual chora:
As que foraõ do campo idolatradas,
Oraculos do Sol, linguas da Aurora,
De ſi meſmas agora occulta fragoa
Cõcebem pena, quando abortaõ màgoa.

XIII.

Mas já funeſta voz, turbado alento
Por linguas de metal enrouquecido
Formava o ſemideos monſtro violento,
Gigante pela fama conhecido,
Aquelle, cujo alado atrevimento
Se remonta veloz, e taõ ſubido,
Porque nelle talvez o Mundo veja
Voarem penas a pezar da inveja.

XIV.

Lá fez a tuba laſtimoſo effeito
Nos alentos de Pedro, que em ſuſpiros
Os mais dos ecos interpreta o peito,
Dobrando màgoas, renovando tiros:
Quando apenas em fim na dor desfeito
O coraçaõ lhe paſma, que em retiros
Suffocado talvez da intenſa calma
Se iſentou de viver por conta da alma.

No

XV.

No combate fatal deſte deſmayo,
Laſtimoſos parentheſis da vida
Tributa da vidas ao mortal enſayo
As ſentinellas da alma já vencida:
Naõ morre Pedro, naõ, q̃ aquelle rayo
Foy lançada de amor, que repetida
Se pertende matar, a quem ſuſpira,
Menos o mata, ſe lhe a vida tira.

XVI.

Aſſim vivendo morre, quando amante,
Aſſim morrendo vive, quando auſente;
Que ſe morre, pois pena por diſtante,
Vive tambem, pois vive, porque ſente:
Mas em fim naõ paſſára tanto avante
Nas finezas amor, que fora urgente
Acabarſe na vida, ſe a roubàra
E taõ fino naõ ſer, ſe naõ matàra.

XVII.

Mas quem diria agora o que ſentiſte
Neſta, Pedro, de amor menor ventura,
Dos carinhos auſente, que já viſte
Brotar melindres, produzir brandura?
Oh que dirias, Pedro, quando abriſte
Aquelles dous conceitos da ternura?
Os olhos digo; mas em fim me ordena
Parte das queixas interpréte a pena.

Já

XVIII.

Já no pardo capuz, roupas ſaudoſas,
Emmudecida a terra ſe encobria,
E nos hombros das nuvens tenebroſas
Ataudes de ſombra o tempo erguia,
Conſagrando com tochas luminoſas
Mudas exequias ao defunto dia,
Dando claros ſinaes o Joven louro
Em torres de çafir nos ſignos de ouro.

XIX.

Quando a favor da vida o ſentimento
Novos em Pedro reproduz gemidos,
Sendo ſumilher da alma o novo alento,
Que lhe corre as cortinas aos ſentidos:
Mas a liquida dor, claro tormento
Se acredita nos olhos advertidos,
Que quem nas penas ſolitario mora,
Só lhe reſiſte vivo, em quanto chora.

XX.

Soliçîta retiros, em que unidas
Se acreditem de finas as ſaudades,
Que ſaõ mais primoroſas, ſe ſentidas
Naõ permitem motivos a piedades:
Tributaraõ labeos de mal naſcidas,
A naõ paſſarem moſtra de vaidades,
Quando naõ foraõ mais que eternizadas
Solitarias, occultas, retiradas.

XXI.

E já nas solidões entretenido
Interpreta lisonjas aos cuidados,
Pois vay dando nas flores advertido
Mortas prendas, alinhos mal logrados:
Mas apenas se lembra enternecido
Daquelles sóes agora imaginados,
Quando já vacillante, e só discorre,
Aqui pasma, alli geme, acolá morre.

XXII.

Qual Gyrasol gigante, que atrevido
A beber luzes amoroso aspira,
Se bem que entre zeloso, e presumido
Desdenha ufano, e temeroso gyra:
Mas vendo apenas, que o galan querido
Em disfarces de nacar se retira,
Porque se vê das glorias todo ausente,
Languido pasma, cuidadoso sente.

XXIII.

Em fim rompe nas queixas amorosas
Agora Pedro, quando as vê sentidas;
Que naõ pódem livrarse de penosas
Quando sabem fugir a ser ouvidas:
E só discretas saõ, se rigorosas
As que menos se presaõ de entendidas,
Que já por isso Pedro, se as pertende,
He só porque a si mesmo naõ se entende.

Ay

XXIV.

Ay gloria minha, diz, gloria ſonhada!
Minha te chamo, quando aſſim perdida,
Que ſe naõ tens as véras de lograda,
O deſar naõ padeces de eſquecida:
Como gloria maltratas, ſe lembrada,
Como moleſtas glorias poſſuida;
Na poſſe logras ancias de fallivel,
Na memoria rigores de impoſſivel.

XXV.

Como ſoube deixarme aſſim fruſtrado
Eſte rigor, que gloria ſe habilita,
Quando me fez mayor q̃ o meſmo fado,
Mayor q̃ amor, mayor q̃ a meſma dita:
Quem me diſſera entaõ que eſte cuidado
Foſſe roſa, que apenas ſe acredita,
Quando ſe vê nas mãos da natureza
Troféo da dor, ſangria da belleza.

XXVI.

Ay triſte ſolidaõ! ay pena ingrata!
Quanto menos cruel foras agora,
Se permittindo a màgoa, que maltrata,
Naõ roubáras a gloria, que ſe adora:
Mas eſta dor naõ fora, que aſſim mata,
Rigoroſo pezar, ſe aſſim naõ fora;
Pois naõ ſe mede o mal de quem ſuſpira
Pelo que tem, ſe naõ pelo que tira.

Mas

XXVII.

Mas ainda mais avante acompanhada
Deſta dor outra pena já me alcança,
Pois na màgoa da perda lamentada
Os alivios me rouba da eſperança:
Mas como ſe naõ fora eternizada,
Maltratára das glorias a mudança:
Que o pezar ſem remedio padecido
Mata, porque ha de ſer, naõ porq̃ ha ſido.

XXVIII.

Nem pódem mitigar eſta ſaudade
Aſſiſtencias de amor, porque reſiſte
Outra nova razaõ da ſoledade,
Que na diſtancia deſſe amor conſiſte:
Que como aquelle objecto da vontade
Hoje feito impoſſivel naõ me aſſiſte,
Sendo vinculo amor entre ſujeitos,
Naõ tendo extremos, naõ produz effeitos

XXIX.

Só deixára de ſer eternizada
Eſta dor, mas ſe fora divertida,
Se a memoria da prenda imaginada
Naõ paſſára a ſer pena padecida:
Só razaõ de prazer, quando lembrada
Eſſa gloria tivera, que he perdida,
Se ſendo aſſim paſſada na lembrança,
Soubera ſer futura na eſperança.

Nem

XXX.

Nem queixumes de lagrimas ſentidas
Alivio pódem ſer neſta ſaudade,
Que ſendo partes d'alma deſunidas,
Saõ cauſas naturaes da ſoledade:
Porque quando nos olhos advertidas
Procuraõ fugitiva liberdade,
Aquella meſma vida, que me alenta,
Tambem nellas partida ſe me auſenta.

XXXI.

Oh quem me déra já ſer aſſiſtido
Dos penhaſcos talvez, que o monte cria!
Mas quem naõ tem razões para ſentido,
Naõ póde ſer nas màgoas companhia:
E hum rigor por auſencias padecido
Com nenhuma preſença ſe alivia,
Que quem nas ancias, q̃ padece hũ triſte,
Juntamente naõ pena, naõ lhe aſſiſte.

XXXII.

E menos me permitte eſta eſquivança
Ser de vós aſſiſtido, lindas flores,
Pois por gentís emblemas da mudança
Jerolyficos ſois de meus favores:
E ſe produzis glorias na lembrança,
Mal podeis aſſiſtir a meus rigores,
Que naõ faz aſſiſtencias nos retiros
Quem motiva principios aos ſuſpiros.

Nem

XXXIII.

Nem já, féras, talvez voſſa bruteza
Reſta para topar branda piedade:
Mas como pòde ſer, ſe a natureza
As noticias vos nega da ſaudade?
E no fatal rigor de huma triſteza
Nos effeitos mortaes da ſoledade
Naõ póde ſer a dor compadecida,
Sem que ſeja na cauſa conhecida.

XXXIV.

Nem ſereis, aveſinhas, no ſaudoſo
Companheiras gentís a meus retiros,
Que differentes ſujeitos no penoſo
Tem diverſas as màgoas nos ſuſpiros:
E bem ſe crê, que o mal todo invejoſo
Mais a mim do q̃ a vós fulmina os tiros,
Pois hum rigor fatal, hum dano eſquivo
Mais mata o racional, que o ſenſitivo.

XXXV.

E menos podeis ſer a meus ſentidos
Deleitoſo carinho na ſaudade,
Liſongeiros arroyos, que atrevidos
Solicitais dos olhos a vaidade: (dos
Mas como ſe a meus ays, e a meus gemi-
Multiplicais melhor a ſoledade,
Pois em vós retratado deſcontente
De mim meſmo me vejo eſtar auſente.

Mas

XXXVI.

Mas inda assim paray, porque melhora
Nestas lagrimas minhas vosso augmẽto,
Se professais correntes, como agora
Sabeis livres fugir ao sentimento:
Paray, naõ murmureis, que nisso fora
Muito mais conhecido vosso alento;
Olhay, que se condena, ou se aventura
A naõ fazer remansos, quem murmura.

XXXVII.

E vós paray nas queixas amorosas,
Galantes cortezans da soledade,
Que naõ cantais por pontos de saudosas,
Quando dais tantas falsas á saudade:
Paray, digo, a meus ays, paray piedosas,
Paray nos quebros, tende a liberdade,
Aprendereis a ser nestes retiros
Hũ Fenix cada qual de meus suspiros.

XXXVIII.

Paray, gentís emblemas da vaidade,
Flores digo, paray, paray saudosas,
Naõ bebais presunções, q̃ a pouca idade
Sereis de meus incendios maripofas:
Aprendey dos alinhos da beldade,
De vossa vida digo, a ser piedosas,
Que sempre foy nas regras da ternura
Mais capaz de lições a fermosura.

Pa-

XXXIX.

Paray, feras, tambem neſſes ruidos,
Guardas do monte, archeiros da fereza,
Fazey caſo das penas, que os bramidos
Argumentos parecem da bruteza:
Iſto baſta, paray, que os entendidos
Pódem talvez notar voſſa eſtranheza:
Minhas queixas ouvi, que alivio fora
Quem naõ póde fallar, me ouviſſe agora.

XL.

Paray, toſcos penhaſcos, que o Ceo cria
Para pardos Atlantes dos retiros,
Se vos vence huma liquida porfia,
Como já reſiſtís a meus ſuſpiros?
Mas oh! que digo? Pare a cobardia,
Exhale o peito, multiplique os tiros:
Duplique a dor, e dobre o ſentimento
Agua nos olhos, nos ſuſpiros vento.

XLI.

Ferido o coraçaõ tribute em fogo
Undoſa prata, derretido alento,
Se liquida ſangria ao deſafogo,
Liſongeira lanceta ao ſentimento:
Succeſſivo queixume, ardente rogo
Se verta em neve, ſe diſtille em vento:
Naõ fique planta, q̃ a pezar do eſpanto
Naõ morra em fogo, naõ ſe affogue em pranto.

XLII.

Sejaõ linguas dos olhos mudas aguas,
Interpretes da dor triſtes retiros,
Eloquencias do peito vivas fragoas,
Razões do coraçaõ ternos ſuſpiros:
Rhetoricas da pena ardentes mágoas,
Elegancias de amor dobrados tiros,
Emmudeça a razaõ, que ſó parece
Sabe tambem ſentir, quando emmudece.

XLIII.

Diſtille o coraçaõ, duplique o vento
Etnas ao pezar aguas ao rogo,
Morra por gloria de ſeu meſmo alento
Troya nas ondas, e Narciſo em fogo:
Incendios ſolicite ao ſentimento,
Diluvios multiplique ao deſafogo,
Sendo de ſeu rigor o meſmo enſayo
Na cauſa nuvem, nos effeitos rayo.

XLIV.

Naõ creſça lirio, que naõ ſinta os tiros,
Clavel naõ gyre, q̃ naõ paſme em fragoas
O que Fenix naõ for entre os ſuſpiros,
Morra já Faetonte ſobre as aguas:
Sejaõ vozes nas mágoas os retiros,
Que melhor no retiro ſe ouvem mágoas,
Se ſe póde na dor, que amor ordena,
Ouvir a mágoa, ſem ſentir a pena.

Naõ

XLV.

Naõ reſte planta, que ſe atreva a tanto,
Que naõ murche dos ays enternecidos,
Roſa naõ fique, que a pezar do eſpanto
Se naõ ſeque, ludibrio dos gemidos:
Em fim duplique a dor, produza o pranto
Laſtimoſos naufragios aos ſentidos:
Seja neſte pezar neſta eſquivança
Carybdis da alma, e Cabo da eſperança.

XLVI.

Mas ay! q̃ as plantas no deſdem da idade,
Mas ay! q̃ as flores no rigor de hũ vento,
A naõ ſerem jaſmins na brevidade,
Naõ ſeriaõ perpetuas no tormento:
Só tu, terrivel ancia da ſaudade,
Eternizas agora o ſentimento,
Porque quando matarme amor ordena,
Me deixas vida, com que o corpo pena.

XLVII.

Quem ſoubera cuidar, que a mais crecida
Tyrannia cruel da dor mais forte
Foſſe, quando nas perdas de huma vida
Impoſſiveis ſentiſſe de huma morte:
Mas he rigor da mágoa repetida
Por induſtria fatal da iniqua ſorte:
Porque quando talvez matarme trate,
Por me topar ſem vida, me naõ mate.

XLVIII.

E ſe fora da vida roubadora
Eſta ſorte fatal, tormento eſquivo,
Tivera ſó por pena matadora
Qualidades de grande no intenſivo:
Mas naõ; q̃ como o amor pertende agora
Cumular intenſoens ao ſenſitivo,
Naõ quer q̃ a dor me mate, pois durára
Muito menos a pena ſe matára.

XLIX.

Agora alcançarás, prenda querida,
Os rigores de amor na minha ſorte,
Pois agora me quer roubar a vida
Só por ma naõ tirar primeiro a morte:
Mas ay! que a pena ſe duplica unida,
Mas ay! que a mágoa ſe eterniza forte;
Pois que vejo na dor do mal eſquivo,
Que naõ poſſo morrer, porque naõ vivo.

L

Mas agora na pena, a que me entrega,
Vejo que quer a dor, e a mais aſpira,
Que padeça na morte, que o mal nega,
E que pene na vida, que amor tira:
Aqui verás, Ignez, a quanto chega
Eſta pena de amor, que amor conſpira;
Pois agora naõ ſey no que diſcorro,
Se vivo auſente, nem ſe auſente morro.

Mas

LI.

Mas em fim, que me queixo dos rigores,
Com que talvez amor me tyranniza?
Quando mais martyrizaõ ſeus favores
Onde qualquer lembrança os eterniza:
Pois quando apenas ſe alentáraõ flores,
Paſſáraõ quaſi flor, que ſe agoniza,
Por iſſo minha queixa mais ſe ordena
A ſentir meu deſdem, q̃ a minha pena.

LII.

Oh duro amor! oh fragoa dos gemidos!
Prizaõ da vida, Argel da liberdade!
Martyrio d'alma guerra dos ſentidos,
Encanto doce da melhor vontade:
Teus favores ſó foraõ conhecidos
Por gentís prendas da mais tenra idade,
A naõ ſerem primeiro teus favores
Secos eſpinhos, que animadas flores.

LIII.

Que cuidados naõ cauſas, Joven cego?
Que rigores naõ dás ao penſamento?
Que delicias naõ roubas ao ſocego?
Que liſonjas naõ finges ao tormento?
A que peito naõ dás cuſtoſo emprego?
A que vida naõ tiras doce alento?
De que genios naõ reynas? de q̃ idades,
De que prendas gentís, de que beldades?

Quem

LIV.

Quem me diſſera, quando Ignez lograva
Nos carinhos gentís de teus favores,
Quando nelles amor idolatrava
Para poder talvez morrer de amores?
Quem me diſſera, digo, que aſpirava
Hum caduco prazer a taes rigores?
Quem me diſſera entaõ, que da ventura
Era mortal delicto a fermoſura?

LV.

Quem diſſera, que os laſſos alvedrios,
Gentís madeixas, onde a natureza
Repartio liberal por tantos fios
Os melhores extremos da belleza:
Eſſes agora, que acabáraõ brios,
Se arraſtaſſem bandeiras da triſteza?
Mas que muito, ſe nunca em ſeus enſayos
Algum por louro ſe iſentou de rayos!

LVI.

Oh bem, que pouco duras poſſuido!
Só logras algum ſer, quando eſperado,
Nos moleſtos receyos de perdido
Tyrannizas o goſto de alcançado:
Oh ſonhada liſonja do ſentido,
Oh mais terrivel ancia do cuidado!
Flor, que apenas ſe vê, quando ſe chora
Enteada do Sol, filha da Aurora.

Aquel-

LVII.

Aquelles olhos, donde o Sol furtava
Os melhores theſouros da vaidade,
E em luzidas capellas conſagrava
Dous altares amor a huma beldade:
Aquelles, cuja luz interpretava
Os occultos archivos da vontade,
Eſtes meſmos erarios da belleza
Deixa a perder de viſta huma fereza.

LVIII.

Oh debil gloria, liſongeiro enſayo,
Abel da vida, lingua do eſcarmento,
Desfeita ſombra do mais breve rayo,
Quebrado vidro do mais tibio vento:
Jaſmim, q̃ paſmas de qualquer deſmayo;
Clavel, q̃ morres de teu meſmo alento;
Oh gloria humana, em fim gloria ſonha-
Vidro, ſõbra, jaſmim, clavel, ou nada! (da

LIX.

Aquella boca, donde a mais luſtroſa
Se derivava purpura encendida,
Em quem ſe vio naſcendo a bella roſa
Com menos folhas, quando mais partida:
Agora ſó ſe occulta laſtimoſa
Em deſmayos de neve amortecida;
Mas que prenda naõ tem, que formoſura
Muito menor a vida, que a ventura?

Lá

LX.

Lá pretende o clavel naſcer luzido,
Mas em caſa gentil botaõ fechado,
Porque aquella manhã, q̃ o vio naſcido,
O choraſſe primeiro amortalhado:
Quem purpureo clavel taõ preſumido?
Mas quem gentil clavel taõ laſtimado?
Que lhe chegue a tecer a natureza
A mortalha primeiro, que a belleza.

LXI.

Aquelle brando aceyo da ternura,
Aquelle doce Argel da liberdade,
Aquelle emblema ſó da formoſura,
Aquelle bello encanto da vontade:
Aquelle gentil paſmo da ventura,
Aquelle rico erario da vaidade,
Nos alinhos ſe vê já confundida,
Troféo da morte, laſtima da vida.

LXII.

Que pouca duraçaõ, que mal ſegura
Tem nas prendas da vida huma belleza;
Só vive, em quanto naſce a formoſura,
E eſpira em quanto vive a gentileza:
Em fim mais morre, quanto em fim mais dura,
Mortalidades traz por natureza,
Quanto mais alentada, e mais luzida,
Mais accidental logra, e menos vida.

Mas

LXIII.

Mas, se saõ melindrosa enfermidade
Prendas de amor, e dotes de huma vida,
Que muito, bella Ignez, que essa beldade
Fosse de teus alentos homicida?
Comtigo a morte foy no Abril da idade
Menos ambiciosa, que atrevida,
Sem reparar, Ignez, que seus rigores
Perdessem frutos por cortarem flores.

LXIV

Mas vivirás, Ignez, que amor ordena,
Nestas memorias, donde a tyrannia
Por naõ lograrse mal a minha pena,
Debuxára melhor tua galhardia:
Aqui verás, Ignez, se me condena
Amor, que por tyranno se avalia,
A fazer impossiveis pois discorro
Viver lembrado, quando ausente morro.

LXV.

Morra no ramalhete flor cobarde
A que rosa nasceo mais alentada,
Vomitando rubins pague na tarde,
Quantas perlas bebeo na madrugada:
Seja bruto fiscal de tanto alarde
O mesmo dia, que chorou cortada,
Que nenhuma manhã, nem tarde temo
As contas tomar possa a tanto extremo.

Aqui

LXVI.

Aqui paſſo talvez a mais quererte
Onde chego mais fino a mais lẽbrarme,
Porque foraõ diſtancias de naõ verte
Incentivos quiçá para olvidarme:
Mas nem topo motivos de perderte
Neſſes teus infalliveis de deixarme,
Que ſendo vida minha, ſó podéra
Por perdida julgarte, ſe eu morrera.

LXVII.

Aſſim ſe queixa Pedro, quando auſente
Daquellas prendas nunca mais queridas,
Pois amor, que lembradas as conſente,
As pintou bellas, quando as vio perdidas:
Quando nas penas, que dobradas ſente,
Quando nas queixas, que repete unidas,
Já deſmayando paſma, porque ordena
A meſma queixa, que ſe calle a pena.

LXVIII.

Qual o lirio gentil nas mãos da tarde,
Quando fragoas ſe alẽta, incendios gyra,
Funeſta tumba de ſeu meſmo alarde,
Bebendo rayos, abrazado eſpira:
O que roxo matiz nas penas arde,
Parda nuvem murchando ſe retira,
Em quanto a Aurora tarda, q̃ de hũ rayo
Lhe corte galas para novo enſayo.

Aſſim

LXIX.

Assim Pedro se pasma, e naõ consente
Os sentidos queixumes, que derrama,
Que se vive queixoso quem mais sente,
Poem limite nas queixas quem mais ama:
Mas aqui lhe concede amor presente
Aquellas prendas, com q̃ mais o inflãma,
Que saõ talvez motivos do socego
As memorias gentís do doce emprego.

LXX.

Agora, humanas prendas, se entendidas
O desdem desprezais da infausta sorte,
Que naõ duraõ pouco vossas vidas,
Que naõ saibaõ passar além da morte:
Attentay, se notardes advertidas,
Que naquelle de amor rigor mais forte
Aconteceo da mísera, e mesquinha,
Que depois de ser morta foy Rainha.

AO MESMO ASSUMPTO,

GLOSSA DA OITAVA

DE CAMOENS

PELO DOUTOR

ANTONIO BARBOZA BACELAR,

Oitava.

ESTavas linda Ignez, posta em socego,
De teus annos colhendo o doce fruto
Naquelle engano da alma ledo, e cego,
Que a fortuna naõ deixa durar muito:
Nos saudosos campos do Mondego
De teus formosos olhos nunca enxuto,
Aos montes ensinando, e ás hervinhas
O nome, que no peito escrito tinhas.

GLOSSA. I.

QUerida prima minha, alma ditosa,
Que do corpo as prizões desampa-(raste,
E qual cãdida flor, ou fresca rosa
De teus annos a flor em flor murchaste:
Hoje, que habitas patria luminosa,
Naõ te esqueças de mim, q̃ tanto amaste;
Quãdo dando a meus olhos doce empre-(go,
Estavas, linda Ignez, posta ẽ socego.

De

II.

De teu formoſo roſto o bem perdido
A's roſas, e aos jaſmins eraõ enſayos,
Pois com belleza igual, igual partido
Brotava o roſto Abril, os olhos Mayos:
Os olhos, que eraõ ninho de Cupido,
Os olhos digo, que frechavaõ rayos;
Delles recebe a morte hoje tributo,
De teus annos colhendo o doce fruto.

III.

Já em reynos de luz, paſſos de gloria
Pizas com pés de prata eſtrellas de ouro,
E retumbando o Ceo, Ignez, vitoria,
Eſconde avara a terra o mór theſouro:
Emprego he já da morte, ou vil memoria
A mão de prata, e o cabello de ouro;
Da morte he já, ſe foy da vida emprego
Naquelle engano da alma ledo, e cego.

IV.

Mas por mais q̃ o rigor da eſquiva terra
Nas entranhas me eſcõda o goſto amado,
Com tudo a perfeiçaõ, que bella encerra,
Eſtará no meu peito debuxado:
No prazer, no pezar, na paz, na guerra
De teu formoſo geſto o fiel traslado
Durará em meu peito nunca enxuto,
Que a fortuna naõ deixa durar muito.

Meu

V.

Meu canto a ti será, e a mim meu pranto
Em victimas de lagrimas sagrado,
Canto o pranto será, e o pranto canto
Por mãos de meu tormento dispensado:
Teu nome ensinarey, se posso tanto,
A's conchinhas do Tejo celebrado,
Repetindo saudoso, e sem socego
Nos saudosos campos do Mondego.

VI.

Algoz será da vida meu tormento,
E ministro da morte meu cuidado,
Só penas me daraõ contentamento,
Só gostos me daraõ pezar dobrado:
Affogado em suspiros cento a cento,
De mil a mil em lagrimas banhado,
Pagarey com meus olhos o tributo
De teus formosos olhos nunca enxuto.

VII.

Alli a terra, o bosque, e o penedo
Ouvidos prestaráõ a meu descante,
Indicios do pezar dará o rochedo
Nas firmezas, e lagrimas constante:
Esculpirey teu nome no arvoredo,
Sempre choroso, quando mais amante,
Todas as perfeições, que illustres tinhas,
Aos montes ensinando, e ás hervinhas.

Pois

VIII.

Pois hoje habitas patria luminosa
Em tribunaes de luz resplandecente,
Entre as rosas do Ceo mais bella rosa,
Entre os Astros estrella mais luzente:
Se naõ te esqueceo ainda generosa,
Conserva na memoria eternamente
O nome, a quem de puro amor mãtinhas,
O nome, que no peito escrito tinhas.

SONETO.

De Francisco Rodrigues Lobo com a Glossa do Doutor Antonio Barboza Bacelar.

FErmoso Tejo meu, quaõ differente
Te vejo, e vi, me vês agora, e viste,
Turvo te vejo a ti, tu a mim triste,
Claro te vi eu já, tu a mim contente.
A ti foy-te trocando a grossa enchente,
A quem teu largo campo naõ resiste,
A mim trocoume a vista, em q̃ cõsiste
O meu viver cõtente, ou descontente.
Já que fomos no mal participantes,
Sejamolo no bem: oh quem me déra
Que fossemos em tudo semelhantes!
Mas lá virá a fresca Primavera,
Tu tornarás a ser quem eras de antes,
Eu naõ sey se serey quem de antes era.

GLOSSA

GLOSSA. I.

EM fim mereci verte, ó Tejo amado,
Em fim pude lograr o meu deſejo,
E por prova fiel do meu cuidado
Em meus olhos moſtrarte hũ novo Tejo:
Que differente córres, que mudado,
Naõ ſey já como creyo, que te vejo,
Quaõ turbadas as aguas, e a corrente,
Fermoſo Tejo meu, quaõ differente.

II.

Quando entre glorias me adulava a ſorte
Era terſo cryſtal teu movimento;
Hoje, que triſte naõ receyo a morte,
Medonho em ondas te recea o vento:
Oh da minha fortuna fiel conſorte,
Companheiro leal de meu tormento,
Pois alegre huma vez, outra vez triſte
Te vejo, e vi, me vês agora, e viſte!

III.

Ay caduco prazer, doce mentira,
Ay tyranna penſaõ da mór ventura!
Jaſmim, que apenas abre, quando eſpira,
Roſa, que em quanto naſce, apenas dura!
Voltou-ſe a ſorte, que a meu dano aſpira,
Variouſe o tempo, q̃ em teu mal ſe apura
E em vez daquella gloria, em q̃ me viſte,
Turvo te vejo a ti, tu amim triſte.

Naq̃

IV.

Naõ chore a pena, quem naõ teve a gloria
Que ſó quem vio o bem, ſente o tormẽto,
Quem ſe vio nos applauſos da vitoria,
Só ſabe, quanto cuſta hum rendimento:
O mal, q̃ he bem paſſado na memoria,
Só parece, que apura o ſofrimento; (te,
E aſſim, porq̃ a dor noſſa mais ſe augmẽ-
Claro te vi eu já, tu a mim contente.

V.

Em quanto puro, ſuave, e prateado,
Eras luzido eſpelho das eſtrellas,
Entaõ em hũ mar de glorias remontado
Gozava a Liſis doce inveja dellas:
Variou-ſe o tempo, variaſte o eſtado,
Canſou-ſe Liſis, e canſaraõ-ſe ellas; (te,
A mim trocoume o mal de hũ peito auſẽ-
A ti foite trocando a groſſa enchente.

VI.

Tanto comigo podem meus pezares,
Que eſſe campo, que inundas caudaloſo,
Igualmente a meus olhos, q̃ a teus mares
Deve o rio adoptivo o curſo undoſo;
Se neſta toſca gruta repouſares,
Verás como ſe abranda ao ſom queixoſo,
Que ſó Liſis reſiſte ao peito triſte,
A quem teu largo campo naõ reſiſte.

VII.

Naõ ha pena, q̃ doa, ou mal, que eſpante,
Se preſente ao q̃ ama, hum peito chora,
Que ſó cõſiſte o bem de hũ peito amante
Na viſta do que eſtima, e do que adora:
Julga pois ſe he meu mal mais penetran-
Pois fugindo cruel Liſis traidora, (te,
Por negar eſte bem ao peito triſte,
A mim trocou-me a viſta, em que cõſiſte.

VIII.

Mas, ſe do mal, que paſſo, he procedido
O bem de conhecer, amado Tejo, (hido,
Que inda ha quẽ naõ ſe eſqueça de hũ ca-
Ufano já meu proprio mal invejo:
Oh verdadeiro amigo, e naõ fingido!
Pois ou te vejo alegre, ou triſte vejo,
Parece, que varîa a tua corrente
O meu viver contente, ou deſcontente.

IX.

Ambos igual fortuna padecemos,
Mas tu já tens o alivio de queixarte,
Ay de quem paſſa taõ crueis extremos,
Que do tormento a voz naõ ſabe parte!
Ambos pois noſſas queixas alternemos,
Pois comigo teu mal ſoube igualarte,
E ſejamos no alivio ſemelhantes,
Já que fomos no mal participantes.

Naõ

X.

Naõ seja muda a voz em tanta guerra,
Nem ande ociosa a lingua ẽ tal torméto,
Ouça o mar, saiba o Ceo, e veja a terra,
Que se dou agua ao mar, dou vẽto ao vẽto
E se ainda em tanta pena hũ bẽ se encerra
Que he poder declarar o sentimento,
Já que somos iguaes na pena fera,
Sejamos no bem; oh quem me déra!

XI.

Ay quem me dera, que podera o pranto,
Desabafar o peito em tanta pena,
Mas a causa da pena póde tanto,
Que a perpetuo silencio me condena:
Seja por ambos o teu triste canto,
Já que a gloria da causa, que me ordena,
Naõ quizeraõ os fados inconstantes
Que fossemos em tudo semelhantes.

XII.

Mas oh naõ chores, naõ, teu mal presẽte,
Pois te aguarda a ventura de outro fado,
Que ocioso sente, quem seus males sẽte,
Quãdo espera a seus males outro estado:
Hoje escurece o campo tua corrente,
Mas lá virá Abril mais socegado,
Hoje as estrellas o teu curso altéra,
Mas lá virá a fresca Primavera.

XIII.

Teraõ no campo as flores varias cores,
E adornando-ſe o Ceo de luzes bellas,
Competiráõ com luzes, e verdores
Eſtas cheiroſas, lucidas aquellas:
Entaõ mimo de eſtrellas, e de flores
Serás eſpelho ás flores, e ás eſtrellas,
Entheſourando perolas brilhantes,
Tu tornarás a ſer quem eras de antes.

XIV.

Mas eu, q̃ morro ás mãos de hũ falſo trato
Como poſſo dar tregoa ao ſofrimento?
Pois me dá a fortuna de barato, (to;
Por curar de hũ tormento, outro tormẽ-
Mas pois q̃ o tempo a hũ peito ingrato
Naõ quiz eſperar alivio ao ſentimento,
E entre as mudanças de hũa ingrata fera,
Eu naõ ſey ſe ſerey, quem de antes era.

AO MESMO SONETO

OUTRA GLOSSA

Do meſmo Author.

I.

ESpelho de cryſtal das Ninfas eras;
Quando eu Cupido fuy deſtas Serra-
Luzes a mayor luz preſtar poderas, (nas,
Como eu favores dar ás mais ufanas:
Mas ſe do tempo a ſorte conſideras,
Qualquer de nós verás, ſe naõ te enganas,
Eſtar daquillo, que era antigamente,
Fermoſo Tejo meu, quaõ differente!

II.

Já vi teu reſplandor em meu cajado
Argentar campos, e enlaçar penhores,
Como as arêas, que douraſte ao prado,
Como as do prado, que brotavaõ flores:
Agora feyo tu, e eu deſprezado,
Se exemplos de favor ſaõ diſfavores,
Sentir o mal do bem, que naõ ſentiſte,
Te vejo, e vi, me vês agora, e viſte.

III.

Em quanto com brandura, e cõ piedade
Regaſte os campos, q̃ eu amey prudente
Tivemos ſempre igual proſperidade,
Tu com ſer claro, eu com ſer contente:
Mas depois que o poder te deu vaidade,
E o favor me fez impertinente,
Com q̃ eu fuy claro, e tu da mãy ſahiſte,
Turvo te vejo a ti, tu a mim triſte.

IV

Hum refrigerio ſó, huma eſperança
Podemos ter nos lances da ventura, (ça,
Que inda q̃ mude o mal, (naõ por bonan-
Mas por nos dar ſegunda deſventura)
Impoſſivel naõ faça eſta mudança
Verme eu ſem goſto, tu ſem formoſura,
Pois neſte meſmo campo alegremente
Claro te vi eu já, tu a mim contente.

V.

De rio a fonte eſtavas reduzido,
Olha o rigor do tempo; e eu mudado
Das ufanias de favorecido,
Com ſer teu ſemelhante conſolado:
De fonte em mar te vejo convertido,
Tu nunca a mim me viſte melhorado,
Nada a mim me troucou de deſcontente
A ti foy-te trocando a groſſa enchente.

Das

VI.

Das nuvens de meus olhos fomentado
Entras no mar com tanto poderio,
Que tornas doce a quem te faz ſalgado,
E a quem te pintou mar, debuxas rio:
Repara em mim, naõ corras taõ inchado,
Olha que em vindo a ſequidaõ do Eſtio
Eſſa furia te quebra hum ſeixo triſte,
A quem teu largo campo naõ reſiſte.

VII.

Pouco tens que ſentir, ſe alternamente
Teu mal, e bem num anno o conſidero,
Mas eu paſſey de alegre a deſcontente,
E neſte meſmo eſtado perſevero:
Melhor eſtás, pois que huma ſó enchẽte
He igual ao que ſofro, e ao que quero,
Se por mais me naõ vês, qual tu me viſte,
A mim trocoume a viſta, em que conſiſte.

VIII

De modo ſe accreſcentaõ laſtimoſos
A' viſta de teus goſtos meus pezares,
Que turvaõ eſtes olhos de invejoſos
Os cryſtaes de teus rios com ſeus mares:
Sejamos ambos triſtes, ou ditoſos,
Porq̃ eu naõ chore quando tu cantares,
E naõ te impedirá correr florente
O meu viver contente, ou deſcontente.

Mas

IX.

Mas naõ repares, naõ, corre avarento,
Que confiado eſtou que inda algum dia,
Como naſceo teu bem do teu tormento,
Naſcerá de meu mal minha alegria:
Turvo eſtiveſte já, eu deſcontento,
Quando choravas tu, eu naõ me ria:
Hemos de ſer nos bens communicantes,
Já que fomos no mal participantes.

X.

Em quanto fomos triſtes, conſervaſte
Comigo ſempre eſtreita ſociedade,
Tanto que foſte alegre me deixaſte,
Pode mais o intereſſe, que a amizade,
Se agora me mudar, qual te mudaſte,
Já que naõ fomos na infelicidade
Companheiros no mal, como devera,
Sejamolo no bem: oh quem me déra.

XI.

Sejamolo no bem, ſem te offenderes
De ſer meu companheiro em tal deſtino,
Porque eu poſſo ſubir, e tu deſceres,
A ſer ditoſo eu, tu a moſino:
Reparte com meu mal de teus prazeres,
Para depois pagarte, que imagino
Tem decretado os fados inconſtantes,
Que foſſemos em tudo ſemelhantes.

Mas

XII.

Mas ay de mim, q̃ neſciamente iguallo
O bem dos dous num meſmo parallelo,
Se para naõ viver baſta eſperallo,
Melhorando-te tu ſempre em perdello:
Deſeſperado eſtou de reſtaurallo,
Tu naõ o perderás, pois para tello,
Cá nunca mais tornou aquella fera,
Mas lá virá a freſca Primavera.

XIII.

Virá a Primavera, e matizando
De boninas o campo em varios cofres,
Infante de jaſmim, ſolemnizando
Com linguas de cryſtal livres aljofres,
Entre eſtrellas de flores coroando (fres
Das Ninfas, q̃ em cothurnos de ouro ſo-
Eſperdiçando perolas, e diamantes,
Tu tornarás a ſer quem eras de antes.

XIV

Eu eſtou de ſer feliz taõ duvidoſo,
Que inda em tanta abũdancia de alegria,
Que tudo faz alegre, e faz ditoſo,
Eu ſé hey de ficar, como ſohia,
Neſta mudança deſte Abril formoſo,
Segundo minha eſtrella me annuucia,
Tu bem ſey q̃ has de ſer o que ſe eſpera,
Eu n. õ ſey, ſe ſerey quem de antes era.

AO

AO MESMO SONETO

OUTRA GLOSSA.

I.

FErmoſo Tejo meu, triſtes ſuſpiros,
Que do mar, e do peito dirivados
Tudo lagrimas ſois, que em varios giros
Huns corrẽ manſos, e outros màgoados:
Vós alegre buſcais verdes retiros,
Eu chorando contẽplo os meus cuidados
Quaõ differente ſois neſſa corrente,
Fermoſo Tejo meu, quaõ differente.

II.

Em riſo alegre, em ondas carregado
Nos vimos, tu furioſo, eu florecente,
Tu agora ſereno, antes inchado,
Eu agora chorando, antes contente:
A ti mudoute a ſorte, a mim o fado,
A mim troucoume a mágoa, a ti a corrẽ-
Cõ eſta differença alegre, e triſte, (te,
Te vejo, e vi, me vês agora, e vite.

Mu-

III.

Mudou-ſe o ſer, mudaraõ-ſe as correntes
Com differente emprego as aguas vejo,
Fontes os olhos choraõ ás enchentes,
Corre ſuave em lagrimas o Tejo:
Triſtes ſim maravilhas, mas decentes,
Pois quando o rio, oh miſero deſejo!
Tumba te ſolicîta, eſpelho aſſiſte,
Turvo te vejo a mim, tu a mim triſte.

IV.

Naõ baſta, ó Tejo meu, q̃ em cãpos de ou-
Brindes ao Sol a prata em ondas frias (ro
Nem que de eſcarcha o liquido theſouro
Corra por dilatadas galarias: (ro,
Entaõ ſe enluta o campo, humilha o tou-
Quando tu manſo as perolas enfias,
A pena naõ ſe muda, o goſto mente,
Alegre te vi eu já, tu a mim contente.

V.

O' fortuna infeliz, triſte mudança,
Que do bem para o mal paſſas correndo,
Diga-o mentida eſſa corrente mança,
Que embravecida foy diluvio horrendo:
Muda-ſe em deſẽgano o q̃ he eſperança,
Outro es já, Tejo meu, outro eſtou ſẽdo:
A mim trocoume em cinza hũ Sol auſẽte
A ti Jite trocando a groſſa enchente.

Mas

VI.

Mas ay minha ſaudade, ay meu tormẽto,
Se aſſim dentro do peito manſa,e brando
Corréras, como o Tejo, doce, e lento,
Naõ matáras, paſſáras magoando:
O Tejo em ſi ſe alenta, eu deſalento,
Elle pára eſquecendo, e eu lembrando:
Eſta he a differença amante, e triſte,
A quem teu largo campo naõ reſiſte.

VII.

Ditoſo tu, que vês ao Sol brilhante,
Quando eu cego hũa ſombra adoro, e ſi-
Em ti cada reparo he hũ diamante, (go;
Em mim cada memoria he hum caſtigo:
Tu vês ao Sol em ti, eu cego amante
Naõ vejo o Sol, q̃ ſempre anda comigo:
E pois conſiſte a vida em ver hum triſte,
A mim trocoume a viſta,em que conſiſte.

VIII.

Mas que digo, que paſmo, e que admiro
Entre penas, alivios, aguas, flores,
O que he recreaçaõ, he já retiro,
Naufragio as aguas ſaõ, veneno as cores:
Morte o deſcanſo foy, vida o ſuſpiro,
Naõ quero ſuſpenſaõ, quero os rigores;
Pois conſiſte em penar, e eſtar preſente
O meu viver contente, ou deſcontente.

Naõ

IX.

Naõ te enganes,ó Tejo,brando, e manſo,
Quãdo mais deſcuidado em teu emprego
Que aſſim ſereno fuy no meu remanſo,
Aſſim ſerás tu agora ledo, e cego:
Hum rayo conſumio o meu deſcanſo,
Hum trovaõ moverá o teu ſocego;
Choremos pois do bem breves inſtantes
Já que ſomos no mal participantes.

X.

Confórmes já nas lagrimas ſuaves,
Que he liſonja da dor ſentir as penas,
Gemendo triſtes, e ſentindo graves,
Em ſotos de cryſtal, urnas amenas,
Nos ſeraõ canto as mais ſonoras aves,
Nos ſeraõ pranto as fontes mais ſerenas:
Unidos neſte mal, que a ſorte altéra,
Sejamolo no bem: oh quem me déra.

XI.

Mas naõ, ó Tejo meu, q̃ he mais cõſtante
A pena em mim, do q̃ ẽ teu curſo a ſorte,
Tu muita enchente tens, muita vazante,
Eu tive huma ſó vida, huma ſó morte:
Hum dia corres turvo, outro brilhante,
Eu ſempre tenho hũ ſer, e ſigo hũ norte:
Quem podera alcãçar, quanto diſtantes,
Que fôſſemos em tudo ſemelhantes.

Bem

XII.

Bem vejo que do Eſtio o fogo ardente
Te prende humilde em carceres ſõbrios,
E que o fingido Outono altéra, e mente
De tanto impulſo os alentados brios:
Mas eu do Inverno o luto infauſtamente
Viſto, ou corra o mar, ou ſequem os rios;
Agora arrebatado o ar ſe altéra,
Mas lá virá a freſca Primavera.

XIII.

Se aſſim como has de ſer, eu foſſe agora,
Ou algum dia a ſer tornaſſe o que era,
Menos a morte padecida fora,
Dobrada a pena agora padecera: (ra;
Mas quem tanto impoſſivel cego impo-
Primeiro o bronze ſe tornará em cera,
Eu já mais largarey laços amantes,
Tu tornarás a ſer quem eras de antes.

XIV.

Com eſta impaciencia, eſte tormento,
O que perdeo hum bem, a ſorte apura,
Tu correndo no mar buſcas aſſento,
Eu parado me chego á ſepultura:
Tu tornarás com novo naſcimento,
Eu ficarey depoſto á perda dura;
Como de antes ſerás gloria da eſféra,
Eu naõ ſey, ſe ſerey quem de antes era.

A HU-

A HUMAS SAUDADES.

Do meſmo Author.

SONETO.

SAudades de meu bem, que noite, e dia
A alma atormẽtais, ſe he voſſo intento
Acabareſme a vida com tormento,
Mais liſonja ſerá, que tyrannia:
Mas quando me matar voſſa porfia,
De morrer tenho tal contentamento,
Que em me matando voſſo ſentimento,
Me ha de reſuſcitar minha alegria:
Porém matayme embora, que pertendo
Satisfazer com mortes repetidas
O que á belleza ſua eſtou devendo;
Vidas me day para tirarme vidas,
Que ao grãde goſto, cõ q̃ as for perdẽdo
Seraõ todas as mortes bem devidas.

A LU-

A LUCRECIA ROMANA.

Do meſmo Author.

SONETO.

EM ſangue honradamente derramado,
Infamia infauſtamente ſuccedida,
Lava a triſte Lucrecia, e na ferida
Abre caminho ao ferro, e porta ao fado:
Dirige o duro golpe ao tenrro lado
Sem receyo da fama de homicida,
Porque como he a honra alma da vida,
Cadaver era o corpo injuriado:
Morra, diz, o inſtrumento da deshonra,
Que para a fermoſura ſer culpada
Baſta ter da laſcivia o incentivo:
Fique vingada em Collatino a honra,
Que ſe me exime á culpa o ſer forçada,
Baſtame para a morte o ſer motivo.

A HU-

A HUMA AUSENCIA

Do meſmo Author.

SONETO.

SIntome ſem ſentir todo abrazado
No rigoroſo fogo, que me alenta,
O mal, que me conſome, me ſuſtenta,
O bem, q̃ me entretem, me dá cuidado:
Ando ſem me mover, fallo callado,
O que mais perto vejo, ſe me auſenta,
E o q̃ eſtou ſem ver, mais me atormenta,
Alegro-me de verme atormentado:
Choro no meſmo ponto, em que me rio,
No mór riſco me anîma a confiança,
Do q̃ menos ſe eſpera eſtou mais certo;
Mas ſe de confiado deſconfio,
He porq̃ entre os receyos da mudança
Ando perdido em mim, como em deſerto.

A HUNS OLHOS TORTOS

SONETO.

TRaveſſos olhos, que na traveſſia
Deixais os olhos todos derrubados,
Contra quem ſó tres dedos cavalgados
Saõ na manhã remedio a todo o dia:
Dos milagres, que fez Santa Luzia,
Nenhũ ſabemos de olhos enfreſtados,
E mais de olhos q̃ ſaõ taõ namorados,
Que olhaõ hũ para o outro á mor por-
Cioſos olhos, pois eſſas meninas (fia:
Eſcondeis no mais alto das capellas,
Naõ conſintais haver dellas ſuſpeita:
Torceilhe a condiçaõ de pequeninas,
Porque nunca ſe poſſa dizer dellas
Quem torto naſce, tarde ſe endireita.

A' MORTE
DE DIOGO LOPES
DA FRANCA,

Que morreo degollado.

Do meſmo Autor.

SONETO.

DEtem a mão infamemente armada,
Que eſſa vida, que cortas homicida,
Foy já de Heſpanha tantas vezes vida,
Quãtas foy morte a Mauritana eſpada:
Eſſa, que vês cabeça hoje proſtrada,
A tragico theatro reduzida,
Se vio de tantas glorias já veſtida,
De quantas hoje lagrimas chorada:
Prẽdelhe agora as mãos cobarde a ſorte,
Porque lhe falta á morte atrevimento
Para oporſe a ſeu braço a meſma morte;
Que era tal de ſeu braço o forte alento,
Que ſe lhe naõ ligára o braço forte,
Duvidoſo ficára o vencimento.

AO PADRE
ANTONIO VIEIRA

Prégando na Degollaçaõ de S. Joaõ Bautiſta.

SONETO.

MOrre Joaõ por odio, mas de ſorte
Lhe augmentais a ventura na cahida,
Que ſe Herodias lhe invejava a vida,
Sendo hoje viva, lhe invejara a morte:
Pode tirarlhe a vida adverſa ſorte,
Mas por vós a tragedia repetida
Faz taõ ſoberba a pena padecida,
Que ſuaviza ao ferro o duro córte:
Como por vós na morte acha ventura,
Se invejoſa Herodias o antevira,
Conſervara-lhe a vida de traidora,
Que como lhe buſcava a deſventura,
Naõ pedira a cabeça, e ſe a pedira,
Naõ fora a de Joaõ, a voſſa fora.

A S. PEDRO

Quando negou a Chriſto.

SONETO.

A Viſta daquelle amoroſo alarde
Obrado de ſeus pés, ás mãos de algozes,
Se nega a Chriſto Pedro, humilde em
A vozes logo o nega de cobarde: (vozes
Duvida hum bem, e os pés entrega tarde;
Teme hũ mal, e as deſculpas dá velozes
Frio treme entre chammas taõ atrozes,
Fervoroſo em taõ pias ondas arde:
Aſſim a Deos tendo Pedro por amigo
Naufragava n'hum mar a confiança,
E noutro mar ſe ſalva do inimigo;
Que logrando os affectos da eſperança,
Sem fé a mór bonança traz perigo,
Com ella o mór perigo tem bonança.

GLOSSA

GLOSSA AO SONETO DE CAMOENS

Sete annos, &c.

PELO MESMO BACELAR.

SONETO.

SEte annos de paſtor Jacob ſervia
Labaõ, pay de Raquel, ſerrana bella,
Mas naõ ſervia ao pay, ſervia a ella,
Que a ella ſó por premio pertendia:
Os dias na eſperança de hum ſó dia
Paſſava contentando-ſe com vella;
Porém o pay uſando de cautella,
Em lugar de Raquel lhe dava Lia:
Vendo o triſte paſtor que com enganos
Lhe fora aſſim negada ſua paſtora,
Como ſe a naõ tivera merecida,
Começa de ſervir outros ſete annos,
Dizendo: Mais ſervira, ſe naõ fora
Para taõ longo amor taõ curta a vida.

GLOSSA

GLOSSA. I.

ARde Jacob de ſorte, que elevado
Na viſta de Raquel o penſamento,
Faz tanta eſtimaçaõ de ſeu cuidado,
Que cuida naõ merece o ſeu tormento:
Como julga o emprego remontado,
Deſconfia do ſeu merecimento,
E cifrando em ſervir ſua valia,
Sete annos de paſtor Jacob ſervia.

II.

Servia, mas taõ ledo, que parece (leyo,
Que o ſervir tem por premio em doce en-
Que o deſejo do fim, que ſe appetece,
Do mayor padecer faz doce meyo:
Raquel, que ſeus tormẽtos lhe agradece,
Bem quizera já ver o prazo cheyo,
Mas alongava o tempo á cuſta della
Labaõ, pay de Raquel, ſerrana bella.

III.

Raquel o premio a ſeu ſerviço ordena,
De taõ ledo ſervir Labaõ ſe encanta,
Raquel deſeja o fim de tanta pena,
Labaõ grangeyo faz de pena tanta:
Raquel de deshumano ao pay condena,
Labaõ do que enriquece ſó ſe eſpanta;
Serve Jacob, e amante ſe deſvella,
Mas naõ ſervia ao pay, ſervia a ella.

O ſer-

IV.

O ſervir tem por doce paſſatempo
Na eſperança Jacob de merecella,
Do ſervir para o amor ſó furta o tempo,
Mas ainda era ſervilla eſte querella:
Naõ o canſa a eſperança ha tanto tempo,
Que como mais merece á viſta della,
Tanto della goſtou, que parecia
Que a ella ſó por premio pertendia.

V.

Tem de eſperar a gloria, e naõ alcança
Da dilaçaõ a pena o ſentimento;
Oh venturoſo amor, onde a eſperança
Se caſava tambem com o ſofrimento!
Eſpera alegre, e de eſperar naõ canſa,
Que como faz deleite do tormento,
Por pequenos inſtantes avalia
Mil dias na eſperança de hum ſó dia.

VI.

Tanto eſtá de ſeu dano ſatisfeito,
Que cuida compra a gloria muy barato,
E como pena á viſta do ſujeito,
Suaviza-lhe a pena o doce trato:
Suſpira entre os limites do reſpeito,
Padece entre os reſpeitos do recato,
E como naõ quer mais da ſua eſtrella,
Paſſava contentando-ſe com vella.

De

VII.

De Raquel, e Labaõ Jacob ufano
Cuida que tem a paga aſſegurada;
De Raquel em hum riſo ſoberano,
De Labaõ na palavra concertada:
Mas ay! q̃ cedo chega o deſengano, (da;
Que a mais firme eſperãça em fim he na-
Pois lhe falta co a fé, naõ Raquel bella,
Porém o Pay uſando de cautella.

VIII.

Oh mentido prazer, quaõ enganado
Trazes hũ peito amante em ſeu torm̃eto!
Promettes-lhe hum favor imaginado,
Sendo hum fragil engano, hũ leve vento:
Serve o pobre paſtor, e quando o fado
Lhe promettia a paga ao ſofrimento,
De hum pay intereſſeiro a tyrannia
Em lugar de Raquel lhe dava Lia.

IX.

Dentro fogo Jacob, e neve fóra
Ficou com o premio novo, que topava,
Muito ſentia a perda da paſtora, (va:
Mas mais ſente a traiçaõ, q̃ o pay moſtra-
Arde, pena, ſuſpira, geme, e chora,
Vendo q̃ perde o bem, que tanto amava;
Mas de todo enloquece entre ſeus danos
Vendo o triſte paſtor, que com enganos.

A mais

X.

A mais robuſta ſerra, que arrogante
Reſiſte ao tempo de ſi meſma armada,
Laſtimado o paſtor, quanto conſtante,
Tinha já de ſeu pranto laſtimada:
Muita pena lhe cuſta ao triſte amante
Serlhe a ſua paſtora ao fim negada,
Mas ainda ſente mais o ver que agora
Lhe fora aſſim negada a ſua paſtora.

XI.

Auſentarſe quizera de corrido,
Mas amor, e Raquel, e ſeu cuidado
Mandaõ que ſobre as cuſtas de offendido
Torne a tomar deſcontos de enganado:
Torna de novo a commetter partido,
E a pezar das lembranças de aggravado
De novo a merecella offrece a vida,
Como ſe a naõ tivera merecida.

XII.

Oh doce afago de hum amante intento,
Que tanto a hum penſamento deſvarias,
Que depois de enganado o ſofrimento
Inda fia em promeſſas de alegrias!
Torna a buſcar o premio em ſeu tormẽto,
Premio eſperado de taõ largos dias,
E lavrador de amor colhendo enganos,
Começa de ſervir outros ſete annos.

Seu

XIII.

Seu goſto era ſervir, mas naõ quizera
Que o goſto pareceſſe violentado,
E aſſim ſente a traiçaõ, que o pay fizera
Por tirar eſta gloria ao ſeu cuidado:
Raquel lhe diz: Jacob querido, eſpera,
Ainda que agora ſervirás forçado:
E elle torna conſtante á ſua paſtora
Dizendo: Mais ſervira ſe naõ fora.

XIV.

Naõ quer o paſtor mais do que querella,
Nem buſca mayor premio, que adoralla,
Muito cuida, q̃ alcança em poder vella,
Pouco cuida, que faz, ſabendo amalla:
Para ter mais lugar de merecella,
Quaſi eſtima a occaſiaõ de naõ logralla:
Só ſente ter em gloria taõ creſcida
Para taõ longo amor taõ curta a vida.

OU-

OUTRA GLOSSA
AO MESMO SONETO,

Do meſmo Author.

I.

EM fogo activo, mais q̃ o Etna ardẽte,
Fenix de amor Jacob acceſo ardia,
E para ſe fazer ao bem preſente
Sete annos de paſtor Jacob ſervia:
Andava no ſerviço taõ contente,
Fazendo tanto mais do que devia,
Que tinha tal criado a boa eſtrella
Labaõ pay de Raquel, ſerrana bella.

II.

Moſtrava ao pay, e á filha tal cuidado,
Que no campo amante ſentinella,
Nella paſcia os olhos, nelle o gado,
Mas naõ ſervia ao pay, ſervia a ella:
Quando Raquel ſahia ao verde prado,
Sahia-lhe ao caminho ſó por vella:
Se ella premios lhe dava, elle dizia
Que a ella ſó por premio pertendia.

Se

III.

Se á fonte hia Raquel, do Sol affronta,
Para tomarlhe o pote elle a ſeguia,
E quanto mais a vê, tanto mais conta
Mil dias na eſperança de hum ſó dia:
Se a ſua nova ovelha ſe remonta,
Jacob ao ſeu collo lha trazia;
E quando em caſa a lã fiava ella,
Paſſava contentando-ſe com vella.

IV.

Já quaſi o longo tempo ſe acabava,
Que merecido tinha Raquel bella,
Mil vezes a pedio, diſſimulava
Porém o pay, uſando de cautella:
Chorando o paſtor triſte ſe queixava
Do rigor delle, da obediencia della,
Pois quando mais amante a merecia,
Em lugar de Raquel lhe dava Lia.

V.

Com muda voz ſe queixa da ventura,
Que deu a tal amor taes deſenganos,
Foge do pay, que o chama cõ brandura,
Vendo o triſte paſtor que com enganos:
Mas como ſe murchava a fermoſura,
Da filha evitar quiz mayores danos,
Que pela ver muy mais merecedora,
Lhe dora aſſim negada ſua paſtora.

Com

VI.

Com mais alento já, mór esperança
Torna aos mortos espiritos a vida,
Deseja merecella, naõ descança,
Como se a naõ tivera merecida:
Por indigno se tem, pois naõ alcança
A gloria, que lhe era taõ devida,
E naõ temendo haver outros enganos,
Começa de servir outros sete annos.

VII.

Eterno qualquer dia lhe mostrava
A esperança do bem de tal pastora,
Que pelo ver taõ grande suspirava,
Dizendo: Mais servira, se naõ fora:
Novos merecimentos desejava,
Deseja-se immortal pelo que chora;
Julgando ser na gloria promettida
Para taõ longo amor taõ curta a vida.

AO MESMO ASSUMPTO,

SONETO.

PErtendendo a Raquel, ſerrana bella,
Sete annos de paſtor Jacob ſervia,
Porém como a Raquel ſó pertendia,
Naõ ſervia a Labaõ, ſervia a ella:
Conſolava a eſperança ſó com vella,
Indo paſſando hum dia, e outro dia;
Dava-lhe alento o muito que queria,
E pagava-ſe ſó com merecella:
Porém quando por meyos taõ tyrannos
De Raquel ſe lhe nega a fermoſura,
Agradece a Labaõ eſtes enganos,
Cifrando em mais ſervir mayor ventura,
Dizendo: Servirey, porq̃ os meus annos
Com ſervilla haõ de ſer de eterna dura.

A' MORTE
DO SERENISSIMO SENHOR
D. DUARTE
Infante de Portugal.

CANÇAM FUNEBRE.

JA' a violencia dos fados abſolutos
O golpe executou no grão Duarte:
Cubrio Apollo a Eſféra luminoſa
Por indicios da dor com triſtes lutos;
A terra ſe ſecou por toda a parte,
E quantas flores produzio viçoſa,
Converteo deſairoſa
Em eſpinhos duros, rigidos abrolhos:
Tanto no paroxiſmo derradeiro
Do malogrado eſpirito guerreiro
Das almas ancia, laſtima dos olhos,
Tiveraõ triſtemente ſuſpendida
A luz o Firmamento, a terra a vida.
Derivada depois a noſſos peitos
A mágoa do ſucceſſo laſtimoſo,
De tal ſorte inudou o pranto largo,
Que foraõ noſſos olhos muito ſ treitos

Cam-

Campos para Oceano taõ undoſo,
E de lagrimas triſtes taõ amargo:
Porém para deſcargo
Deſta pena de todo naõ chorada,
Quanto ſempre de todos bem ſentida,
Saya a dor em ſuſpiros proferida,
Exhale a pena em voz articulada,
E na demonſtraçaõ, que aſſim ordena,
Falle a pena por voz, a voz por pena.
Póde o tyranno, Infante eſclarecido,
Que occupais eſſe throno de ſafiras,
Da gratidaõ negar os foros juſtos
Com impio trato, e peito fementido:
Póde indigno furor de humildes iras
Os ſceptros abrazar dos Reys auguſtos:
Oh ſeculos injuſtos!
Sempre já mais verdugos da innocẽcia,
E ſempre ingratos ao merecimento!
Onde de voſſo vil procedimento,
Onde de voſſa barbara violencia
Teraõ ſeguro aſylo, e doce gremio
A vida do leal, do juſto o premio!
Mil vezes tremeo Marte dos ſoberbos
E ultimos golpes deſſe braço altivo,
E mil vezes canſou a dura morte
De colhar tantos pallidos, e acerbos

Tributos pelo numero excessivo;
Que executaveis com imperio forte:
Mas por diversa sorte
Nunca cessava aquella voadora,
Dos tempos vida, arbitra dos fados,
De celebrar com ecos dilatados
Os progressos da espada vencedora,
Que hoje defensa vã da sombra fria,
Despojo nobre á baixa tyrannia.
Entre as neves da esféra de Alemanha
Vos registaraõ como autor do dia
Ambas as Aguias do inimigo Jove
Por luminoso rayo da campanha,
Por metrico fulgor da Academia;
E porque a gloria Aonia se renove,
Vos influiraõ as nove
Idéas altamente sonorosas,
Vozes sonoramente proferidas,
Tambem cantadas, como dirigidas,
Tambem aceitas, como glorioſas,
Unindo-se com meritos supremos
Assombros do valor, do juizo extremos.
Porém os mesmos Numes, como varios
Que vos enriqueceraõ de virtudes,
Sentindo em vossas prendas, que ficaraõ
De prodigios exhaustos seus e arios,

E seus pinceis de exercitados, rudes,
Co a inveja desleal se conjuraraõ,
E em sombras vos roubaraõ;
(Que sẽpre obra a injustiça cõ cautella)
Mais do que tanta dadiva valia,
(Para ser duplicada a tyrannia)
Naquelle nobre, e singular naquella,
No alento vossa, nossa no cuidado,
Cara vida tambem do proprio fado.
Ignorou de cruel o golpe agudo
A morte, que hoje naõ ignora o erro,
E como em pena do succesſo triste
De sua pena ás vidas fez escudo,
Deixando em ocio frio o duro ferro;
A que defensa humana naõ resiste,
Mas a dor, que persiste,
Tomando o seu descuido por injuria,
Porque seja mayor a crueldade.
A pena agora, agora a saudade
Introduzindo vay com tanta furia,
Que a morte fora já mayor tormento,
Se ainda naõ acabára o sentimento:
Sem norte cegos, tristes sem objecto,
Por entre as sõbras, q̃ o sepulchro encer-
Tremulamente daõ confusos gyros (ra
Mil c[illegible]tosos espiritos do affecto,

Naſcidos huns na paz, outros na guerra,
Tornados de eſperanças em ſuſpiros,
E ſeus triſtes retiros,
Regiaõ, que mortal ſilencio habita,
E ſem ſe profanar, nelles ſe quebra:
A dor, que por exequias os celebra,
Por defuntos no horror os exercita,
Porque ſejaõ correſpondendo á ſorte,
Se á vida obſequio, ſacrificio á morte.
Quando a Patria o diſcurſo do tyrãno
Diſcurſa, acautellada tanto o ſente,
Que já mais nas idéas o conſulta,
Que naõ fuja o diſcurſo para o dano:
O meſmo penſamento, que o conſente,
Porque ſeja mayor o difficulta,
E aſſim d'ambos reſulta
Hum aggravo, que gera a triſte mágoa,
Huma pena, que cauſa a juſta offenſa,
E fulminando juſta recompenſa,
Quantas vezes prepára a viva fragoa,
Naõ reſolve de qual eleja a furia,
Se a offenſa da dor, ſe a dor da injuria.
Eſtas neutralidades, que os antolhos
De amor formaõ nas aras da vingança,
Hum effeito ſómente naõ ſuſpendem,
Que he o perpetuo mar de noſſ s olhos;

De mil vidas naufragios ſem bonança,
De que ſalvarſe apenas ſó pertendem
Os diſcurſos, que entendem
Entre eſquadras de luz, q̃ Sol governa,
Eſſe triunfo de Aſtros por deſpojos,
Que ſem o cuſto de tragicos enojos
Ides logrando na campanha eterna
De flores ſempre freſcas adornado,
Naõ de caducos ramos coroado.
Mas como naõ ſe atreve o penſamento
Subir a donde vive eterna gloria,
Ou que as azas mortal pezar lhe abata,
Ou ſuſpenda immortal contentamento,
Porque de ſeus delirios a memoria
Naõ cubra do filencio ſombra ingrata,
Piedoſamente trata
Encomendar a religioſo culto
Entre as ſombras de triſtes mauſoléos
Ardentes votos aos divinos Ceos,
Saudoſos vales ao defunto vulto,
Alternando em ſeus votos, e ſeus males
Por hoſtias Pſalmos, lagrimas por vales.
Suſpendamos, Cançaõ, o triſte pranto;
Porque já naõ ha olhos para tanto;
Porém, ſe acaſo qués eternizarte,
Seguindo a fama vay do graõ Duarte,
Que

Que numa, e noutra esféra dilatada,
Que num, e noutro pollo repetida
Serás perpetuamente conhecida,
Serás eternamente celebrada.

A HUM DESMAYO.

Pelo meſmo Author.

SONETO.

Contra Flora aos ſuſpiros fugitiva
O amor em hum deliquio ſe conjura,
Muda-ſe o vivo fogo em neve pura,
Mas mais aquella neve o fogo aviva:
Até no paroxiſmo almas cativa
Deſmayada a mais bella fermoſura,
Nos embargos da vida inda lhe dura
O rigor, em final de que era viva.
Sylvio, que aſſiſte a elle, e a Flora adora,
Trazendo-a no peito retratada,
Cõ hũ deſmayo outro deſmayo chora;
Mas naõ foy maravilha deſuſada,
Se a bella copia ſe deſmaya em Flora,
Que ſe deſmaye em Sylvio a copiada.

MO-

MOTE.

Sobo-los rios, que vaõ
Por Babylonia, me achey,
Onde ſentado chorey
As lembranças de Siaõ,
E quanto nelle paſſey.

GLOSSA I.

ENtre amargos deſvarios,
Entre funeſtos pezares
Meu peito vérte mil mares,
Meus olhos brotaõ mil rios;
E recorrendo os deſvios
Da viſta, e do coraçaõ,
Sempre fluctuando eſtaõ
As memorias de meu bem,
Sobo-los mares, que vem,
Sobo-los rios, que vaõ.

II.

Mas querendo diſcurſar
As cauſas do meu tormento,
Naõ diſtingue o penſamento
Hum pezar doutro pezar:
Com que vendo-o delirar
A viſta do que logrey,

Tanto

Tanto á fantaſia dey,
E tanto á imaginaçaõ,
Que entre a minha confuſaõ
Por Babylonia me achey.

III.

Louco ſobre magoado
Dou aſſumpto á minha dor,
E da pena, e do furor
Só me vejo aconſelhado:
Quando num valle ſentado
As lagrimas puz por ley,
Tanto a ellas me entreguey,
Sem ter outro deſafogo,
Que o juizo perdí logo
Onde ſentado chorey.

IV.

Perdí o juizo com a pena,
E ſe o perdera de todo,
Póde ſer que deſte modo
Se tornára mais pequena:
Mas meu fado me condena,
Tyranno do coraçaõ,
Que com duplicada acçaõ
Exponha huma hora em alarde
Hora em depoſito guarde
As lembranças de Siaõ.

V.

Como reliquias de glorias
Sempre em tormentos ſe vem,
Que nenhum alivio tem
Eſtas tyrannas memorias:
E porque ſejaõ notorias,
D'alma, donde as derivey,
Aos olhos as trasladey,
Pois copiadas no roſto
Daõ fé de hum perdido goſto,
E quanto nelle paſſey.

AHUMAS SAUDADES

ROMANCE.

QUe me quereis ſaudades?
Porque me matais, auſencias?
Pois com repetir memorias
Multiplicais minhas penas?
Se para tyrannizarme
Baſtaõ ſó minhas triſtezas,
Como em penoſas lembranças
Me dais motivo a mais queixas?
Lançay lagrimas, meus olhos,
Pois quer amor que padeça,

Choray

Choray, que o chorar auſente
Mais acredita a fineza.
Com razaõ podeis queixarvos,
Já que naõ tendes quem ſeja
Alivio a voſſos pezares,
Preſente ás minhas queixas.
Se lembranças me maltrataõ,
Quem póde haver, que naõ crea,
Que quem padecendo vive,
Nunca de queixarſe deixa.
Matayme, auſencias, embora,
A vida logo ſe renda,
Que o morrer de ſaudades
Moſtra valor na fraqueza.
Padeça minha alma triſte
Pois que ſoube amar de véras:
Porque quem de véras ama,
Logo a penar ſe condena.
Viva amor neſtas lembranças,
Mas que eu morra na peleja,
Que quem de amor he vencido,
Todos os riſcos deſpreza.
Em fim, ſaudade minha,
Que muito a vida feneça,
Se naõ ha peito taõ forte,
A quem naõ mate huma auſencia.

Sacrifique-ſe meu peito
Nas aras da paciencia
Em ſacrificio de dores,
Entre holocauſtos de penas.
Mas naõ; porque he brio
Dar a vida na contenda,
Que o morrer de ſaudades
He forrarſe a novas penas.
Melhor ſerá que eſta vida
Fique de morrer iſenta,
Que quanto mais tem de larga,
A mais penas ſe ſujeita.
Multipliquem-ſe os alentos,
E o valor naõ desfalleça,
Porque quanto he mais a força,
Se augmentará mais a pena.
Porque amor quanto he mayor,
Tem por maxima muy certa
Qualificarſe de fino
Pelo rigor da peleja.
Nem ſe gradûa de amante
De amor na nobre academia,
Quem naõ ſahir approvado
No exame da paciencia.
E como azas tem amor,
A ſer amante naõ chega

O que

O que naõ fabrica as azas
Das mais rigoroſas penas.
Só voa de amante ao auge
Com azas as mais ligeiras
O que na terra padece
A tormenta mais desfeita.
Porque nos mares de amor
Maré de roſas navega
Quem dos eſpinhos faz náo,
Com que ao mar alto ſe entrega.

SAUDADES DE AONIO,

PELO DOUTOR

ANTONIO BARBOZA BACELAR.

NO remontado cume
De hum monte ſolitario,
Que terminando á viſta o Horizonte,
Engeitou o ſer nuvem, por ſer monte.
E paſſeando a etherea galaria,
Farol era do dia,
Do dia taõ ſómente,
Que na aſpereza ſua
Nunca tocou o reſplandor da Luz:

Por-

Porq̃ eſcalando ouſado o Ceo primeiro,
Olhava para a Lua ſobranceiro,
E atropelando a maquina luzente,
Era entre as luzes bellas
Aparador brilhante das eſtrellas.
Vice Atlante immortal do Firmamẽ-(to
Aos pés calçava o vento,
E intacto ao rayo ardente
Eſcuta o fulminar, o eco ſente;
Mas livre da tormenta
Nunca o golpe experimenta,
Que como ao vento piza
Lá baixo no profundo de ſeu centro,
No alto aos elementos ſoberano
Tem a officina os rayos de Vulcano.
Só na batalha dura,
Quando os filhos da terra,
Levantando huma ſerra em outra ſerra,
Aos Deoſes ſeus contrarios,
(Que a tanto o humano deſatino paſſa)
Quizeraõ deſpojar da etherea caſa,
Deſatinadamente temerarios,
Deſte monte huma parte derrubaraõ;
Que ſendo o bando a todos publicado,
Eſte monte ſómente
Teve as partes dos Deoſes, rebellado
Aos

Aos montes seus irmãos, porém menores
Ou por serem os partidos lá mayores,
Ou por ser seu visinho mais chegado.
E quando o monte Pelion
Pizou o cume ao Ossa,
Do exercito gigante
Grande a soberba foy, mas naõ bastante
A abarbar esta maquina imperiosa,
Que sobranceira aos golpes,
Das armas, que a violencia despedia,
Só nas fraldas provava a bataria.
Nesta dura montanha
Imperiosa atalaya da campanha,
Nesta robusta serra,
Terror do campo, credito da terra,
Suspiros dava ao ar, queixas ao vento,
Cuidados ao tormento,
E em saudoso exercicio
Passos ao precipicio
Do monte penhascoso
Aonio saudoso,
Que ausente firme de huma ingrata bella
Seu retrato buscava em cada estrella;
E fazendo comsigo
De seus males resenha,
Seus desgostos contava a cada penha;
Por-

Porque, inda que nenhuma respondia,
O mesmo em Lysis via,
E como tanto a Lysis adorava,
Faltas de responder naõ estranhava,
Antes nas penhas mudas
Mores favores acha,
Mayores graças deve,
Que á sua bella ingrata;
Porque se cada penha
A's queixas naõ responde,
Ao menos naõ lhe foge, nem se esconde.
Ay suspirada ausente,
(Com hum soluço brando
Dizia suspirando)
Ay adorada minha!
Bem que minha naõ já, mas adorada,
Mudavel bella, quanto bella amada,
Pois em tua presença amada, e bella,
Desta dor, que me mata,
O alivio me levaste,
Que taõ sómente tinha
Para poder sofrella,
Porque me naõ levaste a causa della?
Perfidido da estrella, que primeira
Annuncios dava á Aurora
Das exalações do dia embaixadora,
Dos

Dos crepusculos ambos mensageira,
Fenix em fogo ardente,
Batia o Sol ás portas do Oriente,
E assomando seus rayos ao Horizonte,
Foy esta a vez primeira,
Que naõ topou co monte,
Que naõ ferio o oiteiro,
Que os olhos do Pastor topou primeiro:
Ou já de commovido
De seu pranto queixoso,
Ou por ver curioso
Quem com suspiros tristes,
Quem com som taõ pezado
Lhe dava os parabens de bem chegado,
Quando cantando graves
Lhe alternavaõ canoras chançonetas
Harmonicas as aves,
Ou porque como o officio
Do rayo matutino
He enxugar suave
O que a noite humedece,
Achando secco tudo
Da tosca penha ao rustico sylvado,
Só nos olhos de Aonio achou molhado,
Aonio descontente
Suspendeo a corrente

Das laſtimoſas queixas,
Com que a pena alivia,
Que inda eſte mal lhe fez o novo dia;
E attendendo inclinado
Aos rayos eſparcidos,
Com quebros bem ſentidos,
Com mal formadas vozes,
Deſta maneira diſſe:
Naſce, eterno rubim, de cujo imperio
Pende toda a eſtrellada Monarquia,
Progenitor do dia,
De hum, e outro hemisferio
Eterno Preſidente,
Que exercitas conſtante alternamente,
Variando a reſidencia,
Num, e noutro hemisferio a preſidencia:
Naſce Primaz da esfera,
Das luzes o morgado,
De ti meſmo naſcido, em ti gerado,
Que a tua vinda eſpera (te,
O campo, o prado, o rio, o boſque, a fon-
Naſce propicio, alegra o horizonte,
Que ſe naſcendo a todos ſatisfazes,
Só para mim naõ naſces.
O ſimples pintaſilgo,
A rude filomena

Co a capella deſtriſſima das aves
Em requebros ſuaves
Alternaõ a ſuave cantilena:
Retoca o bezerrinho
Pelo prado viçoſo,
E ſaltando contente
Vê no chaõ figurado alegremente,
Pelo rayo, que aſſoma no horizonte,
O ramo, que lhe fica pela fronte.
Balando o cordeirinho
Feſteja o rayo novo,
Lá ſe alegra a ſeu modo,
Com nova melodia
Vay murmurando o rio docemente,
Fazendo viſos na agua cryſtallina
Com o rayo, que a fere brandamente,
E em quanto alegre corre,
Aqui foge veloz, prezo alli fica,
Folga de ver as vias, que diſcorre,
E as flores, que ſalpica.
Trono de grã purpurea a roſa
Toucada de ouro fino,
Que ſe acoſtou pimpolho,
E em virtude do rayo matutino,
Para contar a vida de huma Aurora,
Veſtindo nacar amanhece agora.

Ao leaõ mais arrogante,
Mageſtade das féras imperioſa,
Alegra a luz fermoſa;
E paſſando o monte
Das fortes garras toſcamente armado,
Conſultando hũ eſpelho em cada penha,
Touca a encreſpada grenha,
Que naõ implica ao forte o aſſeado.
Repete o ſeu caminho
O paſſageiro alegre,
E em ſeguro exercicio
Acorda o lavrador ao toſco officio.
O enfermo, que ſuſpira
A' nova luz reſpira.
Tudo deſcança em fim, tudo ſe alegra;
Só eu ſem ter deſcanço
Na confuſaõ da noite o dia quero,
Na alegria do dia a noite eſpero.
Naſce contente, pois que bem parece
Que Lyſis outros prados reverdece,
Pois bem me lembro agora,
Quando Lyſis eſtes prados habitava,
Quantas vezes á Aurora
Luzir mayor eſpaço conſentias,
Porque á viſta dos olhos,
Por quem peno ſaudoſo,

Ou de puro medroſo naõ ſahias,
Ou menos mageſtoſo,
Temendo competencias
Oſtentavas na luz a intercadencias;
Huma vez apparecia, outra faltava
Como quem de cobarde atraz tornava.
Detem os rayos, pois meu deſejo,
Por cada vez, que deſpertarte vejo,
Bem ſey que já me ordena
Hum dia mais de pena;
Mas ſe ás voltas da pena, que me alcança,
Hum dia ſe me encurta a eſperança,
Naõ te detenhas, naſce, e ſe mereço
Algum favor de preço,
Inſta o carro apreſſado,
Ligeiro róda o circulo dourado;
E ſe lá na batalha,
Que deu ao povo idolatra Amorrheo
O Capitaõ Hebreo,
Corteſaõ aſſiſtente
Te paraſte ao eſpectaculo valente,
Tendo, como eſcudeiro,
Na mão a tocha ao Capitaõ guerreiro,
Propicio agora a meus ſuſpiros graves
Sabe moverte, pois que pararte ſabes.
Acabou cum ſuſpiro

O diſ-

O discurso com outro começado,
E suspendido quasi em seu cuidado,
Sem ver o que fazia,
Todo arrastado apoz da fantasia
Foy descendo confuso a hũ verde prado,
Que num vergel sombrio
Flora escondera ao Estio,
Onde o corno Amalthea derramava,
Com que as fraldas do monte alcatifava;
Aqui com cada flor filosofando,
Razões de sentimento
Achava em cada flor seu pensamento,
E atraz de cada espaço,
Que o passo suspendia,
Dizia suspirando:
Ah doce ausente minha!
Cada flor o detinha,
E a cada flor attento
Sequellas inferia ao seu tormento.
Huma rosa encarnada
Com melindres de bella,
Com presumpções de estrella
Fazia aqui galante
Ostentaçaõ de purpura brilhante:
Aonio commovido
Lhe disse enternecido:

Ay fermoſa memoria,
Retrato de huma gloria,
Que poſſui taõ breve,
Nevoa ao Sol, fumo ao ar, ao vento neve,
Mal lograda fermoſa,
Roſa defunta, quando a penas roſa.
Em huma mata verde
Hum jaſmim odorifero nevava,
E derramando cheiro
Ao vento ſuavizava,
Quando Aonio paſſando,
A's vezes a cabeça meneando,
Diſſe comſigo: Ah triſte!
Quanto ha já q̃ me falta o brando alento
Daquella voz branda o doce acento,
Que alegre a mens ouvidos reſpirava,
Com que a vida animava,
Fazendo verdadeiras docemente
Mentiras do Oriente.
Huma roſa do Sol em outra parte
Sequaz, e firme amante
Do rayo rutilante,
Ao rayo, que começa,
Adornava os trançados da cabeça,
E outra vez renaſcida
Veſtia a gala quaſi amortecida,

Ou que a morta esperança renovava,
Ou que á vista do amante se enfeitava:
Aonio saudoso
Lhe disse de invejoso:
Ditosa tu, que logras
Com amante respeito
Depois de ausencia breve
A teu querido objeito,
E triste de quem pena
Taõ fóra de bonança,
Que inda lhe nega alivios a esperança,
Logra ditosa o fim do teu emprego:
Em quanto eu vivo cego,
E em quanto o bem te invejo,
Mate-me muito embora o meu desejo:
Se dez horas de ausencia,
Em que teu vago amante
Alterna noutro polo a presidencia,
Te tinhaõ já defunta em luto, e pranto,
Que fará triste quem padece ha tanto?
Haverá inda algum dia,
Que eu veja esta alegria?
Mas oh vaõ pensamento,
Inda eu cuido q̃ ha ahi contentamento?
Alegre copa dava hum verde freixo
A' florida alcatifa

De hum deleitoſo aſſento,
Onde logrando do docel copado
Se aſſentou de canſado,
E embebido todo em ſeu cuidado
Suſpenſo, e diſcurſivo
Retratava comſigo o geſto altivo
De ſeu querido empenho;
Alli o pincel do engenho,
Cortezmente atrevido,
Seguindo o parecer do penſamento,
Retrata Lyſis branda a ſeu tormento.
Hora eſquiva a retrata,
A ſeu tormento ingrata,
Mas ſempre ſuſpirando,
Quando com quebros graves
Lhe profanaraõ o ſilencio brando
Dous rouxinoes ſuaves,
Dous pardos ramalhetes,
Que a falſas, e a motetes,
A cadencias, e a quebros
Alternavaõ cuidados, e requebros,
E pico a pico docemente attentos
Se trocavaõ as almas nos alentos:
Aonio alvorotado,
Quaſi eſteve arrojado
A interromper ligeiro

Dos

Dos amantes cantores
Os muſicos amores;
Porém depois que a ira
Deu lugar ao diſcurſo, que delira,
Deixando ſocegado
O peito magoado,
Com olhos cheyo d'agua,
Dizendo a boca, mas ditando a mágoa,
Lhes fallou deſta ſorte:
Ditoſos vós, que em muſicas cadencias
Naõ padeceis auſencias;
Ditoſos vós, que em quebros dilatados
Lograis favores, e alcançais cuidados;
Porém ſe a cortezia
Em voſſos peitos mora,
Suſpendey por hum pouco a melodia,
E quando naõ os quebros,
Ao menos os requebros,
Que a memoria traidora
Naõ ſey que glorias me affigura agora
Goſtoſas ſim, mas leves,
Perdidas largas, e gozadas breves.
Mas naõ quero impedirvos invejoſo
Hum bem de tanto preço,
Hum bem, que naõ mereço;
Proſeguí voſſo eſtado venturoſo,

Que tambem algum dia
Podereis invejarme a companhia.
Parece que advertidos
A's queixas, e gemidos
Os dous amantes brutos,
O quebro numeroſo
Suſpenderaõ no thalamo amoroſo,
E deixando o raminho,
Em que fizeraõ tregoas ao caminho,
Azas deraõ ao vento
Ambos taõ igualmente em companhia,
Que julgar naõ podia o penſamento
Qual era o que ſeguia;
A attençaõ fim de Aonio
Os paſſos lhe contava,
E vendo que hum ſeguia, outro voava,
Começou a queixarſe á natureza,
Dizendo com triſteza:
Oh quem azas tivera
Para voar contente
A ver Lyſis auſente,
Que pouco q̃ a fortuna em mim podéra!
Oh natureza injuſta!
Oh tyrannia grave! (ave!
Que falte a hum triſte o q̃ ſobeja a huma
Que proprio do cuidado he o deſvelo!
Pois

Pois apenas o monte lhe aborrece,
Ao prado apenas dece,
Quando outra vez ſuſpira pelo monte:
Oh grão deſaſſocego!
Bem parece, que o guia hum moço cego.
Ergue-ſe em fim, e agradecendo humilde
O liberal hoſpicio
Ao deleitoſo freixo,
Lhe diſſe: Aqui te deixo
Em memoria cortez do beneficio
A couſa, que mais quero,
O nome, que venero,
E talhando curioſo
O doce nome da querida ingrata,
Co a mágoa, q̃ a lembrança lhe penetra;
Hum ſuſpiro formava em cada letra:
Lyſis em fim eſcreve,
Fiando a hũ tronco toſcamente bronco
O nome de outro tronco,
Accreſcentando abaixo triſtemente:
Em vaõ te buſca, quem te chora auſente.
Irreſoluto parte,
E ſem ſaber aonde
Guia a planta canſada.
Deixou ao caſo o acerto da jornada,
Que por goſto ſómente

Alegre caminhára,
Onde Lyſis achára;
Mas como auſente a tinha,
Sem reparar adonde, em fim caminha.
Triſte caminha quando
Parando hũ pouco a planta mal ſegura,
Vio huma cóva eſcura,
Huma gruta medonha,
Que entre abertos reſquicios
Convidava ſómente a precipicios,
Sepultura, ou morada,
Se naõ de féras brutas habitada,
De eco palreira, onde occulta vive
Em pena da ouſadia commetida,
Repetindo ſómente a voz partida
Do acento mais inteiro,
Só ſe por dita eſcuta ao paſſageiro
De ſeu Narciſo o nome,
Ou o naõ torna fóra,
Ou com graça, e aviſo
Repete inteiro o nome de Narciſo,
Suſpenſo hum pouco diſſe:
Em fim tanta dureza
Minar o tempo pode!
E lembrando-lhe a gloria d'algum dia,
Tornou em ſi dizendo:

Em

Em que me eſtou detendo,
Que ſe o tempo acabou meu paſſatempo,
Aſſás ſaber devia
O quanto póde o tempo:
Porém em fim, ſe o tempo póde tanto,
Que muda o riſo em pranto,
Mudar o pranto em riſo,
Mudar em alegria
Eſta minha triſteza,
Que agora ao peito por matarme acode,
Porque naõ póde? diz-lhe o ecco: *Póde:*
Eſta repoſta o teve
Hum pouco ſuſpendido, e naõ ſabendo
A quem o alivio deve,
Faz a ſeu males pauſa,
Té que attendendo á cauſa,
Emendou-ſe de ufano;
Porém virando o roſto ao deſengano,
Fez-ſe deſentendido
Por lograr entre a pena de eſquecido
O bem de hum doce engano,
E proſeguindo diſſe:
Neſſa promeſſa, que meu peito alcança,
Naõ póde achar entrada a eſperança,
Que em fim Lyſi inclemente
Naõ ſente o mal de hũ peito auſẽte: *Sente.*
Oh

Oh oraculo ditoſo,
Grande applauſo mereces
D'um peito receoſo,
Porque inda que me enganes na alegria,
O credito te devo em corteſia, (ma,
Mas quãto mais me abrazo em viva chã-
Bem ſey que Lyſis me deſama: *Ama.*
Eterna vive neſſa gruta, aonde
Cruel fado te eſconde,
Aura ſempre toante,
Suſpiro ſempre vivo,
Oraculo dos montes,
Alma da penha, cortezã dos boſques:
Vive neſſe cubiculo ſecreto,
Que á ley de agradecico te prometo
Que vejas neſſa gruta
O teu bello Narciſo,
Para que ſatisfeita de improviſo
Com mais abraços, e com menos vozes
Em flor ao menos trasformado o gozes.
Aſſim dizia, quando
A planta mal enxuta
Salteada ſe achou de arroyo errante,
Que de huma rocha bruta,
Se vinha deſpenhando
Ruinas em aljofares pagando.
Aonio diſcurſivo A ver-

A ver a origem parte
Do arroyo fugitivo,
Que entre traveſſos gyros
Murmurando diſcorre,
Aqui naſce, alli fica, acolá corre,
E entre confuſas voltas
Mente ſeu naſcimento com tal arte,
Que quando lhe buſcava o naſcimento,
Titubear fazia o penſamento,
E em cada breve eſpaço
Retroceder o paſſo,
Mas por mais que ſe eſconde,
Occultarſe naõ póde a diligencia
Da curioſa advertencia,
Que entre froudoſas ramas encuberto
Em fim achou o acerto.
Em braços toſcos de hũa penha inculta
Naſce pequena fonte,
Tenra ſangria do eſcabroſo monte,
Parto ſuave do aſpero rochedo;
Deleitoſo arvoredo
Lhe tolda hum breve tanque,
Onde cahindo pára
Em placido remance,
Sendo em prizões de prata
Liſonja branda de huma rocha ingrata.

Pró-

Próvida a natureza
Em competencias da arte
Hum aſſento lavrara a cada parte,
Onde encoſtado Aonio,
Lhe prognoſtica o termo da jornada,
Miſturando agua doce co a ſalgada,
Que de ſeus olhos corre:
Naſce, (lhe diz) harmonica palreira,
De meu mal companheira,
Cryſtal precipitado,
Naſce (lhe diz) reverdecendo o prado,
Peruleira Indiana,
Que em cabedaes de perolas ufana
Deſperdiças as perolas ao monte:
Naſce, luzida fonte,
E neſte breve tanque
Teu precipicio eſtanque,
Neſſe vergel ſombrio
De ſer fonte contente
Prende a branda corrente,
Naõ aſpires a creditos de rio,
Que te eſpera grão dano,
Se naſces preſumida de Oceano.
Rica de aljofar, ſe de arroyos pobre,
Faze aqui deſſas perolas brilhantes
Mageſtoſa reſenha,

Dei-

Deixa que se congelem
Na concha desta penha:
Adonde vaz? detem-te,
Pára enfrea a corrente:
Se a cubiça de undosa
Da patria te desterra
Descontente por menos caudalosa,
Em fim peregrinando o valle, e serra
Vás em busca de enchente mais copiosa,
De mais alta corrente,
Pára, adverte, e repara,
Que essa nova crescente
Será mais alta, porém menos clara;
E se a queres mais alta,
Meus olhos te daraõ o que te falta:
Suspende o crystal terço,
Pois achas em teu berço
O que já naõ acharas por ventura,
Correndo pressurosa
Por tanta serra dura,
Picando-te mimosa
Por taõ duros abrólhos,
Que mares de agua te daraõ meus olhos,
Morta estás por ausente,
Pois inda assim naõ páras,
Pára, espera, e detem-te,

Que em cada paſſo de teu louco empenho
Vás dando mais hũ paſſo em teu deſpe-
Suſpende pois a vea cryſtallina, (nho:
E neſſa prata fina
Eſtas flores engaſta:
Olha ignorante, que ſe adiante corres,
Eſta minha ameaça, (do,
Que te dicta a experiencia, e naõ o me-
Tarde lamentarás, ſentirás cedo.
Corre pois muito embora,
Que lá irás aonde
O rio te eſcureça, o mar te affogue,
E em buſca de outras ondas
No rio acabes, e no mar te eſcondas.
Mais proſeguira, quando
Lhe parou o diſcurſo interrompido
De galgos, e de perros
Eſtrondoſo alarido:
De caçadora errante companhia,
Montanhez vozeria,
Que naõ ſómente á preza os incitava,
Mas parece que as ſerras deſpenhava:
Mudo o zagal ſe erguia
Ao confuſo rumor da montaria,
Quando precipitada
Cerva fugaz de frechas emplumada

Deslizando-se bruta de huma penha,
Dava veloz carreira;
Mas a setta correra mais ligeira,
Ou por fugir da frecha á ligeireza,
Ou da mão sagittifera á destreza;
Errava o valle, atravessava o monte,
Té que attendendo á fonte,
Já a sede da ferida
Busca na agua os alivios para a vida.
Ay cobarde enganada!
Disse então o serrano,
Memoria de meu danno!
Que importa, dize, agora
Fugir a mão traidora,
Que tanto te inquieta,
Se vem comtigo a setta?
Agora de que serve
Fugir ao arco forte,
Se em ti já trazes escondida a morte?
E que importa a meu peito,
Que em fim Lysis se ausente,
Se o fogo do meu peito está presente?
Que importa, que se aparte
Nesta, ou naquella parte
A causa, que me inflamma,
Se vem comigo a chamma?

Menos tardou a cerva fugitiva
Em banharſe na fonte
Com arrojado curſo,
Que Aonio em ſeu diſcurſo,
E co a dor, que no peito
Hervada a ſetta fragoa (agua:
Pagando em ſangue o que lhe bebe em
Bebe ſedenta, e quando as ondas mede,
Eſgota a fonte, e naõ eſgota a ſede,
Até que em fim de todo á dor rendida
Igualmente co a ſede larga a vida:
Aonio compaſſivo
A levantou humano,
Temendo diſcurſivo
Que anuncio triſte ſeja
De algum futuro dano,
E logo com inveja
Em fim, lhe diz, da chãma que ſentias,
Do mal que te aſſombrava
Já naõ ſentes a pena,
Nem ſe te dá da aljava:
Em fim com doce emprego
Deixaſte a vida a troco do ſocego:
Oh venturoſa ſorte
Ao paſſo da deſgraça achar a morte!
Oh caſo nunca ouvido

Topar logo co a morte hum affligido!
Triſte de quem vivendo
Da vida deſcontente
A' medida da vida a pena ſente!
Mais diſcorrera Aonio;
Mas parou ſalteado
Da montanhez caterva, (do
Que regiſtando o monte, o valle, o pra-
Do ſangue rubricado,
Vinha em buſca da preza diligente:
Saudou-os cortezmente
Aonio cortezmente ſaudoſo,
E deſmentindo triſte
O peito magoado
Com diſfarces de alegre
Admira hum junco verde,
Que de cativas aves adornado
Inclina ao pezo os hombros,
Tantos lhe cauſa aſſombros,
Quantos rubins em bicos engrazados
Davaõ paſto aos cuidados;
Em ſumptuoſo convite
Daraõ depois incendio ao appetite.
Naõ lhe valeo ao timido coelho
Com aſtucias de guerra
Contraminar a ſerra,

Que

Que de hum vento quadrupede seguido
Pende aqui mal ferido.
A lebre fugitiva
Tambem despojo geme inda mal viva.
O Author da setta ardente
Olhando mudamente para a cerva,
Com os olhos se jacta mudamente,
E da errante caterva
Altamente applaudido,
Deixando ao hombro o arco suspendido,
Ergue o cadaver bruto, e satisfeito
Ora lhe tenta o collo, ora o peito,
E com cortezes modos
Gabaõ o acerto todos,
Até que despedidos
A penetrar o monte
Se partiraõ da fonte,
E em alegres clamores repetidos,
Discorrendo velozes,
Frequentaõ passos, multiplicaõ vozes,
E mudo Aonio em tanto
Descançava do pranto para o pranto.

FABULA DE POLIFEMO, E GALATEA.

POR JERONYMO BAHIA.

I.

DOnde Neptuno cõ grilhões de argẽ-
Prẽde o robusto pé do Lilibeo, (to
Que ao Ceo dá gosto, á terra dá tormẽto,
Gloria de Jove, inferno de Tyfeo:
Entre hũ campo, q̃ tem no monte assento,
Coloſſo o monte, o campo Colyſſeo,
Cerra hum penhasco huma caverna fria,
Donde a noite naõ sahe, nem entra o dia.

II.

Coroa hum bosque desta rocha a fronte,
Que parece por horrido, e sombrio,
Naõ dos que cria de Sicilia o monte,
Mas dos que banha de Acheronte o rio:
Mostraõ o obsceno deste aspero horizõte
Chorando a seu indicio, ou desvario
Cõ penas de alma, e corpo infernas aves,
Naõ leves as do corpo, as d'alma graves.

Esta

III.

Esta pois gruta de terror cercada,
Que parece a rompeo Plutaõ na serra,
Quando levou a esposa mal roubada,
Para a sombra do Inferno ao Sol da terra,
Huma torre de membros fabricada
Em Polifemo horror do Mundo encerra,
E nos seus gados calidos, e frios
Serras, e montes saõ de leites rios.

IV.

Era huma torre o Cyclope nascido
Do Rey do mar, a quem o lume claro
De hum olho, que Argos tinha dividido
O fazia parecer Torre de Faro:
De cana hum instrumento mal ferido
Traz nesta mão, na outra hũ pinho raro:
Porém taõ facilmente move ufana (na.
A dextra o pinho, como a esquerda a ca-

V

A grenha inculta sobre a excelsa fronte
Grossa nuvem de escuro Ceo parece,
Que faz sobre hũ outeiro hũ horizonte:
O que nasce da barba, tanto crece,
Que fica largo bosque o alto monte;
Os hombros a alta grenha lhe escurece,
E os peitos dilatados a segunda
A vara esconde, liberal, e immunda.

Naõ

VI.

Naõ produzio Trinacria nas montanhas
Javalîs bravos, nem leões rompentes,
Que da morte com rigidas façanhas
Hum fuja a unhas, outro eſcape a dentes:
Huns já ſaõ paſto das crueis entranhas,
E outros os membros veſtem eminentes,
Com que parece o Cyclope arrogante
Dos gigantes leaõ, dos leões gigante.

VII.

Largo pomar, mas breve çurraõ era
Do paſtor o çurraõ, com que ſe ampara;
Ruívo o medronho, deſmayada a pera,
O humilde abrunho a camoeſa clara,
Mel para o goſto, para a vianda cera,
A prodiga romã, e a fruta avara
Do caſtanho huma fea, outra fermoſa,
Huma, que eſpinhos he, outra de roſa.

VIII.

Era muro o çurraõ da noz ardente,
E da fria batata cóva eſcura,
Que enterrada, e naſcida juntamente,
Tem morte em berço, vida em ſepultura,
Nem falta o fruto, que á Saturna gente
De Jove a planta deu na idade pura,
Cujo tempo, naõ havendo algũ theſouro
Foy de ouro tempo, ſem ſer tempo de ou-

IX.

O instrumento de cana, e cera unido
Move do Mundo o fundamẽto immoto,
E atroa o Ceo, formando seu ruido,
No Ceo trovaõ, no Mundo terremoto:
Quer responder o Mundo ao som temido
Por bocas de cavernas, que o tem roto;
Porém acho naõ tem para esse intento
Voz, sendo voz, alento, sendo alento.

X.

Do globo azul a Ninfa mais fermosa
Taõ firme adora, como segue amante,
Pois consagrado á luz, q̃ brilha em rosa,
He Colosso do Sol, do Sol gigante:
Nella segunda Venus o mar goza,
Quarta Serea tem o navegante,
Doris sua mãy, seu nome Galatea,
Gala da fermosura, e do amor tea.

XI.

De roxos lirios, e de brancas rosas (do
Tece a Aurora hũ jardim, mistura hũ pra-
Com que as candidas faces vergonhosas
Neve escondida incendio saõ nevado:
Correm de ouro subtil veas undosas
Do campo de boninas matizado, (nas
Que offerecem bello as ondas mais sere-
Margens de cravo, praya de açucenas.

Por

XII.

Por formar natureza a Ninfa bella,
Fez nas eſtrellas, fez no Sol enſayo,
E taõ linda a pintou, q̃ á viſta della (yo:
O Sol ficou hũa eſtrella, a eſtrella hũ ra-
No mar hum Deos ſuſpira, outro anella,
Todos ſentem em fim grande deſmayo,
Que introduzir por ella amor ordena
Fogo nas aguas, e nos Deoſes pena.

XIII.

Seguida ſempre, e nunca conſeguida,
Como naõ foge pelo falſo argento,
Que do vento, e da agua bem ſervida,
Mais que agua corre, voa mais q̃ o vento,
Deſcalça os pés, a trança eſparcida
A' vella, e remo excede o penſamento,
Que ſeus pés brancos, ſeu cabello louro
Remos de prata ſaõ, vellas de ouro.

XIV.

Foge Venus ſegunda, e em preſſa tanta
Quer Glauco de ſeus olhos priſioneiro,
Se naõ ſer duro eſpinho a tenra planta,
Ser grave tartaruga ao pé ligeiro:
O medo em ſuas azas a levanta,
No de amor voa o Deos homẽ primeiro,
Mas, cõ ſer amor fogo, e o medo neve,
Aquelle foy mais grave, eſte mais leve.

Pela

XV.

Pela dar a Sicilia ſempre amada
Furta a ſeus cornos Baco, e Almathea
A copia verde, a copia ſazonada,
Creſcendo o que Tritolemo ſemea,
A terra hũ mar de eſpinhos transforma-
Inunda Europa cõ dourada chea; (da
Mas bem q̃ Europa muito em ſi recebe,
Fica em mar taõ profundo concha breve.

XVI.

O Semicapro Deos, que em gados trata,
Ariſteo, que em abelhas tem deleite,
Rios de ouro lhe daõ, rios de prata,
Que o mel ouro parece, e prata o leite:
Porém quanto produz a terra grata,
Quer Cupido que a Ninfa ſe ſujeite,
Inſpirando aos amantes, que naõ erra
Quẽ dá por bens do Ceo os bens da terra.

XVII.

Todos adoraõ, cada qual tributa,
Penſaõ goſtoſa, e voluntario juro,
Eſte flores offrece, aquelle fruta,
Qual puro leite com amor mais puro,
E qual num breve favo ambroſia muita,
Que foy alma ſuave em corpo duro,
Dando a hum tempo á fermoſa fera
Mimos de mel, e coraçaõ de cera.

XVIII.

Arde o mar, arde a terra, e em vão cansa-
Saõ Icaros do Sol os pegureiros, (dos
Que tem de Galatea mil cuidados,
Tendo descuidos mil dos seus cordeiros:
Fazendo guerra os lobos cõtra os gados
Intensa paz assentaõ seus rafeiros,
E o lavrador em vez dos bens de Ceres
Amor semea, e colhe malmequeres.

XIX.

A Ninfa em tanto numa fonte bella,
Que cobre a planta do Pastor de Amfri-
Toda se banha, por final que nella (so,
Já se lavou Diana, e mais Narciso:
Adormece esta doce Filomella,
De seus olhos ao Sol, e já diviso,
Ficando o sono em tanta gentileza
Mais que da morte, imagem da belleza.

XX.

O claro Febo sobre Ethon trilhava
Em campos de zafir boninas de ouro,
Sortes fazia, e em purpura banhava (ro:
Cõ garrochões de luz de Europa o tou-
Quando á fonte sedento o Rey chegava,
Que pela boca, e vista a par do louro
Agua pura bebeo, e fogo puro
No liquido crystal, no crystal puro.

Era

XXI.

Era o Rey Acis ſetta de Cupido,
Que a Simothoes hũ Fauno amante déra,
Que a hũ corpo tres eſſẽcias tinha unido,
Deos ſemihome, e homem ſemifera:
Gigante deſvelado ao Sol dormido,
Segue com mimos, e com fé venera,
Competidor do Cyclope conſtante
Do corpo naõ, porém no amor gigante.

XXII.

Mimos lhe deixa em vime bem cõpoſto
Da amendoeira, que na flor, e fruta
Gala do prado he nectar do goſto,
E n'hum breve panal delicia muita:
De leite menos alvo, que ſeu roſto
Manteiga crua, e branda lhe tributa,
Bem q̃ menos por huma, e outra banda
A Galatea crua Acis abranda.

XXIII.

Tanto q̃ o mimo poem-ſe torna á fonte.
Acendendo hũ calor, quãdo outro apaga,
E no que veſte o nacar de ſua fronte,
Dá a frutos de cryſtal de aljofar paga:
E reclinado no florîdo monte, (faga
Que a quem piſando o trilha, brando af-
Dorme morto de amor, porém de ſorte,
Que tem deſvelo o ſono, a vida a morte.

Acor-

XXIV.

Acorda a Ninfa de temores chea,
E ligeira das flores se levanta,
Porém de Acis a fruta a Galatea
Foy como a de Hippomenes a Atalanta:
O doce favo branda foy cadea,
Que lhe deixou mais grave a leve planta
O favo: que tal Venus razaõ era
Naõ ser preza com ferro, mas com cera.

XXV.

Manteiga, mel, amendoas peregrinas
No prado achou, onde affrontava as co-
A bonina do Sol, Sol das boninas, (res
E de Venus a flor, Venus das flores:
Oh Serea das aguas Neptuninas
Amor, que sempre acabas em rigores,
E em brandura começas, qual Serea,
Pois tens cara fermosa, e cauda fea.

XXVI

Neste de amor principio deleitoso
Discursa a Ninfa sobre o dono ausente,
Que sendo duas vezes primoroso,
Repouso naõ tirou, e deu presente,
Já quasi vê que he Sol luminoso,
No doce mel doce veneno sente,
E tal, que derreter o favo espera
Naõ a cera cõ o Sol, mas o Sol co a cera.

Quan-

XXVII.

Quando o menino deos, e a Aguia cega,
Que regalla cruel, ſuave mata
O peito, que a ſeu peito culto nega
De ſettas de ouro branco fez de prata:
No cortez mimo a clara viſta emprega,
Mais amoroſa já menos ingrata,
E bem que eſtima de tal fé o abono,
Se o naõ perdera por achar ſeu dono.

XXVIII.

Pinta entre ſi do outro a doce guerra,
E tanto os olhos, e faces lhe enriquece,
Que hũ mappa faz do Ceo, outro da terra
Quando aquelle mais luz, e eſta florece:
Buſca no prado a quem no peito encerra,
E apar de hũ tronco em fim, q̃ ſõbras tece
Reſiſtencias do Sol, guerra da calma,
Achou ſeu corpo, mas perdeo ſua alma.

XXIX.

O corpo vio nas flores reclinado,
Porém cuidando ſer morte ſuave,
O que era ſó repouſo deſvelado,
Cortez ao ſono, á vigilancia grave,
Teme o querido, evita o deſejado,
Naõ ſabe proſeguir, nem tornar ſabe,
Qual borboleta, quando as luzes gyra,
A quem o amor impelle, e o temor retira.

Em

XXX.

Em fim chegou, e vendo neve, e roſa,
Que na mão, e na boca affina as cores,
Sente menos cruel, mais amoroſa
Fogo entre neve, aſpid entre flores:
Do Ceo imaginava a fronte ayroſa,
E do Sol os cabellos brilhadores,
Mas entre o Sol, e Ceo toda ſe aſſombra
De ver o Ceo na terra, o Sol na ſombra.

XXXI

Que podera render ſe perſuade
O paſtor mais que Paris bem diſpoſto;
Naõ ſó Venus, mas toda a mais deidade
Com as ricas maçãs do bello roſto:
Por delictos as julga, e com verdade,
Pois de tudo ſe eſquecem com ſeu goſto,
Mas quando nellas vê taõ lindas cores,
Por fruto as naõ tem, tem-nas por flores.

XXXII.

Cercando a groſſa boca buço louro,
Huma ſingular roſa conſtruia
Com pedra de rubim, engaſte de ouro:
Veneno em tudo a Ninfa em fim bebia,
Veneno, que do nectar he desdouro,
Porém bebendo mais, mais ſe embebia,
Menos ſedenta eſtá no rio, e fragoa
De fogo ſalamandra, adiſſa em agua.

XXXIII.

Por poſtigo ſubtil, que o ſono experto
Nas raſgadas janellas do ſeu roſto
Deixára mal fechado, mal aberto,
Conſidera o paſtor da Ninfa o goſto,
E que deixára a Troya tem por certo
A bella Ninfa engano bem compoſto,
Ao abrir das janellas, onde encerra (ra.
Guerra de Marte naõ, mas de amor guer-

XXXIV.

Abre em fim as janellas elegantes,
Donde hum par de mininas apparece,
No ſer mininas, no matar gigantes:
Deſperto amor com olhos já parece,
Quem Sol ſem elles parecia d'antes;
Pelos da Ninfa hum doce fogo dece
Ao coraçaõ, que ardendo bate as azas,
Naõ por fugir, por avivar as brazas.

XXXV.

Mais branda cadavez, menos ſevéra,
Menos ſe difficulta, mais ſe inflamma;
Porém ſeu peito avara recupera,
Quando ſeu amor prodigo derrama:
Hum tronco de frondoſos braços era
Pavilhaõ de huma verde, e doce cama,
E cortina tres vides, cujos laços (ços.
Grilhões na planta, algema ſaõ os bra-

So;

XXXVI.

Sobre hum verde tapete, donde affina
Seu primor Flora, e vence cõ mil cores
Quanto America lavra, e tece a China,
Se aſſenta a nova deoſa dos amores:
Como a Doris ſegundo a quem deſtina
O amor delicias, e o ciume dores,
Promettendo-lhe em hũa, e outra parte
Huma Venus gentil, hum novo Marte.

XXXVII.

Voaraõ triſtes junto ao verde leito,
Aves da noite ſem temer o dia,
Moſtrando triſtes o funeſto effeito,
Que contra os dous amantes já ſe ordia:
Se já naõ foy que voos deſte geito
Eraõ voz, que ao retiro os perſuadia,
Clamando q̃ deixaſſem hum breve goſto
Por fugirem a violencia de hũ deſgoſto.

XXXIII.

A ſombra deſta vide, que dilata
Pompoſos ramos de hum verde claro,
Ao Sol os furta, que com rayos mata,
Quando irado, e cioſo o monſtro raro
Hũa rocha humilhou, q̃ ás náos he grata,
Porque as conduz ao porto, como Faro
Ficando aſſim por huma, e outra via
Faro, mas cego, rocha ſim, mas pia.

XXXIX.

Mais alta rocha ſobre a rocha muda
Dá ſonoroſo alento á rouca avena,
Cuja horroroſa voz, agreſte, e ruda
Deixa a tuba mayor fraut a pequena:
A Ninfa o ouve, e o medo a cor lhe muda
De ardente roſa em candida açucena;
Fugir ao ſom naõ póde, ou naõ ſe atreve,
Porque o medo lhe poem grilhões de ne-

XL. (ve.

Da tuba rouca o ſom grandes eſpaços
Horrendo geme, atroa ruidoſo:
Sendo prizaõ aos pés, algema aos braços
Tira o ligeiro a ambas, e o forçoſo;
Das mãos tira o vigor, aos pés os paſſos;
Tomem da voz o canto pavoroſo,
E concebem da voz hum horror tanto,
Que a morte ambos quizeraõ mais que o

XLI. (canto.

Oh gentil Galatea, mais ſuave,
E branca mais q̃ as pompas de Cupido,
Mais fermoſa, que o paſſaro, que grave
Ouro a coroa, purpura o veſtido,
He das aves o Sol, e do Sol ave,
Naõ menos grata, que o jardim florido,
Mais doce, quãdo a calma, e frio aſſõbra
Que o Sol no Inverno, q̃ no Eſti[illegible] a ſõbra.

As

XLII.

As grutas deixa, tece o cabello louro
De ouro, ou zafir da undoſa monarquia,
Que ſobre ſeu azul fará teu ouro
Parar a noite, e proſeguir o dia:
A teu pé deve o nacar o theſouro,
Que com liquida neve o orvalho cria;
Pois teu cabello largo, e teu pé breve
Cifra os rayos do Sol, da Aurora a neve.

LXIII.

Cruel filha dos mares, cujo ouvido
A' minha voz he de aſpid ao encanto,
A's aguas deſte entrega teu ſentido
Deſte muſico triſte ao doce pranto, (do
Que os ventos tem callado, e emmudeci-
Com voz de falcaõ, e d'Orfeu canto,
Emmudecendo entre hũa, e outras veas
Do rio os cyſnes, e as do mar ſereas.

LXIV

Paſtor ſou, mas por eſtes horizontes
Quando bebe o meu gado, quando paſce,
Furta ao mar rios, corre á terra montes,
E fórma a lã, e leite, que lhe naſce,
Mores outeiros, naõ menores fontes,
Iguaes ás que por huma, e outra face
Deſcem a meu peito, q̃ cõ novo encanto
Dentro arde em fogo, fóra arde em prã-
to.

Mais

XLV.

Mais do q̃ às flores, e q̃ orvalho as flores
Arvores tenho, onde abelhas crio,
Que sahem de hũa, e entraõ de mil cores
De flores cheas, ricas de rocio,
Unindo cada tronco seus licores,
O que foy breve orvalho, he largo rio,
Onde se muda para mor thesouro
O pranto da Alva em riso, a prata em ouro

XLVI.

Tendo meu pay a Jupiter segundo,
Naõ segundo em valor, segundo em sorte
Mal póde a larga terra, o mar profundo
Darte sogro mayor, mayor cõsorte: (do
Naõ me desprezes, quãdo admira o Mun-
Minha excelsa estatura, e peito forte,
Qual outro nunca vio o Rey de Pindo
Do Nilo ao Tanais, e do Tejo ao Indo.

XLVII.

Trinacria o breve Ceo, o Ceo nevado,
Trinacria, q̃ he do Mũdo nobre emporio,
Deve a meu corpo Atlante levantado
Hũ novo monte, hũ quarto promontorio:
Se pois ao Ceo Atlante está chegado,
E o Sol primeiro aos montes he notorio
Bem será, bem que teus favores conte,
Sendo Atlante a teu Ceo, e a teu Ceo
monte.

XLVIII.

Ao Sol vi hoje, e vime juntamente
No quieto cryſtal de hum lago frio,
Por ſinal que me foy ſua corrente
Eſpelho pouco, ſendo largo rio:
Meu olho radiante, e o Sol luzente
Ficáraõ neſta viſta ao deſafio
Taõ huns na luz, que fomos neſta guerra
Elle do Ceo gigante, eu ſol da terra.

XLIX.

De minha gruta pende no rochedo
O truculento vulto, e pelle ayroſa,
Com que nos brutos cauſa amor, e medo
A fantaſma por fea, e por fermoſa,
Laſtimoſos ſinaes outro penedo
Dos peregrinos deſgraçados goza:
Porém já a dar hoſpicio me acommodo,
E ſe antes Marte fuy, amor ſou todo.

L.

Mais de perolas chea, que de vento
Igualmente de bens, e males chea,
Huma frota deſſe humido elemento
Beijou meu porto, e abraçou a arêa:
Eſte de cera, e cana inſtrumento
Era entaõ doce freyo á ſalſa vea
Com taõ ſuave ſom, que bem podéra
Ser aſſucar na cana, e mel na cera.

Quan-

LI.

Quanto o rico Senhor do roto pinho
De metaes, e de aromas me apreſenta,
Com que o Fenix faz, e tece o ninho,
E com que doura o Sol, e o feto argenta,
Tudo te offereço: e rõpe o veo marinho
Naõ te eſcondas, q̃ a ley ſempre ſe oſtẽta,
E ſe vem na celeſte Monarquia
As eſtrellas de noite, o Sol de dia.

LII.

Ao grato hoſpicio hum novo peregrino
Tributou quanto vérte, e quanto chora,
Electro louro, aljofar cryſtallino
A triſte Lampetuſa, a alegre Aurora:
E com engaſte do metal mais fino
Hum niveo ſom, que dente eburneo fora
Do feroz bruto, q̃ os mais fortes traga,
Torres ſuſtenta, exercitos eſtraga.

LIII.

Arco digo gentil com ſettas de ouro,
Obra feliz de artifice famoſo,
Que em tua mão de ſeu marfim desdouro
Será, ſe menos branco, mais ditoſo:
Pois imitas em luz a Febo louro,
A Febo imita em arco taõ luſtroſo,
E aſſim ficareis ambos neſta guerra
Elle arco do Ceo, tu ſol da terra.

Aqui

LIV.

Aqui romperaõ cabras petulantes
Seu duro canto, naõ ſeu brando effeito,
Deſenlaçando as vides, que eraõ d'antes
Cortinas freſcas do pompoſo leito:
Porém vendo o Monarca dos gigantes
Trocada a ſorte aſſim por eſte geito,
Pedras, e vozes deſpedio ligeiras,
Mais duras as ſegundas, q̃ as primeiras.

LV.

Os montes pelos ares vaõ voando
Com furia tanta ao longo arremeçados,
Que la aonde chegaõ, vaõ formando
Novos montes mais altos, e elevados:
Naõ ceſſa de atirar, nem de ir gritando
Com força tanta, taõ medonhos brados,
Que a terra treme, o Ceo, e o mar ſuſpi-
Hum do que falla, outra do q̃ atira. (ra

LVI.

Eſtraga o pavelhaõ com furia brava
Pedras arremeçando, que poderaõ,
Segundo a força, com que as atirava,
Arruinar ao Mundo, ſe quizeraõ:
Mas como ſó com ellas intentava
Vingar a affronta vil, que lhe fizeraõ,
Que ſó ſofraõ os dous o golpe ordena,
E que quem fez a culpa, ature a pena.

Ven-

LVII.

Vendo que ao mar com Galatea dece
Medroſo Acis, o Cyclope tyranno
Tantas rochas atira, que parece
Naõ Polifemo já, mas Centimano:
Rayos Jove! pois rayos bem merece
Eſte novo Tyfonte deshumano, (mo!
Que ao Ceo ſe atreve: rayos Deos ſupre-
Que Acis he Ceo, Tyfonte Polifemo.

LVIII.

Hum penhaſco arrancou mais levãtado,
E neſta pedra tantas vezes dura
Teve o paſtor ditoſo, e deſgraçado
Primeiro do que a morte a ſepultura:
A doce Ninfa do ſeu mar ſalgado
A Deos convoca, e ſeu favor procura,
Vem todos onde á morte rende a palma
O corpo do paſtor, da Ninfa a alma.

LIX

Já Polifemo eſtá de eſpanto abſorto,
Vendo correr por purpura rocio;
E a penha que foy alma de Acis morto,
Urna permanece, e de Acis rio:
Conſerva ſeu licor, que foge ao porto
De membros de cryſtal, da morte frio;
E ſeus olhos, e veas neſta mágoa
Ficaõ os olhos de fonte, e veas de agua.

Oh

LX.

Oh gloria mal presente, e mal passada!
Oh delicia de amor, qual vento leve,
Mais que o fogo de hum rayo acelerada,
Naõ menos mobil, q̃ de hum rio a neve!
De Veraõ noite, quando mais pausada,
De Inverno dia, quando es menos breve,
He bem caduco o cego, que confia
Em vento, em fogo, em neve, em noite,
(em dia.

JOR-

JORNADAS
DE
JERONYMO BAHIA.

DEDICATORIA.

MEu D. Franciſco de Souſa,
Que por linguas taõ diverſas
Sois homem de muitas partes,
Naſcendo ſó n'huma terra.
Vós cujas armas publicaõ
De creſcentes Luas feitas,
Que ſois Fidalgo nas luas,
Que ainda he mais, que nas eſtrellas,
Vós, Ceſar novo in utroque,
Digo na eſpada, e na penna,
Em quem he luſtre, e naõ mancha
O ter folha, e ſaber letra.
Vós, que no jogo da eſpada
Tendes a dextra taõ déſtra,
Que quem vos mantém o jogo,
Sempre de piques ſe queixa:

Vós,

Vós, que ao ginete mais bravo
Sem eſporas, e ſem rédeas,
Quando naõ he todo trigo,
O meteis n'huma joeira.
Vós, a quem fez Capitaõ
A Muſal Corte novena,
Que por verſos de Bengala
Vos dá poſto da gineta.
Vós, (mas baſta tanto vós)
Que a minha Muſa burleſca
Temo, que della ſe diga
Que naõ canta mas vozea.
Paſſo pois avante, e digo
Que a mim me deu na veneta
(Que a minha vea por pobre
He mais veneta, que vea.)
Eſcrevervos muy de burlas
O que ſenti muy de veras,
Ouvi pois minhas jornadas,
E vereis minhas tragedias.
Ouvi, Franciſco elegante,
Que cedo Muſa mais terſa,
Reveſtindo meus affectos,
Celebrará voſſas prendas.

JORNADA I.
DE LISBOA PARA COIMBRA.

ROMANCE.

O Senhor da Esféra quarta
Mais armado, que o da quinta,
Pois ſempre traz a peſſoa
Dentro n'hum fino metida,
Ouro brilhante pezava,
Que foy naſcido nas Indias,
Ouro fino para Daphne,
Bem que Daphne lhe poz liga.
Naõ puro para jacintho,
Pois dizem prender queria
Em ſeu ouro amartellado
Jacintho por pedra fina.
Porém façamos já ponto,
Que naõ quero que ſe diga
Vay minha Muſa com pezo,
Mas que naõ vay com medida,
Pezava todo o ſeu ouro
A deidade ſobredita,

E por

E por final que pezava
Todo o seu ouro huma libra.
Quando (naõ ouvida mágoa)
Partí (naõ dita, desdita)
De Olyssea, ay Olyssea!
Para Coimbra, ay Coimbra!
As mininas dos meus olhos
Choravaõ como mininas
Pedaços d'alma, que entaõ
De cantaro parecia.
Perlas netas naõ choravaõ,
Que como saõ taõ tenrinhas,
Inda naõ tem perlas netas,
A penas tem perlas filhas.
Dava-me a agua pela barba,
E creyo se affogaria
O meu rosto, se o meu rosto
Naõ nadára com bexigas.
Mas ah sim, que o dia, e hora
Da jornada me esquecia,
Porque sobre ingenium tardum
Sou tambem memoria infirma.
De outro dia me parece
Que foy aquella hora esquiva,
Pois foy a hora de terça,
Sendo da segunda o dia.

Se quereis ver meu alforje,
Ouvi minha Poesia,
Que se naõ dais audiencia,
Mal vos poderey dar vista.
Tres aves, que n'hum só valle
Fiz eu despachar da vida,
Matey; mas naõ foy façanha,
Porque em fim eraõ gallinhas.
Mais hum, que qual verso culto
Dente de coelho tinha,
Animalejo taõ rico,
Que tem em casa huma mina.
O graõ Diogo Ferrás,
A quem Castella inimiga
Mais que bravo no appellido
Vio bravo na valentia.
Seis queijos para meus queixos
Me deu com graõ fidalguia,
E foraõ para a memoria
Naõ achaque, mas mésinha.
Os doces vos naõ descrevo,
Pois bem vedes que convinha
Levar alforjes de doce
Hum engenho da Bahia.
Só caminhey duas legoas,
E porque rifões desminta,

De vir mal acompanhado
O vir taõ ſó me naõ livra.
Na Boca de Sacavem
Encontrey linguas malditas,
Que mais que a Boca de larga,
Tinhaõ ellas de compridas.
Rico fora o meu barqueiro
Mais que Creſlo, mais que Midas,
Se recolhera de juros
O que de juras dizia.
Reynava no mar hum vento
Daquelles, que Camoens pinta,
Taõ valente, que de hum ſopro
A mil velas mataria.
Para reparar ſeus golpes
Puz huma gorra de friza,
Mas elle ſe fez taõ facil,
Que de gorra ſe metia.
Tomey terra, achey pouſada;
Chamey, reſpondeo Maria,
Poz-ſe a meſa, e ſobre a meſa
Paõ de ſegunda, e de prima.
Agora, Apollinho, agora
Manday, meu louro, que aſſiſta
A Poeta comedor
Huma Muſa comeſinha.

Comi dous Santatoninhos
Com huma fome exceſſiva,
E ſer entaõ papa Santos
Naõ foy certo hypocriſia.
Deſpachey o paõ primeiro,
E o outro, que ſe ſeguia,
Naõ eſtava todo trigo,
Vendo fome taõ canina.
Pedi mais peixe, mais peixe
Poz rebolindo a mocinha
Peſcada partida em poſtas,
E pela poſta comida.
Cuidareis lendo meus verſos,
Que jantey com alegria?
Ah, que levey muitos tragos
Por certas razões, que tinha!
Acabo pois de jantar,
Neſta rima, e neſta rima
Baſta dizer a Deos graças,
Sem que aos homens graças diga.
Calvagey n'hum macho negro,
Que já ſer branco podia,
Poſto que eſtá nos ſeus treze:
Bella idade para Ninfa!
Caminhey de eſpora, e botas,
E ſempre o moço dizia

Nas tavernas: Lança, lança;
Nas eſtradas: Pica, pica.
Tambem fuy ſó neſta tarde
Sem encontrar alma viva,
Mariano do deſerto,
Naõ Padre da Companhia.
Dey co meu corpo na Alhandra,
Eſtalagem bem provida,
Já quando a boca da noite
Beijava o rabo do dia.
Naõ me eſtranheis eſte verſo,
Pois com razaõ conhecida
A taes beiços taes alfaces
Applicou minha Thalia.
Perguntey: Ha que comer?
Reſpondeo-ſe: Ha azevías:
E temí, porque naõ ſaõ
A negros muito propicias.
Com tudo doze comi,
E dando-mas muy bem fritas,
Me admirey de vir taõ quente
Peixe, que taõ freſco vinha.
Eraõ valentes as doze
A's doze mil maravilhas,
Mas eu as deixey taõ fracas,
Que foraõ poſtas na eſpinha.

N'huma caixa de perada
Bem temperada, e bem fina
Já tocava a recolher,
Porque marchar naõ podia:
Quando voſſas ſaudades,
E logo lagrimas minhas
Deixaraõ qual peixe na agua
O peixe, que em mim ſe via.
Da cea me levantey,
E porque o ſono cahia,
Preſto caminhey da Cea,
Com ſer taõ longe, a Caminha.
Fim da Jornada: Laus Deo,
E quem me naõ der hum viva,
Morra de morte macaca
Sem huma vela bugia.

JORNADA II.

ROMANCE.

A Bella mãy de Memnon,
Memnon monſtruoſo parto,
Porque ſendo a mãy taõ alva,
Foy o filho taõ mulato.

Como bella bellicoſa
Armada de ponto em branco
Campava com ſua eſtrella,
E capeava os mais aſtros.
Quando, amiciſſimo Souſa,
De huma cama me levanto,
Que foy por fria de vento,
Que foy por dura de campo.
Puz-me a cavallo, mas minto,
Naõ me puz ſenaõ em macho
Taõ matador, que eſtivera
N'hum potro mais deſcançado.
De ſingular prefumido
Deixa o caminho trilhado,
Naõ anda a raſto da beſta,
Sendo beſta, que anda a raſto.
Eſgrimidor fez o golpe
Onde naõ fez o ameaço,
Pois por matarme a revezes,
Sempre me buſcava atalhos.
Eu lhe grito: Porque foges,
Dize, beſta do diabo?
Naõ de diabo ligeiro,
Mas de algum diabo tardo.
Dando hum ſonoroſo orneyo,
Que intimidou o lacayo,

Me reſpondeo muy humilde,
Que nunca foy desbocado.
Eſcutay, que he muy ſubtil,
E vereis, Franciſco amado,
Em verſos muy poucos femeos
Conceitos, mas muitos machos.
Nada comi na eſtalagem,
Como quer pois, Senhor amo,
Que tenha pés de repente
Quem naõ tem pés de penſado?
Fujo a eſtrada por fugir
Hum atoleiro nefando,
Porque ſendo taõ agudo,
Naõ he bem fique atolado.
De que lhe ſerve apertarme
Eſſas eſtrellas nos lados,
Se as vejo mais de faminto,
Do que as ſinto de picado?
Ha quaſi dezaſeis horas
Que me tem feito mil quartos
Seus piques, porque ſeus piques
Só ſaõ de ſaca bocado.
De mais, que já ſou muy velho,
E qual ſe fora novato,
Ha ſeis dias me meteraõ
Mil encravações nos caſcos.

Quer

Quer que caminhe com fome,
Como caminho com paſto,
Sou eu *Genu* para ſer
Hum meſmo em diverſos caſos?
Quem diſſe barriga farta
Pé dormente, he hum madraço,
Pois eu tenho o pé dormente
Em naõ tendo o ventre farto.
Nem agua me ſabem dar,
E com effeitos contrarios,
Quando venho mais ſedento,
Entaõ venho mais aguado.
Morto me creyo, meu Padre,
Se pois eſtima os adagios,
Depois do ſeu aſno morto
Lance-lhe cevada ao rabo.
Seja liberal comigo,
Que bem que conto mil annos,
Hum Bucefalo ſerey,
Se for comigo Alexandro.
Como poſſo caminhar
Por hum caminho empedrado,
Se eſtá calçado muy bem,
Quando me acolhe deſcalço?
Se vou por hum prado ameno
De mil flores matizado,

Pizo lirios, pizo roſas,
Porém nunca pizo cravos.
A penuria me tem feito
Poeta de pé quebrado,
As chagas me fazem Cancer,
Entaõ como Cancer fallo.
Porém já naõ fallo mais,
Porque temo ſer notado,
Que quem vive taõ eſtreito,
Naõ he bem falle taõ largo.
Mas vá de vagar, que eu eſpero,
Bem que ſeja cenſurado,
Que ſó por naõ verme em preſſas
Eſcolho verme em trabalhos.
Tanto os vagares eſtimo,
Tanto com preſſas me canſo,
Que fugi de ſer vendido,
Só por naõ ſer apreſſado.
Contarlhe quero hum ſegredo,
Mas tanto que for contado,
Mandeme tapar a boca
Com todos os de cavallo.
Aquellas meyas Inglezas
Para o Miranda admirando,
Que he cunhado de ſeu tio,
Mas naõ val mais por cunhado.

Per ſi ſó tem tanto preço,
Tem per ſi ſó valor tanto,
Que bem que naõ he bizonho,
Nunca poderá ſer pago.
Eſſas meyas pois lhe ficaõ
Na mão do vendeiro Caco,
Que ſó mear lhe faltava,
Para ſer de todo gato.
Acabou ſem dizer *Dixi*
O machinho de canſado,
Muy ſobrado de razões,
Porém de rações muy falto.
As minhas meyas, infame,
Diſſe entaõ para o lacayo,
He bem que em venda me fiquem
Depois de tellas comprado?
Tornemos atraz por ellas,
Me diſſe, mas eu bizarro,
Eſſo no es de Cavalleros
Lhe reſpondo em Caſtelhano.
Torna tu ſó para Turco,
E dize a eſſe borracho,
Que ſe te der o perdido,
Que tu lhe darás o achado.
Dize-lhe que ſou ſobrinho
De hum Lente de Prima raro,

Ha muitos annos Marçal,
Ha poucos mezes Caſado.
Dize-lhe mais que he meu tio
Deſembargador de Aggravos,
Que ſe poem embargo ás meyas,
Que tem certo o deſembargo.
Ameaça o com algozes,
De que o Reyno eſtá muy farto,
Pois he couſa, que já Deos
Os dá por eſſes Carraſcos.
Quando nada diſto baſte,
Chama o Juiz eſpadano,
Que to prenda; e pois tem meyas,
Tenha ligas o valhaco
Dize-lhe que ſerá ſempre
Em meus cultos Sonetaços
Naõ eſpadano Juiz,
Porém ſim Juiz louvado.
Dize-lhe. Mas iſto baſta,
Vay correndo, vay voando,
Que te terey por bom ſervo,
Se correres como hum gamo.
Partio de carreira o moço,
Eu me fiquey eſperando
As meyas ſobre a carreira,
Porém naõ ſem ſobreſalto.

Em Villa-Nova eſperey
Deſte dia blasfemando,
Mas naõ levarey mordaça,
Que naõ era o dia ſanto.
Oh terça feira, lhe diſſe,
Oh dia ſempre aziago
A Bahias pelas meyas,
A Menezes por çapatos!
Oh, que bem que foſte a Marte,
Sem ſer livro, dedicado,
Dia mais crú, que D. Pedro,
Mais que D. Affonſo bravo.
De aço ſe veſte o teu Deos,
De valente rebentando,
Porém mais do que nas guerras
Nos amores gaſta o aço.
Vay-o perguntar a Febo,
Vay-o ſaber de Vulcano,
Que eu naõ quero referir
Succeſſo taõ enredado.
De mais, que fabulas digo,
Se to diſſe mentecapto,
Naõ deves ſer fabuliſta,
Porque tens pouco de humano.
Diſtava igualmente o Sol
Do Oriente, que do Occaſo,

O Sol

O Sol badalo luzido
De tantos Signos dourados.
Mas o relogio das tripas
Apontava as tres, ou quatro,
Que como eſtava muy leve,
Corria muy apreſſado.
Quando pedi de jantar,
Deraõ-me coelho aſſado,
Que já foy lançado aſſima,
Que já foy lançado abaixo.
Deu-mo o famoſo Pereira,
E poſto que neſte caſo
Hum ſó coelho me deu,
He ſenhor de muitos dados.
Chegou mais huma gallinha
Das tres, que tenho contado,
E tive paõ como terra,
E vinho como bagaço.
Jantey, fiz da caſa cama,
E traveſſeiro do manto,
Deiteyme falto de goſto,
Porém de cama ſobrado.
Dormi, e acordey mil vezes,
Nas meyas imaginando,
Que me tomaraõ de meyas
O deſvelo, e o deſcanſo.

Chegou o lacayo em fim,
Odre vivo, e novo Baco,
De meyas muy mal provido,
De botas muy recheado.
A poder de puro tinto
Deixou as meyas em branco,
Naõ trouxe o magano meyas,
Mas trouxe gata o magano.
Trazes as meyas? lhe diſſe,
E reſpondeo muy borracho:
Meyas ſim, porém canadas,
Que quanto Inglezas naõ trago.
Das meyas me fez meadas,
E fallou taes embaraços,
Que buſcando humas Inglezas,
Com mil ingrezias o acho.
Perguntey-lhe ſe comera:
Diſſe que naõ amuado,
Deylhe entaõ huma gallinha,
Bem que merecia hum gallo,
Parto em fim de Villa-Nova,
Em fim na Azambuja páro,
Onde fiz eſte Romance
Muy miſeravel, muy largo.
Foy feito á dourada luz
De hum candieiro eſtanhado:

Se tem graça, o candieiro
Me empreſtou o garavato.
Ceey ſem limaõ, nem lima
Outra franga como hum pato,
Foy mal limado o comer,
Qual o verſo mal limado.
Dous contrarios n'hum ſujeito
Acho no licor do cacho,
Pois tendo eſpirito pouco,
Era naõ pouco arrobado.
O ſono ladraõ da vida
He ladraõ tambem do fato,
Porque nos deixa em camiza
Mais cruel, quando mais brando,
Neſte ponto me rendeo
O meu plectro, Souſa claro,
Foy facil ficar dormindo
Quem nunca foy acordado.

JORNADA III.

ROMANCE.

ROmpia eſquadrões de eſtrellas
Na celeſtial campanha,
Dando com balas de argento
Huma bella rociada.

Bem

Bem que saõ todas huns rayos,
De tal sorte as despachava,
Que só ficou huma estrella
Para contar da batalha.
Companhias de volantes
Deixaõ de estar emboscadas,
Vendo palma taõ luzida,
Vendo vitoria taõ clara.
Todas ornadas de plumas,
E todas postas em ala,
Quando triunfa no Ceo,
Na terra lhe fazem salva.
Perguntareis quem triunfa?
Digo que bem se declara,
Deixando a pessoa em branco,
Que a tal pessoa era a Alva.
Era do pobre Thiton
A bella mal maridada,
Pobre lhe chamey; mal disse,
Que Thiton tem muita branca.
Era a deidade, que brinca
O Ceo de mil cores varias,
Mas bem que em brincos começa,
Em chorinhos sempre acaba.
Era: porém basta de eras,
Que se lhe dou eras tantas,

Ficará terrivel dona,
Naõ ficará bella dama.
O que quero, que iſto monte,
He que no Ceo ſe moſtrava,
Se naõ taõ batalhadora,
Pelo menos aſſomada.
Quando muito dorminhoco
Sahi da dita pouſada,
Porque he quarto da modorra
Para mim he quarto d'Alva.
Fuy caminhando, e dormindo,
Porém a poucas paſſadas,
Com naõ ſer peſſoa illuſtre,
Me vi peſſoa eſtirada.
Cama me buſcou o macho,
Quando vio modorra tanta,
E foy cuſtoſa, pois nella
Me vi coberto de lama.
Em fim dormindo cahi,
Mas dey a quèda taõ branda,
Que depois de eſtar deſperto
Cuidey que fora ſonhada.
Da roupa me naõ paſſou,
Meu Senhor, eſta deſgraça,
Porém encherme de barro
Naõ foy barro para a capa.

Quando aqui cahi, o lacayo
Qual onça ligeiro falta;
Por onças me ſerve o moço,
Mas por arrobas me enfada.
Porém baſte já de quéda,
Porque ſuſpeito vos cança
Ver do Author taõ bem cahido,
Taõ mal cahidas palavras.
Cuido vaõ paſtas de lodo,
Quaes do veſtido as botava:
Mas naõ me culpeis, que em quédas
Muito chãmente ſe falla.
Almoçar fuy ao Cartaxo
N'huma venda deſaſtrada,
Muito limpa de coſinha,
E muito çuja de ſala.
Apreſentou-me a vendeira
Cruel bacalháo de paſta:
Oh quem lhe pagára em ſolas,
O que em bacalháo me dava.
Bem que tinha muito ſal,
Eu lhe achey taõ pouca graça,
Que me indiney, mas em fim
Naõ me paſſou da garganta.
Deixey ao lacayo o peixe,
E me puz a ler as chanças,

Que campaõ por bem diſpoſtas
Com nome de Canceradas.
De D. Jeronymo Cancer
As obras li celebradas,
E me dey a comer livros,
Quando o moço a comer paſtas.
Logo nas primeiras folhas
Vi em Decimas delgadas,
Que teve ſeus nove a fome,
Como tem ſeus nove a fama.
Com fome li, mas com goſto,
Porque em fim me conſolava
Neſta miſeria preſente
Con la miſeria paſſada.
Daqui fuy a Santarem,
De Portugal terra ſanta,
De quem diſſera milagres
Pela hoſtia conſagrada.
A jura naõ me eſtranheis,
Que neſta Villa affamada
Quem lança votos a Chriſto,
Mais agrada, do que aggrava.
Porém nada dizer quero,
Porque ſaõ couſas muy claras
As que por mar, e por terra
Zéla o Tejo, e a Villa guarda.

A's dez cheguey ao Moſteiro,
E para tratar da pança,
Bem que chegava ás dez horas,
A deshoras naõ chegava.
Naõ refiro o que comi,
Pois cuido que já me chama
O leytor *amicus menſæ*,
Sendo *amicus uſque ad aras*.
A Santa Clara cheguey,
Onde naõ pouco eſtrellada,
A gema da fermoſura
Achey n'huma Freira Clara.
Conſentime que vos pinte
Amaryllis a galharda,
Que della naõ direy couſa,
Que lhe naõ venha pintada.
Eyla vem, eyla apparece,
Eyla ſahe a fermoſaça
Com veſtido de Quareſma,
Porém com cara de Paſcoa.
Era mar de fermoſura
A cara mil vezes cara,
E por ſer ſempre mar leite,
Maré de roſas formava.
Advirta o leitor, que aqui
Dos cabellos ſe naõ falla,

Porque quando tomou ordens,
Logo ficou tonſurada.
Deixou differentes ſedas
Só por buſcar a lã parda,
Mas quando veyo por lã,
Foy a moça toſquiada.
He de leite, e de deleite
Sua fronte dilatada,
Mas de leite, a quem podéra
Dar o leite meya nata.
Menos branca junto della
Se via a branca toalha,
Muy de Hollanda para as viſtas,
Muy para as vidas de caça.
Os olhos ſaõ taõ ſuaves,
Inda quando eſtá mais brava,
Que ſe arregalla ſeus olhos,
Todos os olhos regalla.
As peſtanas fura vidas
Taõ agudas como largas
Eraõ picantes ouriços
De ſuas luzes caſtanhas.
Saõ da cor das violetas,
E bem merecem, que a fama,
Melhor que peſtanas roſas,
Conte violetas peſtanas.

Vendo das floridas faces
A purpurea cor nevada,
Ficáraõ poſtas na eſpinha
Tyrias roſas, roſas brancas,
O nariz em branco fique
Que minha Muſa attentada
Por nelle ſe naõ perder,
O quer deixar, como o acha.
Niſto de pintar narizes
O meſmo Febo ſe enfada,
De tal ſorte, que lhe chega
Aos narizes a moſtarda.
Com tudo lhe chamarey
Na culta Latiniparla
Peninſula de marfim
Entre pelagos de nacar.
Porém ſe quereis que falle,
Mais que de veras, de chança,
Lhe chamo Torre de Faro
Luzidamente eſpalhada.
Apenas ſe abre huma flor
Na boquinha nacarada,
Porém abrem-ſe mil glorias,
Poſto que apenas ſe abra.
Os dous goloſos beicinhos,
Veſtindo fina eſcarlata,

Saõ Cardeaes de Florença,
Amiciſſimos do Papa.
Os Cardeaes o permittaõ,
Pois convem a tal zagala
Urbana purpura ſim,
Que naõ purpura ſerrana.
Com huma voz, e mil vozes
A garganta ao roſto falla,
E diz: Depois de vós nós,
Vós ſois Sol, nós ſomos alva.
Em fim, que tinha Amaryllis
Nos olhos, e na garganta
Caſtaneas, nucesque meas,
Quas Amaryllis amabat.
Oh que bem ſoa o verſinho
Da Thalîa Mantuana!
Daqui ſe colhe, que os verſos
Partidos tem ſua graça.
Porém reparos deixando,
Rematemos o que falta,
E bem que ſeja ſiſuda,
Fique a moça rematada.
O mais candido leitor
Seu epiteto ás mãos larga,
E fica a prata mais rica
Taõ pobre, que naõ tem branca.

Encordoava os extremos
Da cintura delicada
Hum cordaõ, ao Ceo chegou,
Sendo naſcido das malvas.
Naõ tive pé de cantiga
Para ver do pé a planta,
Porém digo, e que bem digo!
Que ſeu pé n'hum ponto nada.
Da condiçaõ nada ſey,
Mas ſer boa ſe declara,
Porque taõ bella peſſoa
Deve ſer peſſoa branda.
Em fim no garbo, no brio
He ſeu corpo feito de almas,
Deſalmada tem más obras,
Boa viſta tem Almada.
A' gentileza as ſereas
Saõ com ella comparadas,
Eſtas nem carne, nem peixe,
Aquella carne de vacca.
Viraõ-ſe junto a ſeu roſto
Ariadna, e Atalanta,
Atalanta em muitas partes,
N'hum labyrinto Ariadna.
A bella filha de Ceres,
De Perſeo a gentil dama,

Hu-

Huma ficára trigueira,
Outra atadinha ficára.
Ficaraõ do grande Eneas
As conſortes olvidadas,
Creuſa toda perdida,
Dido toda traſpaſſada.
A brancura, e a brandura
De ſeu roſtinho deixára
Thisbe negra como Moura,
Daphne dura como planta.
Se o Sol de ſeus olhos vira,
Rhodas ao Sol dedicára,
Deixando o Sol com ſeus olhos,
Rhodas lhe chamára Amalta.
Se tornára a competir
Sobre a maçã Venus alva,
Poſto que venceo em Ida,
Naõ vencera na tomada.
Porém direis que ſou largo,
Sendo muy breve a mochacha;
Mas bem que ficou pequena,
Crede que naõ ficou baixa.
Alta por ſeus aſcendentes,
E por ſuas prendas alta,
Só no corpo he mal medida,
Porém naõ he mal talhada.

Falley-lhe com bravo eſtylo,
Porém com modeſtia rara,
Pois chegando a *Muſa*, *muſæ*,
Naõ paſſey a *Amo*, *amas*.
Diſcorria reſpeitoſo,
Amante me naõ moſtrava,
Rara foy a cortezia,
A continencia mais rara.
Naõ ſey inda entender como
Suas diſcretas palavras,
Tendo tanto de cahidas,
Tem tanto de levantadas.
Mas os conceitos, que diz
Já nas veras, já nas graças,
Naõ retratarey, amigo,
Que o que diz, naõ ſe retrata.
Houve merenda no caſo
De diverſos doces ampla,
Foy eſta tarde muy doce,
Mas tambem foy muy ſalgada.
Deſpedime, quando o Sol
Em todo hum mar ſe affogava,
Que quem he Sol, naõ convem
Affogarſe em pouca agua.
O' Muſa ſentencioſa,
Como me dás eſperanças

De andar muy cedo por feitos,
Pois já por ſentenças andas.
Chego a caſa, poem-ſe a meſa:
Mas acabe-ſe a jornada,
Que teve, por ſer terceira,
Grã parte de Franciſcana.

JORNADA IV.

ROMANCE.

A Democrita do Ceo
Ou a Heraclita do Polo,
Que ſe desfaz toda em riſo
Que ſe desfaz toda em choro.
Filoſofa no deſprezo
De perolas hum theſouro
Derramava ſobre a terra,
Bem que as trazia nos olhos.
Quando acordey, doce amigo,
Ao ſom de meus proprios roncos:
Era o tal ſono cobarde,
Ronqueilhe, e fugio o ſono.
Veſtime, e o roſto lavey,
Porque ſe naõ lavo o roſto,
Por meyos de deslavado
Se mete a ſer vergonhoſo.

Almocey hum frangainho,
De peras cubertas oito;
Seis foraõ, mas conto mais,
Porque me vem mais a conto.
Os conſoantes pediraõ
As duas, que de mais ponho,
Que por amigos de doce
Querem campar de bom goſto.
Inda que as tiro da boca,
O que me pedem, lhe outorgo,
Que como ſaõ taõ meus amos,
Com elles peras naõ jogo.
Montay, meu Souſa, no macho,
Bem que nelle nada monto,
Pois da minha anthoridade
He inimigo nos oſſos.
Por eſſes trigos me vou,
Porém no campo eſpaçoſo,
Bem que vou por eſſes trigos,
Do caminho naõ me alongo.
Na Golegã deſcavalgo,
Ou deſmacho, que he mais proprio,
E ſe deſaſnára, fora
Muy mais elegante modo.
Eſtalajem á mão direita,
N'um apoſento taõ roto,

Que

Que por ſeus velhos remendos
Se viaõ ſeus entreforros.
A miſeria lhe notey,
Mas a ſoberba mais noto,
Porque tendo poucas partes,
Acho naõ tem fumos poucos.
Poeta me pareceo,
Mas naõ Poeta oſtentoſo,
Porque com ter varias rimas,
Moſtra nada ter compoſto.
Hum inſtrumento de boca
Temperou noſſa ama logo,
E eu vendo que ella tempéra,
Minha garganta diſponho.
Mas niſto chegou noſſa ama
Com hum prato muy fermoſo,
Porque tinha huns olhos verdes,
A pedir de boca os olhos.
Eraõ muy tenros, muy doces,
Mas ſou eu de taõ máo goſto
Que com ſerem taes, os trouxe
Entre meus dentes hum pouco.
Depois dos olhos de cove
Huma forçurinha como,
E comi bem por miudo,
Bem que o digo muy por groſſo.

Huma

Huma franga vem sem pena
No cadafalso goloso,
Por ser christã nova hum tanto,
Sahio condenada ao fogo.
Mais fino do que hum amante,
E mais que hum Cide forçoso
Mais puro do que huma Vestal
Mais rubicundo, que Apollo.
Era o vinho, que bebí,
Taõ delgado, taõ gostoso,
Que muitos furos abaixo
Lhe fica o Falerno tosco.
Era em fim tal, que melhor,
Que a Freira de melhor rosto,
Obrigaria aos amantes
Naõ se apartarem do torno.
Regaleyme como hum Padre,
E farteyme como hum tolo,
Ceveime como espingarda,
E fiz-me como hum pelouro.
Comi finalmente hum doce,
Mas por ser muy torpe poço
O desta Villa, naõ quiz
Que fosse aguado o meu gosto.
Puz-me logo a caminhar,
E já depois do Sol posto,

Qual

Qual engenhoſa abelhinha,
N'huma cortiça me ponho
Referirvos eu a cea
Fora proceſſo enfadoſo,
Bem que por eſtar muy quente,
A deſpachey n'hum aſſopro.
Comer, e callar me agrada,
Darey pois na boca hum ponto,
Porque de mim ſe naõ diga
Que bem como, e que mal coſo.

JORNADA V.

ROMANCE.

OH como eſtou deſcançado!
Mas que muito, illuſtre Souſa,
Se na minha quinta eſtou:
Pouco falta; mãos á obra.
Vergonhoſa, e magoada
Se moſtrou a bella Aurora,
Magoada de huma morte,
De huma vida vergonhoſa.
Por Titaõ a ter taõ muita,
Por Memnon a ter taõ pouca,

Traz no coraçaõ a mágoa,
E traz no roſto a vergonha.
Em fim que chorava, e ria
A rouxiſſima madona,
Que como prudente guarda
La riſa para la llora.
Quando eu muy cavalleiro
Rédeas ſolto, aperto eſporas,
E Pegáſo feito o macho
Naõ corre ſó, porém voa.
A viſta lhe arde em cachões
Com colera generoſa,
E da fervura dos olhos
Eſpumas lhe vem á boca.
Paſmey-me deſta eſperteza
Depois de tanta modorra;
Em fim correo como gamo
Quem naõ caminhava jota.
He conceito do A B C,
Mas por ſer Grego ſe ſofra,
Que bem com taõ Grega beſta
Grega fraſe ſe accommoda.
Cedo entrey por Anciaõ,
Mas naõ direy neſta copla
Couſa nova, porque implica
Anciaõ com couſa nova.

Eraõ ſete horas, e meya,
Pouco importava eſta conta,
Mas de pobres, e canſados
Dando eſtaõ meu verſos horas.
A' porta deſcavalguey
De huma venda muito boa,
Mas ſendo taõ boa a venda,
Fiz eu muy infame compra.
Pelo almoço perguntey,
Acodio logo huma moça
De fórma muy liberal,
Mas de muy ſecas repoſtas.
Temos bacalháo, me diſſe,
E fallou taõ gracioſa,
Que tem menos ſal ſeu peixe,
Do que tem ſal ſua boca.
Quaſi vos quiz debuxar
Eſta vendavel cachopa,
Mas naõ me meto em debuxos,
Por naõ meter-me em hiſtorias.
Naõ por comer, por comprar
Pedi duas, ou tres poſtas,
Muito mais ſecas do que hum páo,
E mais que hum páo matadores.
Em provando as reprovey,
Pedi mais alguma couſa,

E vin-

E vindo huns óvos com mel,
Me cahio no mel a ſopa.
Era taõ bem quiſto o mel,
Que ſegundo minhas contas,
Nunca por elle ſe diſſe,
Que nelle ſe naõ poem moſcas.
Pois quando a torta virey,
Ay que viſta taõ nojoſa!
Na torta huma moſca vi,
Que me deixou a alma torta.
Naõ acabo de entender
Como foy taõ rigoroſa
Aquella, que por taõ manſa
Parecia moſca morta.
Nada mais pude comer,
Mas que muito, que naõ coma,
Se a torta me deu quebranto
Com ſua viſta medonha.
Logo me puz a cavallo,
Seguindo minha derrota,
E caminhey taõ depreſſa,
Como quem hia com moſca.
Logo deſcobri Coimbra,
E com trompa dorminhoca,
Dorminhoca lhe chamey,
Porque reſonava a trompa.

O' Cidade, que eſtás rindo,
Lhe digo, das mais luſtroſas,
Ou cá neſte Mundo vivas,
Ou cá neſte Mundo morras.
Vós ſois a melhor Cidade,
Que tem Luſitania toda,
Mais gente de capa preta
Naõ vio Paris, nem vio Roma.
O pé vos beija o Mondego,
Fonte em graça, rio em copia,
Que campa com ſua eſtrella
Entre os mais rios de Europa.
Vós me déſtes de mamar,
Vós me creaſtes com broa,
Que ſe fazia amarella
De minha fome medroſa.
Vós me fartaſtes de tentos,
Feijões digo, em minhas trovas,
Porque entaõ tentos me déſtes,
Vos dou louvores agora.
Hoje de Lisboa chego,
E bem que he terra famoſa,
Me crede, que os voſſos longes
Saõ os pertos de Lisboa.
Palavras naõ eraõ ditas,
Quando entro pela porta,

Que moça, leaõ, ſerpe,
Que tem ſerpe, leaõ, moça.
A caſa fuy de meu tio,
E ſubi ſem dizer oyla,
Hum pajem me encontra, minto,
Recebe-me, naõ me encontra.
Em fim me abraça meu tio,
E minha Muſa goſtoſa
As graças em pé remata,
Quando dou principio ás glorias.
Acabey qual Prégador,
Porém foy traça engenhoſa
Darlhe com gloria no fim,
Que alfim ſe canta la gloria.

JORNADAS DE LISBOA PARA O ALEM-TEJO.

JORNADA I.

ROMANCE.

AMigo, eſta voſſa carta
Me chegou, quando eu eſtava
Em o jogo da fortuna
Dando outro baralho ás cartas.
Pois das eſtradas, e vendas,
E vendeiras deſaſtradas
Taõ perdido eſtou, que ſó
Co eſta carta me ganhára,
Nella pedîs vos dê conta
Da minha fatal jornada,
Como me foy de caminho
Ca nas partes Tranſtaganas?
Comvoſco mais que com Deos]
Serey liberal em dalla,
Pois dando-a a Deos muy eſtreita,
A vós a devo dar larga.

Mas dar da jornada novas
Será comedia ſem falta,
E em ſer novas de caminho
Ouvireis tramoyas bravas.
Aos vinte e hum de Janeiro,
(Tabellioas ſaõ as palavras)
Mas logo de mim eſcrivaõ
Me ouvireis em as pouſadas.
Digo a tantos de tal mez,
Que aſſim a folhinha o dava;
E em dar naõ moſtrou ſer folha,
Porque em verdade aſſim paſſa.
Em huma ſegunda feira
Comêço entaõ da ſemana,
Sicut erat coſtumado,
Principio dey á jornada.
Levava minha maleta,
Se bem ſempre deſgraçada,
Pois ſendo couſa taõ boa,
Todos a julgaõ por mala.
Levava alforges tambem
Caminhando á Franciſcana,
E naõ indo tanto em couro,
Do couro me ſahio a paga.
Com luvas naõ caminhey,
Suppoſto que o tempo as dava,

Porém da bolſa fiz luva
Em quanto andey por eſtradas.
Embarquey pelas quatro horas,
Tempo, em que o Sol já virava
Para a barra de Belem,
Onde dizem, que deſcança.
Porém como era Inverno,
Naõ eraõ as luzes largas;
Que poſto que a barra toma,
No luzir naõ lança a barra.
Por veſtir o louro Joven
Já entaõ cores douradas,
Sem duvida que no mar
Quiz uſar barras de prata.
Se já naõ he, que querendo
Deſcançar de madrugada,
Huma barra em vez de leito
Eſcolheo no mar por cama.
Se do medo entaõ da noite
O Sol as coſtas virava,
Naõ o ſey; ſey que com iſto
O mar lhe lavava a cara.
Em fim já menos brioſo
O Sol aos ſeus brios falta,
Pois naõ ſe metia em reſtea,
Que nem reſtea de Sol dava.

Che-

Cheguey á borda do barco,
E vendo deitar a prancha,
A julguey ſer de alto bordo,
Por me ficar muito alta.
Subi á prancha com medo,
Porque temo muito da agua,
E ſe me benzo da doce,
Que faria da ſalgada?
Mas poſto que tinha medo,
Moſtrey que naõ tinha caſta
De Judeo, porque ſubi
Co Credo na boca a prancha.
Quando vi largar o panno,
E taõ grande arfar da barca,
Tomar o pannete quiz,
E porme outra vez na praya.
Deſamarrámos o cabo,
Que o foy da boa eſperança
Para mim pela tormenta,
Que já no mar receava.
Com tudo ao principio brando
O mar de bom lote eſtava;
Porque veſtia hum azul
Todo chamalote de aguas.
Foy ferindo a barca fogo
Ao ponto que a vela larga,

Com ſer vela mais ſe acende,
Quando o vento mais ſoprava.
Eſtando muito bom tempo,
Já empolado o mar andava,
Que em correndo bem os tempos
Quem quer ſe empóla, e ſe alarga.
Parece que de invejoſo
(Tudo em fim a inveja traça)
Logo o vento ſe picou,
Vendo as aguas empoladas.
Na corrente d'agua démos,
Mas de ferros a tomára,
Porque em deitando o ferro
Entaõ mais ſeguro eſtava.
Quiz buſcar converſaçaõ,
Proprio alivio de quem paſſa
Numa barca de carreira
Carreirra taõ arriſcada.
A huns Francezes pouca roupa
Achey na popa da barca,
Pois nem roupa de Francezes
Lhe vi por entre as caſacas.
A todos os vi em couros,
Nenhum com botas calçadas,
Porque do couro das botas
Fazem vinho nas borrachas.

Vinhaõ taes os Monſiures
Sem poderem ter as patas,
Que entaõ mais neceſſitavaõ
De muleta, que de barca.
Elles ſeriaõ valentes,
Pois ſaõ os gallos de França,
Mas ſe naõ eraõ gallinhas,
Pareciaõ humas gatas.
Sem haver muita tormenta,
Em fim ao mar alijava
Cada hum o que eſcondido
Trazia dentro na pança.
Pareceo-me que naſcia
Do temporal grande de agua,
Mas ſer de vinho a tormenta
Quem quer o adivinhára.
Com Francezes naõ temi
Que houveſſe no mar borraſca,
Porque em chegando hum Francez
Nenhum a real ſe dava.
Tomando pois ſeus cachimbos,
Nos defumaraõ as barbas,
E ellas ſeriaõ limpas,
Porêm foraõ defumadas.
Veyo-ſe cahindo a noite
Melancolica, e enfadada,

E com lograr tanta eſtrella,
Nada parece a alegrava.
Cobrio-ſe com negro manto,
Eſtylo proprio de dama,
Que em tendo eſtrellas por olhos,
He donaire o vir tapada.
Lançou o manto em effeito,
E eu com ſono alii tomára,
Mais do que bum manto eſtrellado,
Manta, ou cobertor de papa.
Alguns dormem a ſono ſolto,
Outros cantaõ a muliana;
E eu ſó por ir quieto,
Deixeime ir ao ſom da agua.
Apenas preguey os olhos,
Quando ouvi vozes muy altas:
Ferra a vella, ferra a eſcota,
E os nudos peguem nas varas.
Como hia alli muito vinho,
Cuidey que havia na barca
Alguma de maſſagatos,
Indo todos maſlagatas.
Por irem bebados todos,
Encalharaõ em a praya
Do Montijo, aonde já
A agua hia muito baixa.

Alli vi a differença,
Que havia entre o vinho, e agua,
Porque a agua era baixa-mar,
E o vinho hia pela gavea.
Fizemos noſſa derrota,
E ficou em ſeco a barca,
E com darmos tanto em ſeco,
Nos deu a agua pela barba.
Hum dizia: Vá avante,
Outro á ré começava,
Qual jogo de toque emboque,
Eu ſó nos riſcos cuidava.
Logo que o cabo paſſamos,
Huma mareta muy branda
Nos apanhou em o rio,
Que de muy bravo eſcumava.
Como era hum braço de mar,
E nelle pé ſe naõ acha,
Acodio hum pé de vento
Dando hum cambapé na barca.
Por ſer o vento taõ grande,
Eu deſejey neſta dança
Déſſe comigo por terra,
Antes que déſſe pela agua.
Mas vendo o braço de mar,
Que taõ forte o vento abana,

Sobre caſtellos de vento
De ſua eſcuma fez balas:
Sendo o dia de ſegunda,
Muito Menezes eſtava;
Pois ſe aziago naõ era,
Era huma noite aziaga.
Quiz Deos que acalmou o vento,
E já caminhando ás varas
Com duas horas de noite
Chegamos todos á praya.
Taõ eſcuro eſtava o caes,
Onde a gente deſembarca,
Que por negro parecia
O caes do carvaõ de Alfama.
Logo que o pé puz em terra,
De toda a gente da barca,
Dando mil graças a Deos,
Me deſpedi com *Deo gratias*.
De meu irmão Fr. Antonio
Aguiar guiey á caſa,
Quando já vem pelos ares
Naõ Aguiar, mas huma Aguia.
Com bom roſto me recebe,
E eu com bem máo lhe fallava,
Que iſto de fazer bom roſto
Só faz quem tem boa cara.

Sentámo-nos logo á meſa
Depois da primeira ſalva,
Aonde o ſalvo conduto
Depois do vinho naõ falta.
Logo de lombo de porco
Me mandou vir carne aſſada,
E eu mais aſſado, e coſido
Eſtava por maſtigalla.
Veyo huma amoſtra da adêga,
Com ella taõ bem me trata,
Que me vi da melhor bota
Feito hum Cardeal Sapata.
Fuy provando de outra pipa
Taõ boa, e bem avinhada,
Que com ter arcos de velha,
Nem final trazia de agua.
Deume de muy bom melaõ
Huma talhada naõ parca,
Que quando a couſa ha de ſer,
Já de cima vem talhada.
O melaõ, que entaõ me poz,
(Se noutra occaſiaõ ſe calla)
Entaõ fallou de myſterio,
Sem de letrado ter nada.
Com ſer fruta taõ goſtoſa,
Fallar nella me embaraça,

Que ter pevide na lingua
He ter a lingua muy gaga.
Continuey alli com effeito,
Alli na Quinta da Graça
Alguns dias entretanto
Que descobria humas andas.
Xadrez, e Damas jogey,
Por entreter a jornada,
Sem profanar o Convento,
Nelles me desenfadava.
E porque sou de bom gosto,
Era cada huma das Damas
Escolhida ao taboleiro,
Como para mim bastava.
Alli dez dias estive,
Onde o Irmão me regala,
Naõ os olhos, porque tudo
Me dá cos olhos da cara.
Determiney de partirme,
Prepareime aqui na Graça,
O como darey a conta
Em a segunda jornada.
Seus succesſos contaremos,
Sem deixar por dizer nada,
Mas descancemos agora,
Pois temos tomado a graça.

JORNADA II.

ROMANCE.

POis da segunda jornada
Darvos conta fiz promessa,
O promettido he devido,
Eyla vay á solta rédea.
Darvos esta conta a vós
Muy por miudo quizera,
Se bem que por eu a dar
Cuido que será grosseira.
Esta jornada segunda
Naõ por entremez começa,
Porque entaõ de Fevereiro
O primeiro do mez era.
Em dia de Santo Ignacio,
Em vespera de Candêas,
Naõ com a candêa diante
Parti de Aldea Gallega.
Porque como o dia estava
De Veraõ na apparencia,
Foy-me alumiando o Sol
Até que cheguey ás Vendas.

Er-

Erguime de madrugada
A aparelhar a maleta,
Iſto dizendo, e fazendo
Por naõ dormirme a fazenda.
Já neſte tempo a Aurora
Dentre as eſcuras cavernas
Sahindo da triſte noite,
No convez do Ceo paſſea.
Vinha de rota batida:
E tirey por conſequencia,
Vinha muy rota, quem vinha
Rompendo por entre eſtrellas.
Ufana a Aurora ſahio,
E muy concha na belleza,
Porque he proprio andar em concha
Quem tantas perolas deita.
Vejo huma mula á porta,
E ajuizey logo, vendo-a,
Que a muleta pelo fraco
Me havia pór em moletas.
Naõ era nada louçã,
Nem robuſta, nem ſoberba,
Mas pelo antigo muy fraca,
E pelo ruço muy beſta.
E ſupoſto que era grande
Eſta mula manjalegoas,

Só tinha de authorizada
O ſer mula muito velha.
Taõ magriſſima era a mula,
Que com ſer mula de ſella,
Nella caminhava em oſſo,
Mas de correr nunca o era.
Eu tanto que a mula vi,
Antes de ſubirme nella,
Logo perdi os eſtribos,
Sem ſentir ſeu dono a perda.
Em a vendo, diſſe logo:
Ay que negra mula he eſta!
Sendo que de velha, já
Naõ tinha nada de negra.
O villaõ me reſpondeo
Com alguma reverencia,
Pois me deu Paternidade,
Que tanto ſe regatea.
Suba Padre; porque quando
Lhe diſſer que a mula he preta,
Olhelhe para o cabello,
Olhe para a gadelha.
Olhey, mas taõ branca a vi,
Que ſe acaſo tinha era,
Foy do anno do Naſcimento,
Da do Preſepio parenta.

Em Aldagallega em fim
Se ajuntou ao porme nella
Tanto rapaz, que cuidey
Que alli parira a Gallega.
Picar de róda começo;
Quando começou a beſta
A andar co a cabeça á róda,
Sendo mula taõ quieta.
Mas com bem ar caminhava,
Pois em apertando as pernas,
Com as pernas para o ar
Me lançou logo na arêa.
Com a mula ſer muy fraca,
Sómente tinha de teza,
Que em ſe ſentindo picada,
Dava com tudo por terra.
Eu ſeus brios naõ lhe nego.
Mas ſe ella tinha ſoberba,
Naõ o ſey, porque lhe vi
Muy baixas ſempre as orelhas.
Naõ por abaixarlhe os brios,
Mas por deſcançar as pernas,
Quiz porlhe o pé no peſcoço,
E de humilde ſe ajoelha.
Se bem que com hum rebuſno
Diz, que ninguem zombe della,

Que

Que naõ ſofre a ninguem ancas,
Naõ por teza, mas por velha.
A mula bebia os ares
Só quando entrava nas vendas;
Pois como cameleaõ
Do ar ouço que a ſuſtentaõ.
Diſto que chamaõ cevada,
Taõ pouco cevada era,
Que de ſóvas de pancadas
Lhe fazia o moço a ceva.
Por ſer muy cerrada a mula,
Para encerrada era bella,
Que ha mulas mais para eſtrados,
Que para eſtradas, e vendas.
Sahio pondo aos ſeus cavallos
O Sol as douradas rédeas,
Se bem que como homem de alhos
Noutro tempo o vio em réſteas.
Logo os cavallos do Sol
Se riraõ da minha beſta,
Havendo chorado a Aurora
De a ver com tantas mazelas.
Fuy caminhando aos Pegões
As cinco legoas de arêa,
Caminho, que naõ eſcrevo
Por tudo ir numa poeyra.

Chegámos ás onze dadas
A's eſtalajens primeiras,
Quando o relogio das tripas
Me dava mais de hora, e meya.
Perguntou-ſe: Ha bom vinho?
Poſto que a borracha vay chea;
Que quem naõ leva borracha,
Borra acha ſempre nas vendas.
Reſponderaõ-me que o vinho
Nem Peramanca lhe chega;
Eu por ver qual era a tinta
Quiz entaõ molhar a penna.
Alli paſſados por agua
Huns óvos me poem na meſa,
Mas eu fico mais paſſado
Quando paguey á vendeira.
Com caminharmos taõ çujos
Caminho de tanta arêa,
Só dalli ſayo areado,
Por levar limpa a algibeira.
Era taõ limpa a eſtalajem,
Que em que varrida naõ era,
Nunca fez falta a voſſoura,
Onde ha redes varredeiras.
Quando alfim pedio a paga
Eſta vendeira taõ déſtra,

Tremeo-me a paſſarinha
Sem comer ave de penna.
Neſta eſtalajem encontrey,
Que caminhava para Elvas,
A D. Joaõ de Alencaſtre,
Ao Marte ayroſo da guerra.
Aquelle, que pelo nobre
De muy bom ſangue ſe preza,
Se bem que para o inimigo
De muy colerico pecca.
Aquelle de tal linhagem,
Que ſendo na noſſa terra
Fidalgo muy eſtirado,
Sempre em pé ficou na guerra.
Aquelle, de quem o Auſtro
Teme cobarde a refrega,
Que Auſtros ſaõ os que em ſangue
Competem com as eſtrellas.
Perguntey logo aos criados
Que poſto na guerra alenta;
De Capitaõ de cavallos
Dizem que empunha a geneta.
Paſmey foſſe Capitaõ
De cavallos, e de beſtas
Quem taõ diſcreto fallava
Nos aſſumptos da Academia.

Tra-

Travámos converſaçaõ,
E partindo-nos da venda
Repetimos no caminho
Verſos de varios Poetas.
Nos meus, que lhe recitava,
Logo a memoria tropeça
Por indigna de memoria
Huma Poeſia groſſeira.
Anoiteceo-nos alli
Da pouſada meya legoa,
Se bem que hum quarto de Lua
O Ceo acendeo por véla.
Soberba a Lua naõ ſahe,
Porque hum quarto ſó profeſſa
De Condeça de creſcente,
Com que luzia na terra.
Se naõ foy, que por fazer
Lá em a celeſte Esféra
Revoluções cada dia,
Em quartos eſtava feita.
A's Vendas novas chegámos,
Onde he velho ſerem vendas;
Maria das vendas novas,
Por ſer moça muy traveſſa.
Puzemo-nos no apoſento
A huma chaminé muy velha,

Que

Que ſendo pequena, tinha
Grandes fumos na cabeça.
Veyo logo de cear
Choupas, que tinhaõ de freſcas
Virem mais frias, que neve,
Poſto que em quente ſe cea.
Nós as fomos desfazendo,
Porém taõ bizarras ellas,
Que ſe moſtravaõ ſentidas,
E diſto vinhaõ vermelhas.
Taõ duros nos poem tres óvos,
Que ſaõ tres ballas as gemas,
Mas por ſahirem por culos
Cabe lhe dey de palheta.
Noutras tres gemas peguey,
E achey-as mais molanqueiras,
Sendo que por muy valentes
Cuido que chocaraõ eſtas.
Pozeraõ-nos queijo branco,
Mas de outro queijo ſe preza,
Que naõ deixou ſer Flamengo,
Poſto a cor ter mais morena.
A' vendeira perguntey
Se tinha azeitonas d'Elvas?
Que por da fronteira ſerem,
Eraõ hum cavallo na guerra.

Diz que em me dar azeitonas
Me dava hum morgado nellas,
O que eu naõ pude negar
Ser Morgado de Oliveira.
De vinho eſprimido á mão
Bebemos de Aldagallega,
Que com nos cuſtar taõ po uco
Muito eſprimido ſe leva.
Era o vinho renegado,
Se bem Chriſtão velho era;
Porém da agua do bautiſmo
Nos fazia a conta ella.
Junto á chaminé ceando
Eſte vinho pedio meſa,
E poſſo dizer, que eſtava
Muito perto da fogueira.
A meſa ſe levantou,
Tomámos por ſobre-meſa
Noſſo tabaco de fumo,
E tabaco da Lourença.
E com ſer herva taõ ſanta,
Baſta chegar a huma venda,
Para verſe em pó, e cinza,
Que hum Santo alli naõ ſe iſenta
Na ſua cama Alencaſtre
Muy cedo logo ſe deita,

E posto este de cama,
Fruta do tarde naõ era.
Para a minha cama entaõ
Olhey; quando a vi taõ fea,
Me julgey por ter má cara,
Hum camafeo dentro nella.
Por temer entaõ da cama
Algumas boubas secretas,
Dous lenções lhe deitey meus,
Que trazia na maleta.
Dormimos a sono solto
Os tres antes que me esqueça;
Porque hum Capellaõ comnosco
Caminhava á fronteira.
Cada hum dentro em sua cama
Se deita, em quanto a vendeira
A's camas nos faz a conta,
E deita a conta da cea.
A Morfeo nos entregámos,
Dormimos, como humas pedras,
E por sermos pedra em poço,
Hum poço alli se nos leva.
Entretanto que aqui durmo,
Aquietar quer já a penna,
E para a outra jornada
Darey conta da comedia.

JORNADA III.

ROMANCE.

ESta jornada terceira,
De que, amigo, aqui vos trato,
Se bem naõ he de comedia,
A mim me deixou no cabo.
Veyo o dia das Candêas,
Para mim mais ſinalado,
Pois dey nelle hum vóto a Deos
Sem féros de Caſtelhano.
Quero dizer que eſte dia
Da profiſſaõ contey annos,
Que annos, que damos a Deos,
Já ſabeis que ſaõ contados.
Veyo eſte dia, que a Igreja
Se bem que o deu dia ſanto,
Hum Capellaõ, que trouxemos,
O fez dia de trabalho.
Porque muy de madrugada
Com o Ceo muito eſtrellado,
Nos deſinquieta a todos,
E nos tira o ſono a palmos.

Acor-

Acordou muy de manhã
O meu bom Clerigo honrado,
Feito Nuno Alves Madruga,
Feitos nós todos hum trapo.
Com dever tantos reſpeitos
A D. Joaõ por Fidalgo,
Quiz por deſpertarnos cedo,
Moſtrar que era alli o gallo.
Sem haver motim na venda.
Eſtando nós ſocegados,
Quiz, ſendo homens quietos,
Andaſſemos levantados.
Delle cuidey ao principio
Ter accidente, ou deſmayo;
Mas quem taõ cedo acordou
Naõ eſtava deſacordado.
Tornou-ſe a deitar na cama,
E ſocegou hum pedaço,
Que aſſim naõ ſe déra nelle
A que diz punhada ao gato.
Veyo raſgando a manhã,
Se bem ha miſter hum fato,
Porque manhã, que ſe raſga,
Ha de vir feita num trapo.
Aſſomou-ſe em fim a Aurora,
E cauſoume grande eſpanto

Vir assomada, quem vinha
Com semblante taõ galhardo.
Já a este tempo o Sol
A Aurora vinha pescando,
Que como perolas cria,
Faz da pescaria trato.
Deixando em effeito estrellas
Do Norte, as barcas deixando,
Quiz subir a traz da Aurora,
Como pescador do alto.
Sahio o Sol mais soberbo,
Pois vinha deitando rayos,
Pondo a sua bisarria
Lá por cima dos telhados.
Naõ lhe lembrando ao mancebo,
Que por falta de criados
Deu elle mesmo no mar
De beber a seus cavallos.
Em effeito, quando o Sol,
Com ser Planeta tamanho,
Entrava por huma greta
Do aposento, onde estavamos,
Nos levantámos das camas,
Que de colchões, e chumaços
Estiveraõ taõ famintas,
Que pareciaõ de galgos.

Vindo eu para calçarme,
Sómente hum çapato acho,
E amanhecemos os tres
Senhores de pé deſcalço:
Ser algum rato entendi,
Mas da vendeira me eſpanto
Naõ roerlhe a conſciencia,
E que a mim me roaõ ratos.
Todos nos démos bons dias,
E ſendo da venda o trato
O que mais leva ao Inferno,
Todos alli nos ſalvámos.
Logo de almoçar pedimos;
Taes óvos nos daõ, que eu paſmo
De ver que ſejaõ taõ crûs
Huns óvos, que ſaõ taõ brandos.
Poz nos a vendeira os óvos,
E ſem ter poſto no prato
Huma ſó pedra de ſal,
Nos los deu muy bem ſalgados.
Fizemos com a vendeira
A conta do que ceámos,
E ſendo a cea muy curta,
Na paga houve contos largos.
Treze toſtões nos pedio
Do que tinhamos ceado,

E quiz

E quiz fazer de valor
Hum comer, que foy taõ fraco.
Com ſer a cea taõ leve,
Alfim cea de peſcado,
Sem nella haver *caro mea*,
Nos ſahio o comer caro.
Enfadou-ſe o Capellaõ,
Eu tive hum graõ ſobreſalto,
Pois ſem comermos coſido
Já ſe hia o caldo entornando.
Quiz dar contas por miudo
A vendeira, e eu reparo
Podeſſe dar por miudo
O que em groſſo nós lhe damos.
Mas liberal Alencaſtre
Se moſtrou, e taõ biſarro,
Que tendo o juizo agudo,
Alli naõ fiou delgado.
Pois deu os treze toſtões,
(No exceſſo naõ reparo)
Porque naõ repara em galas
Quem he gala dos Fidalgos.
Huns confeitos de herva doce
Comemos, ſem ſermos aſnos:
Porque quando he doce a herva,
Todos da herva goſtamos.

Mas para nós os confeitos
Entaõ foraõ de enforcado,
Por ternos posto a vendeira
Em a garganta o baraço.
Logo chamey o meu moço,
Que a mula estava pensando,
Se bem que em pensar tal mula
Nunca andou muy de pensado.
Partimos com hum bom dia,
Mas com ser bom dia eu acho
Que o naõ metemos em casa,
Pois em jornada o levámos.
Chegámos a Montemor
Dadas as doze; em chegando,
Nos diz Missa o Capellaõ,
Por cumprir co dia santo.
D. Joaõ por ser devoto,
A outra Igreja foy guiando,
Aonde da prégaçaõ
Ouvio ainda hum pedaço.
Eu naõ; porque em taes caminhos
He a prégaçaõ, que trato,
Prégaçaõ de saõ Coelho,
E tambem ser papa santos.
De nós se aparta Alencastre
A casa de hum seu criado,

Onde

Onde, diz, fez penitencia,
Naõ ſey como, nem ſey quando.
A' venda tomey a poſta,
Aonde a vendeira acho,
Se bem poſta nos ſeus treze,
Sem ter poſta de peſcado.
Diz que de vinho ſómente
Tem bem providos huns fraſcos,
E eu por coſtumado ao vinho,
Já naõ ſinto eſtes tragos.
Alfim dey graças a Deos,
E com razaõ; porque quando
A deſgraça ſeja grande,
Sejaõ do vinho fracaſos.
Porém com raiva me vim
De ver da venda o ſeu trato;
E de raiva me torney
Ao meu alforje, que trago.
Appelley a huma panela
De peixe frito eſtremado,
Que na venda Santo Antonio
Me deparou neſte caſo.
Alencaſtre me mandou
Hum pero por graõ regallo,
E ſem ſer pero de Rey,
Por Rey diſpenſo tratallo,

Sendo taõ fidalgo o pero,
Teve entaõ de desgraçado
O vir como malfeitor
Sentenciado a porse em quartos.
Acabamos de jantar,
Tomámos nosso tabaco;
Quando chega o camarada
Picando no seu cavallo.
Despedimo-nos da venda,
Para arrayolos marchando,
E enfadada a minha mula
Tambem me hia já marchando.
Com huma esporada a desperto,
Quando logo em terra me acho;
Sem de Clerigo ter nada,
Era mula do diabo.
Com os montes se embuça o Sol,
Logo a dous passos andados,
E a noite porque sahia,
Vinha já pondo o seu manto.
Hum pequeno de luar
Nos deu o Sol em hum quarto,
E sendo nós bem sisudos,
Caminhámos aluados.
Chegamos dentro a Arrayolos;
Em huma venda descançámos,

Onde achámos hum vendeiro
Homem de pezo, e cuidado.
De pezo, conta, e medida
Se prezava eſte noſſo amo,
De conta com os paſſageiros,
Porque em nenhuma ha errado.
De medida, porque o vinho,
Dando-o por cima do alto,
Por cima naõ do funil
O medîo ſempre no fraſco.
De pezo, porque trazia
Sobre as coſtas todo o cargo,
Naõ ſó por dono da caſa,
Mas por ſer alcorcovado.
Subimos para o apoſento,
Ao lume nos aquentámos,
E elle com lume de palhas
Dizem nos fez taes regalos.
Em a meſa ſe nos pondo,
Taes peixeſinhos ceámos,
Que poriaõ na eſpinha
A qualquer homem alentado.
Naõ vi peixes de tal caſta,
Pois ſendo humildes, e baixos,
Como ſe foraõ ſoberbos,
Moſtraraõ ſer eſpinhados.

Logo a visitarnos veyo,
Em sabendo que chegámos,
Hum fulano da Fonseca,
De D. Joaõ obrigado.
Com humas penduras de uvas
Nos acodio, quando estavamos
Todos tres á dependura,
E á orça, sem ser em barco.
As rédeas, que alli nos trouxe,
Posto que atadas chegaraõ,
A' rédea solta correraõ
Pela mesa, e pelos pratos.
Nós nos fizemos huns papas
Sendo de uvas tal regalo;
Pois ao menos para Bispos
Alli nos naõ faltaõ bagos.
Trouxe-nos logo huma amostra
De vinho muy regalado,
Pedindo grandes perdões,
Que todos lhe outorgámos.
Diz que confeiçaõ naõ tem,
Porém eu confeiçaõ lhe acho,
E confeiçaõ de jacintos,
Pois já sinto irnos faltando.
Deu-nos a amostra do vinho,
Mas naõ a mostra do panno,

Que inda que o vinho tem corpo,
De botas ſó ha uſado.
Receey que huma gotta
Pelo vermelho, e encarnado,
Qual gotta coral, comigo
Déſſe de cabeça abaixo.
Com andar nos pés de muitos,
Era taõ endiabrado,
Que ſeus fumos levantava,
Querendo andar pelos altos.
Brindámos logo á ſaude
Com bom donaire, e com garbo
Do Fonſeca, que em primor
Naõ Fonſeca ſe ha moſtrado.
Deitámo-nos em as camas
Em huns lençoes bem lavados,
E havendo em nós tanto ſono,
De hum ſó a noite levámos.
Porque tambem era tarde,
Eu com a penna aqui paro,
E para a outra jornada
A fico agora aparando.

JORNADA IV.

ROMANCE.

CLaro amanheceo o dia,
Que tres deſte mez ſe conta,
E naõ digo do corrente,
Porque he muy curto na ſoma.
Bem ſey que de Fevereiro
Haveis de entender a ſoma,
Porque entre os mezes todos
Tem de curto alguma couſa.
Eſte dia amanheceo,
Em que ſahimos da choça,
E ſem ſer de la cabana,
De Braz era a feſta noſſa.
Quero dizer que eſte dia
De hum Santo he, que a gente toda
Quando lhe tem mayor toſſe,
Lhe he entaõ mais devota.
Hum Santo, que com ſabermos
Que em dar muy largo ſe moſtra,
Querem todos que do eſtreito
Sejaõ as mercês, que obra.

Neſte

Neſte dia de S. Braz
Nos ſez tal dia de roſas,
Que ſe foramos por mar,
Maré de bebados fora.
Roſada a Aurora ſahio,
Sem vir da botica a moça,
Borrifou de agua roſada
Todos os campos de Flora.
Amanheceo nos taõ linda,
Taõ menina, e taõ fermoſa,
Que naõ parece que tinha
Tantos mil annos a Aurora.
Sahindo muito roſada,
Nada tem de vergonhoſa,
Porque tem muito de corte
Quem taõ de campo ſe moſtra.
Já neſte tempo o Sol,
Se já naõ correndo a poſta,
Lhe vem ſaltando nas ancas,
Lhe vinha dando nas coſtas.
Sahio em effeito o Sol,
E em que vinha de Ethiopia,
Vinha taõ claro, que vinha
Lançando chiſpas á Aurora.
Neſte dia de S. Braz
Taõ alegre o Sol ſe porta,

Como ſe de Portalegre
Fizera ſua derota.
Neſte tempo nos erguemos
A huma teima bem devota,
A dizer Miſſa a hum Convento
De Frades da Ordem Loya.
Sahimos da eſtalajem,
(A Deos encõmendo eſta hora)
Se bem na eſtalagem o fato
Mais encõmendo á memoria,
Hum dos tres ficou na venda,
Que como he mar de tramoyas,
He gala de nadador
Saber bem guardar a roupa.
A' eſtalajem voltamos,
Aonde achámos de volta
Tres voltas de linguiça,
De fogo revolto todas.
Taõ bem poſta tinha a meſa
A vendeira neſta hora,
Que eſtando em Arrayolos,
Me vi poſto na Bempoſta.
Com os tres ſermos muy déſtros
Em comer couſa taõ boa,
Como que pouco ſabia
Fomos maſtigando a couſa.

Fuy fazer com a vendeira
Da cea, e almoço conta,
E sem lhe dar bofetadas,
Diz que quinhentos lhe ponha.
Desenfadado lhe disse:
Venha cá, minha Senhora,
Isto saõ outros quinhentos,
Veja vossê como soma.
Mas ella a palha das bestas
Me diz que mete na conta,
E em naõ ma meter na albarda
Graõ graça me fez a moça.
A paga logo lhe démos,
Fazendo da luva bolsa,
E ella tomando de luva,
Nos poz logo em polvorosa.
Caminhámos conversando
Varias materias, e cousas,
Que algumas eraõ de graça,
De siso, e de véras outras.
Jantey na venda do Duque,
E com ser do Duque a choça,
Naõ jantey por excellencia
Sobre jantar ás tres horas.
Ahi me sobresaltey
Com as que me deraõ novas

De que sempre o Castelhano
Por esta venda se aloja.
Naõ por ser do Duque venda,
Mas porque ducados colha,
Monta por este paiz,
Onde alguma vez lhe monta.
Se bem já os Portuguezes
Jogando com elle a choca,
Os ducados que alli busca,
Cruzados na cara os toma.
Aqui pois, onde jantámos,
Mandey pôr a mesa á porta,
Onde comi como porco
Talos de couve muy grossa.
Porém eu quando comendo
Os talos levava á boca,
Com medo dos Castelhanos
Me via em talas nessa hora.
Dalli me parto dizendo:
Senhor, piquemos de róda,
Que eu cos Parthos vou seguro,
E dos Medos tomo a conta.
Fomos caminhando á vista
Do campo, onde foy Troya
O anno atraz, que D. Sancho
Com os Castelhanos choca.

Alli fuy conſiderando
Em a fraqueza Heſpanhola,
E do choque a Heſpanholeta
Me hia cantando a chacoina.

Veyo belliſſima a noite,
E com eu a querer boa,
Se ficára ás boas noites,
Bem mal fizera neſſa hora.

Taõ ſerena a noite eſtava,
Que dos Duques de Saboya
Teve ſer neſta occaſiaõ
Sereniſſima Senhora.

Chegámos a Eſtremoz,
Aonde as pouſadas todas
Nos dizem eſtarem tomadas,
Com ſerem taõ correntonas.

Todas achámos pejadas
Com gente de pouca conta,
Pois onde achey mayor pezo,
Noto alli menos vergonha.

De Francezes qualquer caſa
Occupa a Villa famoſa,
Alfim roupa de Francezes,
E Francezes pouca roupa.

Com effeito em Eſtremoz
Fizemos tres mil derrotas,

E eu fizera mil extremos
Por achar só huma lojea.
A huma estalajem chegámos,
Que com ser humilde cousa,
Era taõ vã, que toda era
De telha vã esta obra.
Em ella fizemos alto,
E he cousa digna de nota
Fazer alto, quem estava
No baixo de huma choça.
Por ser a casa terreira,
Na terra fiz minha alcova,
Aonde mohi os ossos,
Sem viver na serra de Ossa.
Ceámos lombo de porco
De huma vendeira taõ porca,
Que sendo çuja, sómente
Sabia alimpar as bolças.
Amanheceo o outro dia
Com alguma nevoa grossa,
Porque hum dos olhos do Ceo
Com cataratas se mostra.
Alli de albarda huma mula
Aluguey, que com ser coxa,
Num pé caminhou comigo
Dentro até Villaviçosa.

Cheguey a eſte paiz,
Falley com as Madres todas,
Que Madres perolas eraõ,
Porque as achey muy fermoſas.

Logo falley ás irmãs,
Que eſperando eſtaõ por horas
Terem mil horas de goſto
Para contarem hiſtorias.

Do primeiro Deos nos ſalve
Paſſey a buſcar a choça,
Onde me fiquey fazendo
Das cinco tardes a loa.

A HUM PINTASILGO
morto por hum gato.

PELO MESMO AUTHOR.

DEDICATORIA.

DECIMA.

A Vós, que canora, e bella,
A vós, que linda, e ſuave
Sois filomella antes de ave,
Depois de ave filomella;
A vós, gentil, doce eſtrella,
Mando o bello, mando o grato
Pintaſilgo em hum retrato,
E bem que leve omiſſaõ,
Naõ podeis dizer que naõ
He couſa, que leva o gato.

AO MESMO ASSUMPTO.

ROMANCE.

VO's Poetas, mas naõ pobres,
Pois vos abonaõ de ricos
Verſos de taõ linda gala,
Pennas de córte taõ fino.
Vós, cujos verſos iguaes,
Bem que por varios caminhos,
Huns campaõ por bem raſgados,
Os outros por bem veſtidos.
Vós, que fazeis de repente
Verſos taes, que me perſigno
De ſer taõ valentes todos,
Sem ſe ver nenhum em riſcos.
Se quereis que a fama voſſa
Voe deſde o Tejo ao Indo,
Onde o Sol tem berço, e tumba,
Hum d'ouro, outro de ſaffiro.
Tomay o grave argumento
De meu leve Pintaſilgo,
E ſeja de vós ſeu canto
Quando louvado, excedido.
Informações vos darey
Delle morto, e delle vivo,

De seu pay, e sua mãy,
E mais de seu patrio ninho.
Naõ foy desazada a mãy,
O pay foy moço de brio,
Que voou sempre com gala,
Que sempre cantou com pico.
Entre os pintasilgos era
Hum Adonis, hum Narciso,
Mas sempre por esses ares
Andava como hum doudinho.
Ambos creyo naturaes
Foraõ de Entre Douro, e Minho,
E porque o creyo, he porque
Cada qual foy picamilho.
Isto só sey de seus pays,
De seus avós tenho ouvido
Foraõ soldados volantes,
Em dar salvas muito vistos.
Mas deixando avós, e pays,
Tratemos do neto, e filho,
Bem que treme a passarinha
De fallar no passarinho.
Numa pereira nasceo,
Mas parecia por lindo
Mais que nascido em Pereira,
Em Fermoselha nascido.

Perguntarſe-lhe podéra,
Vendo ſeu bico comprido,
Qual ſe cerolico fora,
Quem te deu tamanho bico?
No roſto muy encarnado,
Mas nas azas muy paguiço,
Muy paſſivo na garganta,
Mas nos olhos muy activo.
Que vos direy do ſeu canto,
Daquelle canto ſubido,
Que ſendo taõ natural,
Teve tanto de feitiço?
Junto delle o rouxinol,
Que foy da Alva o mais bem quiſto,
Rouxinol da Alva naõ foy,
Por de Alvalade foy tido.
Quantas vezes, quantas vezes
Humildemente o cochicho
Eſmolas de melodia
Lhe pedio, por Jeſu Chriſto!
Novo Tereu em ſeu canto,
Filomella ſem ſentido,
A voz lhe tirou valente,
Tirou-lhe a honra laſcivo.
Metido com elle em danças
O canario mais altivo

Fora ruſtico villaõ,
Que naõ canario polido.
Naõ lhe fora igual o cyſne,
Que prudente, que advertido
Lançou barbas de remolho,
Vendo arder as do viſinho.
Igual naõ lhe fora o Fenix
Paſſaro velho, e menino,
Que vivendo eternizadas
O torna a morte no ninho.
Em fim ſe o Fenix, ſe o cyſne
Ouviraõ ſeus tiples finos,
Ficára queimado o Fenix,
O cyſne ficára frio.
De noite á luz me cantava,
E certo que era bem digno
De ſer buſcado á candêa
Hum cantor taõ exquiſito.
A gayola tinha aberta,
Bem como ſe fora ninho,
Que paſſaro taõ diſcreto
Naõ era para atadiço.
Fugia, porém tornava,
E crede que mais eſtimo
De ſuas azas as fugas,
Que as fugas de ſeus tonilhos.

Entaõ vi que mais valia
Certo rifaõ deſmentido,
Hum paſſarinho voando,
Que na mão dous paſſarinhos.
Dous annos foy meu recreyo,
Sem que Inverno, ſem que Eſtio
Lhe resfriaſſe os motetes,
Lhe encalmaſſe os vilhancicos.
Em os oito ſobre os dez
Do primeiro mez florido,
Depois que almoçou contente
Creſpas nozes, pinhões liſos.
Hum gato (que triſte ſorte!)
O matou; (que fado eſquivo!)
Mas bem que morreo violento,
Morreo como hum paſſarinho.
Porém vamos de vagar,
Que naõ ſofro, nem conſinto
Morra tambem de facada
Meu paſſaro nos meus rithmos.
O Signo aqui ſe deſcreva,
Em que andava o deos de Cynthio,
Que eſtando o paſſaro morto,
He bem ſe lhe toque o ſino.
O touro, que occultou Jove,
Quando para ſer marido

Se fez ſangrar em ſaude,
Antes de noivo novilho.
O Touro digo celeſte
Guardava o Paſtor de Amfriſo,
Quando, como vos relato,
Quando, como vos refiro.
Depois de cortar com força,
Depois de quebrar com brio
De huma noz duas perninhas,
De huma pinha tres dentinhos.
A deſpedirſe do vento
Sahio mais que nunca lindo,
Tornou leal como ſempre,
Cantou mais que ſi tenrinho.
Sahime, ay triſte! da cella;
Entrou hum gato maldito,
Na perfidia, e peito Mouro,
Na cor, e nome mouriſco.
Deu-lhe tal esfollagato,
Que deixou, que fado eſquivo!
A mim em pranto banhado,
A elle em purpura tinto.
Cheguey, porém foy taõ tarde,
Que ſó, Poetas conſcriptos,
Fuy da morte teſtimunha,
Mas naõ da vida preſidio.

Elle no meyo da caſa
Semimorto, ſemivivo,
Todo entregue aos ſentimentos,
Todo negado aos ſentidos.
Tres vezes abrio, tres vezes
Cerrou os ſeus dous olhinhos,
Da minha viſta alentado,
Da ſua pena vencido.
Pelicano parecia
Com o peito dividido,
Porém muy mais pelicano
Me parecia por brinco.
A boca abrio finalmente,
Mas taõ doce, que imagino
Venceo os primeiros quebros
Neſtes ultimos ſuſpiros.
Chorou perolas a Aurora,
E com termo agradecido
Os que lhe deu doces cantos,
Lhe pagou em prantos finos.
Eu o lume dos meus olhos
Com agua deixey extincto,
Tendo em fim já de chorar
Mais cataratas, que hum Nilo.
Dey no mouriſco hum tabardo,
Mas fugio-me com hum brinco

Muy mal inteiro nos lombos,
Muy bem meado nos gritos.
Torney a colher á tarde
O paſſericida impio,
Deylhe garrote, e levou
Por hum crime dous caſtigos.
Em fim, que morreo o gato
De dous males perſeguido,
De tabardilho primeiro,
E depois de garrotilho.
Vay, bruto, mil vezes bruto,
Vay para o negro Cocyto,
Onde ande ſempre o Cerbero
Qual caõ com gato comtigo.
Logo pompa funeral
Ordeney ao paſſarinho:
Urna foy o vaſo de agua,
Foy campa o cofre do milho.
Deraõ-me para o letreiro,
Que logo vereis eſcrito,
Penna as azas eſpalhadas,
E tinta os coraes vertidos.
Se quem vês morto, vivera
Entretera, ó peregrino,
Com os paſſos do ſeu canto
Os paſſos do teu caminho.

Pára, tu, pois jaz defunto
Quem te prenderia vivo,
Ou por taõ luſtroſo aos olhos,
Ou por taõ doce aos ouvidos.
Jaz aqui hum novo Orfeo
Diſfarçado em Pintaſilgo,
Que com ſuave harmonia
Moveo montes, parou rios.
Foy taõ fiel a ſeu dono,
Seu dono taõ ſeu amigo,
Que na prizaõ andou livre,
Na liberdade cativo.
Hum gato de unhas abaixo
Lhe deu eſtocadas cinco,
Sem ter naſcido Beyraõ
Feneceo como hum ratinho,
Vay-te, bem materia levas
De lagrimas, e ſuſpiros.
E a Deos, leitor, que te guarde
De crearde paſſarinhos.
Agora com voſſos verſos,
Cujos correntes pés lindos,
Bem que em mil pontos ſe metem,
Calçaõ ſempre muy polido.
Com voſſos verſos agora,
Que ha de ſer mayor confio,

Que

Que o Pardal do Veronenſe,
Que a Pomba do Patavino.
Cyſne ficará de Apollo,
Tendo por modo inaudito
Nos voſſos verſos ſeu canto,
E nos meus olhos ſeu rio.
E ſeu amo ſerá ſempre
De Poetas taõ divinos
Mais que por habito negro,
Pela ſujeiçaõ cativo.

AO MESMO ASSUMPTO.

ROMANCE.

DEixay de cortar os ares,
Doces aves, paſſarinhos,
Que he tempo de tocar arma,
E deixar eſſes tonilhos.
Cortay, aves, de veſtir
A hum gato taõ atrevido,
Que de gatinhas matou
O pintaſilgo mais lindo.
Deixay o ſuave canto,
Deixay eſſes boraquinhos,
Naõ digaõ que naõ ſabeis
Paſſaros ſahir do ninho.

Se naõ vingardes a affronta
Daquelle irmão pintaſilgo,
Gato-çapato de vós
Fará já qualquer gatinho.

Vinde vingar huma morte
De hum pobre innocentinho,
Que vivendo ſempre em pennas,
Morreo depennado vivo.

Hum paſſaro taõ quieto,
Que parecia hum anginho
Nas azas, com que voava,
No canto taõ peregino.

O muſico rouxinol
Toque o clarim mais ſubido,
Ajunte eſquadrões das aves,
Quem vem com plumas luzido.

O paſſaro, que he bom melro,
E magano de aſſobio,
Venha logo, e por Aveiro
Eſſas aves conduzindo.

Toque a caixa em Cãtanhede,
Traga comſigo os cochichos,
Que fallaõ na noſſa lingua,
Saõ paſſaros entendidos.

Venha por Coimbra a fama,
E traga eſſes eſtorninhos;

Sejaõ

Sejaõ ſoldados valentes,
Já que ſaõ velhacos finos.
Para virem mais ligeiros
As azas eſtendaõ, digo,
Que lhe ſerviraõ de véllas,
Véllas a ſeus papa-figos.
As cegonhas tambem tragaõ,
Os viveres conduzindo,
No perú venha o eſporaõ,
Que venha logo ferindo.
Armado de ponto em branco
Venha o cyſne rebolindo;
Pois ſempre cantou de requiem,
Venha fazer os officios.
Viſtaõ-ſe negros capuzes
Os córvos mais denegridos,
Por deſenterrar hum corpo,
Que eſtá nas tripas metido.
Hum gato taõ ocioſo,
Que deixando o ſeu officio,
Sendo hum demo para os ratos,
Deu em andar aos paſſarinhos.
Gato, que naõ he de algálea,
Antes gato monteſinho.
Que lá na ſerra de Gata
Querem dizer foy naſcido.

Gato, que ainda tem raça,
Por dizerem que he mouriſco,
E no collegio dos gatos
Naõ entrou por naõ ſer limpo.
Era meado Janeiro
Que do fim tem o principio,
De hum mez ſempre meado,
Que traz a gata comſigo.
Sahio limpando os bigodes,
E alimpando o focinho,
Jurando aſſim pelas barbas,
Diſſe aſſim ao paſſarinho.
Eu te tirarey das penas,
Te mandarey ao Cocyto,
Melhor te ſerá morrer,
Que eſtar prezo, inda que vivo.
E lançando logo as garras,
Agarrou do pobreſinho,
Convertendo em pintarroxo
O pobre do pintaſilgo.
Quiz inda ſoſter a vida
Com ſeus doces ſuſtenidos,
Até que dando ás azas,
A' morte ficou rendido.
Muitas vezes ſape, ſape
Lhe diſſe, gato maldito,

Que

Que naõ ha cá que arranhar,
Só penas trago comigo.
Mas o gato, que bem ſabe
O gateſco, e o Latino,
Lhe diz: *Meus*, *mea*, *meum*,
Por meao, meay, e mio.
Em fim naõ pode eſcapar
A hum gato taõ ladino,
Que á força com a mão do gato
Quiz levar o paſſarinho.
Naõ ſe vio tal deſaforo
De hum gato taõ atrevido,
Que naõ contente com ratos,
Já quer de rouxinoes bicos.
Anda agora homiziado,
E dizem que anda aos grilos;
Porque quem hum prezo mata,
Commette mayor delito.
Dizem que fez teſtamento
O morto nuncupativo,
Deixa Eſtella por herdeira
De todos ſeus moveſinhos.
Tambem deixa á meſma Eſtella,
Porquem bebia os ſuſpiros,
O bico pois, tem tal garbo,
Tenha tambem lindo pico.

Por ella taõ requebrado
Andava, e taõ quebradiço,
Que todo o seu doce canto
Desfazia em quebrosinhos.

As pennas para hum chumaço
Deixou a hum seu visinho,
E a outro deixa tambem
O seu bebedouro limpo.

Sua musica deixou
A hum cuco seu amigo,
Que em vida com muitos rogos
Assim lho tinha pedido.

O rabo deixa a hum pavaõ
Como a passaro luzido,
Que os olhos tem no rabo,
E o ha de ter guardadinho.

Como era grande cantor,
E musico taõ subido,
Dos musicos da Capella
Dizem que tem seu jazigo.

E sobre a pedra da campa
Lhe escreveo hum seu amigo
Este elegante epitafio,
Com seu mesmo sangue escrito.

EPITAFIO.

NEsta breve terra jaz
Hum muy nobre Pintasilgo,
Que foy pilhado de gatas
Por hum só gato mouriſco.
Tu, quem quer que vás paſſando,
Para-te aqui compaſſivo,
E paga agora ſeu canto
Com lagrimas, e ſuſpiros.
Compadece-te do pobre,
Porque quando eſtava vivo
Aliviava tuas penas
Com ſeus ſuaves tonilhos.
E dá por ſua tençaõ
Em qualquer gato atrevido
Taõ graõ çurra de pançadas,
Que fique muy bem moido.
Nem deſcances de pizallo,
Antes que elle a puros gritos
Arremede em ſeus meaos
O cheyo de meus modilhos.
Deſça o bruto ás negras aguas
Deſſe rio de Cocyto,
Onde pague por inteiro
O que meando ha comido.

A F. QUE PERDEO HUM CUPIDO de coco, que trazia, de que só lhe ficáraõ as azas.

ROMANCE.

FAzer hum Romance quero,
Mas duvidoso me sinto
Se o faça grave, se agudo,
Se o faça crespo, se lizo.
Vá de véras, vá de graças,
Que sendo assumpto Cupido,
Pede véras, como deos,
Quer graças como minino.
A vós, bella Thisbe, invoco,
Porque estou persuadido
Que acharey de Apollo muito
Em quem de Sol tanto admiro.
Hum Cupidinho perdestes,
E por final que imagino
Que me haveis odio cobrado,
Pois haveis amor perdido.
Era de coco o rapaz,
Que junto a gesto taõ lindo
Ficou feito como hum coco,
Sendo bello como hum brinco.

Azas no gibaõ deixou,
Mas eu ſey que o Cupidinho,
Se ſe tem ido ſem azas,
Sem penas ſe naõ tem ido.
Tantas deixou na partida,
Que bem póde o deos malviſto,
Sem deixar comvoſco as ſuas,
As voſſas levar comſigo.
Naõ podendo amor com todas,
Procedeo como muy fino,
Porque largou as do voo
Por levar as do martyrio.
Largou-as, porque depois
Que a tal Ceo teve ſubido,
Voar mais era impoſſivel,
E menos naõ era brio.
Naõ foy ſenaõ, porque eſtando
De tal gloria dividido,
Ir pezado era fineza,
Andar leve era delicto.
Ou foy talvez por moſtrar
Que eſtava de vós ferido,
Pois ave, que deixa as pennas,
Publíca que leva os tiros.
Por ver ſe lhe daveis azas,
Azas vos deu, mas eu digo

Que

Que naõ foy por iſſo ſó,
Foy tambem por iſto, e iſto.
Foy, porque de vós auſente
Dava moſtras, dava indicios
Com azas de ſer vario,
Sem as azas de ſer fixo.
As azas deixou no peito,
Porque fora deſvario,
Chegando do Ceo aos globos,
Tornallas do vento aos gyros.
Icaro de voſſas luzes
Azas perdeo, e achou riſcos,
Que naõ quer Sol taõ brilhante
Ter Icaro menos digno.
Deixou no gibaõ as penas,
Porque as do Senhor de Nigdo,
Quando vaõ entrarvos na alma,
Vos tocaõ ſó nos veſtidos.

A HUMAS BEATAS

PELO MESMO AUTHOR.

ROMANCE SATYRICO BURLESCO.

BEatiferas Senhoras,
Em cujas venturoſas caſas
Como em adêgas moſquitos,
Andaõ bandos de Beatas.
Por ſaber que goſtais dellas,
Vos repetirey as traças,
Que a huma nova no officio
Dava outra jubilada.
Juntaraõ-ſe n'huma Igreja,
Que Jubileo celebrava,
E depois de deſpejarem
Cada qual ſua cabaça.
Diſſe a mais velha á nova:
Boſé, Madre, pouco baſta
Para ſuſtentar hum corpo,
O principal he eſta alma.
Com hum par de bolos de azeite,
E dous arrates de paſſas,
Hum paõ molle com manteiga,
Que trouxe eſta pobre manga.

Meditarey eu agora
Até que daqui me faya
A jantar com huma devota,
Deos me aceite eſtas paſſadas.
Em quanto ſe fazem horas,
Pois no habito he novata,
Lhe quero enſinar as regras
Deſta profiſſaõ cançada.
E perdoe, ſe me atrevo
Com bom zelo a encaminhalla,
Que eſte habito me deſculpa,
Pois ſomos Irmans em armas.
Naõ tenho que lhe dizer
Do repolego da toalha,
O habito ſó lhe lembro
Que tenha a manga bem larga.
Porque ſuccede occaſiaõ,
Que hum alqueire de caſtanhas
Nos quer dar qualquer Senhora,
Sem homem ter onde as traga.
Sobre virtude he limpeza,
Que talvez hum panno falta
Para embrulhar em huma preſſa
Carne coſida, e aſſada.
Chapéo naõ o traga ſempre,
Mas porém tenha-o em caſa,

Nunca ſe perde empreſtallo
A quem quer ir embuçada.
O bordaõ ſeja o primeiro,
Porque ſubindo huma eſcada,
Já de ouvillo ſe alvorota
Quem o recadinho aguarda.
Traga contas ao peſcoço,
E diga que ſaõ tocadas,
E que com orações ſuas
Sahem das penas mil almas.
Naõ ſe lhe dê dos pantufos
Andarem cheyos de lama,
Que hum coraçaõ de devota
Em máo cheiro naõ repara.
As çapatas naõ faz nojo
Andarem acalcanhadas,
Iſto que he lavar os pés
He couſa deſneceſſaria.
O roſto unte com enxudia
Quando ſe deitar na cama,
Pela manhã com cuſpinho,
Porque lhe dá muita graça.
Algumas de nós perfumaõ
A toalhinha lavada,
Que convem chegar cheiroſa
A's Senhoras, e Fidalgas.

Traga hum anelinho preto
Junto com huma tambaca;
As mãoſinhas por mimoſas
Lave com limas aſſadas.
Viſitar donas viuvas
He couſa deſenganada,
Porque he ir ſem ſobreſalto
De hum marido de má laya.
As palavras lhe encõmendo
Que ſejaõ muy recatadas,
Dos limites de terceira
Attente bem como falla.
Quando nomear S. Bento,
Acuda co Patriarca,
Já ſabe que a S. Franciſco
O Serafico naõ falta.
Dos outros com dizer Padres
Tem dito tudo o que baſta;
Chame aos Capuchos ſantinhos,
Os mais pela meſma traça.
Dos graves Religioſos,
E Prégadores de fama
O ſobrenome ao menos
He neceſſario que ſaiba.
Advertindo que os mais graves
Saõ os de mayor papada,

Os que gritaõ com mais força,
Mas entenda-os na falla.
Celebre os Muſicos logo,
De Fr. Dionyſio a arpa,
Diga que he hum Ceo na terra
O Falſete ouvir da Graça.
O Palmela dos Cardaes,
Do Orfaõ já ſe naõ falla,
Gabriel o da Azambuja
He couſa lá de outra maſſa.
Mas iſto aqui para nós
He andar lá pela rama,
Naõ tarde muito em gaballas,
Que com iſto ſe enche a manga.
A's viuvas dê mininas,
Dê ſerafins ás caſadas,
A humas chame Rainhas,
A outras mal empregadas.
Diga que indo pela Igreja,
Eraõ tantos a gaballa,
Que ſe ouvia hum murmurinho
Por onde quer que paſſava.
Por aqui lhe vá dizendo,
Porque em muy breves palavras
Lhe affirmo como amiga,
Que ha de matar muita caça.

E para render de todo
A algumas, que saõ novatas
He necessario dizerlhe
De fulana, e de sicrana.
Isto faça, e faça estoutro,
E esteja muy descançada,
Que nem trinta mil demonios
Desfaraõ esta meada.
Mate-a Deos com gente nobre,
E a livre de gente baixa,
Que cuida que o ser Senhora
Consiste em ser encerrada.
Esses pontinhos no trato
Usou Maria Castanha,
Hoje á gente, que he viuva,
Quanto mais nobre, mais lhana.
Naõ pódem sempre as Senhoras
Zombar com suas criadas,
Querem quem lhe traga novas
Do que na Cidade passa.
Inda hoje fallou comigo
Minha Senhora fulana;
Na borda do seu estrado
Assentar logo me manda.
Muitas vezes merendamos
O chouriço, e a selada,

Tem sempre o almario provido
De doces da Mezurada.
Muy bons confeitos, e bolos,
Que os faz ricos a criada,
Isto dito, he impossivel
Que naõ chame esta a sua Aya.
E diga: Trazey á Madre
Daquillo, que houver em casa;
E aqui entra o comprimento:
Ay, Senhora, disso trata!
Naõ o dizia por tanto,
Perdoe-me a confiança;
E vá fazendo entrementes
A modo de saco a manga.
Diga: Em fim já estou de posse
De ir daqui carregada.
(Naõ faltará quem deseje
Fosse a carga de pancadas.)
Logo com o rosto baixo,
E com cara envergonhada
Dirá: Pague Deos a esmola,
Bem sabe elle que andava
Desfalecida estes dias
De jejuns de paõ, e agua;
A' manhã, querendo elle,
Me hey de erguer de madrugada

A ga-

A ganhar o Jubileo,
Que nenhum delles me escapa,
Lá lhe prometto rezar
Hum Terço pela sua alma;
E á Madre espiritual
Direy que tenha lembrança
De a encõmendar a Deos,
Porque he pessoa muy santa.
Logo feita reverencia
Com a cabeça bem baixa,
A abraçará pelos pés,
Tomando logo a escada.
Em estando a manga provida,
Tola he quem mais aguarda;
Vire a cabeça dizendo:
Fique o Senhor nesta casa.
Nunca se perde fazer
Comprimento ás criadas;
Deos lhe dê boa ventura,
Veja, mana, o que me manda.
Vá para casa direita,
Meta na barriga a carga,
Tenha confiança em Deos;
Gente tola nunca falta.
No outro dia madrugue,
E se ha de commungar, faça

Que as conhecidas a vejaõ,
Porque fique acreditada.
Lembre-ſe das ceremonias,
Beije o chaõ, reze em voz alta,
E de quando em quando diga:
Meu Deos, com voz entoada.
Se eſtiver á Prégaçaõ,
Tire da manga a cabaça,
E por debaixo do manto
Vá chupando precatada.
E quando lhe ſouber bem,
Dê dous ays com boa graça,
E diga: Deos te conſole,
Como me tens conſolada.
E diga para as viſinhas:
Iſto ſó he manjar d'alma,
Eſtivera aſſim dez annos,
E nunca ficára farta.
Porém ſeja com recato,
Porque ſe for apanhada,
Diraõ que em vez de devota
Eſtá peyor do que huma cabra.
E ſe á tarde houver Completas,
Va-ſe chegando com traça
Para as Senhoras viuvas,
Naõ lhe faltará vianda.

Em muitas deſtas me achey,
E do que lhes ſobejava,
Trouxe huma çapata cheya,
Por naõ caber já na manga.
Deixe-ſe eſtar ás Completas,
Que muitas vezes ſe alcança
Huma amizade, que rende,
Quando menos ſe cuidava.
E porque ás vezes ſuccede
Que huma tripa ſe deſata,
Do calcanhar faça rolha,
Com que deixe ſahir nada.
E ſe eſcapar hum ventinho,
Que a noſſa carne he muy fraca,
Tuſſa logo, que com eſte
O outro ſom ſe disfarça.
Depois de ſahir da Igreja,
Se for hora accommodada,
Venha por caſa da amiga,
Que niſto ſempre ſe ganha.
Póde alguma eſtar fazendo
Bolos, doce, ou marmelada,
E levará hum bom dia,
Se Deos lhe der ſua graça.
Chegando a caſa, procure
Quem vá por meya canada,

E tendo alguma farinha,
Trate de fazer ſuas papas.
Porque enchem o vão, mormente
Se ſaõ bem açucaradas,
Com azeite, ou com manteiga,
Que no mais naõ ſe repara.
Pela manhã hum paõſinho
De vintem quente, que eſcalda,
Com manteiga, e com açucar,
Que para nós iſto baſta.
Mas beba-lhe huma gotinha,
Que he méſinha eſtremada,
E nas manhãſinhas frias
Iſto he ſaya de malha.
Iſto ſeja ao almoço,
Do jantar naõ digo nada,
Que ha de ſer em caſa alheya,
Regra, que entre nós ſe guarda.
Se lhe derem ſobre peixe
As fatias albardadas,
Couſa de que muito góſto,
E fallar nellas regala.
Se lhe derem bom cidraõ,
Ate-o na ponta da manga,
Que depois lançado em vinho
Os eſpiritos levanta.

E ſe á tarde chover tanto,
Que a obrigue a eſtar em caſa,
Paſſas, figos, e bolotas
He couſa deſenfadada.
E diſto ha de eſtar provida,
Tendo ſempre na ſua arca
Eſtas cirandagens todas,
Que he para o tempo o que baſta.
Porém melhor me parece,
Por mais tormenta que faça,
Ir a fazer provimento,
Deixar o que eſtá em caſa.
Antes entaõ me parece
Que matará muita caça,
Encarecendo a fineza
De vir aſſim enſopada.
Naõ tenha medo da chuva,
Seja quanta for a agua,
A Beata verdadeira
Nenhum caſo faz de lama.
Saya ſempre em todo o caſo,
E ſe for ao romper d'Alva,
He remedio excellente
Para quem anda opilada.
Tambem ſe quizer de noite
Póde ſahir rebuçada,

Porque em nós eſtes paſſeyos
Couſa he que ſe naõ eſtranha.
Se morar no Bayrro alto,
Vá ás Igrejas de Alfama;
Iſto de andar muita terra
Em nós he couſa muy ſanta.
Tenha Cruz á cabeceira,
Diciplinas penduradas,
Hum livrinho de orações,
E na parede huma eſtampa.
Entre nós outras naõ ſe uſa
Ter roca, nem almofada,
Bem tem homem que fazer
Em procurar os bens d'alma.
Seja em fim a ſua vida
Levar vida bem folgada,
Aſſás, que para doentes
No Hoſpital ha huma cama.
E naõ a quero cançar
Em lhe dar regras mais largas,
Que, como creyo, tem geito
De ſahir boa Beata.
Pois lhe ſinto condiçaõ
Boa para huma trapaça,
Eſſe nariz de lambique,
E olhos de gata ladra.

Eſſes beiços chupadiços,
Eſſa boca revirada,
Se aſſim vay daqui em diante,
Virá a ſer huma ſanta.
Voume, porque daõ as dez,
Naõ quizera que tardara,
Porque eſtou, como lhe digo,
Para jantar convidada.
E he juramento devido
Ao jantar naõ fazer falta,
Antes eu por elle eſpere,
Que a panela requentada.
Ay, ſenhora, diſſe a outra,
Como fico conſolada
De ouvir taõ ſantos conſelhos,
Dêlhe Deos por mim a paga.
Mas ay que me falta muito
Da perfeiçaõ de Beata!
Quem me déra, minha Madre,
O ſaber bem imitalla!
Se aſſim o faz, diſſe quem
Eſteve ouvindo eſtas Beatas,
Seguro-lhe em breve tempo
Huma perfeiçaõ muy rara.
Mas guarda-ſe de ſubirme
Os degráos da minha eſcada,

Porque se tal me fizer,
Hey de levalla á escala.

CARTA A HUM AMIGO,
em que lhe dá conta de huma jornada.

ROMANCE.

PAulo, se novas quereis
Daquelle valle feliz,
Illustre esféra de rosas,
De estrellas bello jardim;
E se tambem as venturas
Deste moderno Amadîs,
Naõ de gaula, mas de garça,
Que nunca temeo neblî.
Vá de versos, vá de novas,
Mas naõ espereis aqui
Mentiras de poesias,
Verdades de historia sim.
Pezava em casa de Astrea
Dos Astros o graõ Sofî
De prata em duas balanças
Resplandores de ouro mil,

A do-

A doce mãy de Memnon,
De Faetonte o pay gentil,
Acabava de chorar,
E começava de rir.
Mas melhor me explicarey,
Se vos eſcrever aſſim:
Era já Setembro entrado,
E o Sol queria ſahir.
Duas figuras dos Gregos,
Que ſeguiaõ por ſeguir,
O confuſo D. Noutel,
Quero dizer D. Luiz.
Mas deixando aves nocturnas,
Junto com o Sol ſahi
Bem poſto, e melhor diſpoſto
Do que alface por Abril.
O Luz, Sol deſtas eſtradas,
Se foy diante de mim,
Que como ſou Rey dos Magos,
Com luz diante parti.
Dez cabras me acompanharaõ;
Senaõ periguey, roî
Oito, ou nove çapateiras,
Com que bellas obras fiz.
De huma peſcada naõ trato,
Que ao meu pobre nariz,

Bem que melhor naõ cheirava,
Cheirava mais, que hum jaſmim.
Para ſe ver até boca
Minhas armas de Pariz,
Levey tres luſtroſos fraſcos
De polvora carmeſim.
Deſta ſorte petrechado
Paſſey o Mondego, e vi
Em poucos momentos d'agua
De arêas ſeculos mil.
Apeeyme junto a Ceya,
Outros dizem que cahi,
Lançou a fugir o macho,
Lançou o moço a fugir.
Mas para que me detenho
Neſte ſucceſſo infeliz,
Se a renovar a dor torno,
A moleſtia a referir?
Pelas doze, ou pouco menos
Cheguey a Semide em fim,
Naõ por andar pouco a beſta,
Mas por andar muito ſim.
Jantey, e dormi hum pouco,
Tres horas digo dormí,
Que iſto de dormir tres horas
He muy pouco para mim.

Fuyme logo a converſar,
E agora, Muſas, aqui
Requintay as cordas de ouro,
E a cythara de marfim.
Logo vi a voſſa irmã,
Voſſa irmã auſente vi,
Serafim pelo diſcreto,
Pelo belo Serafim.
Ao grande Luz aſſiſtia,
Bem que ella taõ gentil,
Que para aſſiſtir a Luz grande
Lhe baſtà aſſiſtir a ſi.
Deu-me as bem vindas modeſta,
Eu de como reſpondi,
E comecey a callar
Por intereſſe de ouvir.
O que ouvi, dizer naõ poſſo,
Que conceitos taõ ſubtîs
Só quem os ſouber dizer,
Os ſaberá repetir.
Chegou logo alli Correa,
Bello eſplendor de Mongil,
Que melhor, que as cinco Zonas,
Os Ceos podéra cingir.
Vieraõ doces diverſos,
Naõ muy doces para mim,

Porque me ſoube melhor
O que ouvi, que o que comi.
Com vergonha, e ambiçaõ
De alli naõ poder luzir,
O dia vi retirar,
E vi logo a noite vir,
Sepultou o Sol ſeus rayos
No tumulo de zafir,
E de luz tanto eclipſado
Naõ era Sol, mas Sol criz,
Agradecido, e cortez
Logo entaõ me deſpedi,
E caminhey para Cea,
Sem de Semide ſahir.
Ceey, e naõ digo muito,
Porque já ſabeis de mim,
Que quando tenho vontade
Naõ hey miſter perrexil.
Logo depois de cear
Do apoſento ſahi,
Paſſeando, e mais o Luz
Para o ſono divertir.
Varias queſtões propuzemos,
Eu ao Luz, e elle a mim,
Elle para as ſublimar,
Eu para as diminuir.

Das redes de amor zombey,
De seus incendios me ri,
Com donaires graciosos,
Com picantes anexins.
Chamey fraco ao deos mais forte,
Vede quanto me atrevi,
Anão ao mayor gigante,
Cego ao lince mais subtil.
Chamey ás feridas grandes,
Que em peitos daõ varonís,
Picadinhas de alfinetes
Em corações de alfenim.
De livre me gloriey,
E de bronze prefumi,
Rime de seu mor tormento,
E de seu gosto me ri.
Basta, naõ contemos mais,
Que daõ muito que sentir
Lembranças, que hum desditoso
Tem de quando foy feliz.
De mais que já tem chegado
Aquella besta ruim,
Cuja ligeira fugida
Ao principio referi.
Leve-te o demomio, macho,
E mais quem te trouxe aqui;

Agora me vens buscar,
Quando havias de fugir?
Quando estou taõ descançado,
Dizeme, besta a que fim
Me vens privar deste bem,
Dizeme que mal te fiz?
Vay-te em paz, foge ligeiro,
Assim vivas gordo, assim
Por cavallo de S. Jorge
A casa te vaõ pedir.
Se me foges, oh que fama
Taõ grande te ha de seguir,
Competidor do Pegásso,
Das Musas serás rocim.
Vivirás sempre em meus versos,
Illustre macho, e por ti
Se dirá Machina a fonte,
Que Caballina se diz.
Estas palavras lhe disse,
Esta petiçaõ lhe fiz,
Mas naõ querendo entender,
Me constangeo a partir.
Montey nelle, e entaõ cuidey
Que me dizia que sim,
Porque lhe ouvi muitas vezes
Em alta voz dizer im.

Cri que queria deixarme,
Porém eſtirado alli,
Se o moço, que me aſſiſtia,
Naõ tiveſſe maõ em mim:
Caminhey, deu duas voltas
Com biſarria gentil,
E levantando-ſe em gemeas,
Gemendo no chaõ me vi.
Os que viraõ eſta deſgraça,
Se começaraõ a rir,
E tantas vayas me deraõ,
Que eſtive quaſi em me ir.
Porque foy taõ grande a quéda,
Que a morte muy perto vi,
Inda que naõ a cavallo,
Eſtirado no chaõ ſim.
Mas ſer grande cavalleiro
Entaõ claramente vi,
Pois perdendo as eſtribeiras,
Os eſtribos naõ perdi.
Oxalá que eu os perdera,
Que nunca me vira aſſim,
Porque prezo a hum eſtribo
Muy longas terras corri.
Como ao infame do macho
Ser Pergáſſo pormetti,

Como Pegáſſo voava,
Levando-me a traz de ſi.
Creyo que por minhas culpas
Levèy caſtigo taõ vil,
Quando ao rabo de hum cavallo
Arraſtado me vi ir.
Pára, macho do diabo,
Pára mú, pára rocim,
Lhe dizia, porém elle
Nenhum caſo faz de mim.
Antes virando o focinho,
Cuidey ſe ria de mim,
Quando o vi abrir a boca,
E os dentes deſcobrir.
E o caſo vinha a ſer,
Que o macho entre manhas mil
Tambem tinha a de morder,
Quando parccia rir.
Eu naõ fiquey todo trigo,
Quando taõ alegre o vi,
Antes cuidey que fazia
O mù cevada de mim.
O Luz naõ apparecia,
Nem me podia acodir,
Pois naõ podia haver luz
Quando eſtrellas tantas vi.

A manhã vinha rompendo,
Mas eu então entendi
Que sahia a enforcar,
Quando alva lhe vi vestir.
Atraz vinha logo Apollo
Com gala muito gentil,
E em lugar de campainha
Tocar hum fino lhe ouvi.
Nem faltava alli Justiça,
Porque como adverti,
O Sol trazia balanças,
Sinal proprio de alguazil.
Parou de cansado o macho,
E eu torney a subir
Sobre cansado corrido,
De ver o quanto corri.
Despedime: ay que tormento!
Já não posso proseguir,
Que inda sinto a dor passada,
Como presente a senti.
Despedime, mas que digo
Se fiquey, quando me vim,
De sorte, que assisto lá,
Inda mais que assisto aqui.
Para descobrir tal pena
Poucas erão linguas mil,

Mas com dizer que chorey
Creyo que a descobrí.
Mil a mil lagrimas ternas
Do meu coraçaõ verti,
Com que o da terra elemento
Elemento de agua fiz.
Mas vejo que já vos canso
Com tanto chorar, e rir:
A Deos, Paulo, que vos guarde,
E naõ se esqueça de mim.
Hoje treze de Setembro,
Na quinta de S. Martim,
Annos cincoenta e quatro
Com seiscentos sobre mil.

AO MININO DEOS

Em metafora de doce.

ROMANCE.

QUem quer fruta doce?
Moſtre cá, que he iſſo?
He doce cuberto,
He manjar Divino.
Vejamos o doce,
E depois que o virmos,
Compraremos todo,
Se for todo rico.
Venha ao portal logo,
Verá que naõ minto,
Pois de varias ſortes
He doce infinito.
Deſcubra, minha alma;
Mas ah, que diviſo
Envolto em mantilhas
Hum Infante lindo.
Pois de que ſe admira,
Quando eſte Minino
He doce coberto,
He manjar Divino?

Diga

Diga o como he doce,
Que ignoro o prodigio;
Naõ ſabe o myſterio?
Ora vá ouvindo.
Muito antes de Santa Anna
Teve eſte doce principio,
Porque já do Salvador
Se davaõ muitos indicios.
Mas na Annunciada dizem
Que houve mais expreſſo aviſo,
E logo na Encarnaçaõ
Se entrou por modo Divino.
Eſteve pois na Eſperança
Muitos tempos eſcondido,
Sahio da Madre de Deos,
Depois ás Claras foy viſto.
Fazem delle eſtimaçaõ
As Freyras com tal capricho,
Que apuraõ para eſte doce
Todos os cinco ſentidos.
Affirmaõ que no Calvario
Terá ſeu termo finito,
Sendo que no Sacramento
Ha de ter novo artificio.
Que ſeja doce eſte Infante
A razaõ o eſtá pedindo,

Porque he certo que he morgado,
Sendo unigenito Filho.
Expoſto ao rigor do tempo,
Quando tirita nuſinho,
Hum caramelo parece
Pelo branco, e pelo frio.
Tal doce he, que porque farte
Ao peccador mais faminto,
Será de paõ com eſpecies
Subſtancial doce Divino.
He manjar taõ ſoberano,
Regalo taõ peregrino,
Que os eſpiritos levanta,
Tornando aos mortos vivos.
Taõ delicioſo bocado
Será de goſto infinito
Manjar real verdadeiro,
Manjar branco parecido,
Que he manjar dos Anjos dizem
Talentos muy fidedignos,
Por ſer paõ de ló, que aos Anjos
Foy em figura offrecido.

AO NASCIMENTO DO MININO DEOS

ROMANCE ENTRE DOUS CEGOS.

Primeiro cego.

QUem compra Autos curioſos,
Cartilhas, e varios livros,
E huma Arte nova, que tem
Por arte nova o eſtylo?

Segundo cego.

Ha quem Prognoſticos compre,
Que trago aqui hum taõ rico,
Que bem que he novo deſte anno,
He no governar antigo?

Primeiro cego.

Ora cheguem meus ſenhores,
E do que virem lhes fico
Nunca diraõ eſtes cegos
Mentem aos olhos viſtos.

Segundo cego.

Cheguem-ſe a eſte portal,
Porque daqui determino

Neſte

Neſte Prognoſtico novo
Moſtrarlhe novos prodigios.
Diz logo naõ reina Venus
Eſte anno, ſe naõ Cupido,
Sendo de amor anno ſanto,
Por ſer hum anno de Chriſto.
E porque naõ ſe duvide,
Damos logo a razaõ diſto,
Que como Planeta humano,
Ha de reynar muy benigno.
E porque ſeja iſto aſſim,
Diz porque eſte Sol Divino
He proſpero, ſe em Dezembro
Se vê no Signo de Virgo.
E o que cauſa admiraçaõ,
He que eſtando neſte Signo,
Se vê na caſa de Tauro,
Sendo lugares diſtinctos.
Diz que ha de haver muito paõ
De Belem por todo o ſitio,
E pelo naõ recolherem
Acharaõ na palha o trigo.
Ha de ſer muito barato,
Iſto porém advertindo,
Que para os Fieis de graça,
Mas para os Judeos vendido.

Mas para que he dizer mais,
Deos ſobre tudo ſó digo,
Que hum Prognoſtico de Deos
Nunca tem fim, nem principio.

Primeiro cego.

Ora ouçaõ da minha Arte,
Senhores, porque lhe affirmo
Que he a mais diſcreta obra,
Que ſahio de Padre Trino.

He Verbo taõ ſingular,
Que ha de ſer, como imagino,
Verbo commum para todos,
Porém nunca Defectivo.

Obra Divina, e humana,
Feita por tal artificio,
Que bem que humana ſe veja,
Tambem he obra de Eſpirito.

Vejaõ que eſte grande Padre,
Só porque vio era Filho
De ſeu bom entendimento,
Fez bom conceito do livro.

E poſto que he da Trindade,
Poz-lhe o Padre por capricho
As Armas da Companhia,
Por trazer JESUS eſcrito.

Saibaõ que deſta Arte he eſte

O no-

O nome, ou o Nominativo,
E ainda que no nome recto,
Terá mil caſos obliquos.
Contém hum Verbo ſómente,
Que por modo nunca viſto,
Sendo hum infinito Verbo,
Se vê no modo finito.
He couſa maravilhoſa,
Que por hum Divino arbitrio
Só com ſegunda peſſoa
O achem no ſer activo.
Eſtar no modo preſente,
Poſto que he Verbo infinito,
O ha de chegar a termos,
Que ha de ſer Verbo Paſſivo.
Vocativo de chamar
Lhe dá todo o fiel Latino,
Bem que para com os Hebreos
Terá ainda accuſativos.
Aqui ſe encerra a Arte toda,
Que o Padre foy taõ perito,
Que encerrou ſó neſte Verbo
Saber humano, e Divino.
Eſtribilho.
Ora cheguem, ſenhores,
Que com tal livro

Sahiraõ muy letrados
Por JESU Chriſto.

Primeiro cego.

Ora cheguem, ſenhores, &c.

Segundo cego.

Ao Prognoſtico cheguem,
Porque lhes digo
Naõ terá paõ de graça
Quem for remiſſo.

Primeiro cego.

A eſta Arte cheguem,
Que o que for tibio,
De que fique ſem Arte
Hoje lhe fico.

AO SERENISSIMO REY D. AFFONSO,

Quando mandou aliſtar por ſoldado a Santo Antonio de Lisboa.

PELO MESMO AUTHOR.

DECIMAS.

I.

ALto Rey fatal exceſſo
Da valentia mayor,
Que niſto de ter valor
Sois Rey, que naõ tendes preſſo:
Vós, que com feliz ſucceſſo,
Rompendo as quatro linhas,
Fazeis que as gentes viſinhas
Quando vem mais inſolentes,
Naõ choquem como valentes,
Mas choquem como gallinhas.

II.

Deixay mais liſtas, pois já
Santo Antonio ſe aliſtou,
Que como a ſeu pay livrou,
Sua patria livrará:

Ello

Elle ſómente fará
Com eſtrago, e com ruina
Caſtella ſempre moſina,
Pois tem para vencedor
Como Portuguez valor,
Como Santo diſciplina.

III.

Elle ſó ſerá baſtante
A vencer noſſo inimigo;
Porém naõ ſó, pois comſigo
Traz ſempre o melhor Infante:
Já foy do Mundo triunfante
Eſte Infante, que conduz,
Fazendo eſpada da Cruz,
Eſte póde o que quizer,
E quer o que Antonio quer,
Por ſer o ſeu ay JESUS.

IV.

Pois que? com tal valentia
Naõ vencerá Portugal,
Quando tem ſoldado tal,
E mais em tal companhia?
Caſtella de medo fria
Tema taõ grande invaſaõ,
Que naõ póde eſcapar, naõ,
Empenhando Antonio o braço,

Nem ſoldado do ſeu laço,
Nem praça do ſeu cordaõ.

V.

Fará couſas nunca ouvidas
Em favor dos Luſitanos,
Naõ ſendo dos Caſtelhanos,
Com ſer das couſas perdidas:
Tingirá, cortando vidas,
De vermelho o burel pardo,
E com impeto galhardo
Triunfando em todo o riſco,
Poſto que he Frade Franciſco,
Brigará como hum Bernardo.

VI.

Com habito, e fidalguia
Será de Caſtella açoute,
Se como Frade de noite,
Como Fidalgo de dia:
Cante a Luſa Monarquia,
Chore a contraria naçaõ,
Pois ambas nelle teraõ,
Para gloria, e para dor,
Huma nas mangas favor,
Outra nas bragas prizaõ.

A HUMA BOCA FERIDA

DECIMAS.

I.

VOſſa boca arrebentada
Mais que ferida florida
Vendo-ſe taõ entendida,
Se quiz moſtrar mais raſgada:
Mas ninguem ſe perſuada
Que no mal, que por bem conto,
Sente de larga o deſconto,
Por ſer tanto breve, e oca,
Que ſendo ferida a boca,
Vem a ferida a ſer ponto.

II.

A boquinha gracioſa,
Já no botaõ florecente,
Naõ rebentou de doente,
Mas rebentou de fermoſa:
Ou rebentou como roſa,
Pois qual botaõ florecia;
Ou foy, que como ſe via
Taõ bella, em taõ lindo roſto
Nos quiz dizer, que de goſto
Já na pelle naõ cabia.

III.

Mas temo que a tal ferida
Venha a ſer occaſiaõ,
Que em vós ſe veja o rifaõ
Ser verdade muy ſabida:
Porque quem vos vir ferida,
Dirá como couſa certa
(E eu entendo que acerta)
Que no golpe, que trazeis,
Abertamente dizeis,
Que ſois huma boca aberta.

IV.

Porém o que eu entendo
Deſſe golpe, que moſtrais,
He que com elle eſtais
Abertamente dizendo,
Que eſſe golpe taõ horendo
Vos tem a boca tapada,
Pois tendo a boca raſgada
C'uma ferida taõ forte,
Eſtais dizendo deſſa ſorte
Que a boca tendes callada.

A HUM DESMAYO
por cauſa de huma ſangria.

DECIMAS.

I.

PEnetrou lanceta dura
Naquelle valente braço
Muita neve em pouco eſpaço,
Muita prata em neve pura:
De ambiçaõ naõ foy loucura,
Deſtino ſim, e foy mais,
Que com circumſtancias taes
Deſcobrio hum Potoſi,
Em cada gota hum rubî
Entre minas de coraes.

II.

A fita que o braço atava,
Vermelha, e branca ſe via,
De vermelha ſe corria,
E de branca ſe enfiava:
A prata ſe apriſionava;
Porém naõ falta quem diga
Que deu á prata huma figa,
A do braço, pois ferido
Ficou mais enriquecido,
Vendo ſua prata com liga.

Entre

III.

Entre hum deſmayo ſe enlea
Aquelle Sol animado,
E vio-ſe o Sol deſmayado,
Por ſer picado na veà;
Deſmaya a luz da candêa,
Eſcurecendo o arrebol,
Da luz eſconde o farol:
Mas que muito que a luz caya,
Se a luz tambem ſe deſmaya,
Quando ſe deſmaya o Sol!

A HUM PINTASILGO,

Que vinha cantar ſobre hum freixo á viſta de hum prezo.

ROMANCE.

DIze, doce paſſarinho,
Que entre gozoſo, e inquieto
Medes os ares a voos,
E os troncos pizas a quebros.
Que te fez a minha pena,
Que te fez meu ſentimento
Para mais mos augmentares
Com o doce de teus acentos?

Calla-te

Calla-te, porque me ſervem
De tuas vozes os ecos,
Naõ de aliviarme as penas,
Mas de dobrarme o tormento.
Em teus goſtos ſe renovaõ
Rigores, e ſentimentos,
Que á viſta das penas proprias
Saõ pena os goſtos alheyos.
Olha que o eſtar taõ contente
A' viſta do que padeço,
He querer moſtrarme as glorias
No inferno do ſentimento.
Ah tyranno paſſarinho,
Pouca compaixaõ te devo,
Porque ao ſom deſtas cadêas
Eſtás formando os teus gorgeyos.
Pareces-me outro Neraõ,
Pois ſubido neſſe freixo,
Acompanha com teu canto
De minhas dores o incendio.
Havias de emmudecer,
Vendome eſtar aſſim prezo,
Quando naõ por piedade,
Ao menos por receyo.
Porque ſaõ das penas proprias
Veſpera os males alheyos,

Prog-

Prognoſtico a dor eſtranha
Da propria dor, e tormento.
Suſpende alegre teu canto
A taõ laſtimoſos ecos,
Ou deſtes grilhões, que arraſto,
Ou das lagrimas, que verto.
Mereça a tua ſoltura
De minhas prizoens o medo,
Porque ſe agora eſtás ſolto,
Poderás vir a ſer prezo.
Vive ſempre acautelado
Entre o temor, e o receyo;
Porque pouco eſtima hum bem
Quem o logra com ſocego.
Se por alegre atrevido,
E ſe por livre ſoberbo
Deſafias meus pezares
De teu clarim com os ecos,
Naõ te fies em ter azas,
Porque eſtes pezados ferros,
Se os mover minha vingança,
Voaõ mais, que o meſmo vento.
Olha que naõ eſtás ſeguro,
Antes, paſſarinho, temo
Contra tua vida fulminem
Os rayos de igual tormento.

Olha que eſſas verdes folhas
Te eſtaõ entre ſi tecendo
A tuas vozes ingratas
Verde prizaõ, laço eſtreito.
Ay de ti, ſe apriſionado
Te chegares a ver prezo,
Sem que acompanhem tua voz
Eſſes teus voos ligeiros!
Naõ te valerá innocencia,
Queixas te valeraõ menos;
Que o rigor de huma prizaõ
He mal que naõ tem remedio.
Se cantas por divertirme,
Saõ eſcuſados teus metros,
Porque em vaõ ſe applica cura
A mal, que naõ ſára o tempo.
Sómente hum bem me fizeſte,
E ſó eſſe te agradeço,
Que he de invejoſo, e ſentido,
Teres-me da morte perto.
Porque o mais doce alivio,
Que póde ſentir hum prezo,
He ver que lhe chega a morte
Chamada ao ſom de ſeus ferros.

POESIAS VARIAS
PARA SE ADDICIONAREM
aos cinco Tomos

DA FENIX
RENASCIDA,

OU

OBRAS POETICAS
Dos melhores Engenhos Portuguezes,

QUE TEM DADO A' LUZ

MATHIAS
PEREIRA DA SYLVA.

POESIAS VARIAS

PARA SE ADDICIONAREM

aos cinco Tomos

DA FENIX

RENASCIDA,

OU

OBRAS POETICAS

Dos melhores Engenhos Portuguezes,

QUE TEM DADO A LUZ

MATHIAS

PEREIRA DA SYLVA.

VARIOS SONETOS DE SOROR VIOLANTE DOCEO,

Religiosa no Convento da Rosa de Lisboa.

A LA SEÑORA CONDECA DA VIDIGUERA

Vestida de pardo por la auzencia del Conde.

SONETO.

OStenta la mayor soberania
En la misma humildad, Nise la hermosa,
Quedando por bizarra victoriosa,
Sin dever a las galas bizarria.

Por nó causar su Sol tanta alegria,
Quando de una tristeza está quexosa,
Pardas nubes admite riguroſa,
Y en pardas nubes luze mas su dia.

O' tu, que por quedar en todo rara,
Oppuestos admitiste en lo divino,
Bien tu ingenio tu intencion declara:

Pues muestra de tu Sol lo peregrino
En nube tan escura luz tan clara,
En traje tan grossero amor tan fino.

A DO-

A DONA MARIANNA DE LUNA.

SONETO.

MUſas, que no jardim do Rey do dia
Soltando a doce voz, prendeis o vento:
Deidades, que admirando o penſamento
As flores augmentais, que Apollo cria.
Deixay, deixay do Sol a companhia,
Que fazendo invejoſo o Firmamento
Huma Lua, que he Sol, e que he portento,
Hum jardim vos fabrica de harmonia.
E porque naõ cuideis que tal ventura
Póde pagar tributo á variedade
Pelo que tem de Lua a luz mais pura:
Sabey que por mercê da divindade,
Eſte jardim canoro ſe aſſegura
Com o muro immortal da eternidade.

A LA

A LA MUERTE
DE LA SEÑORA
DUQUESA DE AVERO

SONETO.

AQui yaſe ſin luz el Sol de Avero,
Muerta ſu claridad, ſu dia obſcuro,
Que pudo de la Parca el rigor duro
Dexar ſin explendor tan gran luzero.
Tu que mirando eſtás, ó paſſagero,
En la preſente pira el mal futuro,
Sabe, que en un valor tan ſanto, y puro
Principio fue del bien el mal proſtrero.
Juliana muriò, mas de tal ſuerte
Siguio de la virtud el miſmo paſſo
Que vive, porq̃ es muerta, eternamente.
No te deſmayes pues, q̃ en eſta muerte
Si fue para tal Sol el Mundo occaſo,
Tambien es de tal Sol el Cielo oriente.

A LA SEÑORA CONDEC,A DE PENAGUIAN.

SONETO.

SI como admiro en vós, lo q̃ en vós mi-
Explicara de mi lo q̃ en mi siento, (ro,
No hallara en el abono detrimento
Lo que en mi siento, y lo q̃ en vós admiro.
Mas ay q̃ a tanto bien en vano aspiro,
O' rara suspension del pensamiento,
Explique admiracion, y sentimiento
El exceſſo feliz, con que deliro.
Que quien en tal objeto cõtemplando
Como en imenso mar se vá pierdiendo,
Callando significa, acierta errando:
Pues admirando al passo q̃ sintiendo,
Si offende la cordura delirando,
Acredita el ingenio conociendo.

A UNA AMIGA.

SONETO.

BElisa el amistad es un thesoro
Tan digno de estimarse eternamente,
Que a su valor no es paga sufficiente
De Arabia, y Potosî la plata, y oro.
Es la amistad un licito decoro,
Que se guarda en lo ausente, y lo presen-
Y con que un amigo el otro siente (te
La tristeza, el pesar, la risa, el lloro.
No se llama amistad la q̃ es violenta,
Sinó la que es conforme simpatia,
De quien lealtad hasta la muerte ostenta.
Esta la amistad es, que hallar queria
Esta la que entre amigas se sustenta,
Y esta, Belisa, en fin la amistad mia.

A ELREY D. JOAÕ IV.

SONETO.

QUe logras Portugal? Hũ Rey per-
Quem o cõſtituîo? Sacra piedade: (feito:
Que alcançaſte com elle? A liberdade:
Que liberdade tens? Serlhe ſujeito:
Que tens na ſujeiçaõ? Hõra, e proveito:
Que he o novo Rey? Quaſi deidade:
Que oſtenta nas acções? Felicidade,
E que tem de feliz? Ser por Deos feito.
Que eras antes delle? Hum labyrinto,
Que te julgas agora? Hum firmamento,
Temes alguem? Naõ temo a meſma Parca
Sentes alguma pena? Huma ſó ſinto.
Qual he? Naõ ſer hũ mũdo, ou naõ ſer cen-
Para ſer mais capaz de tal Monarca. (to,

AO MESMO SENHOR D. JOAÕ IV.

SONETO.

HUm ſó pezar, Senhor, ſente a vonta-
Neſte exceſſo da gloria Portugueza, (de
E he naõ poder comvoſco huma fineza
Deixar de parecer commodidade.
Quem ſe vos rende, alcança liberdade,
Quem vos adora, oſtenta ſubtileza,
Servirvos muito he denotar grandeza,
Morrer por vós buſcar eternidade.
Tudo finezas ſaõ, mas de tal modo
Commodidades ſó parecem, quantas
Finezas ha, na paga que dais nellas;
E aſſim de todas o remedio todo
He fazermos por vós finezas tantas,
Que talvez o pareça algũa dellas.

AO DOUTOR DUARTE MADEIRA ARRAES.

SONETO.

O Tu, q̃ opposto sempre á dura Parca
Conservas em teu ser o ser humano,
Pois por ser Esculapio soberano,
Menos teu respeito a morte abarca.
Tu, q̃ Arraes deves ser da vital barca,
Que navega no mar do mal tyranno,
Novo Galeno, Apollo Lusitano,
Medico em fim do Portuguez Monarca.
Logra de singular a feliz sorte,
Tanto a pezar da intrepida homicida,
Que sejas do mais douto imortal Norte
Pois vitoria será bem merecida,
Que quem opporse sabe á mesma morte,
Saiba dar a seu nome immortal vida.

A AN-

A ANTONIO DE SOUSA DE MACEDO,

Em louvor do seu livro das Excellencias de Portugal.

SONETO.

QUando de Portugal las excelencias
Explicas singular, sabio descrives,
Com la misma excelencia, cõ q̃ escrives,
Buelves las descripciones evidencias.
Los tropos, los cõceptos, las sentencias,
Con que a sublime lauro te apercibes,
Las excelencias son, con que prohibes
Al Asia con Europa competencias.
Oh feliz Portugal, pues juntamente
Adquiere por tu causa mil vitorias,
Y mil vezes por ti queda excelente:
Una por ser assunto a tus historias,
Otra por ser de ti patria eminente,
Y muchas, porque vive en tus memorias.

Mas entre tantas glorias
Quantas le dá por ti su feliz suerte
Quien duda es la mayor oyrte, y verte.

A MA-

A MANOEL DE FARIA SEVERIM,

Em louvor dos ſeus Diſcurſos.

SONETO.

PArar do penſamento o veloz curſo,
Ser do meſmo ſaber modelo honroſo,
Suſpender o diſcurſo mais famoſo,
Póde de Severim qualquer Diſcurſo.
Quanto mais cõſidero, e mais diſcurſo
Em louvor deſte engenho portentoſo,
Mais vejo q̃ he portento no engenhoſo,
Por quem a ſuſpenſaõ naõ tem recurſo.
O' feliz Severim, pois admirando
Naõ ſó fica os da patria enriquecendo,
Mas fica aos mais eſtranhos obrigando:
Pois hum, e outro Pólo ſuſpendendo,
Se os proprios enriquece diſcurſando,
Obriga os eſtrangeiros eſcrevendo.

AOS

AOS ANNOS DO PRINCIPE N.S.

De Julio de Mello de Caſtro.

SONETO.

EM vós, Auguſta nova confiança,
Da Luſa conſeguida liberdade,
Saõ os annos huns paſſos, com q̃ a idade
Caminha aos deſempenhos da eſperãça.
Feliz mil vezes Portugal, que alcança
Taõ alta ſuperior felicidade:
Só póde perigar com a vaidade,
Que tudo mais promette ſegurança.
Inda que tres os annos, já parece,
Que por Real indulto da grandeza
Naõ eſtá nelles a razaõ em calma;
E ſe cada anno voſſo reſplandece
Quando entregue ſómente á natureza,
Que ſerá quando corra á conta da alma?

AO

AO DOUTOR
FILIPPE MACIEL
Discorrendo sobre a Jurisprudencia.

De Bartholomeu Lourenço de Gusmaõ.

SONETO.

DIgno Orador do seculo de Augusto,
Nobre luz da imortal Jurisprudẽcia: (cia
Naõ sey se admire em vós mais a eloquẽ-
Se a vasta cõprehẽsaõ do injusto, e justo.
Do mundo póde ser inveja, e susto,
Que ambas brilhem em vós á cõpetẽcia;
Que naõ se estreita á esféra de hũa scien-
Hũ engenho taõ alto, e taõ robusto. (cia
Se entre Tullio, e Cataõ Roma vos vira,
Cataõ pay do Direito, Tullio orando,
Da trombeta da Fama altos assumptos,
Huma estatua mayor vos erigira,
E a collocára entre ambos exclamando:
Este he só, quanto estoutros foraõ jũtos.

CELE-

CELEBRANDO-SE EL NOMBRE

DELREY N.S.

D. JUAN V.

Del Visconde de Asseca.

SONETO.

ESte obsequio, òMonarca, q̃ te aclama,
Si tu nombre celebra, en vano aspira,
Que hasta la suspension de lo q̃ admira
Haze callar al eco de la fama.

Si en tal elevacion su ardor inflama,
Y le deslubra el buelo, con que gira,
Dexe el ser sacrificio por ser pira,
Dexe el ser luzimiento por ser llama.

En su misma sublime altiva empreza
Tan feliz confusion su aplauso asombre,
Enmudiciendo el culto a su fineza

Tu grandeza, Señor, solo te nombre,
Y quando incõprensible es tu grandeza
Como hade cõprenderse tanto Nombre?

POE-

POESIAS VARIAS
DE HUMA POETISA
ANONYMA.

A HUMA AUSENCIA.

SONETO.

VIda que naõ acaba de acabarſe,
Chegando já de vós a deſpedirſe,
Ou deixa por ſentida de ſentirſe,
Ou póde de immortal acreditarſe.
Vida, que já naõ chega a terminarſe
Pois chega já de vós a dividirſe,
Ou procura vivendo conſumirſe,
Ou pertende matando eternizarſe.
O certo he, Senhor, que naõ fenece,
Antes no que padece ſe reporta,
Porque naõ ſe limite o que padece.
Mas viver entre lagrimas q̃ importa,
Se vida que entre auzencia permanece
He ſó viva ao pezar, ao goſto morta.

A' RO-

A' ROSA.

SONETO.

POmpa de Abril, liſonja dos ſentidos,
Deſempenho do prado, linda roſa,
Que para ſeres flor a mais formoſa
Cores achaſte em rubîs perdidos.
Papéis em flores eraõ divididos,
Eſſas flores, que Venus amoroſa
Com ſangue rubricou, bem deſejoſa
De ver em ti ſeus fógos acendidos.
Oh das flores belleza peregrina,
Naõ te confies neſſa divindade,
Que muy cedo verás tua ruina:
A pouca, em que morres, tenra idade,
Inviſivel ſe faz, e naõ divina
Porque tomaſte o ſangue de deidade.

YEN-

VENDOSE LA SANGRE de una ſangria.

SONETO.

OH, nó reprima, nó, piedad impia,
El purpureo raudal de aqueſta fuente,
Que a quien recelos de un agrabio ſiente
Dilatarſe la vida es tirania.

Lleve, lleve eſta vez, lleve la mia
El furioſo caudal de una corriente,
Que ſi pudo el amor hazerla ardiente
Tambien pudo el temor bolverla fria.

Salga pues a la ſangre vinculada
Por la pequeña puerta deſta herida
La vida, que preſumo deſdichada:

Que mejor es, ay Dios, rendir la vida
Al poder de una muerte averiguada,
Que al rigor de una offenſa preſumida.

DAMA DOLIENTE, y quexosa.

SONETO.

AUnque de mi salud el detrimento
Indicia de mi pena lo excessivo,
Quien duda que es offensa del motivo
No terminar la vida el sentimiento.

Fragil demonstracion de lo que siento
Es de una enfermedad lo executivo,
Si nó es, que por matarme con lo vivo
Se transforma la vida en el tormento.

Vivo de tantos males combatida,
Muero de tanta vida atormentada
Que muerte viene a ser la propria vida:

No quede pues mi pena mal jusgada,
Que para se abonar de bien sentida
Basta ser por sentida eternizada.

SONETO.

PRendas de aquella diosa soberana
Que Sol abraza, quando estrella inclina
Reliquias de una mano, que por dina,
Divina dá temor, y aliento humana.
Que gusto, que plazer, que gloria vana
Tuviera yo, si Nise la divina
A las mismas acciones de benina
Nó vinculara indicios de tyranna.
Letras me niega (ay Dios) porque de
No acuse solamente sus luzeros, (avaros
Sinó tambien sus pensamientos raros.
Ay que importa, q̃ en fé de castigaros
La gloria me conceda de teneros,
Si vida no me dá para lograros!

SO-

SONETO.

YO tomaré la pluma, y de tus glorias
Croniſta ſeré, dichoſa Eliſa,
Porque quien tus memorias eterniſa,
La tenga de mi amor en tus memorias.
Dulces ſeran porti, por mi notorias
Las ancias, que Sylvano immortaliſa,
Si tus miſmas vitorias ſoleniſa
Quien deve ſu dolor a tus vitorias.
Yo cantaré, Señora, lo que lloro,
Pues ordena el amor, quiere la ſuerte,
Que ſea al fin mi pluma mi homicida.
Ay decreto cruel del bien que adoro,
Que poſſeyendo tu, me des la muerte,
Y que eſcriviendo yo, te de la vida.

A UNA AUSENCIA.

SONETO.

QUien dize que la ausencia es homicida
No sabe conocer rigor tan fuerte,
Que si la dura ausencia diera muerte,
No me matara a mi la propria vida.
Mas ay que de tu ojos dividida,
La vida me atormenta de tal suerte,
Que muriendo sentida de no verte,
Sin verte vivo, por morir sentida.
Pero si de la suerte la mudança
Es suerte, me assegure la evidencia,
Que tanto me dilata una tardança:
Nó quede el sentimẽto en cõtingencia
Que el milagro mayor de la esperança
Es no rendir la vida a tal ausencia.

A HUM DESENGANO.

SONETO.

SErá brando o rigor, firme a mudança,
Humilde a preſumpçaõ, varia a firmeza,
Fraco o valor, cobarde a fortaleza,
Triſte o prazer, diſcreta a confiança.
Terá a ingratidaõ firme lembrança,
Será rude o ſaber, ſabia a rudeza
Lhana a ficçaõ, ſofiſtica a lhaneza,
Aſpero o amor, benigna a eſquivança.
Será merecimento a indignidade,
Defeito a perfeiçaõ, culpa a defenſa,
Intrepido o temor, dura a piedade,
Delicto a obrigaçaõ, favor a offenſa,
Verdadeira a traiçaõ, falſa a verdade,
Antes que voſſo amor meu peito vença.

AO AMADO AUSENTE.

SONETO.

SE apartada do corpo a doce vida,
Domína em ſeu lugar a dura morte,
De que naſce tardarme tanto a morte,
Se auſente d'alma eſtou, que me dá vida?
Naõ quero ſem Sylvano já ter vida,
Pois tudo ſem Sylvano he viva morte;
Já que ſe foy Sylvano venha a morte,
Perca-ſe por Sylvano a minha vida.
Ah, ſuſpirado auſente, ſe eſta morte
Naõ te obriga a querer vir darme vida,
Como naõ me vem dar a meſma morte?
Mas ſe n'alma conſiſte a propria vida,
Bem ſey que ſe me tarda tanto a morte,
Que he porque ſinta a morte de tal vida.

SONETO.

QUe ſuſpenſaõ, q̃ enleyo, q̃ cuidado
He eſte, meu tyrano deos Cupido?
Pois tirando-me em fim todo o ſentido,
Me deixa o ſentido duplicado.
Abſorta no rigor de hum duro fado
Tanto de meus ſentidos me divido,
Que tenho ſó de vida o bem ſentido,
E tenho já de morte o mal logrado.
Enlevome no dano, que me offende,
Suſpendo-me na cauſa de meu pranto,
Masmeu mal,ay de mim,naõ ſe ſuſpende
Oh ceſſe, ceſſe amor,taõ raro encanto,
Que para quem de ti naõ ſe defende,
Baſta menos rigor, naõ rigor tanto.

SONETO.

QUem depois de alcançar o q̃ perten-
Da meſma obrigaçaõ delito fórma; (de,
Quem em caſtigo o galardaõ transforma,
Ou aborrece muito, ou pouco entende.
Mas do nome de ingrato ſe defende,
Bem c'o de preſumido ſe conforma (ma
Quem quando mais feliz queixoſo infor-
Quem em vez de premiar ingrato offẽde.
Porém quando o juizo he levantado,
Quem duvida q̃ a queixa he fingimento,
De quem naõ ſe quer dar por obrigado:
Eſte o motivo foy do voſſo intento,
Porém naõ ſe logrou, q̃ o meu cuidado
Tem por premio melhor eſte eſcarmẽto.

SO-

SONETO.

QUe dizis vós, indigno entẽdimiẽto,
En eſta accion, en que de vós me fio?
Que pues vive cautivo el alvedrio,
Solicite piedad el ſentimiento.

Vós voluntad, q̃ a tan gentil portento
Sujetais para ſiempre el guſto mio,
Que me dizis tambien? Que es deſvario
No procurar remedios al tormento.

Memoria vós, que la paſſada gloria,
Y el agrabio tambien teneis preſente,
Que me dizis? Que quien ſe ſiente olvida

Ay que importa q̃ eſteis tan dividida,
Si a donde el alma vá, van juntamente
Entendimiento, voluntad, memoria.

SONETO.

SE por naõ me lembrar de hũ cocodri-
(lo,
Que matarme intentou cõ falſo pranto,
Podera ſujeitarme a rigor tanto,
Que habitára c'os mais noEgypcio Nilo.
Se por naõ me acordar daquelle eſtilo
Que foy já por meu mal infauſto encãto,
Podera padecer, cauſando eſpanto,
Quantos tormentos inventou Perilo.
Tudo paſſara em fim, tudo fizera
Por naõ me vir já mais ao penſamento
Quem fingindo chorou, matou fingido.
Mas que raro tormento naõ quizera
Quem julga ſó pelo mayor tormento
A lembrança menor de hum fementido.

ROMANCE.

AMada prenda del alma,
A cuyo raro valor
Es fuerça que corta venga
La mayor estimacion.
Zona del Cielo de Nise,
Yris de su hermoso Sol,
Que ceñistes su belleza,
Que anunciastes su fabor.
Planeta, que el Firmamento
Talves en si deseó,
Por dever mas que a sus luzes
Glorias a la imitacion.
Premio, que otorgarme quizo
La mas rara discricion,
Porque la mayor fineza
Tuviesse el premio mayor.
Oh que diversas estamos,
Dulce prenda, vós, y yó:
Vós infelice conmigo,
Yo muy dichosa con vós.
Que differentes extremos,
Nise, en las dos igualó
Pues para vós fue castigo,
Lo que para mim fabor.

Cul-

Culpada hallaros devia
La deidad mas ſuperior
Pues a vós os dió caſtigos,
Quando ami premios me dió.

Quien duda, que vueſtro daño
Fue de mi gloria occaſion:
Pues ſi Niſe no os largara,
No os conſiguiera mi amor.

Tanto por ſuya os adoro,
O' vanda del miſmo Sol,
Que mas que en mi la alegria
Impera la compaſſion.

Que bien en vós ſe averigua
Lo que vá de ayer a oy,
Pues ayer fuiſtes dichoſa,
Y oy tan infelice ſois.

Bien dizen que ſiempre tuvo
Con exceſſivo rigor
La deſdicha de la dicha
Infalible ſucceſſion.

La deidad, que abſorta adoro,
En ſu pecho os colocó
Por cauſar al miſmo Cielo
Generoſa emulacion.

Mas deſpues que de ſu pecho
A mi mano os trasladó

Ludi-

Ludibrio os hizo del tiempo,
Motivo de compaſſion.
Con todo tan rara os miro,
Que no ſê diſtinguir, nó,
Si ſois vanda, ó ſi ſois venda,
Del ciego Rey, fuerte Dios.
Por reliquia os julga el alma,
El deſeo por fabor,
La voluntad por delicia,
La libertad por priſion.
Todo en fin ſois prenda mia,
Pues hallo junto en vós,
Si premios para el deſeo,
Laços para el coraçon.

ROMANCE.

HUid de amor, zagalejas,
Huid, ſe vivir quereis,
Que verme morir amando,
Eſcarmiento puede ſer.
Nó fieis de ſus caricias,
Nó de ſu guſtos fieis,
Que qual Sirena engañoſa
Regala para offender.

Huid

Huid de ſus tyranias,
Que disfraçadas talvez
Aſpides ſon entre flores,
Si flores al parecer.
En los tormentos, que paſſo,
Cerca el exemplo teneis:
Mirad-me, y vereis zagalas,
Eſte inimigo quien es.
Mirad la triſteza mia,
Y en ella conocereis
Su tyrano maltratar,
Mi continuo padecer.
Mirad mis lagrimas triſtes,
Y en ſu corriente vereis
Deſte tyrano lo injuſto,
Deſte traidor lo cruel.

ROMANCE.

LA falſedad de tu pecho
Ya ſé, Menandro, que es mucha,
Pues lo que en obras declaras
Con las palabras ocultas.
Negar que a Jacinta quieres,
No digo que es mayor culpa,

Que

Que quien por recato niega,
No niega, mas disimula.
Otra accion mas te condena,
Que de engañoso te acusa,
Pues adorando de veras,
De lo que adoras te burlas.
Disimular desdeñando,
Y hazer del primor desculpa,
Mas es desden, que recato,
Mas que recato, es injuria.
Solicitar juntamente
Favores, visitas, locuras,
Mas es amor, que desprecio,
Mas que desprecio, fé pura.
Que labyrintos son estos,
Que en el pensamiento fundas;
Pues lo que adoras offendes,
Lo que offendes importunas.
Si talvez en otra parte
Rendimientos conjecturas,
No desengañas, alientas,
No desalientas, adulas.
Oh cesse, Menandro, cesse
Chimera, que es tan confusa:
Pues por lo menos te cuesta
Quedar tu verdad en duda.

Si nó te agrada esse dueño,
Porque otro dueño no buscas?
Si te agrada, porque muestras
Que de sus cosas te burlas?
Si idolatras, porque niegas?
Si niegas, porque asseguras?
Si asseguras, porque olvidas?
Si olvidas, porque importunas?
Si aborreces, porque admites?
Si admites, porque repugnas?
Si repugnas, porque adoras?
Si adoras, porque disgustas!
Advierte, amigo Menandro,
Que mal de tu estilo juigan,
Y que se pierde el ingenio,
Si en tus acciones discursa.
Contradiciones tan grandes
Que presuucion no perturban,
Que voluntad no resfrian,
Que sufrimiento no apuran?
Quedate para quien eres,
Y permita la fortuna
Que solo a Jacinta quieras,
Porque assi pagues tus culpas.

ROMANCE.

OH ceſſen ya los remedios,
Que para vivir me aplican,
Que quien de zelos ſe muere,
No es bien que moriendo viva.
Dexen ya de importunarme
Cançadas Filoſofias,
Que nunca males del alma
De Eſculapio neceſſitan.
Deponga las diligencias
Quien mi vida ſolicita,
Que apreſſurarme la muerte
Es ſolo darme la vida.
Con la muerte rigoroſa
Las desdichas ſe terminan;
Que ſinó es dicha la muerte,
Es la poſtrera desdicha.
Vivir con zelos, y penas,
Mal ſe puede llamar vida,
Que vida, con que ſe muere,
Es ſolo una muerte viva.
Muera quien amando tanto
Merecio tan poca dicha,
Que en vez de correſpondencias
Experimenta tyranias.

Muera

Muera quien idolatrando
La causa mas peregrina,
Adquiriò solo desdenes
Con firmes idolatrias.
Muera quien siendo constante,
Fue tan mal correspondida,
Que tributando verdades,
Adquiriò solo mentiras.

ROMANCE.

TOcaõ al arma cuidados
Ponga-se el alma de guerra,
Que salen a desafio
El amor, y las sospechas.
La culpa tiene un agrabio
Transformado en una quexa,
Que quien sinrazones mira
Siempre mudanças sospecha.
Cada qual de los contrarios
Uno de su parte lleva;
Que no se escusan padrinos
En peligrosas pendencias.
Amor lleve de la suya
La mas heroica firmeza;

Que la firmeza fue siempre
De amor padrino, y defensa.
Las sospechas rigurosas
Lleven la mas dura ausencia,
Que ausencia, y sospechas tristes
Siempre corrieron parejas.
En la estacada del alma
Ya los contrarios se encuentran,
Mas primero que batallen
Con las razones se afrentan.
Las sospechas, que presumen
Tener la vitoria cierta,
Al amor dizen se rinda,
Quando le dizen se sienta.
Y provocandole en todo
Le dizen, que es acion necia
Idolatrar quien le agrabia,
Querer a quien le desdeña.
Que es cobarde, al fin le dizen
Pues de agrabios no se venga,
Y que es tambien desdichado,
Le dizen por grande afrenta.
Mas amor que la ventura
Libra solo en la firmeza,
Que mienten, luego responde
Y la batalla se empieça—

Eſtribilho.

Al arma, al arma, al arma,
Guerra, guerra:
Vitoria por amor, ſuſpechas mueran.
Que no vencen ſoſpechas
A quien pide favor a la firmeza.

ROMANCE.

SI vivo en ti transformada,
Menandra, bien lo averiguas,
Pues quando me tiras flechas,
Hallas en ti las heridas.
Flechas me tiras al alma,
Mas quando flechas me tiras
Como en ti miſma me hieres,
Hallas la herida en ti miſma.
Tu mano candida, y bella,
Dulce ſeñora, lo diga;
Pues ſiendo yo la flechada,
Ella fue ſolo la herida.
Ya no diras que en tu mano
No tienes el alma mia;

Pues quando el alma me hieres,
Sangre tu mano distila.
Yo la vi sembrar claveles
Sobre assucenas divinas,
Despues de matar tyrana,
Despues de herir homicida.
Quien vio prodigio tan raro,
Pues quedamos aquel dia
Con sangre la vencedora,
Y sin sangre la vencida.
Pero que mucho, señora,
Que en tan dichosa conquista
No me quitasses la sangre,
Si nunca a muertos se quita.
Mas ay, que entre dos extremos,
Bien sabes tu que estaria,
Para verter sangre, muerta,
Para sentir flechas, viva.
O' tu de mis pensamientos
Idolatrada homicida,
Dulce hechizo de las almas,
Dulce muerte de las vidas.
Si ver no quieres, señora,
La nieve en sangre teñida,
Si el rigor, con que me tratas,
No quieres ver en ti misma.

No tires mas flechas tantas
Al blanco del alma mia,
Pues tiraras a tu mano,
Si al blanco del alma tiras.

ROMANCE.

AYrada Celia con Lauro
Por un agrabio de zelos
Lagrimas vierte del alma,
Furias arroja del pecho.
Zeloſa, triſte, y confuſa
Venganças promete al Cielo;
Que ſiempre intenta venganças
Quien imagina deſprecios.
Determinada a mudanças,
Vencida de ſentimientos,
Retiros promete a Lauro,
Vitorias al eſcarmiento.
Mas Lauro, que ſus verdades
Oſtenta con juramentos,
Diſculpas dá de mentido
Con pruebas de verdadero.
Y anſi com mudas palabras,
Con rhetori[illegible] ſilencio

Fuego introduze en el llanto,
Llanto introduze en el fuego.
Celia pues viendo de Lauro
Los amoroſos effetos,
Diſponiendo los enojos
Le dize con mil requiebros:
Ceſſen ya, Lauro querido,
Ceſſen tan raros exceſſos,
Que para quien te idolatra
Baſtan menores extremos.
Confieſſo que eſtimulada
De mal fundados recelos
Ignoré de ti verdades,
Penſé de ti fingimientos.
Mas aora que en tus ojos
Tan claras diſculpas veo,
Ni las verdades ignoro,
Ni las ficciones ſoſpecho.
No llores pues, Lauro mio,
No llores, que bien te creo;
Y mas que verte con llanto,
Quizera verme con zelos.
Pero ſi para matarme
Buſcas un modo tan nuebo,
Matame con tus agrabios,
Mas no con tus ſentimientos.

Y anſi ſe quieres que muera
Com menos pena y tormento,
Matame Lauro agrabiando,
Mas no me mates ſentiendo.
Aqueſto le dize a Lauro
Celia con nuebos empeños,
Y viendo-ſe mas amante,
Buelve a dizir eſtos verſos.
Ay ſuſpende tu llanto,
Querido dueño,
Que en eſta vez con el agua
Crece mi fuego.

ROMANCE.

FAçamos pazes eternas,
Minha inimiga fortuna,
Que já naõ ſente deſgraças
Quem logrou tantas venturas.
Naõ haja mais queixas minhas,
Acabem-ſe injurias tuas,
Que depois de taes favores
Naõ tem lugar as injurias.
Eu te chamava tyranna,
Ingrata, perfi[illegible], injuſta,

Ava-

Avarenta, rigoroſa,
Falſa, mudavel, e dura:
Porém agora que vejo,
Que depois da mayor furia
Reſuſcitaſte a ſer poſſe
Minha eſperança defunta.
Agora que de Menandra
Cheguey a ver a luz pura
Depois de tantos perigos,
Depois de tantas fortunas.
Tanto me obriga a piedade
Tanto me alegra a ventura,
Que ſó piedoſa, e benigna
Meu amor já te intitula.
Se em meu favor te mudaſte,
Tambem teu favor me muda,
Pois venho a ter por piedoſa
Quem ſempre tive por dura.
Milagre foy de Menandra
Acçaõ de tanta brandura,
Que ſe Menandra he deidade
Que muito vença a fortuna!
Eu vi de ſeus bellos olhos
As luzes, que inveja a Lua,
Taõ raras como ſi meſmas,
Taõ bellas como nenhumas.

Eu

Eu vi de ſeu lindo roſto
A ſingular formoſura,
Naõ entre galas cuſtoſas,
Mas entre lhanezas puras.

Eu vi bizarra a lhaneza,
A bizarria confuſa,
A Aurora com toucas brancas,
O Sol com ſombras eſcuras.

Eu vi, mas ay que naõ vi
Aquella madeixa ruiva,
Em cujos laços andava
Atada a meſma ventura.

Mas vi ſeu proprio traslado
Na mais ſublime creatura,
Que depois de bella mãy
Vence a belleza diurna.

Vi toda a gloria, que admira,
Vi toda a luz, que madruga
Naquelle Sol enlutado,
Naquella Aurora purpurea.

E em tantas glorias abſorta,
Ou felizmente confuſa,
Já feſtejava as preſentes,
Já deſejava as futuras.

E aſſi ſe talvez queixoſa,
Minha felice fortuna,

Te diſſe muitos opprobrios,
Te attribui muitas culpas:
Agora que devo ſempre
Agradecer reſoluta,
Te renderey tantas graças
Como me déſtes venturas.

ROMANCE.

QUe avarienta de favores,
Que liberal de tormentos,
Es tu piedad con mi ancias,
Es tu rigor con mi pecho.
Que obediente a mi deſtino
Te admira mi penſamiento;
Pues tu piedades limitas
Por obſervar ſus decretos.
La mitad de un papel mio
Dexas ſin reſpueſta, ay Cielos!
No porque el tiempo te falte,
Mas porque yo falte al tiempo.
Caudal immenſo reprimes,
Porque con rigor immenſo,
Por huir a la memoria,
Huyes al entendimiento.

Ay mira, encanto del alma,
Que tambien en muchos verſos
Se otorgan pocos favores,
Se cifran muchos deſprecios.
Mira que es accion injuſta
Que entre raudales diverſos,
Por ſoltar los de mis ojos
Reprimas los de tu ingenio.
Pero bien ſê, dueño mio,
Que has evitado con eſto
Si motivos de alegrias,
Deſperdicios de conceptos.
Yo confieſſo que es muy juſto,
Porque theſoros immenſos,
Solo merece alcançallos,
Quien alcança merecellos.
Mas ſupueſto que conoſco,
Que deſengaños adquiero
Quando exagero verdades,
Quando explico rendimientos.
Otra vez buelvo a canſarte,
Mas tan temeroſa buelvo,
Que abraſandome de amores,
Tiemblo, ſeñor, de recelos.
Quien vió tan nueba deſdicha,
Quien vió prodigio mas nuebo,

Que

Que tema ſiempre caſtigos,
Quien ſiempre merece premios!
Pero que mucho que tema,
Quien ſabe en fin tan de cierto
Que nunca de una ignorante
Puede guſtar un diſcreto.
Mas, ſeñor, ſi amor es alma,
Y el alma es entendimiento,
Yo que ſoy la mas amante,
La mas diſcreta a ſer vengo.
Y aunque razon tan notoria
No me acreditara en eſto,
Para abonarme baſtava
De mi cuidado el empleo.
Amo tus partes divinas,
Y eſto con tal exceſſo,
Que eſtimo mas tu agrabios,
Que los favores agenos.
Tu ſabes quanto te adoro,
Pues ſabes lo que me has hecho,
Que amor, que offenſas no acaban,
Ya no es amor, es portento.
Dirás, que muchas te quieren,
Bien ſê que dirás lo cierto,
Que para immenſas vitorias
Son tus poderes immenſos.

Mas yo sê, dueño querido,
Que dirás en todo tiempo,
Que ninguna, sino Sylvia,
Supo adorarte sin premio.

ROMANCE.

COraçon, pues os maltratan,
Bolved, bolved a ser mio,
Que dueño, que os niega premios,
Quien duda, que os dá castigos.
Herido estais de su mano,
Mas si bien estais herido,
Mal os aplica remedios
Quien os augmenta peligros.
Amar sin correspondencia
Mirad que passa a delirio,
Porque si bien es fineza,
No puede nunca ser brio.
No deis credito a venturas
Libradas solo en indicios,
Que tambien finge piedades
Quien executa delitos.
Yo confiesso que presumo
Talvez affectos benignos:

Mas ay, que todos mis bienes
No paſſan de preſumidos.
Confuſa vivo entre dudas,
Mas coraçon mal he dicho;
Que ſola confuſa muero,
Pues ſola confuſa vivo.
Nuevos rigores inventa
La cauſa de mis ſuſpiros;
Pues talvez miente ſabores
Para duplicar hechizos.
Ay que diverſos effetos
En ſus acciones diviſo,
Pues unas me dan peſares,
Otras me cauſan alivios.
A quien avrá que no aſſombre
Tan confuſo labyrinto,
Pues quando preſumo glorias,
Entonces hallo martyrios
Huid pues coraçon luego,
Huid de eſcuros abiſmos,
Que para morir de dudas,
Mas quiero morir de olvidos.
Huid de quien os maltrata,
Que ſiempre cauſan al tibio
Executiones de ingrato,
Preſunciones de querido.

Huid de dueño tyrano,
Dexad amantes delirios,
Que nunca las tyranias
Fueron de amor incentivos.
Pero ſi temeis acaſo
Las violencias del deſtino,
Advertid que nunca eſtrellas
Pudieron mas que alvedrios.
Reſiſtid inclinaciones
Evitareis precipicios,
Que donde un ciego es el norte,
Qual podrá ſer el camino?
Mas coraçon ſi es forçoſo
Que ameis con tantos peligros,
Y quereis ſer maltratado
Antes que ſer fugitivo:
Ocultad los rendimientos
De vueſtro amor tan preciſo,
Porque naciendo venturas
No mueran nunca ludibrios.
Ay coraçon rendido,
Sufrid, amad, quered, vivid cautivo
Que adonde reina amor, no manda el (brio.

FIN.